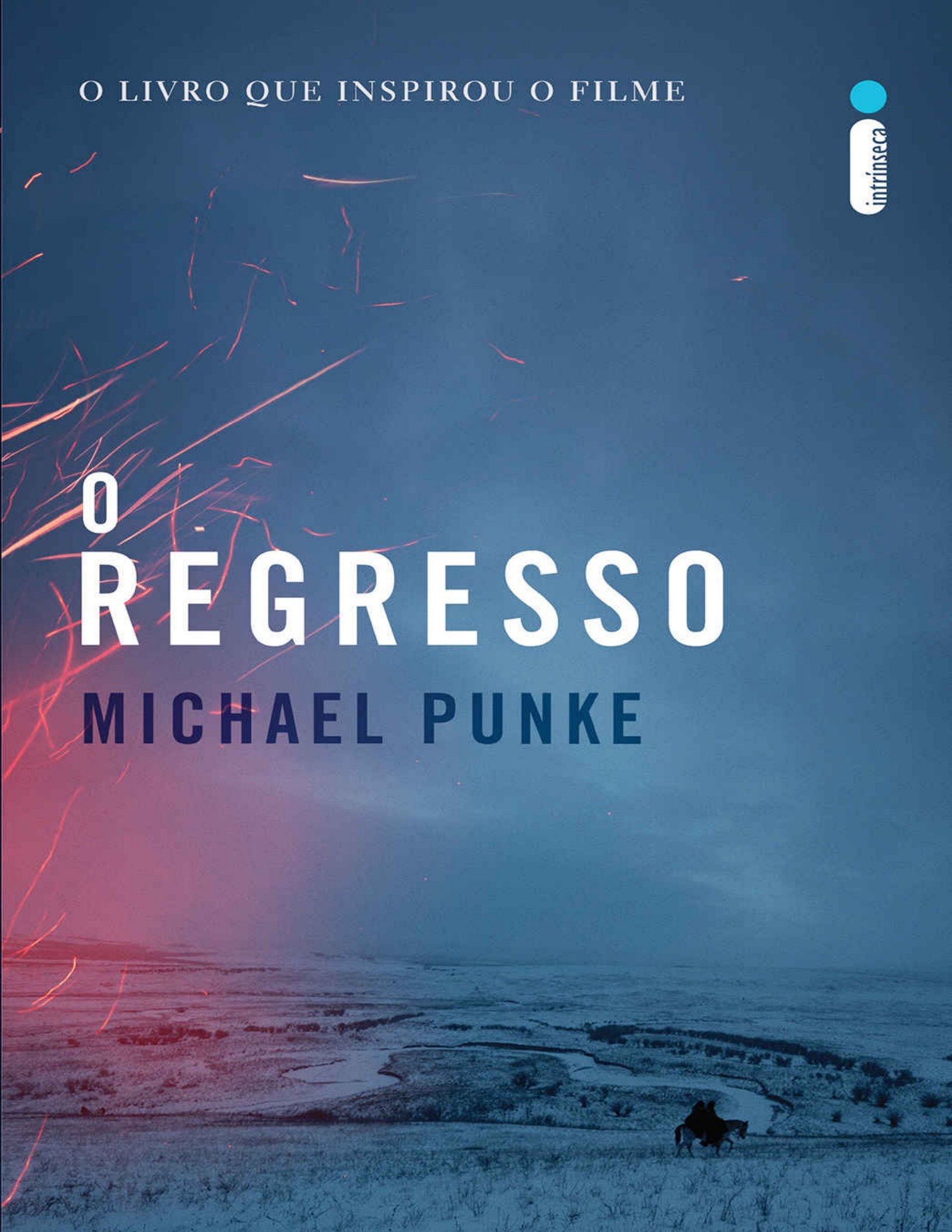
O LIVRO QUE INSPIROU O FILME

intrínseca

O REGRESSO

MICHAEL PUNKE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

O REGRESSO

MICHAEL PUNKE

Tradução de Maria Carmelita Dias



Copyright © 2002 by Michael Punke
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte em quaisquer meios.

PREPARAÇÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO
Taís Monteiro
Gabriel Pereira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

IMAGEM DE CAPA
Arte do filme *O Regresso* © 2015 Twentieth Century Fox Film Corporation.
Todos os direitos reservados.

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

E-ISBN
978-85-8057-860-7

Edição digital: 2016

1ª edição

TIPOGRAFIA
Adobe Caslon Pro

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Mapa

Epígrafe

Introdução

Parte I
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco
- Seis
- Sete
- Oito
- Nove
- Dez
- Onze
- Doze
- Treze
- Quatorze
- Quinze

Parte II
- Dezesseis

Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito

Notas Históricas

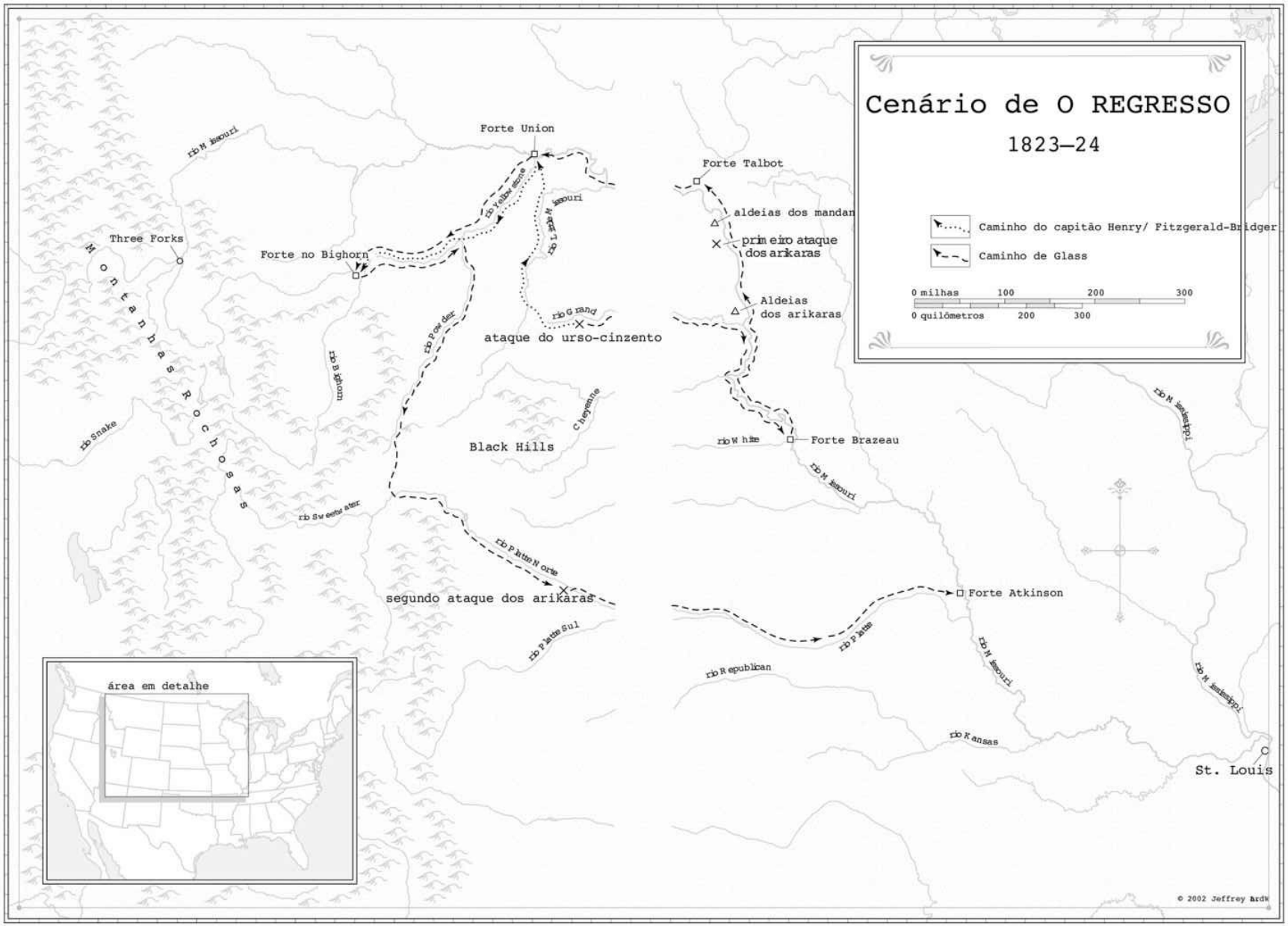
Agradecimentos

Principais Fontes de Consulta

Sobre o autor

Leia também

Para meus pais,
Marilyn e Butch Punke


Cenário de O REGRESSO
1823—24
Caminho do capitão Henry/ Fitzgerald-Bridger
Caminho de Glass
0 milhas 100 200 300
0 quilômetros 200 300
Forte Union
Forte Talbot
aldeias dos mandan
primeiro ataque dos arikaras
Aldeias dos arikaras
Three Forks
Forte no Bighorn
ataque do urso-cinzento
Black Hills
Forte Brazeau
Forte Atkinson
segundo ataque dos arikaras
St. Louis
área em detalhe
© 2002 Jeffrey Ards

Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor.

Rom. 12:19

1º DE SETEMBRO DE 1823

ELES O ESTAVAM abandonando. O homem ferido percebeu isso quando encarou o rapaz, que o fitou e logo desviou o olhar, relutante em sustentá-lo.

O rapaz discutira durante dias com o homem de chapéu de pele de lobo. *Será que já se tinham passado dias mesmo?* O homem ferido lutara contra a febre e a dor, sem ter certeza se as conversas que ouvia eram reais ou mera consequência dos delírios que tomavam conta de sua mente.

Levantou os olhos para a formação rochosa que se elevava em frente à clareira. Um pinheiro solitário e retorcido conseguira, de alguma forma, brotar da face íngreme da pedra. Ele já o tinha visto inúmeras vezes; ainda assim, era a primeira vez que o percebia daquela forma, as linhas perpendiculares parecendo claramente formar uma cruz. Pela primeira vez, o homem se conformou com o fato de que iria morrer ali, naquela clareira perto da nascente.

Experimentou um estranho distanciamento em relação à cena da qual era protagonista. Pensou vagamente sobre o que faria se estivesse no lugar dos outros. Se ficassem e o grupo de guerreiros se aproximasse, todos iriam morrer. *Será que eu morreria por eles... se tivesse certeza de que iriam morrer de qualquer maneira?*

— Acha mesmo que eles vão subir o riacho?

A voz do rapaz desafinou enquanto ele falava. Na maior parte do tempo, ele produzia um timbre de tenor, mas o tom sem querer ainda falhava em certos momentos.

O homem de chapéu de pele de lobo se curvou apressado, junto às carnes perto da fogueira e enfiou as tiras de carne de veado parcialmente dessecada dentro de sua *parfleche*, uma bolsa de couro cru usada por nativos americanos para guardar provisões.

— Quer ficar para descobrir?

O homem ferido tentou falar alguma coisa. Novamente, sentiu a dor lancinante na garganta. Não conseguiu transformar o som que saía dela na única palavra que tentava articular.

O homem de chapéu de pele de lobo ignorou o ruído e continuou a juntar os

poucos pertences, mas o rapaz se virou.

— Ele está tentando dizer alguma coisa.

O rapaz se ajoelhou perto do ferido. Incapaz de falar, o homem levantou o braço que conseguia mover e apontou.

— Ele quer o rifle — disse o rapaz. — Quer que o deixemos com o rifle em punho.

O homem de chapéu de pele de lobo atravessou o espaço entre eles com passos rápidos e ritmados. Deu um chute forte no menino, no meio das costas.

— Merda, sai da frente!

Foi num passo largo até o ferido, deitado ao lado de um pequeno monte formado por seus poucos pertences: uma bolsa de couro, uma faca enfiada na bainha enfeitada, uma machadinha, um rifle e um polvorinho. Enquanto o homem ferido observava indefeso, o de chapéu de pele de lobo se agachou para pegar a bolsa. Ele enfiou a mão lá dentro, procurando a pederneira e o pedaço de aço para fazer fogo, e os colocou no bolso da frente de sua túnica de couro. Apanhou o polvorinho e o pendurou no ombro. A machadinha, enfiou-a por baixo do largo cinto de couro.

— O que você está fazendo? — perguntou o rapaz.

O homem voltou a se curvar, apanhou a faca e a jogou na direção do rapaz.

— Pegue isso.

O rapaz a agarrou, olhando horrorizado a bainha em sua mão. Restava apenas o rifle. O homem de chapéu de pele de lobo pegou a arma e a verificou rapidamente para se assegurar de que estava carregada.

— Desculpe, caro Glass. Você não vai conseguir mais usar nenhuma dessas coisas mesmo.

O rapaz parecia chocado.

— Não podemos deixá-lo sem isso.

O homem de chapéu de pele de lobo levantou o olhar brevemente, e então desapareceu na mata.

O ferido fitou o rapaz, que ficou ali por um longo instante com a faca — a faca que lhe pertencia. Por fim, o rapaz ergueu os olhos. A princípio parecia querer dizer algo. O que fez, porém, foi dar meia-volta e fugir na direção dos pinheiros.

O homem ferido encarou a abertura na mata por onde os dois tinham

desaparecido. A raiva que lhe acometeu era completa, consumindo-o como o fogo ao envolver as agulhas de um pinheiro. Não queria mais nada no mundo a não ser pôr as mãos no pescoço daqueles dois e sufocá-los até a morte.

Instintivamente, começou a gritar, esquecendo-se novamente de que sua garganta não conseguia produzir palavras, apenas dor. Ergueu-se com o cotovelo esquerdo. Podia dobrar o braço direito um pouco, mas não conseguiria aguentar o peso. O movimento irradiou fisgadas de agonia por seu pescoço e suas costas. Sentiu a tensão da pele nas suturas recentes e grosseiras. Olhou para baixo, na direção da perna, apertada por tiras ensanguentadas de uma camisa velha que formavam um torniquete. Não conseguia flexionar a coxa para que a perna se movimentasse.

Reunindo toda a força que tinha, virou de barriga para baixo. Sentiu o estalido de uma sutura se rompendo e o sangue fresco, quente e úmido escorrer-lhe pelas costas. A dor não era nada se comparada à onda de ira que o invadia.

Hugh Glass começou a rastejar.

PARTE
I

UM

21 DE AGOSTO DE 1823

— MEU BARCO DEVE chegar de St. Louis qualquer dia desses, monsieur Ashley. — O francês corpulento explicou mais uma vez em tom paciente, ainda que insistindo. — Eu venderia de bom grado o conteúdo inteiro do barco para a Companhia de Peles Montanhas Rochosas, mas não posso lhe vender o que ainda não tenho.

William H. Ashley bateu a caneca de estanho nas ripas ásperas da mesa. A barba grisalha cuidadosamente aparada não disfarçava o queixo crispado, que, por sua vez, não parecia capaz de reprimir um novo rompante, já que Ashley se encontrava na situação de enfrentar de novo aquilo que ele mais odiava — a espera.

O francês, que atendia pelo nome incomum de Kiowa Brazeau, observava Ashley com uma agitação crescente. A presença de Ashley em seu entreposto comercial representava uma oportunidade rara, e Kiowa sabia que estabelecer com ele uma relação bem-sucedida poderia ser um alicerce permanente para seu empreendimento. Ashley era uma eminente figura da política e dos negócios em St. Louis, um homem que tinha tanto a visão de expandir o comércio para o oeste quanto o dinheiro para fazer isso acontecer. “O dinheiro de outras pessoas”, como dizia Ashley. Dinheiro leviano. Dinheiro nervoso. Dinheiro que poderia sair rapidamente de um negócio lucrativo para outro.

Kiowa piscou por detrás dos óculos grossos e, embora sua visão não fosse precisa, ele tinha um olho aguçado para ler as pessoas.

— Se o senhor me permitir, monsieur Ashley, talvez eu possa lhe oferecer uma compensação enquanto esperamos o barco.

Se Ashley não assentiu, tampouco retomou seu acesso de fúria.

— Preciso requisitar mais provisões de St. Louis — continuou Kiowa. — Vou mandar amanhã um mensageiro rio abaixo, de canoa. Ele pode levar uma nota para seus associados. Assim, o senhor pode tranquilizar a todos, antes que os

boatos sobre o fracasso do coronel Leavenworth criem raízes.

Ashley suspirou profundamente e tomou um longo gole da cerveja amarga, já resignado, por falta de alternativa, a suportar esse último atraso. Gostasse ou não, o conselho do francês era pertinente. Precisava tranquilizar seus investidores antes que as notícias sobre a batalha corressem soltas pelas ruas de St. Louis.

Kiowa sentiu que Ashley estava receptivo e se adiantou rapidamente para mantê-lo em um caminho produtivo. O francês pegou uma pena, tinta e um pergaminho e os colocou à frente de Ashley, e encheu a caneca com mais cerveja.

— Vou deixar o senhor trabalhar, monsieur — disse ele, feliz com a oportunidade de se retirar.

Sob a luz fraca de uma vela de sebo, Ashley escreveu durante a noite:

Forte Brazeau, Missouri
21 de agosto de 1823

Ilustríssimo Sr. James D. Pickens,
Pickens & Sons
St. Louis

Caro Sr. Pickens,

Com pesar, venho informar-lhe sobre os eventos das duas últimas semanas. Por sua natureza, esses acontecimentos devem alterar — mas não impedir — nosso empreendimento no alto Missouri.

Como o senhor provavelmente já sabe, os homens da Companhia de Peles Montanhas Rochosas sofreram um ataque dos arikaras após negociarem, de boa-fé, sessenta cavalos. Sem que tivessem sido provocados, os arikaras atacaram, matando dezesseis dos nossos, ferindo doze e roubando os cavalos que fingiram nos vender na véspera.

Diante deste ataque, fui forçado a bater em retirada rio abaixo. Ao mesmo tempo, pedi auxílio ao coronel Leavenworth e ao Exército dos Estados Unidos para reagir a essa clara afronta ao direito soberano que os cidadãos americanos têm de atravessar desimpedidos o Missouri. Solicitei também o apoio de nossos próprios homens, que, liderados pelo capitão

Andrew Henry, deixaram sua posição no Forte Union para se juntarem a mim sob grande risco.

A 9 de agosto, enfrentamos os arikaras com uma força combinada de setecentos homens, incluindo duzentos soldados de Leavenworth (com dois morteiros) e quarenta homens da Cia. Peles MR. Também conseguimos a colaboração (ainda que temporária) de quatrocentos guerreiros sioux, cuja inimizade com os arikaras remonta a um ressentimento histórico de origem desconhecida para mim.

Basta dizer que nossas forças combinadas eram mais do que suficientes para entrar na batalha, punir os arikaras por sua traição e reabrir o Missouri para nosso empreendimento. Devemos o fato de que os resultados esperados não tenham ocorrido à personalidade instável do coronel Leavenworth.

Os detalhes desse fatídico encontro podem esperar meu retorno a St. Louis, mas, por ora, é suficiente dizer que a repetida relutância do coronel em superar um rival inferior permitiu que toda a tribo arikara escapasse, trazendo como consequência o fechamento efetivo do Missouri entre o Forte Brazeau e as aldeias dos mandans. Em algum lugar entre esses dois pontos estão novecentos guerreiros arikaras, recém-entrincheirados, sem dúvida, e com todos os motivos para repelirem quaisquer tentativas de retomada do Missouri.

O coronel Leavenworth voltou à guarnição do Forte Atkinson, onde certamente vai passar o inverno em frente a uma lareira quente, refletindo com cautela sobre suas opções. Não pretendo esperar por ele. Nosso empreendimento, como o senhor sabe, não pode se dar ao luxo de perder oito meses.

Ashley parou para ler o próprio texto, descontente com o tom sombrio. A carta refletia sua ira, mas não transmitia seu sentimento predominante — um otimismo ferrenho, uma fé inabalável na própria capacidade de ser bem-sucedido. Deus o havia colocado em um jardim de infinita fartura, em uma Terra Prometida na qual qualquer homem conseguiria prosperar com a única condição de ter a coragem e a obstinação para tentar. Os pontos fracos de Ashley, que ele confessava sem rodeios, eram meras barreiras a serem ultrapassadas por alguma

combinação criativa de suas forças. Ashley esperava contratempos, mas não toleraria qualquer derrota.

Devemos aproveitar esse infortúnio a nosso favor e seguir pressionando, enquanto nossos concorrentes fazem uma pausa. Com o Missouri efetivamente fechado, decidi mandar dois grupos para oeste por uma rota alternativa. Já despachei o capitão Henry para subir o rio Grand. Ele vai navegá-lo até onde for possível e retornar para o Forte Union. Jedidiah Smith vai liderar um segundo grupo subindo o rio Platte, tendo como meta as águas da Grande Bacia.

Certamente o senhor compartilha a minha intensa frustração com esse atraso. Temos agora que nos movimentar resolutamente para recuperar o tempo perdido. Dei instruções a Henry e Smith para que não retornem a St. Louis com o que coletaram na primavera. Na verdade, nós é que vamos nos encontrar com eles — um encontro em campo aberto para trocar suas peles por suprimentos frescos. Dessa forma, podemos economizar quatro meses, e pagar pelo menos parte de nossa dívida no prazo. Enquanto isso, proponho que se organize em St. Louis um novo grupo de caçadores de peles, com partida prevista para a primavera, sob minha liderança.

Os restos da vela crepitaram e eliminaram uma fumaça negra com cheiro forte. Ashley olhou para cima, dando-se conta de repente da hora e de seu profundo cansaço. Mergulhou a pena e voltou à correspondência, escrevendo firme e rapidamente agora que chegava às considerações finais de seu relato:

Peço encarecidamente que o senhor comunique aos nossos associados — com o máximo vigor possível — minha inteira confiança no inevitável sucesso de nossa diligência. Uma grande prenda nos foi ofertada pela Providência e não podemos deixar de ter a coragem de reivindicar a cota que nos pertence de direito.

Seu muito humilde servo,
William H. Ashley

Dois dias depois, em 23 de agosto de 1823, o barco de transporte de Kiowa Brazeau chegou de St. Louis. William Ashley abasteceu seus homens e os

enviou rumo ao oeste no mesmo dia. O primeiro encontro foi marcado para o verão de 1824 e a localização seria comunicada pelos mensageiros.

Sem compreender completamente a importância de suas decisões, William H. Ashley havia inventado o sistema que definiria aquele período.

DOIS

23 DE AGOSTO DE 1823

ONZE HOMENS SE agachavam no acampamento sem fogueira. O acampamento aproveitava um ligeiro aterro no rio Grand; porém, a planície não proporcionava relevo significativo que camuflasse a posição deles. Uma fogueira sinalizaria sua presença a quilômetros de distância, e a total discrição era a melhor aliada dos caçadores contra eventuais ataques. A maioria dos homens usava a última hora de luz do dia para limpar os rifles, consertar os mocassins ou comer. O rapaz dormira desde o momento em que haviam acampado, um monte amarrotado de roupas de manga comprida mal-ajambradas.

Os homens se juntavam em grupos de três ou quatro, amontoados na margem ou imprensados contra uma pedra ou moitas de sálvia, como se essas tímidas saliências fossem capazes de oferecer alguma proteção.

As costumeiras brincadeiras de acampamento tinham se refreado por causa da calamidade no Missouri e foram posteriormente sufocadas por completo pelo segundo ataque que ocorrera apenas três noites antes. Quando algum deles se dispunha a falar, fazia-o em tom sussurrado e pesaroso, como forma de respeito aos companheiros que caíram mortos na trilha, ainda atentos aos perigos que esperavam encontrar.

— Você acha que ele sofreu, Hugh? Não consigo tirar da cabeça que ele estava sofrendo, aquele tempo todo.

Hugh Glass levantou os olhos para William Anderson, o homem que havia feito a pergunta. Meditou por uns instantes antes de responder:

— Não acho que seu irmão tenha sofrido.

— Ele era o mais velho. Quando deixamos Kentucky, nossos pais disseram para *ele* cuidar de *mim*. Não me disseram uma palavra. Isso nem passaria pela cabeça deles.

— Você fez o melhor que pôde por seu irmão, Will. É uma verdade difícil de aceitar, mas ele já estava morto quando foi atingido por aquela bala há três dias.

Outra voz veio da escuridão perto da margem.

— Gostaria que tivéssemos enterrado seu irmão naquela hora, em vez de arrastá-lo por dois dias.

O homem que falou estava de cócoras, e, na escuridão cada vez mais intensa, quase não se viam os traços de seu rosto, afora a barba escura e uma cicatriz branca. A cicatriz começava no canto da boca e se curvava para baixo, fazendo uma volta, como se fosse um anzol. Ficava ainda mais evidente pelo fato de que o pelo não crescia na parte do rosto em que ela estava, conferindo um tom de deboche em meio à barba. Enquanto falava, o homem afiava com a mão direita a lâmina robusta de uma faca de esfolar em uma pedra, mesclando suas palavras com o ruído lento e estridente da raspagem.

— Fique calado, Fitzgerald, senão juro sobre o túmulo de meu irmão que vou arrancar a sua maldita língua.

— Túmulo de seu irmão? Acho que não há túmulo algum, certo?

Os homens que estavam próximos o suficiente para escutar passaram a prestar mais atenção, surpresos com aquele comportamento, mesmo vindo de Fitzgerald.

Fitzgerald percebeu a atenção sobre ele, e isso o incentivou.

— É mais uma pilha de pedras. Você acha que ele ainda está lá, se decompondo? — Fitzgerald fez uma pausa, de forma que o único som era o raspar da lâmina na pedra. — Duvido muito. — Interrompeu-se novamente, calibrando o efeito de suas palavras à medida que as pronunciava. — Claro, pode ser que as pedras tenham evitado os vermes. Mas acho que os coiotes estão arrastando uns pedacinhos dele por aí...

Anderson se jogou sobre Fitzgerald, os braços estendidos.

Fitzgerald elevou a perna com destreza, no momento em que se levantou para refutar o ataque, e sua canela acertou a virilha de Anderson com toda a força. O chute fez com que Anderson se dobrasse, como se uma corda oculta puxasse o pescoço na direção dos joelhos. Fitzgerald deu uma joelhada no rosto do homem indefeso, e Anderson caiu para trás.

Fitzgerald se movia com agilidade para alguém do seu tamanho. Ele se lançou na direção do homem ofegante e ensanguentado, pressionando o joelho contra seu peito. Encostou a faca de esfolar no pescoço de Anderson.

— Quer se juntar ao seu irmão? — Ele pressionou a faca de modo que a lâmina desenhou uma fina linha de sangue.

— Fitzgerald — disse Glass em tom contido mas firme. — Já chega.

Fitzgerald olhou para cima. Considerou responder ao desafio de Glass, enquanto reparava, satisfeito, no círculo de homens à sua volta, testemunhas da posição patética de Anderson. Decidiu que era melhor declarar vitória. Ele se entenderia com Glass outro dia. Fitzgerald afastou a lâmina de Anderson e a enfiou na bainha de contas ajustada no cinto.

— Não comece coisas que você não pode terminar, Anderson. Na próxima vez, vou acabar para você.

O capitão Andrew Henry abriu caminho pelo círculo de espectadores. Agarrou Fitzgerald pelas costas e o puxou para trás, empurrando-o com força para a margem.

— Mais uma briga e você está fora, Fitzgerald. — Henry apontou para além do perímetro do acampamento na direção do horizonte distante. — Se você ainda quiser encher a paciência de alguém, pode tentar fazer isso por conta própria.

O capitão olhou ao redor, para o restante dos homens.

— Vamos cobrir mais de sessenta quilômetros amanhã. Vocês estão perdendo tempo, se ainda não foram dormir. Agora, quem é que vai ficar primeiro de vigia? — Ninguém se apresentou. O olhar de Henry acabou por se fixar no rapaz que ignorava o tumulto. Henry se dirigiu com passos determinados até a silhueta. — Levante-se, Bridger.

O rapaz se levantou de súbito com os olhos arregalados enquanto, aturdido, agarrava sua arma. O mosquete enferrujado tinha sido um adiantamento de salário, junto com um polvorinho amarelado e um punhado de pederneiras.

— Quero que você desça o rio, cerca de cem metros. Descubra um ponto alto ao longo da margem. Porco, faça o mesmo rio acima. Fitzgerald, Anderson, vocês vão assumir o segundo turno de vigia.

Fitzgerald tinha ficado de sentinela na noite anterior. Por um momento, parecia que ele protestaria contra a distribuição das tarefas. Mas pensou bem e, em vez disso, afastou-se mal-humorado para a extremidade do acampamento. O rapaz, ainda desorientado, meio que cambaleou por cima das pedras que se espalhavam ao longo da margem do rio, desaparecendo na escuridão azul que invadia o grupo.

O homem a quem chamavam de “Porco” nascera Phineous Gilmore, em uma

fazenda miserável de Kentucky. O apelido não continha qualquer mistério: ele era enorme e imundo. Porco cheirava tão mal que confundia as pessoas. Quando sentiam seu fedor, elas olhavam em volta procurando a origem do cheiro, de tão implausível que parecia tal odor emanar de um ser humano. Mesmo os caçadores, que não davam grande valor à higiene, faziam o que podiam para manter Porco a favor do vento. Após se erguer lentamente e se colocar de pé, Porco jogou o rifle sobre o ombro e se dirigiu devagar rio acima.

Menos de uma hora depois a luz do dia desapareceu por completo. Glass observou quando o capitão Henry voltou de uma nervosa ronda de verificação das sentinelas. À luz da lua, ele caminhava entre os homens adormecidos, e Glass percebeu que ele e Henry eram os únicos acordados. O capitão escolheu se acomodar em um espaço próximo de Glass, apoiando-se no rifle à medida que descia seu corpanzil até o chão. O descanso aliviou o peso de seus pés exaustos, mas não conseguiu evitar a pressão que ele sentia com maior intensidade.

— Quero que você e Black Harris façam o reconhecimento amanhã — ordenou o capitão Henry.

Glass elevou o olhar, decepcionado por não conseguir responder ao atraente chamado do sono.

— Encontre alguma coisa para caçar no final da tarde. Vamos arriscar acender uma fogueira. — Henry baixou a voz, como se estivesse fazendo uma confissão. — Estamos atrasados, Hugh.

Henry dava toda a indicação de que pretendia conversar um pouco. Glass pegou o rifle. Se não conseguia dormir, pelo menos ia cuidar da arma. Ele a tinha mergulhado em uma ponta do rio à tarde e queria aplicar graxa fresca nas engrenagens do gatilho.

— O frio vai chegar forte no início de dezembro — continuou o capitão. — Vamos precisar de duas semanas para estocar carne. Se não alcançarmos o Yellowstone antes de outubro, não encontraremos a caça do outono.

Se por dentro o capitão Henry estava fustigado por dúvidas, sua aparência controlada não traía qualquer fragilidade. A faixa de franjas de couro na túnica de pele de veado atravessava o peito e os ombros largos, sinais de sua antiga profissão como trabalhador em uma mina de chumbo em Saint Genevieve, no Missouri. Ele tinha a cintura fina, coberta por um espesso cinto de couro do qual pendiam um par de pistolas e uma grande faca. Suas bombachas eram de pele de

veado até o joelho e lã vermelha daí para baixo. As calças do capitão tinham sido feitas sob medida em St. Louis e eram um símbolo de suas experiências em regiões inóspitas. O couro oferecia uma excelente proteção, mas mergulhá-lo na água ou na neve fazia com que ficasse pesado e frio. A lã, ao contrário, secava rápido e retinha o calor mesmo quando molhada.

Ainda que o grupo que Henry comandava fosse heterogêneo, ele se sentia satisfeito com o fato de ser chamado de “capitão”. É claro que, na verdade, sabia que o título era um estratagema. Sua brigada de caçadores nada tinha a ver com os militares, e guardava muito pouco respeito por qualquer instituição. Ainda assim, Henry era o único homem entre eles a ter colocado os pés e caçado nos Three Forks. Se um título não significava muito, a experiência era a moeda oficial.

O capitão fez uma pausa, esperando que Glass indicasse que estava prestando atenção. Glass olhou por cima do rifle. Foi um olhar breve, porque ele havia desaparafusado o guarda-mato elegantemente arredondado que protegia os gatilhos duplos da arma. Curvou a mão, protegendo os parafusos, receoso de que caíssem naquela escuridão.

Bastou aquele olhar, porém, para encorajar Henry a prosseguir.

— Eu já lhe contei sobre Drouillard?

— Não, capitão.

— Sabe quem ele era?

— George Drouillard... Expedição de Lewis e Clark?

Henry anuiu.

— Um homem do grupo de Lewis e Clark, um dos melhores. Explorador e caçador. Em 1809, foi contratado para um grupo que eu liderava... Na verdade, ele é que liderava... até Three Forks. Tínhamos cem homens, mas Drouillard e Colter eram os únicos que efetivamente tinham estado lá.

“A quantidade de castores era assombrosa. Nem precisávamos preparar armadilhas; bastava usar um porrete. Mas tivemos problemas com os índios blackfeet desde o início. Em menos de duas semanas, cinco homens morreram. Tivemos que ficar todos juntos em guarda, não podíamos despachar um grupo de caçadores para montar as armadilhas.

“Drouillard ficou entrincheirado conosco por mais ou menos uma semana. Depois disse que estava cansado de esperar sentado. Saiu no dia seguinte e

voltou uma semana depois com vinte peles de castor.”

Glass estava prestando atenção máxima. Todo cidadão de St. Louis conhecia alguma versão da história de Drouillard, mas Glass nunca tinha ouvido um relato em primeira pessoa.

— Ele fez isso duas vezes. Saía e voltava com uma pilha de peles. A última coisa que disse antes de sair pela terceira vez foi: “A terceira vez é amaldiçoada.” Ele se afastou a cavalo e, cerca de meia hora depois, ouvimos dois tiros: um do seu rifle e outro de sua pistola. O segundo tiro deve ter sido para abater o cavalo, na tentativa de montar uma barreira. Foi então que encontramos Drouillard, atrás do próprio cavalo. Contei umas vinte flechas entre o corpo dele e o do cavalo. Os blackfeet deixaram as flechas lá, como uma mensagem para o nosso grupo. Eles o golpearam também; cortaram sua cabeça.

O capitão fez uma pausa, raspando a sujeira de sua roupa com uma vara.

— Ainda penso nele.

Glass procurou palavras que pudessem tranquilizá-lo. Antes que conseguisse falar algo, o capitão perguntou:

— Por quanto tempo acha que esse rio vai continuar correndo para o oeste?

Glass o encarou intensamente nesse momento, buscando os olhos do capitão.

— Vamos melhorar nosso tempo, capitão. Por enquanto, podemos seguir o Grand. Nós sabemos que o Yellowstone corre para norte e oeste.

Na verdade, Glass começou a nutrir sérias dúvidas a respeito do capitão. Parecia que o azar o perseguia, como a fumaça do dia anterior.

— Você está certo. — O capitão disse isso e repetiu, como se quisesse se convencer: — É claro que você está certo.

Embora seu conhecimento houvesse nascido da desgraça, o capitão Henry conhecia a geografia das Montanhas Rochosas como quase nenhum outro homem vivo. Mesmo sendo um experiente habitante das planícies, Glass nunca tinha pisado na região do alto Missouri. Ainda assim, Henry encontrou um toque de firmeza e tranquilidade na voz de Glass. Alguém lhe contara que Glass tinha sido marinheiro na juventude. Havia até um boato de que fora feito prisioneiro pelo pirata Jean Lafitte. Talvez fossem aqueles anos passados na imensidão vazia dos oceanos que o deixavam confortável nas planícies sem grandes traços característicos entre St. Louis e as Montanhas Rochosas.

— Sorte nossa se os blackfeet não tiverem exterminado todos no Forte Union.

Os homens que eu deixei lá não eram exatamente de primeira linha.

O capitão continuou com seu catálogo incomum de preocupações. Sem parar, noite adentro. Glass sabia que só precisava escutar. Ele olhava para cima ou dava um grunhido de vez em quando, mas na realidade estava concentrado no próprio rifle.

O rifle de Glass era a única extravagância de sua vida e, quando esfregava graxa no mecanismo de mola do sensível gatilho da arma, ele o fazia com um carinho exagerado, digno do sentimento que outros homens reservavam para esposa ou filho. Era um Anstadt, chamado de espingarda de Kentucky, fabricado, como a maior parte das melhores armas da época, por artesãos alemães da Pensilvânia. O cano octogonal tinha impresso na base o nome do fabricante, “Jacob Anstadt”, e o local de manufatura, “Kutztown, Penn”. O cano era curto, apenas noventa centímetros. Os rifles clássicos de Kentucky eram mais compridos, sendo que alguns chegavam a quase cento e trinta centímetros. Glass gostava de armas mais curtas por serem mais leves e, portanto, mais fáceis de carregar. Para os raros momentos em que estivesse cavalgando, uma arma mais curta era mais fácil de manusear no lombo do animal. Além disso, a manufatura de especial qualidade dos rifles Anstadt os tornava extremamente precisos, mesmo os que não tinham o cano longo. O gatilho sensível aumentava a precisão, permitindo o disparo com um toque mínimo. Com uma carga total de duzentos grãos de pólvora, o Anstadt podia atirar uma bala de calibre .53 até quase duzentos metros.

As expedições nas planícies do oeste haviam ensinado a Glass que o desempenho de seu rifle significava a diferença entre a vida e a morte. Obviamente, a maioria dos homens do grupo tinha armas confiáveis. Era a elegância do Anstadt que o distinguia dos outros.

Uma elegância na qual os outros homens reparavam, perguntando, frequentemente, se podiam segurar o rifle. A sólida e firme coronha de madeira de nogueira desenhava uma curva elegante no punho, mas era grossa o suficiente para absorver o coice de uma carga pesada de pólvora. A coronha era ornada com uma caixa incrustada de um lado e gravações em relevo do outro. O cabo fazia um movimento arredondado na coronha, de modo a se ajustar no ombro como um apêndice do corpo do atirador. O cabo tinha uma coloração castanha, bastante escura, quase preto. Mesmo a pouca distância, os veios da madeira eram

imperceptíveis, mas, com um olhar mais apurado, era possível observar as linhas irregulares que pareciam formar um trançado, por baixo das várias demãos de verniz.

E, para completar, as partes metálicas do rifle eram feitas de prata, não latão, como costumavam ser, enfeitando a soleira, a caixa incrustada, o guarda-mato e o próprio gatilho, além dos acabamentos arredondados nas extremidades do suporte. Muitos caçadores pregavam rebites de latão nos cabos dos rifles como decoração. Glass não conseguia sequer imaginar desfigurar seu Anstadt com tal tipo de ornamento exagerado.

Satisfeito em ver que os mecanismos do rifle estavam limpos, Glass recolocou o guarda-mato no encaixe e substituiu os dois parafusos que o fixavam. Despejou pólvora seca na caçoleta por baixo da pederneira, assegurando-se de que a arma estivesse pronta para disparar.

Subitamente, ele se deu conta de que o acampamento tinha caído em total silêncio e se perguntou em que momento o capitão teria deixado de falar. Glass olhou para o meio do acampamento. O capitão estava deitado, dormindo, o corpo se contraindo esporadicamente. No outro lado de Glass, próximo aos limites do acampamento, Anderson estava deitado sobre uma pilha de pedaços de madeira. Além das águas tranquilizadoras do rio correndo, não se ouvia som algum.

O barulho de um rifle se armando rompeu o silêncio. Vinha do rio abaixo — de onde estava o jovem Jim Bridger. Os homens sonolentos se mexeram ao mesmo tempo, temerosos e confusos, tateando à procura das armas e de proteção. Uma figura escura se aproximou rapidamente do acampamento vindo daquela direção. Perto de Glass, Anderson deu um pulo e levantou o rifle em um só movimento. Glass ergueu o Anstadt. A figura se mexendo tomou forma, a apenas quarenta metros do acampamento. Anderson apontou a arma para baixo e hesitou por um instante antes de puxar o gatilho. Na mesma hora, Glass balançou o Anstadt por baixo dos braços de Anderson. A força empurrou o cano de Anderson em direção ao céu no momento em que ele atirou.

A figura se mexendo parou imobilizada pela explosão do tiro, agora perto o suficiente para que seus olhos arregalados e peito ofegante pudessem ser vistos. Era Bridger.

— Eu... eu... eu — gaguejou, em pânico e sem reação.

— O que aconteceu, Bridger? — perguntou o capitão, perscrutando para além do rapaz, em direção à escuridão de onde ele viera.

Os caçadores tinham se colocado em uma posição defensiva de semicírculo, com as costas viradas para a margem do rio. Quase todos os homens estavam prontos para atirar, apoiados em um joelho, com os rifles engatilhados.

— Desculpe, capitão. Eu não queria atirar. Ouvi um barulho, alguém pisando em um galho quebrado. Eu me levantei e acho que a trava escorregou. Simplesmente saiu.

— Provavelmente você pegou no sono. — Fitzgerald desengatilhou o rifle e se levantou. — Agora qualquer indivíduo a oito quilômetros de distância pode vir em nosso encalço.

Bridger começou a falar, mas não conseguiu encontrar as palavras que pudessem expressar a intensidade da sua vergonha e arrependimento. Ficou ali parado, a boca aberta, fitando apavorado os homens enfileirados diante dele.

Glass deu um passo à frente e tirou a arma de cano liso das mãos dele. Armou o mosquete e puxou o gatilho, prendendo o cão com o polegar antes que a pederneira atingisse o metal. Repetiu a ação.

— Isto aqui é um tipo inferior de arma, capitão. Dê para ele um rifle decente e vamos ter menos problemas na vigia.

Alguns homens assentiram.

O capitão olhou para Glass, depois para Bridger e disse:

— Anderson, Fitzgerald, está na vez de vocês.

Os dois homens rumaram para suas posições, em direções opostas do rio.

A sentinela era desnecessária, na verdade. Ninguém mais dormiu nas poucas horas que restavam até o amanhecer.

TRÊS

24 DE AGOSTO DE 1823

HUGH GLASS OLHOU para baixo, para as pegadas rachadas, as cavidades profundas e tão nítidas como se estivessem impressas na lama fofa. Dois grupos distintos delas começavam à beira do rio, onde o veado deve ter bebido água, e depois seguiam pela fechada cobertura dos salgueiros. Um castor tinha trabalhado persistentemente e aberto uma trilha, que agora era usada por uma variedade de animais. Um monte de fezes se juntava perto da trilha, e Glass se agachou para tocar as pelotas do tamanho de ervilhas — ainda quentes.

Ele olhou para o oeste, onde o sol ainda brilhava alto no céu, acima do platô que formava o horizonte distante. Calculou três horas até o sol se pôr. Ainda estava cedo, mas o capitão e o restante dos homens levariam uma hora para alcançá-lo. Além do mais, o lugar era ideal para acampar. O rio fazia uma curva suave contra um longo banco de areia e a margem de pedregulhos. Do outro lado dos salgueiros, uma mata de choupo oferecia cobertura para fogueiras, bem como um estoque de lenha. Os salgueiros eram ideais para fazer espetos de carne. Glass ainda notou algumas ameixeiras espalhadas entre os salgueiros, o que era uma vantagem. Eles poderiam preparar algo com a combinação de frutos e carne. *Pemmican,* uma conserva à base de carne-seca, frutos e gordura, em geral usada por índios norte-americanos. Dirigiu o olhar rio abaixo. *Onde está Black Harris?*

Na hierarquia de desafios diários dos caçadores, obter comida era prioritário. Como os outros desafios, envolvia um complexo equilíbrio de vantagens e desvantagens. Não carregavam consigo praticamente alimento algum, principalmente depois de abandonar as chatas no Missouri e prosseguir a pé subindo o rio Grand. Alguns homens ainda tinham chá ou açúcar, mas a maioria não levava mais do que um saco de sal para conservar a carne. Havia abundância de caça nesta faixa do rio, e eles podiam jantar carne fresca todas as noites. Mas abater a caça significava atirar, e o som de um rifle era propagado por

quilômetros, revelando a posição deles aos inimigos que estivessem nas imediações.

Desde que haviam deixado o Missouri, os homens tinham uma rotina. Todo dia, dois deles se adiantavam em relação aos outros, para checar a área. Por enquanto, o caminho já estava traçado — eles simplesmente seguiam o rio Grand. As principais responsabilidades dos batedores eram evitar os índios, selecionar um local para acampar e encontrar comida. De tantos em tantos dias, abatiam caça fresca.

Após abaterem um veado ou um filhote de búfalo, os batedores preparavam o acampamento para a noite. Sangravam a caça, recolhiam lenha e preparavam duas ou três fogueiras pequenas em covas estreitas e retangulares. Fogueiras menores faziam menos fumaça do que uma única grande; ao mesmo tempo, ofereciam uma superfície maior para defumar a carne e mais fontes de calor. Se os inimigos por acaso os avistassem à noite, um número maior de fogueiras também poderia dar a impressão de que estavam em maior quantidade.

Quando as chamas estavam ardendo, os batedores retalhavam os animais caçados, escolhendo pedaços para consumo imediato e cortando o restante em tiras finas. Construíam grelhas com galhos verdes de salgueiros, esfregavam um pouco de sal nas tiras de carne e as penduravam por cima das chamas. Não era o tipo de charque que fariam em um acampamento permanente, que duraria meses. Mas a carne duraria vários dias desse jeito, o bastante para o próximo abate de caça.

Glass saiu dos salgueiros até uma clareira, procurando o veado que ele sabia estar logo à frente.

Avistou os filhotes antes de ver a ursa. Havia dois deles, e vieram aos trambolhões em sua direção, berrando como cachorrinhos brincalhões. Os filhotes tinham nascido na primavera e, com cinco meses, pesavam pouco menos de cinquenta quilos cada um. Mordiscavam-se enquanto se aproximavam de Glass, e, por um átimo de segundo, a cena teve um ar quase cômico. Hipnotizado pelos rodopios dos filhotes, Glass não levantou os olhos para a outra extremidade da clareira, a cerca de cinquenta metros. Nem deu tempo para calcular o que a presença deles significava.

De repente, ele percebeu. Sentiu um frio na barriga meio segundo antes de ouvir o primeiro urro atravessar a clareira. Os filhotes pararam na frente de Glass

a uns três metros. Ignorando os filhotes, Glass mirou a linha de arbustos do outro lado da clareira.

Ele pôde *ouvir* o tamanho do animal antes de efetivamente vê-lo. Não apenas pelo barulho de vegetação sendo quebrada à medida que a mãe abria caminho, como se fosse um relvado baixo, mas o próprio urro, um som estrondoso como um trovão ou uma árvore caindo, um som grave que só poderia emanar de uma massa muito grande.

O urro aumentou à medida que ela caminhava pela clareira, os olhos negros encarando Glass, cabeça baixa à medida que processava o cheiro do estranho, um cheiro agora se mesclando ao de seus filhotes. Ela o enfrentou, o corpo teso e provocativo, como uma mola apertada prestes a ser solta. Glass ficou maravilhado com a musculatura impressionante, com os tocos volumosos de suas patas dianteiras se dobrando nos ombros maciços e, acima de tudo, com a corcunda prateada que a identificava como um urso-cinzento.

Glass lutou para controlar a própria reação enquanto considerava suas opções. Evidentemente, seu reflexo gritava para ele fugir. Voltar para os salgueiros. Ir em direção ao rio. Talvez pudesse mergulhar e escapar descendo a correnteza. Mas a ursa já estava muito perto, cerca de trinta metros à sua frente, para que ele tentasse essa estratégia. Seus olhos procuraram desesperadamente uma árvore para escalar; talvez conseguisse subir para longe do alcance da ursa e, então, atirar. Mas não, as árvores estavam atrás do animal. Tampouco os salgueiros forneciam cobertura suficiente. Suas opções se reduziram a uma: levantar e atirar. Uma única chance de deter o animal com uma bala calibre .53 de seu Anstadt.

A ursa atacou rugindo, com o ódio concentrado no instinto materno de proteção. Por reflexo, Glass mais uma vez quase se virou e correu. No entanto, a inutilidade da fuga ficou evidente, pois a ursa cobriu o espaço que os separava com uma velocidade impressionante. Glass puxou o cão da espingarda no máximo e ergueu o Anstadt, mirando pelo visor, com surpresa e medo de pensar que o animal pudesse ser ao mesmo tempo enorme e flexível. Lutou contra outra ação instintiva — atirar imediatamente. Glass tinha visto ursos-cinzentos absorverem o impacto de meia dúzia de balas sem morrer. Ele teria apenas uma chance.

Esforçou-se para mirar na cabeça do animal, um alvo que se mexia e tornava a

mira difícil. A dez passos, a ursa se levantou para a posição ereta. Ela se elevou um metro acima de Glass, enquanto se preparava para o golpe violento de suas garras letais. Ele mirou o coração da imensa ursa e puxou o gatilho à queima-roupa.

Saiu faísca da pederneira do Anstadt, armando o rifle e enchendo o ar com fumaça e cheiro de pólvora explodindo. A ursa urrou quando a bala penetrou seu peito, mas o ataque não arrefeceu. Glass deixou cair o rifle, inútil agora, e apanhou a faca que estava na bainha do cinto. A ursa baixou a pata, e Glass sentiu as enormes garras do animal penetrando na carne da parte superior de seu braço, do ombro e do pescoço. O golpe o atirou para trás. A faca caiu, e ele empurrou o chão com os pés com muita força, procurando em vão a proteção dos salgueiros.

A ursa ficou de quatro e o atacou. Glass se encolheu, tentando desesperadamente proteger o rosto e o peito. Ela mordeu sua nuca e o levantou do solo, balançando-o com tanta força que Glass pensou que sua coluna fosse quebrar. Sentiu os dentes da ursa esmigalhando o osso de sua omoplata. As garras penetravam repetidamente na carne das costas e no couro cabeludo dele. Ele gritou em agonia. Ela o deixou cair, depois cravou os dentes em sua coxa e o balançou novamente, erguendo-o e o atirando ao solo com tanta força que o deixou atordoado — consciente, mas incapaz de resistir.

Glass permaneceu deitado de costas olhando para cima. A ursa ergueu-se sobre as patas traseiras diante dele. A dor e o medo sumiram, substituídos por um pavoroso fascínio pelo imponente animal. Ela soltou um urro final, que ficou registrado na mente de Glass como um eco vindo de muito longe. Ele sentiu um enorme peso sobre si. O odor desagradável de seu pelo sobrepunha-lhe os outros sentidos. *O que era?* Buscou dentro de sua mente e se trancou na imagem de um cão amarelo, lambendo o rosto de um menino na varanda assoalhada de uma cabana.

Acima dele, o céu ensolarado foi se descolorindo até se transformar em trevas.

Black Harris ouviu o tiro logo à frente, após uma curva no rio. Sua esperança era de que Glass tivesse acertado um veado. Ele prosseguiu, rápida mas

silenciosamente, consciente de que um tiro de rifle podia significar muitas coisas. Harris acelerou quando ouviu o urro de um urso. Logo, ouviu Glass gritar.

Nos salgueiros, Harris encontrou os rastos tanto do veado quanto os de Glass. Perscrutou o caminho aberto por um castor, escutando com atenção. Não ouviu qualquer som além da correnteza calma do rio. Harris sacou o rifle da cinta, o polegar no cão da arma e o indicador perto do gatilho. Olhou de relance a pistola no cinto, assegurando-se de que ela estava pronta para ser usada. Entrou no meio dos salgueiros, dando passos cautelosos, à medida que investigava à frente. A gritaria dos filhotes cortou o silêncio.

Ao entrar na clareira, Black Harris parou para assimilar a cena diante dele. Um enorme urso-cinzento jazia estatelado de bruços, os olhos abertos, embora estivesse morto. Um filhote estava de pé sobre as patas traseiras, pressionando a mãe com o focinho, inutilmente tentando evocar algum sinal de vida. O outro filhote fuçava alguma coisa, puxando com os dentes. Harris percebeu repentinamente que se tratava do braço de um homem. *Glass*. Ergueu o rifle e atirou no filhote mais próximo, que caiu flacidamente. O irmão galopou para os choupos e desapareceu. Harris recarregou a arma antes de prosseguir.

O capitão Henry e os outros homens da brigada ouviram os dois tiros e correram rio acima. O primeiro tiro não assustou o capitão, mas o segundo, sim. O primeiro era esperado — Glass ou Harris abatendo algum animal, como tinham planejado na noite anterior. Dois tiros em um espaço curto de tempo também seriam normais. Quando dois homens caçam juntos, podem se defrontar com mais de um alvo, ou então o primeiro atirador pode errar o tiro. No entanto, vários minutos separavam os dois tiros. O capitão alimentou a esperança de que os caçadores estivessem trabalhando separadamente. Talvez o primeiro atirador tivesse assustado a caça para o segundo. Ou talvez eles tivessem tido a sorte de encontrar um búfalo. Os búfalos às vezes ficam parados, ignorando o estrondo do tiro, o que permite que o caçador recarregue e atire novamente.

— Atenção, fiquem juntos. E verifiquem as armas.

Pela terceira vez nas últimas cem passadas, Bridger verificou o novo rifle que Will Anderson tinha lhe oferecido.

— Meu irmão não vai mais precisar disso — foi tudo o que ele dissera.

Na clareira, Black Harris olhou para baixo, na direção do corpo da ursa.

Apenas o braço de Glass se estendia por baixo dele. Harris espiou em volta antes de largar o rifle no chão e puxou a pata dianteira da ursa em uma tentativa de mover a carcaça. Com esforço, afastou o animal o suficiente para ver a cabeça de Glass, uma mistura ensanguentada de cabelo e carne. *Meu Deus!* Agiu com pressa, lutando contra o medo do que poderia encontrar.

Harris passou para o lado oposto da ursa, montando sobre ela para agarrar a pata dianteira, e a puxou, os joelhos escorados no corpo do animal para fazer uma alavanca. Após várias tentativas, conseguiu rolar a parte de cima da ursa, de modo que o gigantesco animal ficasse com o corpo torcido. Depois, puxou diversas vezes pela pata traseira. Empurrou mais um pouco e então a ursa tombou sobre as próprias costas. O corpo de Glass estava livre. Black Harris reparou no sangue coagulado no peito do animal, no local do tiro de Glass.

Harris se ajoelhou próximo a Glass, sem ter muita certeza sobre o que deveria fazer. Não era por falta de experiência em lidar com feridos. Já tinha retirado flechas e balas de três homens, e ele mesmo havia sido alvejado em duas ocasiões.

Porém, nunca vira tamanha carnificina logo depois de um ataque violento. Glass tinha sido rasgado dos pés à cabeça. O couro cabeludo pendia balançando para um lado, e Harris levou um momento para reconhecer os componentes que constituíam o rosto. O pior era o pescoço. As garras do urso tinham sulcado três traços profundos e distintos, começando no ombro e atravessando o pescoço. Mais um centímetro e as garras teriam seccionado a jugular de Glass. Mas, assim mesmo, tinham deixado o pescoço aberto, cortando músculos e expondo a garganta. As garras também cortaram a traqueia, e Harris observou, horrorizado, uma enorme bolha se formar no sangue que gotejava do ferimento. Foi o primeiro sinal claro de que Glass estava vivo.

Harris rolou Glass delicadamente para o lado a fim de examinar as costas. Nada restava da camisa de algodão. O sangue jorrava das perfurações profundas do pescoço e do ombro. O braço direito estava caído de uma maneira pouco natural. Do meio das costas até a cintura, as garras da ursa haviam deixado cortes profundos e paralelos. Eles lembravam a Harris os troncos de árvore onde os ursos marcavam território; mas estas marcas tinham sido cravadas na carne, não na madeira. Na parte posterior da coxa de Glass, o sangue gotejava pelas calças de camurça.

Harris não fazia ideia de por onde deveria começar e ficou quase aliviado que o ferimento no pescoço parecesse tão obviamente mortal. Ele puxou Glass por alguns metros até um local sombreado e coberto de grama e o acomodou de costas. Ignorando as bolhas na garganta, Harris se concentrou na cabeça. Glass merecia ao menos a dignidade de manter o próprio couro cabeludo. Harris despejou água do cantil, tentando lavar o máximo de sujeira possível. A pele estava tão solta que era quase como colocar um chapéu caído em um homem calvo. Harris pressionou o couro cabeludo contra o crânio de Glass, apertando a pele solta contra a testa e empurrando por trás da orelha. Eles poderiam costurar mais tarde, se Glass sobrevivesse.

Harris ouviu um som nos arbustos e sacou a pistola. O capitão Henry apareceu na clareira. Os homens, com ar sombrio, vinham em fila atrás dele, os olhos se movendo de Glass para o urso, de Harris para o filhote morto.

O capitão investigou a clareira, estranhamente entorpecido à medida que sua mente filtrava a cena no contexto do próprio passado. Balançou a cabeça e por um instante seus olhos, normalmente tão aguçados, não pareciam focalizar lugar algum.

— Ele está morto?

— Ainda não. Mas está estraçalhado. A traqueia foi cortada.

— Ele matou a ursa?

Harris anuiu.

— Quando cheguei, a ursa estava morta por cima dele. Com uma bala no coração.

— Mas não foi a tempo, não é mesmo? — Era Fitzgerald.

O capitão ajoelhou perto de Glass. Com os dedos sujos, cutucou a ferida no pescoço, na qual as bolhas continuavam a se formar cada vez que respirava. A respiração tinha ficado mais penosa, e um discreto assobio subia e descia junto com o peito de Glass.

— Alguém me arrume uma tira de pano limpo e água... E uísque, caso ele acorde.

Bridger deu um passo à frente, remexendo dentro de uma pequena mochila que trazia às costas. Retirou uma camisa de lã e entregou para Henry.

— Aqui, capitão.

O capitão fez uma pausa, hesitando em pegar a camisa do rapaz. Depois, ele a

apanhou e rasgou tiras do tecido grosso. Despejou o conteúdo de seu cantil no pescoço de Glass. O sangue foi lavado, sendo rapidamente substituído pelo líquido que emanava do ferimento. Glass começou a cuspir e a tossir. Seus olhos piscaram e depois se abriram, em pânico.

A primeira sensação de Glass foi de estar se afogando. Tossiu novamente tentando se livrar do sangue que inundava a garganta e os pulmões. Ele concentrou o olhar brevemente em Henry quando o capitão o girou. De lado, Glass conseguiu inspirar duas vezes antes de ser dominado por uma náusea. Ele vomitou, o que deu início a uma dor excruciante na garganta. Instintivamente, Glass tentou tocar o pescoço. O braço direito não respondia, mas a mão esquerda sentiu o ferimento profundo. Ele foi dominado pelo terror e pelo pânico com o que seus dedos descobriram. Seus olhos ficaram assustados, e ele procurou nos rostos ao seu redor algo que o tranquilizasse. Mas deparou-se com o oposto — uma terrível confirmação de seu medo.

Glass tentou falar, mas a garganta não conseguia produzir qualquer som que fosse mais do que um gemido lúgubre. Ele se esforçou para se erguer e se apoiar nos cotovelos. Henry o obrigou a ficar deitado no chão e derramou uísque em sua garganta. Uma dor que queimava substituiu todas as outras dores. Glass teve uma última convulsão e perdeu a consciência.

— Precisamos estancar esses sangramentos enquanto ele está desacordado. Corte mais tiras, Bridger.

O rapaz começou a rasgar longas tiras da camisa. Os outros homens observavam com expressão solene, como se fossem carregadores de esquife em um funeral.

O capitão olhou para cima.

— Todos vocês, saiam daqui. Harris, faça o reconhecimento de um raio amplo à nossa volta. Quero que se certifique de que esses tiros não chamaram atenção de nossa presença. Mantenham as fogueiras acesas, e usem madeira seca. Não queremos o menor sinal de fumaça. E retalhem aquele urso.

Os homens se afastaram, e o capitão se voltou novamente para Glass. Apanhou uma das tiras de pano de Bridger e a amarrou por trás do pescoço de Glass, apertando o máximo que conseguiu. Fez o mesmo com mais duas tiras. Instantaneamente, os panos se encharcaram de sangue. Ele enrolou outra tira ao redor da cabeça de Glass, em um esforço grosseiro de manter o couro cabeludo

no lugar. Os ferimentos da cabeça também sangravam sem parar, e o capitão usava água e a camisa para limpar o sangue que molhava a região em volta dos olhos de Glass. Ele mandou Bridger até o rio para reabastecer o cantil de água.

Quando Bridger voltou, os dois giraram Glass de lado. Bridger o sustentou, mantendo o rosto do ferido afastado do solo, enquanto o capitão Henry inspecionava as costas. Henry despejou água nas perfurações feitas pelas presas do animal. Embora profundas, sangravam muito pouco. Já as cinco feridas paralelas produzidas pelas garras da ursa eram outra história. Dois dos cortes eram especialmente profundos, expondo o músculo e sangrando sem parar. A sujeira se misturava ao sangue, e o capitão novamente entornou o cantil nelas. Sem a sujeira, as feridas pareciam sangrar ainda mais; por isso, o capitão não mexeu mais nelas. Cortou duas longas tiras de pano, envolveu o corpo de Glass com elas e as apertou firmemente. Não funcionou. As tiras mal conseguiam conter o sangramento.

O capitão parou para refletir.

— Esses cortes profundos precisam ser costurados ou então ele vai sangrar até a morte.

— E o pescoço?

— Tenho que costurar também, mas está tão feio que nem sei por onde começar.

Henry mexeu em sua bolsa e tirou uma agulha grossa e uma áspera linha preta.

Os dedos grossos do capitão trabalhavam com surpreendente agilidade ao passar a agulha com a linha e arrematar com um nó. Bridger mantinha próximas as extremidades do ferimento mais profundo e observava, de olhos arregalados, Henry enfiar a agulha na pele de Glass. Ele costurou de um lado a outro, quatro pontos segurando a pele. Depois deu um nó nas pontas da linha. Dos cinco ferimentos nas costas de Glass produzidos pelas garras, dois eram bastante profundos e necessitavam de suturas. O capitão não se dava o trabalho de costurar o ferimento inteiro. Apenas prendia o meio; mas com isso o sangramento diminuiu.

— Agora, vamos olhar o pescoço.

Viraram Glass de costas mais uma vez. Apesar das faixas de pano, a garganta continuava a fazer bolhas e assobiar. Por baixo da pele aberta, Henry podia ver a

cartilagem de um branco brilhante da goela e da traqueia. Pelas bolhas, ele sabia que a traqueia estava cortada ou perfurada, mas não fazia ideia de como repará-la. Colocou a mão sobre a boca de Glass, para sentir a respiração.

— O que o senhor vai fazer, capitão?

O capitão deu outro nó na linha.

— Ele ainda tem ar saindo pela boca. A melhor coisa que podemos fazer é fechar a pele e esperar que o resto cicatrize sozinho.

Com pontos a intervalos de dois centímetros, Henry suturou o pescoço de Glass, a fim de fechá-lo. Bridger limpou um espaço no chão à sombra dos salgueiros e preparou o saco de dormir de Glass. Eles o colocaram ali, com o máximo de delicadeza possível.

O capitão pegou o rifle e se afastou da clareira, atravessando os salgueiros em direção ao rio.

Quando chegou à beira da água, apoiou o rifle na margem e tirou a túnica de couro. Suas mãos estavam cobertas de sangue pegajoso, e ele as afundou na água. Como algumas partes continuavam sujas, escavou um pouco de areia da margem e esfregou nas manchas. No final, desistiu; com as mãos em concha, levou a água gelada até o rosto barbado. As dúvidas de sempre voltavam a atormentá-lo. *Está acontecendo de novo.*

Não era de surpreender que os menos experientes sucumbissem à vida selvagem, mas era chocante que as vítimas fossem os veteranos. Como Drouillard, Glass passara anos na região das fronteiras. Ele era uma rocha, dando estabilidade aos outros com sua presença tranquila. E Henry sabia que ele estaria morto na manhã seguinte.

O capitão meditou sobre a conversa que tivera com Glass na noite anterior. *Será que foi mesmo há tão pouco tempo?* Em 1809, a morte de Drouillard representou o começo do fim. O grupo de Henry abandonou o cerco no vale de Three Forks e fugiu para o sul. O deslocamento os colocou fora do alcance dos blackfeet, mas não os protegeu das condições inóspitas das Montanhas Rochosas. O grupo suportou um frio gélido, a quase inanição e roubos por parte dos crows. Quando finalmente conseguiram, com dificuldade, atravessar as montanhas, em 1811, a viabilidade do comércio de peles permanecia uma questão incerta.

Mais de uma década depois, Henry se encontrou novamente na posição de

liderar caçadores de peles em busca da riqueza ardilosa das Montanhas Rochosas. Henry repassou mentalmente as páginas de seu passado recente: uma semana depois de deixar St. Louis, perdeu um barco de transporte com dez mil dólares em mercadorias. Os blackfeet mataram dois de seus homens perto das Great Falls do Missouri. Ele se apressou em socorrer Ashley na aldeia dos arikaras, participou da derrocada do coronel Leavenworth e em seguida viu os arikaras fecharem o Missouri. Em uma semana de viagem seguindo o Grand por via terrestre, três de seus homens foram mortos por mandans, índios normalmente pacíficos que os atacaram por engano à noite. Agora Glass, seu melhor caçador, jazia mortalmente ferido após dar de cara com um urso-cinzento. *Que pecado cometi para merecer essa praga?*

———

Na clareira, Bridger cobriu Glass e se afastou para olhar a ursa. Quatro homens trabalhavam no retalho do animal. As melhores partes — fígado, coração, língua, lombo e costelas — foram separadas para consumo imediato. Eles cortaram o restante em tiras finas e esfregaram sal.

Bridger caminhou até a pata da ursa e tirou a faca da bainha. Fitzgerald, que trabalhava a carne do animal, levantou os olhos no momento em que Bridger começou a cortar a garra maior da pata. O rapaz ficou impressionado com o tamanho — quase quinze centímetros de comprimento e o dobro da espessura de seu polegar. Era uma navalha afiada na ponta e ainda tinha sangue do ataque a Glass.

— Quem disse que a garra é sua, garoto?

— Não é para mim, Fitzgerald.

Bridger pegou a garra e caminhou até onde estava Glass. A bolsa do homem estava caída ao seu lado. Bridger a abriu e jogou a garra dentro.

Os homens se empanturraram por horas naquela noite, os corpos ávidos pelos ricos nutrientes da carne gordurosa. Eles sabiam que passariam dias sem comer carne fresca de novo e aproveitaram o banquete. O capitão Henry selecionou duas sentinelas. Apesar do relativo isolamento da clareira, estava preocupado com as fogueiras.

A maioria dos homens ficava sentada perto do fogo, tomando conta dos

espetos carregados de carne. O capitão e Bridger se revezavam em verificar a situação de Glass. Por duas vezes ele abriu os olhos, desfocados e embaçados; ambos refletiam a luz do fogo, mas não pareciam irradiar nenhum brilho interno. Uma vez ele conseguiu engolir água, com uma convulsão dolorosa.

Eles alimentaram o fogo nas covas retangulares com frequência, de modo a manter o calor e a fumaça nos espetos da carne que defumava. Logo antes do amanhecer, o capitão Henry verificou a condição de Glass e o encontrou inconsciente. Ele respirava com dificuldade, como se cada inspiração exigisse a soma integral de suas forças.

Henry voltou para perto da fogueira e encontrou Black Harris roendo uma costela.

— Podia ter sido qualquer um, capitão... Dar de cara com um monstro desses. Não dá para explicar a falta de sorte.

Henry simplesmente balançou a cabeça. Ele conhecia bem a sorte. Por um tempo, ficaram sentados em silêncio, enquanto um brilho quase imperceptível a leste no horizonte trazia o primeiro indício de que outro dia nascia. O capitão apanhou o rifle e a pólvora.

— Vou voltar antes que o sol esteja alto. Quando os homens acordarem, escolha dois para cavar uma cova.

O capitão retornou uma hora mais tarde. Já haviam iniciado a cova, mas aparentemente o trabalho tinha sido abandonado. Ele olhou para Harris.

— Qual é o problema?

— Bem, capitão... para começar, ele não morreu. Não parecia certo cavar o túmulo com ele deitado ali.

Esperaram a manhã toda que Hugh Glass morresse. Ele não recuperou a consciência em nenhum momento. Sua pele estava descorada devido à perda de sangue, e sua respiração continuava penosa. Ainda assim, seu peito subia e descia, cada respiração teimosamente seguida de outra.

O capitão Henry caminhava entre a clareira e o riacho e, no meio da manhã, mandou Black Harris vasculhar rio acima. O sol estava a pino quando Harris retornou. Ele não tinha visto índios, mas numa trilha de caça na margem oposta havia rastos de homens e cavalos. Cerca de três quilômetros rio acima, encontrara um acampamento abandonado. O capitão não podia esperar mais.

Mandou que dois homens cortassem rebentos de árvores. Com o saco de

dormir de Glass, eles poderiam construir uma maca.

— Por que não usamos a mula para puxar a maca, capitão?

— O terreno às margens do rio é irregular demais para puxar isso.

— Então, vamos nos afastar do rio.

— Construam a merda da maca — retrucou o capitão.

O rio era a única referência em um terreno desconhecido. Harry não tinha intenção alguma de se desviar um centímetro que fosse de suas margens.

QUATRO

28 DE AGOSTO DE 1823

UM A UM, os homens chegaram até o obstáculo e pararam. O rio Grand fluía diretamente para a superfície íngreme de um penhasco de arenito, que forçava o rio a contorná-la. As águas faziam um redemoinho e criavam uma piscina perto do paredão antes de se espalharem para a margem oposta. Bridger e Porco chegaram por último, trazendo Glass com eles. Colocaram a maca no chão. Porco desabou sobre as nádegas, ofegante, a camisa manchada por causa do suor.

Cada um dos homens que se aproximava olhava para cima, avaliando rapidamente as duas opções para prosseguir. Uma era escalar a superfície íngreme do penhasco. Era possível, mas as mãos seriam tão necessárias quanto os pés. Tinha sido esse o caminho escolhido por Black Harris quando ele passara ali duas horas antes deles. Conseguiam distinguir seus rastos e o galho partido do arbusto em que ele havia se agarrado para tomar impulso. Evidentemente nem os carregadores da maca nem a mula seriam capazes de escalar o aclive.

A alternativa era atravessar o rio. A margem oposta era nivelada e convidativa, mas o problema era chegar lá. A piscina criada pela barragem parecia ter pelo menos um metro e meio de profundidade, e a corrente fluía com velocidade. A diferença de coloração na água lá pelo meio do rio marcava o local onde o fluxo ficava mais raso. Dali seria fácil passar para o outro lado. Um homem com bom equilíbrio poderia manter os pés na parte mais funda, segurando o rifle e a pólvora acima da cabeça; os menos coordenados poderiam cair, mas certamente conseguiriam nadar alguns poucos metros até a parte rasa.

Fazer com que a mula atravessasse o rio não era problema. O apreço do animal pela água era tão conhecido que os homens a chamavam de “Pata”. No final do dia, a mula costumava ficar por horas imersa na água até a altura de sua barriga caída. Na verdade, era esse gosto peculiar que a protegia de ser furtada pelos mandans com o restante de sua carga. Enquanto os outros animais

pastavam ou dormiam às margens do rio, Pata ficava de pé nas águas rasas sobre um banco de areia. Quando os bandidos tentavam pegá-la, ela se prendia com firmeza na lama. No final, era necessária metade do grupo para retirá-la dali.

Então, o problema não era a mula. O problema, obviamente, era Glass.

Seria impossível cruzar o rio segurando a maca acima da água.

O capitão Henry ponderou sobre suas opções, amaldiçoando Harris por não ter deixado um sinal para que atravessassem em algum ponto anterior. Eles tinham passado por um vau fácil de cruzar mais ou menos um quilômetro e meio rio abaixo. Ele detestava separar os homens, mesmo por algumas horas, mas parecia estúpido fazer com que todos dessem meia-volta.

— Fitzgerald, Anderson: é a vez de vocês carregarem a maca. Bernot: você e eu voltamos com eles até o local onde é mais fácil atravessar o rio. Todos os outros podem cruzar aqui mesmo e nos esperar.

Fitzgerald encarou o capitão, resmungando alguma coisa.

— Disse alguma coisa, Fitzgerald?

— Fui contratado para caçar, capitão. Não para ser mula.

— Você vai ter o seu turno como todo mundo.

— E vou dizer o que todo mundo tem medo de falar na sua cara. Todo mundo aqui está se perguntando se o senhor pretende arrastar este cadáver por todo o caminho até o Yellowstone.

— Pretendo fazer por ele o que eu faria por você ou por qualquer outro homem desta brigada.

— O que o senhor faria por nós seria cavar nossa cova. Quanto tempo acha que vamos ter que desfilar por este vale antes de dar de cara com algum bando de caçadores? Glass não é o único homem em nosso grupo.

— Nem você — disse Anderson. — Fitzgerald não fala em meu nome, capitão. E aposto que não fala em nome de muitos outros também.

Anderson se encaminhou até a maca e colocou seu rifle próximo a Glass.

— Você vai me fazer arrastá-lo?

Por três dias eles carregaram Glass. As margens do rio Grand se alternavam entre um banco de areia e pedras amontoadas. Aglomerados esparsos de choupos

davam lugar, no ponto mais alto das águas, aos graciosos galhos dos salgueiros, sendo que alguns chegavam a três metros de altura. As ribanceiras os forçavam a escalar, cavidades imensas nas quais a erosão removera a terra com a precisão de um cutelo. Eles se movimentavam ao redor de emaranhados de detritos empilhados pela correnteza — montículos de pedras, galhos entrelaçados e até árvores inteiras, cujos troncos descorados pelo sol eram polidos como vidro por causa da ação da água e das pedras que batiam contra eles. Quando o terreno ficava excessivamente acidentado, os homens atravessavam o rio para continuar do outro lado, o couro molhado aumentando o peso de sua carga.

O rio era uma estrada nas planícies, e os homens de Henry não eram os únicos viajantes em suas margens. Eram numerosos os sinais de trilhas e de acampamentos abandonados. Por duas vezes, Black Harris avistara grupos de caçadores. Como estavam a uma distância considerável, tinha sido impossível determinar se eram sioux ou arikaras, ainda que ambas as tribos representassem perigo. Os arikaras eram inimigos incontestáveis desde a batalha no Missouri. Os sioux foram aliados naquela batalha, mas não se sabia de que lado estariam agora. Com apenas dez homens em condições, o pequeno grupo de caçadores de peles oferecia pouca defesa a possível um ataque. Ao mesmo tempo, suas armas, armadilhas e até a mula eram alvos atraentes. Uma emboscada era um perigo constante, e eles só contavam com as habilidades de rastreamento de Black Harris e do capitão Henry para guiá-los com segurança.

Um território para ser percorrido rapidamente, pensava o capitão. Mas o que fizeram foi percorrê-lo lenta e penosamente, com o ritmo pesado de uma procissão fúnebre.

Glass recuperava e perdia a consciência, embora não houvesse muita diferença entre os dois períodos. De vez em quando, conseguia beber água, mas os ferimentos na garganta impediam qualquer possibilidade de ingerir alimento sólido. Por duas vezes a maca tombou, e Glass caiu no chão. Na segunda queda, dois pontos da garganta se romperam. Eles tiveram que parar durante um tempo para que o capitão suturasse novamente o pescoço de Glass, agora vermelho e infeccionado. Ninguém se dava o trabalho de examinar as outras feridas. De todo modo, havia muito pouco a fazer no caso delas. Tampouco Glass poderia protestar. A garganta ferida o deixava mudo; o único som que emitia era o patético assobio de sua respiração.

No final do terceiro dia chegaram à confluência de um pequeno riacho com o Grand. Quatrocentos metros acima, Black Harris encontrara uma nascente, cercada por um vasto aglomerado de pinheiros. Era um local ideal para acampar. Henry enviou Anderson e Harris para caçarem algum alimento.

A nascente era mais um gotejamento do que uma fonte, mas suas águas geladas eram filtradas pelas pedras cheias de musgo e coletadas em um reservatório limpo. O capitão Henry se inclinou para beber enquanto pensava na decisão que tinha acabado de tomar.

Estimava que tivessem percorrido apenas sessenta quilômetros nos três dias em que transportaram Glass. Deveriam ter feito o dobro dessa distância, ou mais. Embora Henry acreditasse que estavam fora do território dos arikaras, todo dia Black Harris encontrava mais sinais dos sioux.

Além de sua preocupação sobre onde estavam, Henry se inquietava em relação a onde deveriam estar. Mais do que tudo, temia chegar tarde demais a Yellowstone. Sem contar com umas duas semanas para preparar um bom suprimento de carne, o grupo inteiro estaria correndo risco. O clima do final de outono era tão caprichoso quanto a mão de um jogo de cartas. Poderiam encontrar tanto um calor extremo marcando o fim do outono quanto os ventos uivantes de uma nevasca prematura.

À parte a segurança física dos homens, Henry sentia uma imensa pressão para obter sucesso comercial. Com sorte, algumas semanas de caçada no outono, junto a algumas negociações comerciais com os índios, e eles poderiam obter o suficiente para justificar o envio de um ou dois homens rio abaixo.

O capitão adorava imaginar o efeito de se ver uma embarcação carregada de peles chegando a St. Louis em um dia ensolarado de fevereiro. As histórias sobre o seu êxito no Yellowstone ganhariam as manchetes do *Missouri Republican*. A imprensa traria novos investidores. Ashley poderia negociar a injeção de capital para uma nova expedição de caça de peles até o início da primavera. Henry se vislumbrava liderando, até o final do verão, uma rede de caçadores de peles acima e abaixo do Yellowstone. Com um número razoável de homens e bens para trocas comerciais, talvez ele pudesse até pagar a paz junto aos blackfeet e voltar a caçar nos vales repletos de castores de Three Forks. No inverno seguinte, seriam necessárias grandes barcas para transportar a quantidade de peles que iriam coletar.

Tudo, porém, dependia de tempo. Chegar ao local pretendido primeiro, e com força total. Henry sentia a pressão da concorrência por todos os lados.

Do norte, a Companhia British North West tinha estabelecido postos ao sul até as aldeias dos mandans. A British também dominava o litoral ocidental, a partir do qual agora se embrenhavam para o interior ao longo do rio Columbia e seus afluentes. Circulavam rumores de que os caçadores da British tinham penetrado um bom caminho floresta adentro, chegando aos rios Snake e Green.

Do sul, diversos grupos se espalhavam em direção ao norte a partir de Taos e Santa Fé: a Companhia de Peles Columbia, a Companhia de Peles French, a Stone-Bostwick & Company.

A concorrência mais evidente de todas vinha do leste, da própria cidade de St. Louis. Em 1819, o exército dos Estados Unidos iniciara sua "Expedição Yellowstone", com o objetivo declarado de ampliar o comércio de peles. Embora fosse extremamente limitada, a presença do exército encorajava os empreendedores que estavam ansiosos para entrar nesse ramo. A Companhia de Peles Missouri, de Manuel Lisa, iniciou o comércio no rio Platte. John Jacob Astor ressuscitou os restos de sua Companhia de Peles American, retirada do Columbia pelos britânicos na guerra de 1812, estabelecendo uma nova sede em St. Louis. Todas competiam por recursos limitados em termos de capital e de homens.

Henry deu uma espiada em Glass, deitado na maca à sombra dos pinheiros. Ele nunca retomara a tarefa de costurar de modo apropriado o couro cabeludo de Glass, que ainda repousava por mero acaso em cima de sua cabeça, preto arroxeado em volta das extremidades onde o sangue coagulado agora o mantinha no lugar, uma coroa grotesca em um corpo estraçalhado. O capitão mais uma vez experimentou uma mescla de sentimentos opostos: solidariedade e raiva, ressentimento e culpa.

Ele não podia responsabilizar Glass pelo ataque. Aquela ursa foi apenas um perigo em seu caminho, um dentre muitos. Quando o grupo deixou St. Louis, Henry sabia que alguns homens poderiam morrer. O corpo ferido de Glass simplesmente enfatizava o precipício em que cada um deles caminhava todos os dias. Henry considerava Glass seu melhor homem, a melhor mistura de experiência, atitude e habilidades. Os outros, talvez com exceção de Black Harris, ele via como subordinados. Eram mais jovens, mais estúpidos, mais

fracos, menos experientes. Mas o capitão Henry via Glass como um de seus pares. Se algo estava acontecendo com Glass, poderia acontecer com qualquer um; poderia acontecer com ele. O capitão se afastou do moribundo.

Ele sabia que a liderança exigia que tomasse decisões difíceis para o bem do grupo como um todo. Sabia que essas regiões inexploradas respeitavam — exigiam — a independência e a autossuficiência acima de tudo. Não havia leis a oeste de St. Louis. No entanto, os indivíduos impetuosos que constituíam a sua comunidade estavam unidos por uma teia estreita de responsabilidade coletiva. Embora não houvesse uma lei escrita, todos seguiam um incipiente código de conduta, aderindo a um pacto que transcendia seus interesses pessoais. Tinha uma profundidade bíblica, e sua importância crescia a cada passo dado no coração daquela região inóspita. Quando surgia a necessidade, um homem estendia a mão para ajudar os amigos, os parceiros, os estranhos. Com essa atitude, cada um deles sabia que a própria sobrevivência poderia depender um dia da mão de outrem.

As vantagens desse código pareciam diminuir à medida que o capitão lutava para aplicá-lo ao caso de Glass. *Mas eu não fiz o melhor que pude por ele?* Cuidando de seus ferimentos, transportando-o, esperando respeitosamente que ele pudesse ter um funeral civilizado. Por meio das decisões de Henry, o grupo tinha subordinado suas necessidades coletivas às necessidades de um único homem. Era a coisa certa a fazer, mas não poderia ser sustentada. Não aqui.

O capitão tinha pensado em simplesmente abandonar Glass. De fato, era tão grande o sofrimento do homem que Henry chegou a pensar se deveriam enfiar uma bala na cabeça dele e dar logo um fim à sua desgraça. Rapidamente se desfez de qualquer ideia de matar Glass, mas imaginou se conseguiria de alguma forma se comunicar com o homem ferido, fazê-lo entender que não poderia mais arriscar o grupo inteiro. Poderiam encontrar um abrigo para ele, deixá-lo com uma fogueira, armas e provisões. Se sua condição melhorasse, então ele iria se juntar ao grupo no Missouri. Conhecendo Glass, o capitão suspeitava que seria isso que o homem ferido pediria se conseguisse falar. Certamente ele não iria arriscar a vida dos outros homens.

Ainda assim, o capitão Henry não era capaz de tomar as providências para deixar o homem ferido para trás. Não houvera qualquer conversa coerente com Glass desde o ataque do urso; por isso, era impossível saber ao certo seus

desejos. Na ausência de uma orientação clara, não faria suposições. Ele era o líder, e Glass, sua responsabilidade.

Mas os outros homens também são minha responsabilidade. Assim como o investimento de Ashley. Assim como sua família, que ficara em St. Louis, uma família que vinha esperando havia mais de uma década pelo sucesso comercial que parecia sempre tão distante quanto as próprias montanhas.

Nessa noite, os homens da tropa se reuniram em volta das três pequenas fogueiras. Eles tinham carne fresca para defumar, um filhote de búfalo, e a proteção dos pinheiros lhes dava uma confiança maior para acender as fogueiras. A noite de final de agosto refrescou rapidamente após o pôr do sol: não era um frio propriamente dito, mas um lembrete de que uma mudança de estação espreitava logo após o horizonte.

O capitão se levantou para se dirigir aos homens, uma formalidade que prenunciava a gravidade do que iria dizer.

— Precisamos seguir mais depressa. Preciso de dois voluntários para ficarem com Glass. Permanecer com ele aqui até sua morte, dar a ele um funeral apropriado e depois nos alcançar. A Companhia de Peles Montanhas Rochosas vai pagar setenta dólares pelo risco de ficar para trás.

Um graveto estalou com o fogo, catapultando faíscas contra o céu daquela noite clara. Afora isso, o acampamento caiu em silêncio enquanto os homens ponderavam sobre a situação e a oferta. Era assustador pensar na morte de Glass, embora também fosse inevitável. Um francês chamado Jean Bernot fez o sinal da cruz. A maioria simplesmente olhava fixamente para o fogo.

Ninguém disse uma palavra por um longo tempo. Todos pensavam no dinheiro. Setenta dólares era mais do que um terço da remuneração do ano todo. Analisando sob o frio ponto de vista da economia, Glass certamente iria morrer muito em breve. Setenta dólares para sentar em uma clareira durante poucos dias, depois uma semana de caminhada árdua para alcançar a tropa. É óbvio que todos sabiam do verdadeiro risco de ficar para trás. Dez homens constituíam um número muito pequeno para deter um ataque. Dois não representavam nada. Se eles fossem encontrados por um bando de guerreiros... Setenta dólares não comprariam nada se você estivesse morto.

— Eu fico com ele, capitão.

Os outros homens se viraram, surpresos em ver que Fitzgerald se apresentava

como voluntário.

O capitão Henry, suspeitando dos motivos de Fitzgerald, não sabia muito bem como reagir.

Fitzgerald percebeu a hesitação.

— Não faço por amor, capitão. Estou fazendo por dinheiro, pura e simplesmente. Escolha outra pessoa se quiser alguém para mimar Glass.

O capitão Henry olhou ao redor do círculo irregular dos homens.

— Quem mais fica?

Black Harris jogou um graveto no fogo.

— Eu fico, capitão. — Glass tinha sido um amigo para Harris, e a ideia de deixá-lo com Fitzgerald não parecia correta.

Nenhum dos homens gostava de Fitzgerald. Glass merecia destino melhor.

O capitão balançou a cabeça:

— Você não pode ficar, Harris.

— Como assim, não posso ficar?

— Não pode. Sei que era amigo dele, então sinto muito. Mas preciso de você para fazer o reconhecimento do terreno.

Seguiu-se outro longo silêncio. A maior parte dos homens fitava o fogo, sem manter o foco. Um de cada vez, todos chegaram à mesma conclusão desconfortável: não valia a pena. O dinheiro não valia a pena. No final das contas, Glass não valia a pena. Não que não o respeitassem — até gostavam dele. Alguns, como Anderson, sentiam uma dívida adicional de gratidão, um senso de obrigação por antigos atos gratuitos de bondade. Seria diferente, pensou Anderson, se o capitão estivesse pedindo para defender a vida de Glass — mas não era essa a tarefa proposta. A proposta era esperar Glass morrer e depois enterrá-lo. Não valia a pena.

Henry começou a pensar se seria obrigado a confiar o trabalho apenas a Fitzgerald, quando de repente Jim Bridger se levantou desajeitado e disse:

— Eu fico.

Fitzgerald bufou com sarcasmo:

— Meu Deus, capitão! O senhor não pode me deixar aqui com um fedelho novato! Se Bridger ficar, é melhor me pagar em dobro para cuidar dos dois.

As palavras atingiram Bridger como um soco. Ele sentiu o sangue ferver de vergonha e raiva.

— Prometo, capitão, que vou fazer a minha parte.

Não era esse o resultado que o capitão esperava. Parte dele sentia que deixar Glass com Bridger e Fitzgerald não era muito diferente de abandoná-lo. Bridger mal tinha saído da infância. No último ano, que passara trabalhando para a Companhia de Peles Montanhas Rochosas, revelara-se honesto e capaz, mas não era páreo para Fitzgerald, que era um mercenário. Em todo caso, pensou o capitão, não foi essa a essência do rumo que ele escolheu? Ele não estava apenas comprando representantes, comprando substitutos para a responsabilidade coletiva do grupo? Para a sua própria responsabilidade? O que mais poderia fazer? Não havia alternativa.

— Está certo, então — disse o capitão. — Partimos ao raiar do dia.

CINCO

30 DE AGOSTO DE 1823

ERA A NOITE do segundo dia desde a partida do capitão Henry e do restante do grupo. Fitzgerald tinha mandado Bridger procurar lenha e estava sozinho com Glass no acampamento. O homem jazia perto de uma das fogueiras pequenas. Fitzgerald o ignorava.

Uma formação rochosa ficava no topo da ladeira íngreme acima da clareira. Pedregulhos maciços estavam posicionados sobre uma pilha de pedras, como se mãos titânicas as tivessem empilhado uma a uma e depois as pressionado.

De uma fenda entre duas das rochas maiores brotava um pinheiro solitário e retorcido. A árvore era do mesmo tipo dos pinheiros com troncos altos e eretos que as tribos locais usavam para suas tendas, mas a semente que lhe dera origem fora transportada para o alto, além do solo fértil da floresta embaixo. Um pardal a extraíra de uma pinha décadas antes, carregando-a para um ponto bem acima da clareira, e a deixara cair em uma fenda entre as rochas. Havia um pouco de terra na fenda, e a chuva ajudou na germinação. As rochas mantinham o calor durante o dia, compensando em parte a exposição do vegetal aflorando. Não havia um caminho direto para captar a luz do sol; assim, o pinheiro cresceu para os lados antes de crescer para cima, serpenteando para fora da fenda nas rochas até rumar para o céu. Alguns galhos retorcidos se estendiam do tronco deformado, cada um deles rematado por um tufo desordenado de galhos pontudos. Os troncos dos pinheiros cresciam retos como flechas, sendo que alguns chegavam a atingir quase vinte metros. Nenhum deles, porém, crescia além do pinheiro retorcido no topo da rocha.

Desde que o capitão e o restante do grupo tinham partido, a estratégia de Fitzgerald era simples: manter um estoque de carne-seca de modo que pudessem partir rapidamente após a morte de Glass; enquanto isso, ficar longe do acampamento o máximo possível.

Fitzgerald não confiava muito na posição em que estavam: distantes do rio

principal, próximos do riacho, que fluía na direção da clareira. Os restos carbonizados de acampamentos anteriores evidenciavam que outros grupos já tinham se beneficiado daquela nascente abrigada. Na realidade, Fitzgerald receava que a clareira fosse um local de acampamento muito conhecido. Mesmo que não fosse, as pegadas dos homens e da mula levavam até ali, a partir do rio. Seria inevitável um bando de caçadores ou de guerreiros encontrá-los caso se aproximassem da margem do rio Grand.

Fitzgerald fitou Glass com rancor. Tomado por uma curiosidade mórbida, havia examinado os ferimentos do homem no dia em que o grupo partira. As suturas no pescoço tinham se mantido no lugar desde a queda da maca, mas a área inteira estava vermelha, indicando infecção. As perfurações na perna e no braço pareciam estar cicatrizando, mas os cortes profundos nas costas estavam inflamados. Por sorte, Glass passava a maior parte do tempo inconsciente. *Quando é que o desgraçado vai morrer?*

Foi um caminho tortuoso que trouxe John Fitzgerald para a região das fronteiras, um caminho que começou com sua fuga de Nova Orleans em 1815, no dia seguinte ao que ele, em um ataque de fúria e bebedeira, esfaqueou uma prostituta até matá-la.

Fitzgerald crescera em Nova Orleans, fruto do casamento entre um marinheiro escocês com a filha de um comerciante cajun. O pai aportava ali uma vez por ano durante os dez anos do casamento, antes que seu navio naufragasse no Caribe. A cada visita a Nova Orleans, ele aumentava a família, deixando uma semente plantada no ventre fértil da mulher. Três meses depois de saber que o marido havia morrido, a mãe de Fitzgerald se casou com um idoso, dono de um armazém de secos e molhados, uma ação que percebeu como essencial para o sustento de todos. Sua decisão pragmática serviu bem à maioria dos filhos. Oito deles sobreviveram até a idade adulta. Os dois mais velhos assumiram o armazém quando o padrasto morreu. Quase todos os outros rapazes encontraram trabalhos honestos, e as moças se casaram com jovens de famílias de respeito. John se perdeu em algum ponto de sua trajetória.

Desde muito jovem, Fitzgerald demonstrou tanto um reflexo quanto uma

capacidade para atos de violência. Ele resolvia rapidamente as discussões em que se metia com um soco ou um chute e foi expulso da escola aos dez anos por ter enfiado um lápis na perna de um colega. Fitzgerald não se interessava pelo trabalho árduo do pai no mar, mas frequentava com satisfação o caos sórdido da zona portuária. Suas habilidades como lutador eram testadas e apuradas nas docas, onde passava os dias na adolescência. Aos dezessete anos, um barqueiro cortou-lhe o rosto em uma rixa de bar. O incidente o deixou com uma cicatriz em forma de gancho e um grande respeito em relação a instrumentos de corte. Desenvolveu um fascínio por facas, adquirindo uma coleção de punhais e escalpelos de uma ampla gama de tamanhos e formatos.

Quando tinha vinte anos, Fitzgerald se apaixonou por uma jovem prostituta de um bar da zona do porto, uma francesa chamada Dominique Perreau. Apesar do relacionamento com base em termos financeiros, Fitzgerald aparentemente não entendeu bem as reais implicações da profissão de Dominique. No dia em que deparou com ela exercendo seu ofício com o gordo capitão de um navio mercante, foi acometido de um ataque de fúria. Esfaqueou os dois antes de fugir para as ruas. Roubou oitenta e quatro dólares do armazém dos irmãos e comprou uma passagem em um barco que seguia para o norte pelo rio Mississippi.

Durante cinco anos, Fitzgerald se sustentou frequentando as tabernas de Memphis. Em troca de abrigo, comida e um pequeno salário, tomava conta de um estabelecimento conhecido por um nome que excedia suas reais condições: o Leão de Ouro. Sua função oficial de vigia do bar lhe dava algo que não possuía em Nova Orleans — autorização para ser violento. Retirava os clientes desordeiros com um prazer que surpreendia até mesmo a vulgar clientela da taberna. Por duas vezes, bateu tanto que quase chegou a matar os arruaceiros.

Fitzgerald possuía um pouco das habilidades matemáticas que transformaram seus irmãos em comerciantes bem-sucedidos e direcionava sua inteligência e aptidão para a jogatina. Durante algum tempo, contentou-se em esbanjar o parco estipêndio que recebia no bar. Depois, passou para apostas mais altas. Esses novos jogos exigiam mais dinheiro, e Fitzgerald não teve dificuldade em encontrar pessoas que lhe fizessem empréstimos.

Não muito tempo depois de pegar duzentos dólares emprestados com o dono de uma taberna concorrente, Fitzgerald acertou em cheio. Ganhou mil dólares no pôquer com um *full hand* de damas e dez, e passou a semana seguinte

comemorando na esbórnia. O lucro lhe insuflou uma falsa confiança em seus dotes como jogador, além de um apetite voraz por mais. Largou o emprego no Leão de Ouro e procurou tirar o sustento do carteado. Sua sorte mudou de direção abruptamente e, um mês depois, ele devia dois mil dólares a um agiota chamado Geoffrey Robinson. Ele fugiu de Robinson por diversas semanas, até que dois capangas do credor o apanharam e lhe quebraram o braço. Deram-lhe uma semana para pagar a dívida.

Em desespero, Fitzgerald encontrou um alemão chamado Hans Bangemann, que lhe emprestou o dinheiro para pagar a primeira dívida. Com os dois mil dólares na mão, porém, Fitzgerald teve uma epifania: fugiria de Memphis e recomeçaria em algum lugar diferente. Na manhã seguinte, subiu a bordo de outro barco em direção ao norte. Desembarcou em St. Louis no final do mês de fevereiro, em 1822.

Quando estava havia um mês na nova cidade, Fitzgerald soube que dois homens vinham fazendo perguntas, nas tabernas, sobre "um jogador com uma cicatriz no rosto". No pequeno mundo dos agiotas de Memphis, não levou muito tempo para Geoffrey Robinson e Hans Bangemann descobrirem o tamanho da traição de Fitzgerald. Cada um contribuiu com cem dólares e contrataram dois capangas para encontrar Fitzgerald, matá-lo e recuperar tanto dinheiro quanto possível. Não nutriam muita esperança de conseguir toda a quantia de volta, mas queriam realmente ver Fitzgerald morto. Ambos tinham reputação a zelar, e os rumores sobre seus planos correram por todas as tabernas de Memphis.

Fitzgerald estava encurralado. St. Louis era o posto de civilização mais avançado ao norte no Mississippi. Ele tinha medo de seguir para o sul, onde os problemas o aguardavam tanto em Nova Orleans quanto em Memphis. Naquele dia, ouviu um grupo de clientes animados em uma taberna conversando sobre um anúncio no *Missouri Republican*. Pegou o jornal e leu:

> Para jovens empreendedores. Contrataremos cem rapazes com a missão de subir o rio Missouri até sua fonte e ficar empregado lá por um, dois ou três anos. Para detalhes, entrar em contato com o capitão Henry, líder da missão, perto das minas de chumbo no condado de Washington.

Fitzgerald tomou uma decisão. Com o pouco que havia restado do dinheiro roubado de Hans Bangemann, comprou uma túnica de couro usada, mocassins e

um rifle. No dia seguinte se apresentou ao capitão Henry e requisitou uma vaga na tropa de caçadores de peles. Henry ficou desconfiado de Fitzgerald desde o início, mas não havia muita gente para selecionar. O capitão necessitava de cem homens e Fitzgerald parecia apto. Se ele já tinha participado de brigas com facas, melhor ainda. Um mês depois, Fitzgerald estava em um barco em direção ao norte, subindo o rio Missouri.

Embora seu real desejo fosse desertar da Companhia de Peles Montanhas Rochosas quando surgisse uma oportunidade, Fitzgerald tomou gosto pela vida na região das fronteiras. Descobriu que sua habilidade com facas se aplicava também a outras armas. Não tinha qualquer capacidade de rastrear o terreno como os verdadeiros lenhadores da tropa, mas era um excelente atirador. Com a paciência de um sniper, matou dois arikaras durante o cerco no Missouri. Muitos dos homens de Henry ficavam apavorados nas batalhas contra as várias tribos de índios. Fitzgerald, ao contrário, as achava divertidas, até excitantes.

———

Fitzgerald deu uma espiada em Glass, os olhos fixos no Anstadt repousando perto do homem ferido. Olhou em volta para se certificar de que Bridger não estava voltando e pegou o rifle. Acomodou-o no ombro e mirou para baixo. Ele adorava a maneira como a arma se aconchegava tão bem ao seu corpo, como era fácil e rápido encontrar o alvo, como a arma era leve e possibilitava uma mira certeira. Ele pulou de alvo para alvo, para cima e para baixo, até que o visor se voltou para Glass.

Uma vez mais, Fitzgerald pensou que o Anstadt logo seria seu. Eles não tinham comentado nada sobre o assunto com o capitão, mas quem merecia mais o rifle do que o homem que ficara para trás? Certamente sua reivindicação era melhor do que a de Bridger. Todos os caçadores admiravam o rifle de Glass. Setenta dólares era um pagamento baixo para o risco que corriam — Fitzgerald estava lá por causa do Anstadt. Uma arma como aquela não podia ser desperdiçada com um garoto. Além disso, Bridger estava bastante satisfeito com o rifle de William Anderson. Podia jogar alguma migalha para ele — a faca de Glass, talvez.

Fitzgerald refletiu sobre o plano que havia arquitetado desde que se

apresentara como voluntário para ficar com Glass, um plano que parecia mais atraente a cada hora que passava. *Que diferença um dia vai fazer para Glass?* Por outro lado, ele sabia exatamente o que um dia significava para suas perspectivas de sobrevivência.

Baixou o Anstadt. Uma camisa ensanguentada estava jogada perto da cabeça de Glass. *Pressione a camisa contra o rosto dele por uns minutos — então poderemos ir embora de manhã.* Olhou novamente para o rifle, sua coloração castanho-escura se destacando contra o tom alaranjado das folhas de pinheiro caídas. Pegou a camisa.

— Glass acordou? — Bridger estava próximo a ele, os braços cheios de lenha.

Fitzgerald levou um susto e hesitou por um momento.

— Meu Deus, garoto! Se você voltar a andar desse jeito dissimulado perto de mim, juro por Deus que vou fazer picadinho de você!

Bridger deixou a lenha cair e caminhou até Glass.

— Podemos tentar dar um pouco de caldo para ele.

— Ora, ora, muito bondoso da sua parte, Bridger. Entorne um pouco de caldo na goela dele e talvez ele dure uma semana em vez de mais um dia! Isso vai fazer você dormir melhor? O que você está pensando? Que se lhe der um pouco de sopa, ele vai se levantar e sair daqui andando?

Bridger ficou quieto por um minuto e depois disse:

— Você age como se quisesse que ele morresse.

— É claro que eu quero que ele morra! Olhe para ele. *Ele* quer morrer! — Fitzgerald fez uma pausa. — Você por acaso foi à escola, Bridger? — Fitzgerald sabia a resposta.

O rapaz fez que não com a cabeça.

— Então, vou dar uma pequena lição de matemática. O capitão Henry e o restante do pessoal provavelmente estão percorrendo quase uns cinquenta quilômetros por dia agora que não estão arrastando Glass. Vamos imaginar que nós seremos mais rápidos... Digamos, uns sessenta quilômetros. Você sabe quanto dá sessenta menos cinquenta, Bridger?

O rapaz o encarou sem entender.

— Vou dizer quanto dá. Dez. — Fitzgerald levantou os dedos das duas mãos debochadamente. — Isso tudo, garoto. Seja qual for a vantagem deles, nós só vamos fazer mais dez quilômetros por dia quando formos atrás. Eles já estão uns

cem quilômetros na nossa frente. São dez dias só para alcançar o grupo, Bridger. E isso se Glass morresse hoje e a nossa viagem começasse já. Dez dias para um bando de caçadores sioux nos encontrar. Você não entende? Cada dia que ficamos sentados aqui são mais três dias que ficamos sozinhos, os dois. Você vai ficar com uma aparência pior do que a de Glass quando os sioux acabarem com você, garoto. Já viu um homem escalpelado?

Bridger ficou em silêncio, embora já tivesse visto um homem escalpelado. Ele estava perto das Great Falls quando o capitão Henry trouxe para o acampamento os dois caçadores mortos, estraçalhados pelos blackfeet. Bridger se lembrava com nitidez dos corpos. O capitão tinha amarrado os dois com a barriga para baixo em uma mula. Quando ele cortou as amarras, os corpos caíram duros no chão. Os caçadores se juntaram ao redor deles, hipnotizados enquanto contemplavam os cadáveres mutilados dos homens que tinham visto no acampamento naquela mesma manhã. E não era só o couro cabeludo que estava faltando. O nariz e as orelhas tinham sido cortados, e os olhos, arrancados. Bridger se lembrava de que, sem o nariz, a cabeça de cada um deles parecia mais uma caveira do que um rosto. Os homens estavam nus, e também tiveram as partes íntimas cortadas. Havia uma linha forte marcando a exposição ao sol nos pescoços e nos pulsos. Acima da linha, a pele deles parecia vigorosa e marrom como o couro de uma sela, mas o restante do corpo estava branco como renda. Era quase engraçado. O tipo de coisa sobre a qual os homens fariam piada, se não fosse tão terrível. Obviamente ninguém riu. Bridger sempre pensava nisso quando tomava banho — que, por baixo da roupa, eles todos tinham essa pele branca como o leite, frágil como a de um bebê.

Bridger queria desesperadamente desafiar Fitzgerald, mas era incapaz de articular uma réplica. Não por falta de palavras, desta vez, mas por falta de motivos. Era fácil condenar a motivação de Fitzgerald — ele próprio dissera que era o dinheiro. Mas Bridger pensava: qual seria sua própria motivação? Não era dinheiro. Os números se misturavam todos em sua cabeça, e seu salário normal era mais dinheiro do que ele já vira. Bridger gostava de acreditar que fora motivado por um sentimento de lealdade, fidelidade a um companheiro de brigada. Certamente respeitava Glass, que tinha sido muito bom para ele, cuidando dele com pequenos atos, treinando-o, defendendo-o em situações constrangedoras. Bridger reconhecia que tinha uma dívida para com Glass, mas

até onde ela iria?

O rapaz se lembrou dos olhares de surpresa e admiração dos homens quando ele se apresentou como voluntário para ficar com Glass. Que contraste em relação à raiva e ao desprezo naquela terrível noite em que tivera o posto de sentinela! Lembrou-se dos tapinhas que o capitão tinha dado em seu ombro quando o grupo partiu, e como esse simples gesto tinha lhe incutido uma sensação de participar daquilo, como se pela primeira vez ele merecesse um lugar em meio àqueles homens. Não era por isso que estava ali na clareira? Para aliviar seu orgulho ferido? Não para tomar conta de outro homem, mas para tomar conta de si mesmo? Será que ele não era exatamente como Fitzgerald, aproveitando-se da desgraça de outro homem? Podiam dizer o que fosse de Fitzgerald, mas pelo menos ele era honesto o suficiente para admitir o motivo que o levara a ficar para trás.

SEIS

31 DE AGOSTO DE 1823

SOZINHO NO ACAMPAMENTO, na manhã do terceiro dia, Bridger passou muitas horas consertando os mocassins esburacados por causa das longas caminhadas. Como consequência, seus pés estavam arranhados e machucados, e o rapaz gostou de ter uma oportunidade de fazer aquilo. Cortou um pedaço de couro cru deixado para trás pelos companheiros, fez furos rodeando as extremidades e substituiu as solas com o novo pedaço de couro. Os pontos estavam irregulares, mas apertados.

Enquanto examinava o próprio trabalho no sapato, Bridger fitou Glass. Moscas sobrevoavam suas feridas, e Bridger percebeu que os lábios dele estavam ressecados e rachados. Questionou-se novamente se estava em um patamar moral mais elevado que o de Fitzgerald. Encheu sua grande caneca de estanho com água fria da nascente e a levou até a boca de Glass. A umidade desencadeou uma reação inconsciente, e Glass começou a beber.

Bridger ficou decepcionado quando Glass terminou. Era bom se sentir útil. O rapaz o encarou. Fitzgerald estava certo, obviamente. Não havia dúvida de que Glass morreria. *Mas eu não devo fazer o melhor que puder por ele? Pelo menos dar algum conforto nas horas finais?*

A mãe de Bridger conseguia extrair propriedades de cura de qualquer planta. Muitas vezes ele desejara ter prestado mais atenção a quando ela voltava da mata, a cesta repleta de flores, folhas e casca de árvore. Ele sabia um pouco do básico e, no final da clareira, encontrou o que estava procurando: um pinheiro com a resina pegajosa escorrendo como melaço. Usou sua faca de esfolar enferrujada para raspar a resina até a lâmina estar lambuzada com uma boa quantidade dela. Voltou e se ajoelhou perto de Glass. Concentrou-se primeiro nos ferimentos da perna e do braço, as perfurações profundas feitas pelas presas da ursa. Ainda que as áreas circundantes continuassem escuras e azuladas, a pele em si parecia estar se curando. Com o dedo, Bridger aplicou resina em todas as

feridas e nas áreas ao redor.

Em seguida, virou Glass de lado, para examinar as costas. As suturas precárias tinham se arrebentado na queda da maca, e havia sinais de sangramento recente. Ainda assim, não era o sangue que dava um brilho escarlate às costas de Glass. Era uma infecção. Os cinco cortes paralelos se estendiam quase pelas costas inteiras. Havia pus amarelado no centro das feridas, e as extremidades tinham uma coloração vermelho-fogo. O odor lembrava leite azedo. Inseguro sobre como proceder, ele simplesmente lambuzou a área toda com a resina de pinheiro, tendo retornado duas vezes ao local das árvores para coletar mais.

Por último, Bridger se voltou para os ferimentos do pescoço. Os pontos que o capitão costurara permaneciam no lugar, ainda que, para o rapaz, parecessem servir apenas para esconder a carne viva por baixo da pele. Persistia o assobio ofegante, resultado da respiração inconsciente de Glass, como o chacoalhar de uma máquina com as partes internas quebradas e soltas. Bridger se encaminhou novamente para os pinheiros, dessa vez para procurar uma árvore com a casca se soltando. Quando encontrou o que queria, usou a faca para tirar a casca externa. A parte interna, mais macia, ele juntou no chapéu.

Bridger encheu a caneca novamente com água da nascente e a colocou sobre o fogo. Quando ferveu, acrescentou a casca de pinheiro, misturando tudo com a ponta da bainha da faca. Ficou mexendo até que o líquido se tornasse espesso, com consistência de lama. Esperou que o emplastro esfriasse um pouco e o aplicou no pescoço de Glass, apertando a mistura contra as feridas e espalhando até o ombro. Então, foi até seus poucos pertences e apanhou o que restava da camisa de reserva. Usou o pano para cobrir a emplastro, levantando a cabeça de Glass de forma a poder dar um nó firme atrás do pescoço.

Bridger apoiou a cabeça do ferido delicadamente no chão, e ficou surpreso ao se ver diante dos olhos abertos de Glass. Eles queimavam com intensidade e lucidez, de forma a contrastar com o corpo devastado. Bridger o encarou, tentando discernir a mensagem que Glass tentava transmitir. *O que ele está dizendo?*

Glass encarou o rapaz por um minuto antes de deixar seus olhos se fecharem. Em seus fugidios momentos de consciência, experimentava uma sensibilidade ampliada, como se de repente ficasse ciente do funcionamento secreto de seu corpo. O trabalho do rapaz forneceu um alívio superficial. A ligeira ardência da

resina tinha uma qualidade medicinal, e o calor do emplastro ofereceu um significativo conforto na garganta. Ao mesmo tempo, Glass sentia que seu corpo estava reunindo forças para outra batalha, decisiva. Não na superfície, mas nas profundezas de seu organismo.

No momento em que Fitzgerald retornou ao acampamento, as sombras do final da tarde se estendiam, atingindo o brilho gradual do início da noite. Ele vinha carregando uma corça sobre o ombro. Tinha preparado o animal, retirando suas entranhas e fazendo uma fenda em seu pescoço. Deixou a corça cair perto de uma das fogueiras. O animal aterrissou numa forma pouco natural, bem diferente da graciosidade que exibia quando estava vivo.

Fitzgerald reparou nos cuidados dispensados aos ferimentos de Glass. Seu rosto ficou tenso.

— Você está perdendo tempo com ele. — Fez uma pausa. — Eu não me importaria nem um pouco com isso, só que você está desperdiçando meu tempo também.

Bridger ignorou o comentário, embora sentisse o sangue subir até o rosto.

— Quantos anos você tem, garoto?

— Vinte.

— Mentiroso de merda. Você não consegue nem falar sem desafinar. Aposto que nunca viu uma teta que não fosse a da sua mãe.

O rapaz desviou o olhar, odiando Fitzgerald por sua maldita capacidade de detectar as fraquezas dos outros.

Fitzgerald absorveu o desconforto de Bridger como se fosse uma refeição especial. Ele riu.

— O quê? Você nunca esteve com uma mulher? Eu estou certo, não é, garoto? Qual é o problema, Bridger, não tinha dois trocados para dar a uma puta antes que a gente deixasse St. Louis?

Fitzgerald baixou seu corpo pesado até o chão, sentando-se para desfrutar melhor aquele momento.

— Talvez não goste de moças, não é? Você é pederasta, garoto? Será que vou ter que dormir de costas, para você não se esfregar em mim à noite?

Bridger permaneceu calado.

— Ou talvez você não tenha pica.

Sem pensar, Bridger ficou de pé, agarrou o rifle, armou-o e apontou o longo

cano para a cabeça de Fitzgerald.

— Seu filho da puta! Diga mais uma palavra e vou estourar a merda da sua cabeça!

Surpreso, Fitzgerald continuou onde estava, encarando a boca escura do cano do rifle. Por um longo momento ficou assim, sentado, apenas encarando o cano do rifle. Então, seus olhos escuros se moveram lentamente para encontrar os de Bridger, um sorriso se armando perto da cicatriz em seu rosto.

— Bom, melhor para você, Bridger. Talvez você não mije agachado, afinal de contas.

Ele bufou com a própria piada, pegou a faca e começou a retalhar o veado.

No silêncio do acampamento, Bridger podia distinguir o som pesado da própria respiração e dos seus batimentos acelerados. Baixou a arma e apoiou a coronha no solo; depois, deixou-se cair. De repente sentiu-se cansado e passou o cobertor em torno dos ombros.

Depois que muitos minutos se passaram, Fitzgerald disse:

— Ei, garoto...

Bridger levantou os olhos, mas não disse nada.

Fitzgerald limpou despreocupadamente a mão cheia de sangue contra o nariz.

— Essa sua arma nova não vai disparar sem uma pederneira.

Bridger voltou os olhos para o rifle. A pederneira não estava no fecho da arma. O sangue novamente subiu a seu rosto, embora dessa vez ele se odiasse tanto quanto a Fitzgerald, que, por sua vez, riu em silêncio e continuou a trabalhar habilidosamente com a longa faca.

Na verdade, Jim Bridger tinha dezenove anos, mas seu corpo magro o fazia parecer ainda mais jovem. O ano de seu nascimento, 1804, coincidia com o início da expedição de Lewis e Clark, e foi o entusiasmo gerado por seu retorno que levara o pai de Jim a deixar a Virgínia e se aventurar para o oeste em 1812.

A família Bridger se estabeleceu em uma pequena fazenda em Six-Mile-Prairie, perto de St. Louis. Para um menino de oito anos, a viagem para o oeste foi uma grande aventura em estradas irregulares, caçadas para conseguir o jantar e noites de sono sob a abóbada celeste. Na fazenda, Jim encontrou uma área de recreação de cento e sessenta mil metros quadrados, constituída de campinas, mata e riachos. Na primeira semana na nova propriedade, Jim descobriu uma pequena nascente. Ele se lembrava com nitidez do próprio entusiasmo ao

mostrar ao pai o caminho para o local escondido onde a água escorria, além do orgulho que sentira quando construíram acima dela um cômodo para conservar os alimentos, uma *spring house*. Dentre muitos ofícios, o pai de Jim se metia a fazer pesquisas. O menino frequentemente o acompanhava, o que incutiu nele um gosto por explorar lugares.

A infância de Bridger terminou bruscamente quando ele tinha treze anos: sua família — pai, mãe e irmão mais velho — morreu de febre em um espaço de um único mês. De repente, o garoto se viu responsável por si mesmo e pela irmã mais nova. Uma tia idosa veio tomar conta da menina, mas os encargos financeiros caíram sobre os ombros de Jim. Ele arrumou emprego em uma balsa de transportes.

O rio Mississippi da infância de Bridger fervilhava. Do sul vinham as mercadorias manufaturadas em direção à crescente cidade de St. Louis, ao passo que da direção oposta chegavam os barcos trazendo as matérias-primas advindas da região das fronteiras. Bridger ouvia histórias sobre a grande cidade de Nova Orleans e os portos estrangeiros além dela. Conheceu os barqueiros audaciosos que levavam suas embarcações corrente acima por meio do vigor físico e da força de vontade. Conversou com os carroceiros que transportavam produtos de Lexington e Terre Haute. Bridger via o futuro do rio sob a forma de barcos a vapor, expelindo fumaça e navegando contra a corrente.

No entanto, não era o rio Mississippi que mexia com a imaginação de Jim Bridger — era o Missouri. A apenas dez quilômetros da balsa em que trabalhava, os dois grandes rios se juntavam como se fossem um só, as águas selvagens da região das fronteiras se unindo ao fluxo do dia a dia. Era a confluência do velho e do novo, do conhecido e do desconhecido, da civilização e da natureza selvagem. Bridger vivia para os raros momentos em que os viajantes e comerciantes de pele amarravam seus botes lustrosos no ancoradouro das balsas, chegando algumas vezes a acampar durante a noite. Ele se encantava com os relatos sobre os índios selvagens, a abundância de caça, as planícies sem fim e as elevadas montanhas.

Para Bridger, a região das fronteiras se tornou uma presença marcante, que ele podia sentir, mas não definir; uma força magnética que o puxava inexoravelmente em direção a algo de que ele ouvira falar, mas nunca vira. Certo dia, Bridger transportou em sua balsa um pregador montado em uma mula de

dorso arqueado. Ele perguntou ao rapaz se sabia qual era a missão que Deus lhe tinha atribuído na vida. Sem pestanejar, Bridger respondeu:

— Ir para as Montanhas Rochosas.

O pregador se encheu de júbilo e insistiu que o rapaz considerasse o trabalho missionário junto aos selvagens. Bridger não tinha interesse em levar Jesus aos índios, mas a conversa ficou em sua cabeça. Ele passou a acreditar que ir para o oeste era mais do que um capricho para conhecer um lugar novo. Pensava agora no assunto como parte de sua alma, uma peça faltando que só poderia ser encontrada em alguma montanha ou planície longínqua.

Tendo em mente o cenário de um futuro imaginado, Bridger seguia impelindo a morosa embarcação. Para cima e para baixo, para um lado e para outro, um movimento sem progressão, nunca se aventurando mais do que um quilômetro e meio além dos pontos fixos de duas paradas da balsa. Era o extremo oposto da vida que imaginava para si mesmo, uma vida de vaguear pelo mundo e explorar locais desconhecidos, uma vida em que nunca retomasse caminhos já percorridos.

Depois de um ano trabalhando na balsa, Bridger fez um esforço desesperado e impensado para seguir mais a oeste, e arranjou emprego como aprendiz de um ferreiro de St. Louis. O ferreiro o tratava bem, e até lhe pagava um salário modesto para enviar para a irmã e a tia. Mas os termos eram claros — cinco anos de serviço.

Se o novo emprego não o colocava na região inóspita das fronteiras, pelo menos em St. Louis não se falava de outra coisa. Por meia década, Bridger se impregnou de relatos e casos sobre a região das fronteiras. Quando os habitantes das planícies vinham ferrar os cavalos ou consertar as armadilhas, o rapaz superava sua timidez para perguntar sobre as viagens. Onde tinham estado? O que tinham visto? Ouviu a história de John Colter, nu, mais veloz do que os cem blackfeet que queriam escalpelá-lo. Como todo mundo em St. Louis, ele passou a conhecer os detalhes da vida de comerciantes bem-sucedidos, como Manuel Lisa e os irmãos Chouteau. A parte mais emocionante para Bridger era ver seus heróis em carne e osso. Uma vez por mês, o capitão Andrew Henry ia ferrar o seu cavalo. Bridger fazia questão de sempre se apresentar como voluntário para a tarefa, no mínimo pela oportunidade de poder trocar algumas palavras com o capitão. Seus breves encontros com Henry funcionavam como a reafirmação de

sua fé, uma manifestação tangível de algo que só existia como um conto ou uma fábula.

O prazo do estágio de Bridger como aprendiz do ferreiro terminou no seu aniversário de dezoito anos, em 17 de março de 1822. Durante os Idos de Março, uma trupe de atores locais encenou uma versão de *Júlio César*, de Shakespeare. Bridger pagou vinte e cinco cents por um lugar. A longa peça não fazia muito sentido. Os homens pareciam uns tolos usando túnicas compridas, e por um bom tempo Bridger ficou na dúvida se os atores estavam falando inglês. Contudo, apreciou o espetáculo e logo começou a desenvolver um sentido para o ritmo da linguagem afetada. Um ator bonito com uma voz forte recitou uma estrofe que ficaria em sua memória para o resto da vida:

Há uma onda nos negócios dos homens
Tomada no momento certo, leva à fortuna...

Três dias depois, o ferreiro contou a Bridger sobre um anúncio no *Missouri Republican*. “Para jovens empreendedores...” Bridger soube que sua onda tinha chegado.

Na manhã seguinte, acordou e viu Fitzgerald inclinado sobre Glass, a mão pressionada contra a testa do ferido.

— O que você está fazendo, Fitzgerald?

— Desde quando ele está com febre?

Bridger se aproximou depressa de Glass e tocou na pele do doente. Estava quente e suada.

— Chequei na noite passada e ele parecia bem.

— Bom, ele não está nada bem agora. São os suores da morte. O filho da puta finalmente vai empacotar.

Bridger ficou parado, sem ter certeza se ficava preocupado ou aliviado. Glass começou a tremer e a se debater. Parecia haver poucas chances de Fitzgerald estar enganado.

— Escute, garoto, temos que estar preparados para partir. Vou fazer um reconhecimento subindo o Grand. Você colhe as frutas e sova a carne para preparar *pemmican*.

— E Glass?

— Que tem o Glass, garoto? Você virou médico por acaso? Não podemos

fazer nada agora.

— Podemos fazer o que nos mandaram: esperar e enterrá-lo quando ele morrer. Foi isso que combinamos com o capitão.

— Cave um túmulo se você se sentir melhor! Porra, construa até um maldito altar para ele! Mas, se eu voltar aqui e aquela carne não estiver pronta, vou chicotear você até ficar em um estado pior do que o dele! — Fitzgerald agarrou o rifle e desapareceu em direção ao riacho.

Era um típico dia de início de setembro: ensolarado e fresco de manhã, quente à tarde. O terreno se nivelava no local onde o riacho se encontrava com o rio, suas águas escorrendo vagarosamente e se ampliando ao atravessar um banco de areia até se juntar à correnteza impetuosa do rio Grand. Os olhos de Fitzgerald estavam baixos, mirando os rastos dispersos do grupo de caçadores de pele, ainda aparentes após quatro dias. Ele olhou rio acima, onde uma águia se empoleirava como uma sentinela no galho sem folhas de uma árvore morta. Algo assustou a ave, que abriu as asas e, com duas poderosas batidas, elevou-se de seu poleiro. Realizando um giro perfeito, a ave se virou e voou na direção da nascente do rio.

O relincho alto de um cavalo cortou o ar da manhã. Fitzgerald deu meia-volta. O sol matutino incidia diretamente sobre o rio, seus raios penetrantes se mesclando às águas para formar um mar dançante de luz. Com os olhos semicerrados devido à claridade, Fitzgerald conseguiu discernir as silhuetas de índios a cavalo. Ele se jogou ao chão. *Será que eles me viram?* Permaneceu deitado por um momento, a respiração audível. Arrastou-se para a única proteção disponível, um raquítico grupo de salgueiros. Aguçando os ouvidos, escutou novamente o relincho — mas não as passadas agitadas de cavalos galopando. Ele se certificou de que o rifle e a pistola estavam carregados, retirou o chapéu de pele de lobo e levantou a cabeça para espiar através dos salgueiros.

Havia cinco índios a cerca de duzentos metros, na margem oposta do Grand. Quatro cavaleiros formavam um semicírculo irregular em volta de um quinto índio, que chicoteava um hesitante cavalo malhado. Dois dos índios riram, e todos pareciam fascinados com a luta do guerreiro com o cavalo.

Um dos índios usava um cocar repleto de penas de águia. Fitzgerald estava próximo o suficiente para ver claramente um colar com uma garra de urso em seu pescoço, além de pelos de lontra entrelaçados nos cabelos. Três dos índios

portavam armas de fogo; os outros dois, arcos. Não havia pintura de guerra nem nos homens nem nos cavalos, de modo que Fitzgerald imaginou que estivessem caçando. Não tinha certeza sobre a tribo a que pertenciam, embora fosse plausível supor que todos os índios da área fossem hostis aos caçadores de pele. Fitzgerald estimou que eles estivessem logo além do alcance de seu rifle. Mas a situação mudaria completamente se galopassem. Se eles se aproximassem, ele teria um tiro de rifle e um de pistola. Talvez conseguisse recarregar o rifle se o rio os retardasse um pouco. *Três tiros para cinco alvos*. Ele não gostou do cálculo.

De bruços, Fitzgerald serpenteou em direção à proteção dos salgueiros mais altos perto do riacho. Engatinhou no meio das pegadas mais antigas de seus companheiros, amaldiçoando as marcas que entregavam a posição deles. Ele se virou novamente quando alcançou os salgueiros mais grossos, aliviado ao ver que os índios permaneciam ocupados com o cavalo teimoso. Ainda assim, chegariam à confluência do riacho com o rio em questão de minutos. Repariam no riacho e em seguida nas pegadas. *As malditas pegadas!* Apontando riacho acima, como uma seta.

Fitzgerald prosseguiu com dificuldades, passando dos salgueiros para os pinheiros. Virou-se uma última vez para averiguar o grupo de caçadores. O cavalo nervoso tinha se acalmado, e todos os cinco índios continuavam seu caminho rio acima. *Temos que partir agora*. Fitzgerald percorreu o riacho para cobrir a curta distância até o acampamento.

Bridger estava sovando a carne de caça contra uma pedra quando Fitzgerald irrompeu na clareira.

— Vi cinco deles subindo o Grand! — Fitzgerald começou a enfiar atabalhoadamente seus poucos pertences na mochila. De súbito, olhou para cima, os olhos concentrando intensidade, medo e, em seguida, raiva. — Mexa-se, garoto! Eles vão encontrar nossas pegadas a qualquer minuto!

Bridger socou a carne dentro da sua *parfleche.* Depois jogou a mochila e a bolsa de utensílios sobre os ombros e se virou para pegar o rifle, que estava apoiado em uma árvore próxima ao Anstadt de Glass. *Glass!* As reais implicações da fuga golpearam o rapaz como um tapa direto e repentino. Ele abaixou os olhos para fitar o homem ferido.

Pela primeira vez naquela manhã, Glass abrira os olhos. Quando Bridger o

encarou, os olhos inicialmente se apresentavam apáticos e confusos, como os de alguém que acabara de acordar de um sono profundo. Quanto mais Glass encarava, porém, mais os olhos pareciam encontrar seu foco. Uma vez focados, ficava claro que o olhar transmitia uma lucidez perfeita, e que Glass, assim como Bridger, havia avaliado o real significado da presença dos índios no rio.

Cada poro do corpo de Bridger parecia martelar com a intensidade do momento. No entanto, Bridger tinha a sensação de que os olhos de Glass passavam um sentimento de serenidade. *Compreensão? Perdão? Ou será que é nisso que eu quero acreditar?* Enquanto o rapaz encarava Glass, a culpa o dominava como garras penetrando em sua carne. *O que será que Glass está pensando? O que o capitão vai pensar?*

— Acha mesmo que eles vão subir o riacho?

A voz de Bridger desafinou enquanto ele falava. Ele odiava sua falta de controle, sua evidente fraqueza em um momento que exigia força.

— Quer ficar para descobrir?

Fitzgerald foi para perto da fogueira, apanhando o restante da carne que estava secando no espeto.

Bridger olhou novamente para Glass. O homem ferido mexia os lábios ressecados, lutando para formar palavras através da garganta que se tornara muda.

— Ele está tentando dizer alguma coisa.

O rapaz se ajoelhou, esforçando-se para entender. Glass levantou a mão lentamente e apontou com o dedo trêmulo. *Ele quer o Anstadt*.

— Ele quer o rifle. Quer que o deixemos meio levantado e com o rifle.

O rapaz sentiu a dor forte de um chute violento contra as costas e se viu caído no chão com o rosto na terra. Se esforçou para movimentar as mãos e os joelhos, olhando para cima na direção de Fitzgerald. A raiva estampada no rosto do outro parecia se mesclar com os traços distorcidos do chapéu de pele de lobo.

— Merda, mexa-se!

Bridger se levantou com dificuldade, os olhos arregalados e surpresos. Ele observou Fitzgerald caminhar até Glass, que estava deitado ao lado de um pequeno monte formado por seus poucos pertences: uma bolsa de couro para utensílios indispensáveis, uma faca enfiada na bainha enfeitada de contas, uma machadinha, o Anstadt e um polvorinho.

Fitzgerald se agachou para pegar a bolsa de utensílios de Glass. Ele remexeu o interior em busca da pederneira e do aço, e jogou-os dentro do bolso da frente de sua túnica de couro. Apanhou o polvorinho e pendurou-o no ombro. Enfiou a machadinha por baixo do largo cinto de couro.

Bridger o fitava, sem entender.

— O que você está fazendo?

Fitzgerald se agachou novamente, pegou a faca de Glass e a lançou para Bridger.

— Pegue isso.

Bridger agarrou a faca, olhando horrorizado a bainha em sua mão. Apenas o rifle permaneceu onde estava. Fitzgerald levantou a arma e verificou rapidamente para se assegurar de que estava carregada.

— Desculpe, caro Glass. Você não vai conseguir mais usar nenhuma dessas coisas mesmo.

Bridger estava chocado.

— Não podemos deixá-lo sem isso.

O homem de chapéu de pele de lobo levantou o olhar brevemente e, em seguida, desapareceu na mata.

Bridger olhou para a faca que tinha na mão. Depois olhou para Glass, cujos olhos brilhavam na direção dos dele, de súbito animados como o carvão sob o efeito de um fole. Bridger ficou paralisado. Sentimentos conflitantes se digladiavam dentro dele, se empenhando em ditar as ações do rapaz, até que um deles se sobrepôs, repentino e esmagador: ele estava com medo.

Deu meia-volta e correu para a mata.

SETE

2 DE SETEMBRO DE 1823 — MANHÃ

O DIA ESTAVA claro. Glass conseguia perceber isso sem se mexer, mas não tinha como saber que horas seriam. Estava deitado onde havia desmaiado no dia anterior. Sua raiva o tinha levado até a extremidade da clareira, mas a febre o deixara ali.

O urso tinha retalhado o exterior de Glass, e agora a febre retalhava seu interior. Sentia como se tivesse sido escavado por dentro. Tremia incontrolavelmente, ávido pelo calor aconchegante de uma fogueira. Observando o entorno do acampamento, viu que não havia fumaça vindo de nenhum dos restos chamuscados das cavidades das fogueiras. Nada de fogo, nada de calor.

Pensou se conseguiria pelo menos voltar para o seu cobertor rasgado e, com esforço, tentou se mover. Quando reuniu toda a força de que foi capaz, a resposta do seu corpo foi como um débil eco atravessando um imenso precipício.

O movimento irritou algo bem fundo em seu peito. Sentiu uma tosse iminente e retesou os músculos da barriga para reprimi-la. Os músculos estavam doloridos por causa de inúmeras batalhas anteriores, e, apesar de seus esforços, a tosse chegou com força. Glass fez uma careta de dor, como se estivessem extraindo um anzol enfiado em sua pele. Parecia que as entranhas estavam sendo arrancadas pela garganta.

Quando a dor da tosse retrocedeu, ele se concentrou novamente no cobertor.

Tenho que me aquecer. Precisou de toda a força para levantar a cabeça. O cobertor estava a pouco mais de cinco metros de distância. Ele virou de barriga para baixo, manobrando o braço esquerdo na frente do corpo. Dobrou a perna esquerda e depois a esticou para empurrar. Usando o braço bom e a perna boa, conseguiu se arrastar pela clareira. Os seis metros pareciam seis quilômetros, e ele teve que parar três vezes para descansar. Cada respiração passava como uma lixa em sua garganta, e ele sentiu novamente as perfurações em suas costas latejando. Quando o cobertor ficou ao seu alcance, ele se esticou todo para

apanhá-lo. Colocou-o em volta dos ombros, envolvendo-os no calor pesado da lã de Hudson Bay. E então desmaiou.

Por toda a longa manhã, o corpo de Glass lutou contra a infecção de seus ferimentos. Ele oscilava entre a consciência, a inconsciência e um estado de confusão entre as duas, ciente do ambiente em volta como se fossem páginas aleatórias de um livro, relances dispersos de uma história que não tinha uma continuidade. Quando recuperava a consciência, Glass desejava desesperadamente voltar a dormir, mesmo que fosse apenas para ter algum alívio da dor. No entanto, cada intervalo de sono chegava com um arauto assombrado — o pavoroso pensamento de que ele pudesse nunca mais acordar. *Será que morrer é assim?*

Glass não tinha ideia de há quanto tempo estava deitado quando a serpente apareceu. Ele a observou com um misto de terror e fascinação enquanto ela se arrastava quase casualmente das matas até a clareira. Houve um elemento de cautela; a serpente fez uma pausa no campo aberto da clareira, a língua deslizando para dentro e para fora, testando o ar. No todo, porém, tratava-se de um predador em sua essência, em busca de uma presa. A serpente começou a se mexer de novo, o lento movimento sinuoso acelerando de repente para impulsioná-la com uma velocidade surpreendente. Ela foi diretamente até ele.

Glass queria rolar para longe dela, mas havia algo inevitável na maneira como a serpente se movia. Parte dele se lembrava de que o aconselhável era se manter imóvel na presença de uma serpente. Ficou parado, mais por algum tipo de hipnose do que por escolha própria. A serpente se aproximou até ficar a alguns centímetros de seu rosto e parou. Glass a encarou, tentando imitar o olhar vidrado do réptil. Ele não era páreo para ela. Os olhos escuros da serpente eram tão implacáveis quanto uma praga. Ele observava, hipnotizado, enquanto ela se enrolava lentamente, formando uma espiral perfeita, seu corpo inteiro com o único propósito de dar o bote. A língua entrava e saía, testando, sondando. No meio do bote, a cauda da cobra começou a tremer, o chocalho como um metrônomo marcando os breves momentos antes da morte. O primeiro ataque veio tão rápido que Glass nem teve tempo de recuar. Ele olhou com pavor a cabeça da cascavel se lançar para a frente, as mandíbulas abertas revelando as presas pingando veneno. As presas cravaram no antebraço de Glass, que gritou de dor quando o veneno se infiltrou em seu corpo. Ele balançou o braço, mas

elas continuaram firmes, o corpo da cascavel se agitando no ar, agarrado ao braço de Glass. Finalmente a serpente caiu, o corpo perpendicular ao torso do homem ferido. Antes que ele pudesse tentar fugir, a serpente se enrolou novamente e voltou a atacar. Glass não conseguiu gritar dessa vez. A serpente tinha cravado as presas no pescoço dele.

Glass abriu os olhos. O sol estava logo acima dele, o único ângulo do qual poderia lançar seus raios sobre o chão da clareira. Glass rolou cuidadosamente de lado a fim de evitar o clarão de luz. A três metros, uma cascavel de quase dois metros jazia totalmente estendida. Uma hora antes, ela tinha engolido um filhote de coelho. Agora, uma enorme protuberância distorcia as proporções da serpente enquanto o coelho continuava seu caminho através do aparelho digestivo do réptil.

Em pânico, Glass olhou para o próprio braço. Não havia marcas de presas.

Com cuidado, tocou o próprio pescoço, esperando encontrar uma serpente presa a ele. Nada. Ele foi inundado por uma sensação de alívio quando percebeu que a cascavel, ou pelo menos as mordidas, não passava de um pesadelo. Olhou de novo para a serpente, entorpecida enquanto seu corpo digeria o coelho.

Glass tirou a mão do pescoço e a levou à face. Sentiu uma cobertura espessa de umidade salgada de suor, mas, ainda assim, a pele estava fria. A febre tinha passado. Água! Seu corpo gritava de sede. Ele se arrastou até a nascente. A garganta destroçada ainda não permitia mais do que goles mínimos. E mesmo estes provocavam dores, ainda que a água gelada funcionasse como um tônico, recuperando-o e limpando-o de dentro para fora.

A extraordinária vida de Hugh Glass começou ordinariamente como o primogênito do casal Victoria e William Glass, um pedreiro inglês que morava na Filadélfia. A Filadélfia crescia rapidamente na virada do século, e os construtores não tinham problemas em conseguir trabalho. William Glass nunca ficou rico, mas sustentava os cinco filhos com conforto. Munido de uma mentalidade de pedreiro, William via sua responsabilidade em relação aos filhos como se estivesse construindo os alicerces de uma construção. Considerava suas providências sobre a educação formal dos filhos o ápice das realizações de sua

vida.

Quando Hugh demonstrou uma aptidão acadêmica notável, o pai incentivou-o a cogitar a carreira de advogado. Hugh, entretanto, não tinha qualquer interesse em perucas brancas e livros mofados de direito. Mas tinha uma paixão — a geografia.

A Companhia de Transportes Rawsthorne & Sons mantinha um escritório na mesma rua em que a família de Glass morava. No saguão do prédio ficava em exposição um imenso globo, um dos poucos da Filadélfia. Todos os dias, quando voltava da escola, Hugh parava no escritório e girava o globo, seus dedos explorando os oceanos e as montanhas do mundo. Mapas coloridos enfeitavam as paredes do escritório, com esboços das principais rotas de navegação da época. As linhas finas atravessavam os vastos oceanos, ligando a Filadélfia aos grandes portos do mundo. Hugh gostava de imaginar os locais e as pessoas que ficavam nos pontos finais desses finos traçados: de Boston a Barcelona, de Constantinopla ao Catai.

Por querer o filho preso em algum tipo de rédea, William encorajou Hugh a projetar uma carreira na área de cartografia. Para Hugh, porém, o ofício de desenhar mapas parecia excessivamente passivo. A fonte da fascinação de Hugh não residia na representação abstrata de lugares, mas nos lugares em si, acima de tudo as grandes massas marcadas como *terra incognita*. Os cartógrafos da época povoavam esses espaços desconhecidos com gravuras dos monstros mais fantásticos e apavorantes. Hugh ficava imaginando se tais feras existiam de fato, ou se não passavam de meros produtos da pena dos desenhistas de mapas. Ele fez a pergunta ao pai, que respondeu:

— Ninguém sabe.

A intenção do pai era amedrontar Hugh e levá-lo a atividades mais práticas. A tática fracassou. Aos treze anos, Hugh anunciou sua intenção de se tornar capitão de navio.

Em 1802, quando Hugh completou dezesseis anos, William, temeroso de que o filho pudesse fugir para o mar, cedeu à vontade dele. William conhecia o capitão holandês de uma fragata da Rawsthorne & Sons e pediu um serviço a bordo para Hugh, como grumete. Jozias van Aartzen, o capitão, não tinha filhos. Então, acatou com seriedade a sua responsabilidade em relação a Hugh e durante uma década o instruiu nos costumes ligados ao mar. Na época em que o capitão

morreu, em 1812, o garoto já tinha progredido até o posto de primeiro imediato.

A Guerra de 1812 interrompeu o tradicional comércio da Rawsthorne & Sons com a Grã-Bretanha. A empresa logo se diversificou para um novo negócio, perigoso, mas lucrativo: romper os bloqueios impostos nas travessias. Hugh passou aqueles anos se esquivando de navios de guerra britânicos enquanto sua veloz fragata transportava rum e açúcar entre o Caribe e os portos americanos envolvidos nos conflitos. Quando a guerra terminou, em 1815, a Rawsthorne & Sons manteve seus negócios no Caribe, e Hugh se tornou capitão de um pequeno cargueiro.

Hugh Glass tinha acabado de completar trinta e um anos no verão em que conheceu Elizabeth van Aartzen, sobrinha de dezenove anos do capitão que fora seu mentor. A Rawsthorne & Sons estava patrocinando uma festa em comemoração ao Dia da Independência com quadrilha e rum cubano. O estilo de dança não se prestava muito para conversas, mas propiciava dezenas de trocas entre os pares, com rodopios breves e palpitantes. Glass sentiu algo especial em relação a Elizabeth, algo que mexia com sua confiança e o desafiava. Ele se viu totalmente arrebatado.

Visitou-a no dia seguinte e em todas as vezes em que aportou na Filadélfia. Ela era viajada e culta, e falava com desenvoltura sobre lugares e povos distantes. Eles criaram uma linguagem em código, cada qual pronto a completar os pensamentos do outro. Riam com facilidade das histórias que contavam. O tempo que passava longe da Filadélfia se tornou uma tortura, já que Glass se recordava dos olhos dela ao ver o brilho do sol matutino e pensava em sua pele clara ao vislumbrar o luar se projetar contra a vela.

Em um radioso dia de maio de 1818, Glass retornou à Filadélfia com uma bolsinha de veludo no bolso do uniforme. Dentro, havia uma pérola pendurada em uma delicada corrente de ouro. Ele a ofereceu a Elizabeth e a pediu em matrimônio. Fizeram planos de se casarem no verão.

Uma semana depois, Glass partiu para Cuba. Viu-se preso no porto de Havana, aguardando a solução para uma disputa local acerca da entrega tardia de centenas de barris de rum. Após um mês em Havana, chegou outro navio da Rawsthorne & Sons, trazendo uma carta da mãe de Glass com a notícia de que seu pai havia morrido. Ela lhe implorava que retornasse à Filadélfia imediatamente.

Hugh sabia que a contenda sobre o rum poderia durar meses. Durante esse tempo, viajaria para a Filadélfia, colocaria o espólio do pai em ordem e voltaria para Cuba. Se o processo legal em Havana se resolvesse com mais rapidez, seu primeiro imediato poderia trazer o navio de volta à Filadélfia. Glass reservou uma passagem no *Bonita Morena*, um navio mercante que partiria naquela semana para Baltimore.

O que aconteceu foi que o navio mercante espanhol nunca velejou para além das fortificações do Forte McHenry. E Glass nunca veria a Filadélfia novamente. Um dia depois da partida de Havana, apareceu no horizonte um navio sem bandeira. O capitão do *Bonita Morena* tentou fugir, mas sua morosa embarcação não tinha como competir com o veloz cúter pirata. O inimigo se posicionou ao lado do navio espanhol e disparou cinco balas de canhão carregadas de explosivos. Com cinco marinheiros mortos nos deques, o capitão baixou as velas.

O capitão esperava que a sua rendição fosse a melhor providência para todos. Não foi.

Vinte piratas abordaram o *Bonita Morena*. O líder, um moreno com dente e corrente de ouro, se aproximou do capitão, que se mantinha em posição formal no tombadilho.

O moreno tirou a pistola do cinto e disparou contra a cabeça do capitão à queima-roupa. A tripulação e os passageiros ficaram chocados, aguardando seus destinos. Hugh Glass, entre eles, observava os bucaneiros e seu navio. Eles falavam uma mistura confusa de crioulo, francês e inglês. Glass suspeitava, corretamente, de que eram baratarianos — soldados trabalhando no bando cada vez maior do pirata Jean Lafitte.

Jean Lafitte vinha importunando o Caribe desde antes da Guerra de 1812. Os americanos não lhe davam muita atenção, uma vez que seus alvos eram principalmente os britânicos. Em 1814, Lafitte descobriu uma via autorizada para fazer trafegar seu ódio contra a Inglaterra. O major-general Sir Edward Pakenham e seis mil veteranos da Batalha de Waterloo sitiaram Nova Orleans. No comando do exército americano, o general Andrew Jackson se viu em inferioridade numérica, na proporção de cinco para um. Quando Lafitte ofereceu os serviços de seus soldados, Jackson não pediu referências. Lafitte e seus homens lutaram destemidamente na Batalha de Nova Orleans. Em meio às

comemorações da vitória americana, Jackson recomendou o perdão total para os crimes anteriores de Lafitte, o que o presidente Madison prontamente concedeu.

Lafitte não tinha a intenção de abandonar a profissão, mas aprendera o valor do patrocínio dos poderosos. O México estava em guerra com a Espanha. Lafitte estabeleceu uma colônia batizada de Campeche na ilha de Galveston e ofereceu seus serviços à Cidade do México. Os mexicanos autorizaram Lafitte e sua pequena armada a atacar quaisquer navios espanhóis. Em troca, ele obteve licença para fazer seus saques.

A brutal realidade desse arranjo se colocava diante dos olhos de Hugh Glass. Quando dois membros da tripulação se aproximaram para ajudar o capitão mortalmente ferido, ambos levaram tiros. As três mulheres a bordo, incluindo uma viúva idosa, foram levadas para o cúter, onde uma maliciosa tripulação as estuprou. Enquanto um bando de piratas descia para inspecionar a carga, outro grupo começou uma avaliação mais sistemática da tripulação e dos passageiros. Dois idosos e um banqueiro obeso foram despojados de seus bens e jogados ao mar.

O moreno falava tanto espanhol quanto francês. Ele se colocou diante da tripulação capturada, explicando as opções. Qualquer homem que quisesse renunciar à Espanha poderia entrar para o serviço de Jean Lafitte. Quem não concordasse com isso poderia se juntar ao capitão do navio espanhol. A dúzia de marinheiros que restou optou por Lafitte. A metade deles foi levada para o cúter, a outra metade se uniu à tripulação pirata no *Bonita Morena*.

Apesar de Glass mal falar uma palavra em espanhol, compreendeu o essencial do ultimato do moreno. Quando o homem se aproximou dele, pistola na mão, Glass apontou para si mesmo e disse uma única palavra em francês: “*Marin*”. Marinheiro.

O moreno o fitou, avaliando-o silenciosamente. Um sorriso apareceu no canto de sua boca, quando disse:

— *Ah, bon? Okay, monsieur le marin, hissez le foc.* — Ice a bujarrona.

Glass desesperadamente repassou os recantos do seu francês rudimentar.

Ele não fazia ideia do que significava *hissez le foc*. No contexto, porém, entendeu claramente a importância em ser aprovado no teste proposto pelo moreno. Supondo que o desafio envolvia sua real habilidade como marinheiro, caminhou com confiança para a proa do navio e agarrou a corda da bujarrona

que colocaria o navio na direção do vento.

— *Bien fait, monsieur le marin* — disse o moreno.

Era agosto de 1819. Hugh Glass acabava de se tornar um pirata.

———

Glass fitou novamente a abertura na mata por onde Fitzgerald e Bridger tinham fugido. Seu queixo se crispou quando pensou no que eles tinham feito, e novamente foi tomado pelo desejo visceral de persegui-los. No entanto, ele também sentiu a fraqueza em seu corpo. Pela primeira vez desde o ataque da ursa, tinha a mente lúcida. Mas a lucidez trouxe uma alarmante avaliação de sua própria situação.

Tremendo consideravelmente, Glass começou a examinar seus ferimentos. Usou a mão esquerda para tatear o couro cabeludo. Ele tivera um vislumbre embaçado do próprio rosto nas águas acumuladas da nascente e percebera que a ursa quase o escalpelara. Nunca fora um homem vaidoso, e considerava sua aparência particularmente irrelevante em face do atual estado em que se encontrava. Se sobrevivesse, imaginava que as cicatrizes poderiam até mesmo angariar algum tipo de respeito entre seus pares.

O que lhe preocupava mais era o pescoço. Incapaz de ver a ferida daquele local, a não ser pelo reflexo das águas da nascente, ele só podia inspecioná-la cuidadosamente com os dedos. O emplastro de Bridger caíra no dia anterior, quando ele rastejara. Glass tocou as suturas e reconheceu as habilidades cirúrgicas rudimentares do capitão Henry. Ele se recordava vagamente da imagem do capitão tratando dos seus ferimentos nos momentos após o ataque, embora os detalhes e a ordem dos fatos continuassem obscuros.

Erguendo a cabeça para olhar para baixo, conseguiu ver as marcas das garras se estendendo do ombro ao pescoço. As garras haviam penetrado profundamente nos músculos de seu tórax e na parte superior do braço. A resina de pinheiro usada por Bridger havia fechado as feridas. Elas pareciam relativamente cicatrizadas, apesar de uma dor muscular aguda impedir Glass de levantar o braço direito. A resina fez com que pensasse em Bridger. Ele lembrava que o rapaz cuidara de seus ferimentos. Ainda assim, não era a imagem de Bridger lhe prestando assistência que se fixara em sua mente. Em vez disso, via o garoto na

extremidade da clareira, olhando para trás e segurando a faca que havia roubado.

Glass olhou a serpente e pensou: *Meu Deus, o que eu daria por minha faca*. A cascavel ainda estava parada. Ele reprimiu outros pensamentos sobre Fitzgerald e Bridger. *Agora não.*

Olhou para a perna direita. A resina de Bridger cobria as perfurações da parte superior da coxa. Esses ferimentos também pareciam relativamente cicatrizados. Esticou a perna com cuidado. Estava rija. Tentou apoiar o peso e depois fez força para baixo. Uma dor excruciante irradiou a partir das feridas. Era evidente que a perna não aguentaria peso algum.

Por fim, Glass usou o braço esquerdo para checar as feridas profundas nas costas. Tateando a região, conseguiu contar cinco cortes paralelos. Tocou a mistura pegajosa de resina de pinheiro, sutura e crosta da ferida. Ao olhar para a mão, percebeu que também havia sangue fresco. Os cortes começavam nas nádegas e ficavam mais profundos à medida que subiam pelas costas. As partes mais fundas das feridas se localizavam entre as omoplatas, onde sua mão não conseguia alcançar.

Depois de concluir o autoexame, Glass chegou serenamente a várias conclusões. Ele estava indefeso. Se algum índio ou animal o descobrisse, ele não ofereceria qualquer resistência. Não podia permanecer na clareira. Não tinha certeza de há quantos dias estava no acampamento, mas sabia que uma nascente protegida deveria ser bem conhecida pelos índios da área. Glass não fazia ideia do motivo pelo qual não fora descoberto no dia anterior, mas sabia que sua sorte não duraria muito mais tempo.

Apesar do risco de ser encontrado por índios, Glass não tinha a intenção de desviar seu rumo para longe do rio Grand. Tratava-se de uma fonte conhecida de água, alimento e direção. Havia, porém, uma questão crucial: rio abaixo ou rio acima? Por mais que quisesse iniciar uma perseguição imediata aos que o tinham traído, sabia que tomar essa atitude seria uma insensatez. Ele estava sozinho, sem armas, em uma região hostil. Estava fraco por causa da febre e da fome. Não conseguia andar.

Doía-lhe considerar a hipótese de retroceder, ainda que temporariamente, mas sabia que não havia opção. O posto comercial do Forte Brazeau ficava a uns quinhentos e cinquenta quilômetros rio abaixo, na confluência do rio White com o Missouri. Se conseguisse chegar até lá, poderia se reabastecer e depois iniciar

a perseguição a sério.

Quinhentos e cinquenta quilômetros. Um homem saudável em clima adequado poderia percorrer essa distância em duas semanas. *Quanto eu consigo rastejar por dia?* Ele não fazia ideia, mas não tinha a intenção de ficar sentado no mesmo lugar. O braço e a perna não pareciam inflamados, então Glass supôs que melhorariam com o tempo. Ele rastejaria até que seu corpo conseguisse se apoiar em alguma espécie de muleta. Se só pudesse cobrir cerca de cinco quilômetros por dia, paciência. Era melhor deixar os cinco quilômetros para trás do que tê-los adiante. Além disso, locomover-se aumentaria suas chances de obter comida.

———

O moreno e o navio espanhol capturado velejaram para oeste, para a baía de Galveston e a colônia pirata de Lafitte em Campeche. Atacaram outro navio mercante espanhol cento e sessenta quilômetros ao sul de Nova Orleans, atraindo a presa até ela ficar ao alcance de seus canhões com o disfarce da bandeira espanhola do *Bonita Morena*. Uma vez a bordo do *Castellana*, a mais recente vítima, os bucaneiros novamente levaram a cabo uma triagem brutal. Dessa vez, havia uma urgência maior, já que o fogo dos canhões tinha aberto uma fenda no casco do *Castellana* abaixo da linha d’água. O navio estava afundando.

A sorte acenou para os piratas. O *Castellana* viajava de Sevilha para Nova Orleans com uma carga de armas de pequeno porte. Se conseguissem retirar as armas do navio antes que ele afundasse, amealhariam um lucro extraordinário. Lafitte ficaria satisfeito.

A colônia do Texas tinha se estabelecido de fato por volta de 1819, e o enclave de Jean Lafitte na ilha de Galveston trabalhava diligentemente para abastecê-la. Vilas se desenvolviam rapidamente do rio Grande até o Sabine, e todas elas necessitavam de provisões. O método particular de Lafitte de obter seus produtos excluía os intermediários. Na verdade, literalmente cortava os intermediários. Com essa vantagem em relação aos comerciantes mais tradicionais, Campeche prosperava, transformando-se em um local de atração para todo tipo de contrabandistas, traficantes de escravos, corsários e qualquer um que estivesse buscando um ambiente tolerante ao comércio ilícito. O status ambíguo do Texas

ajudava a proteger os piratas de Campeche da intervenção de autoridades externas. O México se beneficiava com os ataques aos navios espanhóis, e a Espanha era fraca demais para desafiá-los. Durante algum tempo, os Estados Unidos preferiram fechar os olhos, pois, afinal de contas, Lafitte não importunava os navios americanos e, além do mais, ele era um herói da Batalha de Nova Orleans.

Embora não estivesse fisicamente acorrentado, Hugh Glass se encontrou aprisionado pela atividade criminosa de Jean Lafitte. A bordo do navio, qualquer forma de motim seria castigada com a morte. Sua participação em diversos ataques a navios mercantes espanhóis não lhe deixava dúvidas quanto à perspectiva dos piratas em relação a discordâncias. Glass dava um jeito de evitar derramar sangue com as próprias mãos; as outras ações eram justificadas pela doutrina da necessidade.

Tampouco o tempo que Glass passava em terra firme, em Campeche, oferecia qualquer oportunidade razoável de fuga. Lafitte reinava soberano na ilha. Do outro lado da baía, as terras texanas eram habitadas principalmente pelos índios karankawas, conhecidos por praticar o canibalismo. Além do domínio dos karankawas, residiam os tonkawas, os comanches, os kiowas e os osages, todos hostis aos brancos, ainda que estivessem menos propensos a comê-los. Os bolsões de civilização espalhados ainda incluíam um grande número de espanhóis, dispostos a enforcar, sob acusação de pirataria, qualquer um que chegasse da costa. Bandidos mexicanos e justiceiros texanos acrescentavam um tempero a mais à mistura heterogênea que habitava aquelas terras.

No final das contas, surgiram limites à vontade do mundo civilizado em tolerar um estado pirata em expansão. Mais importante ainda, os Estados Unidos decidiram melhorar suas relações com a Espanha. Esse empenho diplomático era dificultado pelas constantes agressões aos navios espanhóis, frequentemente em águas territoriais americanas. Em novembro de 1820, o presidente Madison enviou o tenente Larry Kearney, o *USS Enterprise* e uma esquadra de navios de guerra americanos para Campeche. O tenente Kearney apresentou a Lafitte uma escolha sucinta: deixar a ilha ou explodir.

Jean Lafitte podia ser um fanfarrão, mas era pragmático. Carregou os navios com o máximo de pilhagem que poderia transportar, deixou Campeche em chamas, velejou com sua frota de bucaneiros para longe, e nunca mais foi visto.

Hugh Glass estava nas caóticas ruas de Campeche naquela noite de novembro e tomou uma decisão repentina a respeito do seu futuro. Ele não tinha a intenção de se juntar ao bando de piratas em fuga. Passara a considerar o mar, que certa vez abraçara como sinônimo de liberdade, como nada além de restritivos parâmetros de pequenos barcos. Decidiu se voltar para outra direção.

O brilho avermelhado do fogo deu à derradeira noite de Campeche um esplendor apocalíptico. Os homens se atropelavam nas esparsas construções, pegando qualquer coisa de valor. Bebida alcoólica, item em abundância na ilha, fluía em completo abandono. As disputas sobre saques eram rapidamente resolvidas com tiros, o que preenchia a cidade com os disparos secos de armas de pequeno porte. Havia rumores de que a frota americana estava prestes a atacar. Os homens lutavam furiosamente para escalar a bordo de navios prontos para partir, cujas tripulações usavam espadas e pistolas para rechaçar a presença de passageiros indesejados.

Enquanto considerava para onde ir, Glass foi ao encontro de Alexander Greenstock. Como Glass, Greenstock era um prisioneiro, forçado a trabalhar para os piratas quando seu navio fora capturado. Glass havia servido com ele em uma recente incursão no Golfo.

— Sei onde encontrar um barco a remo na costa do sul — disse Greenstock. — Vou com ele para o continente.

Dentre as péssimas opções disponíveis, ir para o continente parecia a menos arriscada. Glass e Greenstock se puseram a atravessar a cidade. Diante deles, em uma estreita estrada, três homens fortemente armados estavam sentados sobre uma carroça puxada a cavalo, carregada precariamente com barris e caixotes. Um homem chicoteava o cavalo, enquanto os outros dois montavam guarda em cima da carga. A carroça bateu em uma pedra e um caixote tombou ao chão com um estrondo. Os homens a ignoraram, com pressa para chegar a tempo de embarcar no navio.

No caixote lia-se “Kutztown, Pennsylvania”. Dentro dele, rifles recém-fabricados na loja do armeiro Joseph Anstadt. Glass e Greenstock pegaram um rifle cada um, incrédulos com a boa sorte. Reviraram alguns prédios que não tinham sido reduzidos a cinzas e encontraram balas, pólvora e algumas bugigangas que poderiam usar como moeda de troca.

Levaram praticamente a noite toda para contornar a parte leste da ilha e

atravessar a baía de Galveston com o barco a remo. As águas capturavam a luz brilhante da colônia em chamas, o que fazia parecer que toda a baía flamejava. Eles conseguiam ver nitidamente as silhuetas disformes da frota americana e os barcos de Lafitte em fuga. Quando estavam a cem metros do continente, uma grande explosão irrompeu da ilha. Glass e Greenstock olharam para trás e viram as chamas em forma de cogumelo produzirem um estrondo alto vindo da Maison Rouge, residência e depósito de armas de Jean Lafitte. Remaram os metros que restavam e pularam na espuma de ondas rasas. Glass pisou em terra firme, deixando o mar atrás de si para sempre.

Sem planos ou destino, os dois homens começaram a descer lentamente a costa do Texas. Eles estabeleciam o percurso com base mais naquilo que procuravam evitar do que no que esperavam encontrar. Tinham uma preocupação constante com os karankawas. No litoral, eles se sentiam expostos, mas densas matas de junco e baías pantanosas os desencorajavam a adentrar o interior. Preocupavam-se com as tropas espanholas e igualmente com a frota americana.

Depois de caminharem por sete dias, avistaram a distância o pequeno posto avançado de Nacogdoches. Sem dúvidas, as notícias sobre a batida americana em Campeche tinham se espalhado. Eles imaginavam que os locais considerariam qualquer indivíduo chegando de Galveston um pirata fugitivo, e o enforcariam assim que fosse descoberto. Glass sabia que Nacogdoches era o ponto inicial da trilha que levava ao enclave de San Fernando de Bexar. Decidiram evitar a cidade e seguir pelo interior. Tinham a esperança de que os habitantes de vilas mais distantes do litoral tivessem menos conhecimento acerca dos eventos de Campeche.

Suas esperanças se revelaram erradas. Após seis dias, chegaram a San Fernando de Bexar e foram imediatamente presos pelos espanhóis. Depois de uma semana confinados em uma sufocante cela, os dois foram levados à presença do major Juan Palacio del Valle Lersundi, o magistrado local.

O major Palacio os fitou com ar cansado. Era um soldado desiludido, que pretendera ser um conquistador, mas, em vez disso, via-se agora como o administrador de um lugar atrasado e empoeirado na ponta de uma guerra que ele sabia que a Espanha perderia. Quando o major Palacio viu os dois homens à sua frente, sabia que a providência mais segura seria enviá-los para a forca. Já

que ambos vinham do litoral, tendo apenas a roupa do corpo e seus rifles, supôs que se tratasse de piratas ou espiões, embora os dois alegassem ter sido capturados por Lafitte enquanto viajavam em navios espanhóis.

No entanto, o major Palacio não estava propenso a ordenar mais enforcamentos. Na semana anterior, havia sentenciado à morte um jovem soldado espanhol que dormira no seu turno de vigia — ele apenas aplicara a punição prescrita para a infração cometida. O enforcamento havia deixado o major deprimido, a ponto de ter passado a maior parte da semana se confessando com o padre local. Então encarou os dois prisioneiros e ouviu a história que contaram. Seria verdade? Como poderia ter certeza, e, se não tivesse, sob qual autoridade teria ele o direito de lhes tirar a vida?

O major Palacio ofereceu um acordo a Glass e a Greenstock. Ficariam livres para deixar San Fernando de Bexar com uma condição: viajar na direção norte. Se fossem para o sul, Palacio temia que outras tropas espanholas os apanhassem, e a última coisa de que ele necessitava era uma repreensão por ser benevolente com piratas.

Os homens conheciam muito pouco sobre o Texas, mas Glass se viu subitamente disposto, pronto a peregrinar sem direção no interior do continente.

Assim, viajaram para o nordeste, supondo que em algum momento se depariariam com o grande Mississippi. Depois de mais de mil e seiscentos quilômetros percorridos, Glass e Greenstock conseguiram sobreviver nas planícies abertas do Texas. Havia fartura de caça, inclusive milhares de cabeças de gado selvagem; então, comida não era um problema. O perigo vinha dos sucessivos territórios de índios hostis. Tendo sobrevivido à travessia pelo território dos karankawas, eles também obtiveram êxito em evitar os comanches, os kiowas, os tonkawas e os osages.

A sorte os abandonou às margens do rio Arkansas. Eles tinham acabado de abater um filhote de búfalo e se preparavam para retalhá-lo. Vinte cavaleiros da tribo loup pawnee ouviram o tiro e apareceram no topo de um monte, com grande alarido. A planície sem árvores não oferecia qualquer proteção, não havia nem mesmo uma rocha. Sem cavalos, eles não tinham a mínima chance. Em um gesto estúpido, Greenstock levantou a arma e atirou, acertando o cavalo de um dos guerreiros. Um minuto depois, estava morto, três flechas espetadas no peito. Uma única flecha acertou Glass na coxa.

Glass nem mesmo levantou o rifle, totalmente fascinado pela visão de dezenove cavalos alinhados vindo em sua direção. Reparou a marca de tinta no cavalo líder e os cabelos pretos contra o céu azul, mas mal sentiu o golpe da pedra redonda que se espatifou em seu crânio.

Acordou na aldeia pawnee. Sua cabeça latejava, e ele estava amarrado pelo pescoço a um poste enterrado no solo. Haviam atado seus pulsos e tornozelos, mas ele conseguia mexer as mãos. Quando abriu os olhos, uma multidão de crianças o rodeava, tagarelando com entusiasmo.

Um líder idoso se aproximou com os cabelos eriçados, observando o estranho diante dele, um dos poucos brancos que já tinha visto. O líder, a quem chamavam de Touro Chutador, disse algo que Glass não entendeu, embora os outros índios em volta gritassem e urrassem em óbvia manifestação de satisfação. Glass estava em um grande círculo no centro da aldeia. Quando sua visão embaçada começou a focar, ele reparou em uma pira cuidadosamente preparada no meio do círculo e rapidamente imaginou o motivo do regozijo dos pawnees. Uma velha gritou com as crianças, que correram enquanto os adultos se dispersavam para preparar a cerimônia de conflagração.

Glass foi deixado sozinho e pôs-se a avaliar a própria situação. Imagens duplicadas flutuavam diante de seus olhos, unindo-se apenas quando ele apertava os olhos ou fechava um deles. Olhou para a perna e reparou que os pawnees tinham lhe feito o favor de retirar a flecha. Ela não havia penetrado profundamente, mas o ferimento sem dúvida o deixaria mais lento, se tentasse fugir. Em suma, ele mal conseguia enxergar e andar — quanto mais correr.

Tocou no bolso da frente da camisa e ficou aliviado ao perceber que um pequeno recipiente com cinábrio em pó não havia caído. O cinábrio era um dos poucos bens para troca que ele apanhara ao fugir de Campeche. Rolando para ficar de lado e ocultar o que fazia, pegou o recipiente, abriu-o e cuspiu no pó, misturando com o dedo. Em seguida, espalhou a tinta que tinha se formado no rosto, tomando o cuidado de cobrir cada centímetro de pele exposta, desde a testa até o colarinho da camisa. Também lambuzou uma grande quantidade da tinta grossa na palma da mão. Tapou o pequeno recipiente e o enterrou no solo arenoso. Finalmente, tendo terminado, rolou de bruços, apoiando a cabeça na curvatura do braço, de forma que seu rosto ficasse escondido.

Permaneceu nessa posição até que os índios viessem até ele; podia ouvir os

gritos exaltados da preparação de sua execução. A noite caiu, embora uma enorme fogueira iluminasse o círculo no centro do acampamento pawnee.

Glass nunca chegou a ter certeza se tencionava fazer algum tipo de gesto simbólico final ou se efetivamente esperava causar o efeito que de fato ocorreu. Ele tinha ouvido falar que os índios em geral eram supersticiosos. De qualquer maneira, o efeito seria dramático e acabou por salvar-lhe a vida.

Dois guerreiros pawnees e Touro Chutador vieram para carregá-lo até a pira. Quando o viram com o rosto escondido, interpretaram como um sinal de medo. Touro Chutador cortou as amarras do poste, enquanto cada um dos guerreiros pegava um ombro para levantá-lo. Ignorando a dor na coxa, Glass deu um pulo para ficar de pé, encarando o líder, os guerreiros e a tribo reunida.

Toda a tribo pawnee estava diante dele, boquiaberta e em estado de choque. O rosto de Glass estava todo vermelho-sangue, como se sua pele tivesse sido arrancada. A parte branca de seus olhos captava a luz do fogo e brilhava como a lua do outono. A maioria dos índios nunca vira um homem branco; então, a sua barba cheia dava a impressão de um animal demoníaco. Glass deu um tapa em um dos guerreiros, deixando impressa no peito do índio a marca vermelha de sua mão. A tribo deixou escapar um suspiro coletivo.

Por um longo momento, a aldeia caiu em completo silêncio. Glass encarava os pawnee, que, estupefatos, encaravam-no de volta. De certa forma surpreso com o sucesso de sua tática, Glass pensava no que deveria fazer em seguida. Sentiu um princípio de pânico ao imaginar que um dos índios pudesse de repente se recompor. Decidiu começar a gritar e, incapaz de se lembrar de outras palavras, entabulou a recitar, aos berros, o pai-nosso:

— Pai nosso, que estais no Céu, santificado seja o vosso nome...

Touro Chutador o encarava demonstrando nítida confusão. Ele já havia visto brancos antes, mas aquele homem aparentava ser algum tipo de curandeiro ou demônio. Agora, o estranho cântico do homem parecia estar colocando a tribo inteira sob algum tipo de feitiço.

Glass esbravejava:

— Porque vosso é o reino, o poder e a glória, para sempre. Amém.

Finalmente, o homem branco parou de gritar. Ficou ali parado, ofegante como um cavalo esgotado. Touro Chutador observava o entorno. Seu povo olhava de um lado para outro, do chefe para o louco homem diabólico. O líder podia sentir

a acusação da tribo. O que ele havia trazido? Era hora de mudar o rumo da situação.

Caminhou lentamente até Glass e parou em frente a ele. Levou as mãos ao pescoço e retirou o colar de onde balançava um par de pés de falcão. Em seguida, colocou o colar em Glass, olhando fixa e interrogativamente nos olhos daquela criatura diabólica.

Glass avaliou o círculo diante dele. No centro, perto da pira, havia uma fila de quatro cadeiras baixas feitas de uma espécie de bambu trançado. Obviamente, esses eram os assentos de honra do ritual de queima que quase acontecera. Mancando, ele se aproximou de uma das cadeiras e se sentou. Touro Chutador disse algo e duas mulheres saíram apressadas para trazer comida e água. Depois ele disse algo ao guerreiro que tinha a mão vermelha marcada no peito. O guerreiro saiu rapidamente e voltou com o Anstadt, o qual foi colocado no chão perto de Glass.

Glass passou quase um ano com os loup pawnees nas planícies entre os rios Arkansas e Platte. Após superar sua relutância inicial, Touro Chutador tomou o homem branco como seu filho. O que Glass não havia aprendido sobre sobrevivência em regiões inóspitas durante a vinda de Campeche aprendeu com os pawnees no ano que passou com eles.

Por volta de 1821, um ou outro homem branco começou a viajar pelas planícies entre o Platte e o Arkansas. No verão daquele ano, Glass estava com um grupo de dez pawnees quando se depararam com dois brancos em uma carroça. Glass disse a seus amigos pawnees para esperarem e seguiu cavalgando devagar. Os homens eram agentes federais enviados por William Clark, superintendente de assuntos indígenas dos Estados Unidos. Clark estava convidando os líderes de todas as tribos vizinhas para irem até St. Louis. A fim de demonstrar a boa-fé do governo, a carroça estava repleta de presentes: cobertores, agulhas de costura, facas, panelas de ferro fundido.

Três semanas mais tarde, Glass chegou a St. Louis acompanhado de Touro Chutador.

St. Louis estava no limite entre duas forças opostas para Glass. Do leste, ele sentia a poderosa atração de seus vínculos com o mundo civilizado: com Elizabeth, com a família, com sua profissão e com seu passado. Do oeste, o fascínio irresistível pela *terra incognita*, pela liberdade irrestrita, por novos

começos. Glass enviou três cartas para a Filadélfia: uma para Elizabeth, uma para a mãe e uma para a Rawsthorne & Sons. Aceitou um emprego no escritório da Companhia de Navios Mississippi, enquanto aguardava as respostas.

Elas demoraram mais de seis meses. No princípio de março de 1822, chegou uma carta de seu irmão. A mãe deles havia morrido — escrevera ele — cerca de um mês após a morte do pai.

E havia mais. “Tenho também o triste dever de lhe contar que sua querida Elizabeth faleceu. Contraiu uma febre em janeiro e, embora tenha lutado, não conseguiu se recuperar.” Glass tombou em uma cadeira, tonto, sentindo como se o sangue não fluísse em sua cabeça. Continuou a leitura da carta: “Espero que lhe ofereça algum consolo saber que ela foi enterrada ao lado de nossa mãe. Você também deve saber que o sentimento de fidelidade dela em relação a você nunca esmoreceu, mesmo quando todos acreditávamos que você havia perecido.”

No dia 20 de março, Glass chegou ao escritório da Companhia e encontrou um grupo de homens amontoados em volta de um anúncio no *Missouri Republican.* William Ashley estava organizando um grupo de caçadores de peles, para subir o rio Missouri.

Uma semana depois, chegou uma carta da Rawsthorne & Sons, oferecendo a Glass um novo posto como capitão de um cúter na rota Filadélfia-Liverpool. Na noite de 14 de abril, ele leu a oferta uma última vez e a lançou ao fogo, observando as chamas devorarem esse último vínculo tangível com sua vida anterior.

Na manhã seguinte, Hugh Glass embarcou em uma viagem com o capitão Henry e os homens da Companhia de Peles Montanhas Rochosas. Aos trinta e seis anos, não se considerava mais um jovem. E, ao contrário dos jovens, Glass não achava que não tivesse nada a perder. Sua decisão de partir para o oeste não era precipitada ou forçada, mas tão deliberada quanto qualquer outra decisão em sua vida. Ao mesmo tempo, ele não tinha como explicar ou articular seus motivos. Era algo que sentia mais do que compreendia.

Em uma carta para o irmão, disse: “Sinto-me puxado para seguir esse projeto de uma forma que nunca ocorreu em toda a minha vida. Tenho certeza de que tenho razão em agir assim, apesar de não poder lhe precisar exatamente o motivo.”

OITO

2 DE SETEMBRO DE 1823 — TARDE

GLASS ESPIOU NOVAMENTE a cascavel ainda entorpecida pela desgastante atividade de digestão da presa. A serpente não se movera nem um centímetro desde que Glass recobrara a consciência. *Comida*. Com a sede saciada nas águas gotejantes da nascente, de repente se deu conta de uma fome intensa e corrosiva. Não fazia ideia de quando comera pela última vez, e suas mãos tremiam pela falta de alimento. Quando levantou a mão, a clareira girou lentamente em torno dele.

Glass engatinhou com cautela em direção à serpente, ainda tendo viva na mente a imagem do terrível pesadelo. Avançou quase dois metros, parando para pegar uma pedra do tamanho de uma noz. Com a mão esquerda, rolou a pedra em direção à serpente até que batesse contra o seu corpo. O animal não se mexeu. Glass pegou uma pedra do tamanho de um punho e rastejou em direção à cascavel. A serpente fez um movimento lento para se proteger, mas era tarde demais. Glass esmagou a cabeça do animal com a pedra e bateu repetidas vezes até ter certeza de que estava morto.

Tendo conseguido matar a cascavel, o desafio seguinte era retirar-lhe as tripas.

Olhou ao redor. Sua bolsa estava jogada na extremidade da clareira. Ele rastejou até ela e jogou o que ainda restava ali dentro no chão: algumas buchas, uma navalha, dois pés de gavião presos em um colar de contas e a garra de quinze centímetros do urso-cinzento. Glass pegou a garra, observando a grossa camada de sangue coagulado na ponta. Colocou-a de volta na bolsa, perguntando-se como teria ido parar ali. Pegou as buchas, cogitando usá-las para fazer fogo, um pouco desolado por perceber que elas não serviam mais a seu real propósito. A navalha foi o achado mais significativo. A lâmina era muito frágil para usar como arma, mas talvez pudesse ser útil de diversas formas. Ele já poderia usá-la imediatamente para tirar a pele da serpente. Jogou a navalha na bolsa, colocou-a no ombro e rastejou de volta até o local onde estava a cascavel.

Moscas já zumbiam sobre a cabeça ensanguentada da serpente. Glass foi mais respeitoso. Uma vez ele vira a cabeça de uma serpente se implantar no focinho de um cão fatalmente curioso. Lembrando-se do pobre cão, enterrou uma longa vara na cabeça da serpente e a pressionou para baixo com a perna esquerda. Ele não conseguia levantar o braço direito sem que uma dor intensa irradiasse pelo ombro, mas a mão funcionava normalmente. Ele a usou para serrar a cabeça da serpente com a lâmina da navalha. Com a vara, empurrou a cabeça para a extremidade da clareira.

Ele cortou a barriga da cobra. A navalha ficou cega rapidamente, reduzindo sua eficiência a cada centímetro cortado. Glass conseguiu cortar a serpente ao comprido, quase um metro e meio até a cloaca. Puxou as entranhas da serpente aberta e as descartou. Usou a navalha para desgrudar a pele cheia de escamas do músculo. A carne agora reluzia diante dele, irresistível diante de sua fome.

Ele mordeu a serpente, rasgando-a tal uma espiga de milho. Finalmente um pedaço soltou. Roeu a carne flexível, embora seus dentes mal dessem conta de rompê-la. Pensando unicamente em sua fome, cometeu o erro de engolir. O grande naco de carne crua caiu como uma pedra em sua garganta ferida. A dor o fez engasgar. Ele tossiu, por um instante pensando que o naco de carne fosse sufocá-lo. Finalmente atravessou sua goela.

Ele aprendeu a lição. Aproveitou o restante de luz do dia para cortar pequenos pedaços de carne com a navalha, batendo-os entre duas pedras para romper as fibras, e depois misturou cada mordida com um gole de água. Era uma maneira árdua de comer, e Glass ainda estava com fome quando chegou à cauda. Era aflitivo, porque ele duvidava que conseguiria sua próxima refeição com tanta facilidade.

Nos últimos momentos de claridade, ele examinou o chocalho na ponta da cauda. Havia dez anéis, um para cada ano da vida da serpente. Glass nunca tinha visto uma cascavel com dez anéis. *Um longo tempo, dez anos.* Glass pensou na serpente, sobrevivendo, desenvolvendo-se durante uma década com a força de seus atributos brutais. E, então, por um único erro, por um momento de exposição em um ambiente que não conhece a tolerância, ela está morta e devorada quase antes de seu sangue parar de pulsar. Ele cortou o chocalho do que restara da cascavel e manuseou os anéis como se fosse um rosário. Depois de um tempo, jogou-o na bolsa de utensílios. Queria poder olhar para ele de

novo, recordar-se.

Estava escuro. Glass puxou o cobertor, se acomodou e adormeceu.

Despertou com sede e com fome de um sono inquieto. Todas as feridas doíam.

Quinhentos e sessenta quilômetros até o Forte Kiowa. Ele sabia que não podia se permitir pensar na distância, não em sua totalidade. *Um quilômetro de cada vez*. Definiu o rio Grand como seu primeiro objetivo. Estava inconsciente quando o grupo de caçadores tomou a decisão de mudar de direção, afastando-se do rio principal e seguindo o riacho da nascente, mas, pelas conversas entre Bridger e Fitzgerald, supunha que estava próximo.

Glass puxou o cobertor de Hudson Bay dos ombros. Com a navalha, cortou três longas tiras. Enrolou a primeira em volta do joelho esquerdo — o joelho bom. Ele precisava de uma joelheira, já que iria engatinhar. As outras duas, enrolou nas palmas das mãos, deixando os dedos livres. Enrolou o restante do cobertor e prendeu a longa alça da bolsa de utensílios em volta das duas extremidades do rolo. Certificou-se de que a bolsa estava bem presa e então a colocou, juntamente com o cobertor, às costas. Usava a alça nos ombros, deixando suas mãos livres.

Glass tomou um grande gole de água da nascente e começou a engatinhar. Na verdade, ele mais se arrastava de uma forma rápida. Poderia usar o braço direito para se equilibrar, mas ele não suportaria seu peso. Só conseguia manter esticada a perna direita para trás. Ele tinha se exercitado para relaxar os músculos, dobrando e esticando a perna, mas ela permanecia tão rígida quanto um mastro.

Imprimiu o melhor ritmo que podia. Usando a mão direita como uma espécie de suporte, mantinha o peso no lado esquerdo; inclinava-se para a frente sobre o braço esquerdo, puxava para cima o joelho esquerdo e depois arrastava a perna direita rija atrás de si. Passo a passo, metro a metro. Parou diversas vezes para ajustar o cobertor e a bolsa de utensílios. Seus movimentos aos trancos e barrancos faziam com que as amarras de seu pacote se soltassem. Afinal, Glass acabou por descobrir o número certo de nós para manter a trouxa no lugar.

Durante algum tempo, as tiras de lã do joelho e das mãos funcionaram adequadamente, apesar de precisarem de ajustes frequentes. Ele não considerara o efeito sobre a perna arrastada. O mocassim dava proteção para a parte mais baixa do pé direito, mas não cobria o tornozelo. Depois de cerca de cem metros, sua perna estava com escoriações, e ele parou para cortar uma tira do cobertor

que cobrisse a área em contato com o solo.

Glass levou quase duas horas para engatinhar da nascente até o rio Grand.

Quando chegou ao rio, suas pernas e braços doíam devido aos movimentos a que não estava acostumado. Ele olhou para baixo e, ao encontrar as velhas pegadas de seus companheiros, ficou se perguntando que providência havia evitado que os índios as tivessem visto.

Embora ele nunca chegasse a vê-la, a explicação estava evidente na margem oposta. Se tivesse atravessado o rio, descobrira as enormes pegadas de um urso se espalhando sobre uma extensão de nespereiras. Tão nítidas quanto os rastos dos cinco cavalos dos índios. Em uma ironia que Glass jamais chegaria a apreciar, fora um urso-cinzento que o salvara dos índios. Como Fitzgerald, o urso tinha descoberto a extensão de nespereiras perto do Grand. O animal estava se fartando de comer quando os cinco guerreiros arikaras subiram o rio. Na verdade, havia sido o odor do urso que deixara o cavalo malhado nervoso. Confuso ao avistar e sentir o cheiro de cinco índios montados, o urso se arrastou mata adentro. Os caçadores se puseram em seu encalço e não chegaram a reparar nos rastos na margem oposta.

Quando Glass emergiu da proteção dos pinheiros, o horizonte se alargava para uma paisagem entrecortada apenas por montes isolados e grupos de choupos espalhados. Salgueiros espessos ao longo do rio atrapalhavam o caminho para que rastejasse, no entanto, não ajudavam para bloquear o calor tórrido do sol do final da manhã. Ele suava nas costas e no peito, e sentia o fisgar do sal quando o suor penetrava em suas feridas. Tomou um último gole de água fresca do riacho. Enquanto bebia, lançou um olhar rio acima, considerando mais uma vez a ideia da perseguição imediata. *Ainda não.*

A necessidade frustrante de atrasar a perseguição funcionava como água no ferro quente de sua determinação — fortalecia-a, tornando-a inflexível. Ele prometeu a si mesmo que iria sobreviver — mesmo que fosse apenas para se vingar dos homens que o haviam traído.

Engatinhou por mais três horas nesse dia. Imaginava ter percorrido mais de três quilômetros. As margens do rio Grand tinham contornos variáveis, alternando extensões de areia, relva e pedras. Várias partes do rio eram rasas e, se Glass conseguisse se colocar de pé, poderia ter cruzado o rio diversas vezes para aproveitar o terreno mais fácil.

Porém, atravessar o rio não era uma opção, e sua forma atípica de movimento o relegava à margem norte. As pedras criavam uma dificuldade especial. No momento em que ele parou, as tiras de lã estavam em farrapos. A lã era eficiente para evitar as escoriações, mas não impedia os hematomas. O joelho e as palmas das mãos estavam roxos e sensíveis ao toque. Glass começou a ter cãibras no braço esquerdo e uma vez mais sentiu os tremores e a fraqueza por falta de comida. Como previra, nenhuma fonte de alimento fácil cruzara seu caminho. Naquele instante, sua subsistência teria que se valer dos vegetais.

Glass possuía uma vasta familiaridade com as plantas das planícies da época que passara com os pawnees. A taboa crescia em porções abundantes sempre que o terreno se nivelava e criava depósitos de águas pantanosas, os talos verdes e finos de mais de um metro com espigas castanhas felpudas em cima. Glass usou uma vara para cavar as raízes dos talos, retirou a casca e comeu os brotos tenros. Como havia taboas em grande quantidade no brejo, havia muitos mosquitos. Eles zumbiam incessantemente ao redor da pele exposta da cabeça, do pescoço e dos braços. Glass os ignorou por um tempo enquanto cavava, morto de fome, entre as taboas. Por fim, acabou por saciar sua fome, ou pelo menos comeu o suficiente para começar a se preocupar mais com as mordidas dos mosquitos. Engatinhou cerca de cem metros rio abaixo. Não havia como escapar dos mosquitos àquela hora, mas o número deles diminuía longe da água estagnada do brejo.

Glass desceu a margem do rio Grand engatinhando durante três dias. As taboas continuavam a aparecer em grande quantidade, e ele encontrou uma variedade de outras plantas que sabia serem comestíveis: cebolas, dente-de-leão e até folhas de salgueiro. Por duas vezes, topou com frutas vermelhas e parou para devorá-las, colhendo todas as que conseguia, até os dedos ficarem roxos do sumo das frutas.

No entanto, não encontrou aquilo pelo qual seu corpo ansiava. Já haviam se passado doze dias desde o ataque do urso-cinzento. Antes de ser abandonado, Glass tinha ingerido alguns pequenos goles de caldo em algumas ocasiões. Além disso, a cascavel fora seu único alimento real. As frutas e as raízes poderiam sustentá-lo por alguns poucos dias. Porém, para sarar, para voltar a ficar de pé, Glass sabia que precisava dos ricos nutrientes que só a carne poderia oferecer. A serpente tinha sido um golpe de sorte, e dificilmente tal sorte se repetiria.

Ainda assim, ele pensava, não existe sorte se você não for na direção dela. Na manhã seguinte, iria rastejar para a frente novamente. Se não encontrasse a sorte, ele iria fazer o possível para produzi-la por si mesmo.

NOVE

8 DE SETEMBRO DE 1823

ELE SENTIU O cheiro da carcaça de búfalo antes de vê-la. Ele a ouviu também. Ou, pelo menos, ouviu as nuvens de moscas que giravam em torno da massa de couro e ossos amontoados. Os tendões mantinham o esqueleto praticamente intacto, embora alguns animais carniceiros já tivessem retirado toda a carne. A cabeça robusta e peluda e os chifres negros davam ao animal seu único toque de dignidade, ainda que também esta tenha sido fragilizada pelos pássaros que lhe tinham retirado os olhos.

Olhando para o animal, Glass não sentiu qualquer repulsa, apenas a decepção por ver que o tinham destituído de uma potencial fonte de nutrição. Uma variedade de pegadas circundava a área. Glass calculou que a carcaça tivesse quatro ou cinco dias. Encarou a pilha de ossos, imaginando, por um instante, o próprio esqueleto espalhado pelo desolado solo de algum canto esquecido da pradaria, sua carne já comida, um cadáver em decomposição para os corvos e os coiotes. Ele se lembrou de um verso das Escrituras: “do pó ao pó”. *Era isso que significava?*

Seus pensamentos se voltaram rapidamente para considerações mais práticas. Ele tinha visto indígenas ferverem couro para transformá-lo em uma massa pegajosa e comestível em momentos de fome. Glass teria tentado fazer o mesmo, só que não tinha recipiente em que pudesse ferver água. Pensou em uma alternativa. A carcaça se encontrava próxima de uma pedra do tamanho de uma cabeça. Apanhou-a com a mão esquerda e a jogou desajeitadamente contra a linha de costelas menores. Um dos ossos trincou, e Glass se esticou para alcançá-lo. O tutano que ele esperava encontrar estava seco. *Preciso de um osso mais grosso.*

Uma das patas dianteiras do búfalo estava afastada do restante do corpo, um osso exposto até o casco. Ele o colocou sobre uma rocha plana e o socou com outra pedra. Finalmente, o osso se rachou e partiu.

Ele estava certo — o osso mais grosso ainda continha o tutano esverdeado. Talvez pudesse ter percebido que era melhor não comer aquilo ao sentir o cheiro, mas a fome o privara de toda a razão. Ignorando o sabor amargo, chupou o líquido do osso e procurou mais, escavando com o pedaço de costela quebrada. É melhor correr o risco do que morrer de inanição. Ao menos o tutano era fácil de deglutir. Desnorteado com a ideia de comida, com a mera mecânica do ato de comer, ele gastou quase uma hora quebrando ossos e raspando seu conteúdo.

Foi então que veio a primeira cólica. Ela se iniciou como uma dor no interior do intestino. De repente, ele se sentiu incapaz de suportar o próprio peso e rolou para ficar de lado. A pressão em sua cabeça se tornou tão intensa que Glass teve consciência de cada sulco em seu crânio. Começou a suar copiosamente. Como raios de sol que atravessam um cristal, as dores em seu abdome rapidamente se tornaram mais localizadas, queimando. Sentiu uma náusea atingir seu estômago como uma onda ampla e inevitável. Começou a ter ânsias de vômito, a indignidade das convulsões não representando nada diante da dor aguda que sentiu quando a bile passou por sua garganta ferida.

Durante duas horas, ficou deitado no mesmo lugar. Seu estômago se esvaziou rapidamente, mas não parou de se contorcer. Entre os acessos de vômito, ele ficava paralisado, como se a falta de movimentos pudesse fazer cessar os enjoos e as dores.

Quando o primeiro acesso de enjoo passou, ele engatinhou para longe da carcaça, ansioso para se afastar o máximo possível do odor doce e nauseante. A movimentação novamente provocou dor de cabeça e enjoo. A trinta metros do búfalo, engatinhou até uma área de salgueiros robustos, encolheu-se deitado de lado e caiu em um estado que parecia mais inconsciência do que sono.

Durante um dia e uma noite, seu corpo se purgou, expelindo o tutano rançoso. A dor localizada dos ferimentos provocados pelo urso-cinzento agora se combinava a uma fraqueza ampla e difusa. Glass chegou a visualizar seu vigor como a areia de uma ampulheta. Minuto a minuto, sua vitalidade ia se esvaindo. Como numa ampulheta, ele sabia que chegaria um momento em que o último grão de areia iria cair pela estreita passagem, deixando o espaço superior vazio.

Glass não conseguia se livrar da imagem do esqueleto do búfalo, da majestosa fera, com a pele removida, apodrecendo na pradaria.

Na manhã do segundo dia após ter encontrado a carcaça, Glass acordou

esfomeado, desvairadamente esfomeado. Acatou isso como um sinal de que o veneno tinha saído de seu organismo. Tentou continuar sua laboriosa atividade de rastejar rio abaixo, em parte porque ainda esperava se deparar com outra fonte de alimento, mas principalmente porque compreendia o significado de parar. Calculava que, em dois dias, não tinha percorrido mais do que quatrocentos metros. Glass sabia que a intoxicação lhe havia roubado mais do que tempo e distância. Tinha-lhe minado a força, consumido o mínimo estoque de energia que ainda lhe restava.

Se não comesse carne nos dias seguintes, Glass achava que iria morrer.

A experiência com a carcaça do búfalo e as consequências lhe deixariam longe de qualquer animal que não tivesse morrido há pouco tempo, por mais desesperado que estivesse. Seu primeiro pensamento foi fazer uma lança, ou matar uma lebre com uma pedra. Porém, a dor no ombro direito o impedia de simplesmente levantar o braço, quanto mais impulsioná-lo com força suficiente para dar um golpe letal. Com a mão esquerda, ele não tinha precisão para atingir animal algum.

Logo, caçar não era uma opção. Restava montar uma armadilha. Glass conhecia várias maneiras de capturar pequenos animais com armadilhas, usando cordas e uma faca para que esculpisse uma alavanca. Na falta até desses dois elementos básicos, decidiu tentar uma arapuca. Tratava-se de um dispositivo simples: uma pedra grande balançando precariamente sobre uma vara, montada para cair quando algum animal pequeno e descuidado tropeçasse no gatilho.

As trilhas feitas pelos animais ziguezagueavam entre os salgueiros ao longo do rio Grand. As pegadas marcavam a areia úmida perto do rio. Na relva alta, ele reparou as depressões em formato de espiral nas quais os veados haviam se aninhado para dormir durante a noite. Imaginou que seria pouco provável conseguir capturar um veado com sua arapuca. Para começar, ele duvidava que fosse conseguir levantar uma pedra ou árvore com peso suficiente para isso. Decidiu se concentrar em coelhos, que vira em grande quantidade ao longo do rio.

Glass procurou trilhas próximas a alguma cobertura espessa, preferidas pelos coelhos. Encontrou um choupo que havia sido cortado recentemente por um castor, os galhos cobertos de folhas criando uma gigantesca trama de obstáculos e esconderijos. As trilhas que levavam à árvore estavam salpicadas de

excrementos do tamanho de uma ervilha.

Perto do rio, Glass encontrou três pedras adequadas: suficientemente planas para fornecer uma superfície larga, capaz de esmagar o animal que tropeçasse na arapuca; suficientemente pesadas para matar. As pedras que ele selecionou eram do tamanho de um pequeno barril e pesavam cerca de cinco quilos. Como estava com um braço e uma perna lesionados, Glass levou quase uma hora para empurrá-las, uma pedra de cada vez, da margem até a árvore.

Em seguida, procurou as três varas de que precisava para montar a armadilha. O choupo abatido fornecia muitas opções. Selecionou três galhos de cerca de dois centímetros de espessura e os partiu do comprimento aproximado de seu braço. Depois, quebrou as três varas ao meio. Ao quebrar a primeira, sentiu uma dor desagradável no ombro e nas costas; então, para partir as outras duas, apoiou-as contra o choupo e usou uma das pedras.

Quando terminou, tinha uma vara dividida em duas para cada arapuca. Unidas no ponto onde estavam quebradas, cada vara aguentaria, ainda que precariamente, o peso da pedra apoiada. Onde os dois suportes se unissem, Glass ajustaria uma vareta de gatilho. Quando algum animal batesse ou arrastasse a vara, outra cederia tal qual um joelho se dobrando, deixando cair o peso mortal em cima do alvo inocente.

Para funcionar como gatilho, Glass escolheu três salgueiros finos e os cortou em varetas de cerca de quarenta centímetros. Já tinha reparado que havia folhas de dente-de-leão próximas ao rio, e juntou uma boa quantidade delas para servirem como isca para as armadilhas, amontoando as folhas tenras em cada vareta de gatilho.

Uma trilha estreita coberta com excrementos levava até a parte mais espessa do choupo caído. Glass selecionou esse ponto para colocar a primeira arapuca e começou a montá-la.

A dificuldade com esse tipo de armadilha residia em conseguir o equilíbrio entre estabilidade e fragilidade. Estabilidade para que a arapuca não se desarmasse sozinha; porém, se ficasse estável demais, corria-se o risco de a pedra não cair. E precisava ser frágil para que a pedra caísse facilmente quando a presa batesse na vareta de gatilho; porém, se fosse frágil demais, poderia cair sozinha. Atingir esse equilíbrio exigia força e coordenação, e os ferimentos de Glass tinham lhe tirado boa parte de ambas. O braço direito não conseguia

suportar o peso da pedra; por isso, ele a empoleirou de uma forma desajeitada na perna direita. Enquanto isso, tentava, com a mão esquerda, segurar as duas partes da vara de suporte com a vareta de gatilho presa no meio. Tentou essa estratégia várias vezes, e em todas a estrutura inteira acabava desabando. Por duas vezes ele considerou ter montado a armadilha com firmeza excessiva e desmanchou-a.

Após quase uma hora, finalmente atingiu o ponto de equilíbrio desejado. Procurou, nas trilhas próximas do choupo caído, mais dois pontos apropriados para montar as outras arapucas e depois se afastou do choupo, na direção do rio.

Glass encontrou abrigo em um local na margem recortada. Quando a fome se tornou insuportável, comeu as raízes amargas dos dentes-de-leão que tinha colhido para as armadilhas. Bebeu um pouco de água do rio para tirar o gosto acre da boca e se deitou para dormir. Os coelhos eram mais ativos à noite, então ele iria verificar o que acontecera com as arapucas pela manhã.

Uma dor aguda na garganta o despertou antes do amanhecer. As primeiras luzes do novo dia pincelavam o horizonte como gotas de sangue. Glass mudou de posição em um esforço vão de aliviar a dor no ombro. Quando ela diminuiu, percebeu o ar frio do início da manhã. Encolheu os ombros e puxou o cobertor rasgado para cobrir o pescoço. Ficou deitado, sentindo-se desconfortável, durante uma hora, esperando que surgisse luz suficiente para verificar as armadilhas.

Ainda sentia o gosto amargo na boca ao engatinhar em direção ao choupo caído. Sentiu também um ligeiro fedor desagradável de gambá. Ambas as sensações se evaporaram quando imaginou um coelho preso em um espeto grelhando em uma fogueira crepitante. Alimentar-se de carne; ele podia sentir seu cheiro, seu gosto.

A cinquenta metros, Glass viu as três arapucas. Uma estava intacta, mas as outras duas tinham sido acionadas: as pedras estavam no chão, com as varas de sustentação caídas. Ele sentiu a pulsação acelerada na garganta enquanto engatinhava rapidamente para a frente.

A três metros da primeira armadilha, notou uma grande quantidade de novas pegadas na trilha estreita dos animais, assim como excremento fresco espalhado. Sua respiração ficou ofegante quando olhou para a parte posterior da pedra: não havia nada embaixo. Levantou a pedra, ainda mantendo as esperanças. Estava vazia. Seu peito se contraiu de tanta decepção. *Será que não armei direito? Será*

que caiu sozinha? Engatinhou apressado para a outra pedra. Não havia qualquer volume se sobressaindo da parte da frente. Ele se esforçou para ver do outro lado, a parte oculta da armadilha.

Vislumbrou algo preto e branco e ouviu um assobio, quase imperceptível.

A dor ficou registrada em sua mente antes de conseguir perceber o que havia acontecido. A arapuca havia aprisionado um gambá pela pata dianteira, mas, apesar de preso, a capacidade de expelir seu jato nocivo não tinha sido afetada. Sentiu como se o óleo quente de uma lamparina fosse despejado em seus olhos. Glass rolou para trás em um esforço inútil de evitar outro jato. Sem conseguir enxergar, ele se moveu, entre engatinhar e rolar, até o rio.

Glass se jogou nas águas que se avolumavam perto da margem, buscando desesperadamente lavar o líquido que queimava. Com o rosto na água, tentou abrir os olhos, mas a queimação era muito intensa. Levou vinte minutos até conseguir voltar a enxergar — e isso só ocorria quando semicerrava os olhos, vermelhos e marejados. Finalmente, rastejou até a margem. O fedor enjoativo do gambá se impregnou em sua pele e suas roupas como geada em uma vidraça. Certa vez, ele observara um cão rolar na sujeira por uma semana, tentando se livrar do mau cheiro. Como o cão, ele sabia que o fedor ficaria impregnado nele durante dias.

Quando a ardência nos olhos começou a passar, Glass fez um exame rápido de seus ferimentos. Tocou o pescoço e examinou os dedos em seguida. Não havia sangue, embora as dores continuassem quando ele engolia ou inalava profundamente. Percebeu que não tentava falar havia vários dias. De maneira hesitante, abriu a boca e forçou o ar pela laringe. A ação provocou uma dor aguda e um guincho esganiçado e patético. Ele ficou pensando se algum dia voltaria a falar normalmente.

Levantando a cabeça, ele conseguia ver os cortes paralelos que se estendiam do pescoço até o ombro. A resina de pinheiro usada por Bridger ainda cobria a área. O ombro todo doía, mas os cortes pareciam estar cicatrizando. As perfurações na coxa também tinham uma aparência razoável, embora a perna ainda não conseguisse aguentar o peso do corpo. Ao tocar o couro cabeludo, podia imaginar que estivesse com uma aparência terrível, mas não sangrava e não doía.

Exceto pela garganta, a área que mais o preocupava eram as costas. Ele não

tinha agilidade para examinar as feridas com as mãos e, incapaz de vê-las, supunha as piores coisas. Tinha sensações estranhas que imaginava serem as cascas das feridas se rompendo. Ele sabia que o capitão Henry tinha atado as suturas e de vez em quando sentia uma coceira devido às pontas soltas da linha.

Mais do que qualquer outra coisa, sentia o vazio corrosivo da fome.

Ele ficou deitado na areia da margem, exausto e completamente desmoralizado com os últimos acontecimentos. Perto de si, uma moita de flores amarelas se elevava em cima de uma haste verde e fina. A haste lembrava cebolinha, mas Glass sabia do que se tratava: uma planta venenosa. *Seria a Providência? Foi colocada aqui para mim?* Glass ficou pensando em como o veneno funcionaria. Será que ele flutuaria tranquilamente em um sono eterno? Ou seu corpo se contorceria em uma morte agonizante? E o que isso iria diferir de sua situação atual? Pelo menos ele teria certeza de que o fim estaria próximo.

Enquanto estava deitado à beira do rio nos primeiros momentos do amanhecer, um veado gordo surgiu vindo dos salgueiros da margem oposta. Olhou de um lado para outro cautelosamente antes de seguir adiante, mancando, para beber a água do rio. Estava a menos de trinta metros, um alvo fácil para o rifle de Glass. *O Anstadt*.

Pela primeira vez naquele dia, ele pensou nos homens que o haviam abandonado. Sua raiva aumentava enquanto encarava o veado. Abandono soava gentil demais para descrever a traição dos dois. Abandonar era um ato passivo: fugir ou deixar algo para trás. Se os dois que o vigiavam não tivessem feito nada mais além de abandoná-lo, ele estaria agora apontando o cano de sua arma, prestes a abater o veado. Estaria usando sua faca para retalhar o animal e estaria raspando sua pederneira contra um pedaço de aço, para iniciar a fogueira que serviria para cozinhar. Olhou para baixo, para si mesmo, molhado dos pés à cabeça, ferido, fedendo a gambá, o gosto amargo das raízes ainda na boca.

O que Fitzgerald e Bridger tinham feito era mais do que abandoná-lo; era muito pior. Eles não eram forasteiros no caminho de Jericó, olhando para o outro lado e cruzando a estrada. Glass não se sentia na posição de exigir um tratamento como o do bom samaritano, mas esperava no mínimo que os outros não lhe prejudicassem.

Fitzgerald e Bridger agiram deliberadamente, roubando seus poucos pertences, que agora ele poderia estar usando para se salvar. E, ao roubarem dele

sua chance de sobrevivência, eles o haviam matado. Assassinaram-no, tão certo como uma faca enfiada no coração ou uma bala transpassando o cérebro. Assassinaram-no, só que ele não morreria. Ele prometeu a si mesmo que não morreria, pois viveria para matar seus assassinos.

Hugh Glass se endireitou e continuou a rastejar descendo as margens do rio Grand.

———

Glass estudou os contornos da terra que o circundava. A cinquenta metros, uma suave depressão levava em três de seus lados até um barranco amplo e seco. Artemísias e uma vegetação rasteira forneciam uma cobertura razoável. De súbito, o barranco fez com que ele se recordasse das colinas suavemente arredondadas ao longo do rio Arkansas. Ele se lembrou de uma armadilha que certa vez vira as crianças da tribo pawnee montarem. Para elas, aquilo não passava de uma brincadeira. Para Glass, o exercício era absolutamente sério.

Rastejou devagar até o fundo do barranco e parou no ponto que parecia o centro natural. Encontrou uma pedra com ponta afiada e começou a cavar o solo arenoso e compacto.

Cavou um poço profundo, até a altura de seu bíceps, com dez centímetros de diâmetro.

Da metade do poço para baixo, aumentou o buraco de modo que ficasse com o formato de uma garrafa de vinho com o gargalo para cima. Depois, espalhou a terra perto do poço para eliminar os indícios de que algo fora cavado ali. Ofegante com o esforço, parou para descansar.

Em seguida, saiu em busca de uma pedra grande e achatada. Encontrou-a a uns dez metros do poço. Também achou três pedras pequenas, que arrumou em triângulo em volta do buraco. Arrematou com a pedra achatada, que foi colocada por cima, como se fosse um telhado do poço, formando a cobertura do que parecia um bom local para se esconder.

Glass usou um galho para camuflar a área em volta da armadilha e depois rastejou lentamente para longe do buraco. Em vários pontos, avistou excrementos pequenos e reveladores — um bom sinal. A cinquenta metros do poço, ele parou. Seu joelho e as palmas das mãos estavam em carne viva devido

ao esforço de rastejar. A coxa lhe doía por causa do movimento, e ele sentiu novamente como se crostas se soltassem das feridas das costas enquanto elas começavam a sangrar. Parar produzia um alívio temporário para os ferimentos, mas também fazia com que ele se conscientizasse de sua extrema fadiga, uma dor contínua e pouco intensa, que emanava de dentro de seu organismo e se espalhava por todo o seu corpo. Glass lutou contra o desejo de fechar os olhos e sucumbir ao sono convidativo. Ele sabia que não conseguiria recuperar as forças a não ser que se alimentasse.

Ele se forçou a voltar à posição de engatinhar. Prestando atenção à distância, moveu-se formando um amplo círculo que tinha o poço que ele cavara como centro. Levou trinta minutos para completar o circuito. Novamente, seu corpo suplicou que ele parasse e descansasse, mas ele sabia que parar agora enfraqueceria a eficácia de sua armadilha. Continuou a rastejar, formando espirais de fora para dentro, em círculos cada vez menores, até chegar ao poço. Quando encontrava algum arbusto espesso, ele o balançava. Qualquer coisa dentro dos círculos era levada lentamente até o poço oculto.

Uma hora depois, Glass chegou ao poço. Retirou a pedra achatada de cima e escutou. Ele tinha visto um menino pawnee enfiar o braço em uma armadilha semelhante e tirá-lo, gritando, com uma cascavel presa na mão. O erro do menino ensinara-lhe uma lição. Olhou em volta procurando um galho que servisse. Encontrou um comprido com uma extremidade plana e o fustigou várias vezes dentro do buraco.

Tendo se assegurado de que qualquer coisa que estivesse presa na armadilha estava morta, enfiou a mão no buraco. Um por um, puxou seis animais: quatro ratos mortos e dois esquilos despedaçados. Não havia glória alguma nesse método de caçar, mas Glass ficou orgulhoso com os resultados.

Até certo ponto, o barranco oferecia um bom esconderijo, e Glass arriscou fazer uma fogueira, amaldiçoando a falta da pederneira com o aço. Ele sabia que era possível criar uma centelha esfregando duas varas, uma contra a outra, mas ele mesmo nunca fizera isso. Suspeitou que, se o método funcionasse, levaria uma eternidade.

O que ele precisava era um arco e um fuso — uma máquina rudimentar para fazer fogo. A máquina tinha três partes: um pedaço plano de madeira com um orifício para alocar a vara que serviria de fuso, uma vara arredondada com cerca

de dois centímetros de espessura e vinte centímetros de comprimento, e um arco — como o de um violinista — para girar o fuso.

Glass vasculhou o barranco para encontrar tudo que precisava. Não foi difícil achar uma peça achatada de madeira e duas varas para o fuso e o arco. *Uma corda para o arco.* Ele não tinha corda. *A alça da bolsa*. Pegou a navalha e cortou a alça de sua bolsa. Depois, amarrou-a nas pontas da vara. Também usou a lâmina para escavar as extremidades e fazer um orifício na parte achatada da madeira, tomando o cuidado de deixar o furo ligeiramente maior do que o fuso.

Tendo montado o arco e o fuso, Glass juntou material inflamável e combustível.

De dentro da bolsa de utensílios, retirou as buchas, rasgando-as para desfiar as pontas. Ele também tinha guardado tufos de taboa. Amontoou de qualquer maneira o material inflamável e juntou grama seca. Aos poucos pedaços de madeira ressecada encontrados na área acrescentou estrume de búfalo, ossada seca de várias semanas em exposição ao sol.

Estando tudo em seu lugar, Glass pegou os componentes para produzir fogo. No orifício no pedaço de madeira, colocou o material inflamável e encaixou o fuso, no qual enrolou a corda do arco. Apertou firme o fuso com a palma da mão direita, ainda coberta com a proteção de lã que usava para rastejar. Com a mão esquerda, acionou o arco. O movimento para a frente e para trás fez girar o fuso acoplado ao pedaço de madeira, criando fricção e calor.

A falha em seu mecanismo se tornou evidente quando o fuso girou com a ajuda do arco. Uma ponta do fuso esfregava no buraco da madeira — a ponta que ele queria usar para produzir fogo. A outra, no entanto, girava contra a carne de sua mão. Glass se lembrou de que os pawnees usavam um pedaço de madeira do tamanho da palma da mão para segurar a ponta de cima do fuso. Olhou em volta novamente procurando um pedaço de madeira apropriado. Quando o localizou, usou a navalha para escavar um orifício onde pudesse inserir a ponta superior do fuso.

Ele era um pouco desajeitado com a mão esquerda e tentou várias vezes até encontrar o ritmo certo, movendo o arco de maneira firme sem perder a sustentação do fuso. Logo, porém, conseguiu que o fuso girasse de maneira suave. Depois de alguns minutos, começou a sair fumaça do buraco. De repente, o material pegou fogo. Glass apanhou os tufos de taboa e os usou para alimentar

as chamas, protegendo-as com a mão em concha. Quando a taboa pegou fogo, ele transferiu as chamas para a pequena cavidade que havia preparado com o material inflamável. Sentiu o vento açoitar suas costas e entrou em pânico por um instante, com medo de que as chamas se apagassem, mas o material se incendiou, assim como a grama seca. Poucos minutos depois, ele alimentou a fogueira com os restos de búfalo.

Não havia tanta carne assim para comer após ter tirado a pele e as vísceras dos pequenos roedores. Ainda assim, era carne fresca. Se sua técnica de caça demandava muito tempo, pelo menos tinha a vantagem de ser simples.

Glass ainda estava esfomeado quando pegou o pequeno peito do último roedor. Decidiu parar mais cedo no dia seguinte. Talvez pudesse cavar poços em dois locais diferentes. Pensar que seu progresso ficaria mais lento o irritava. Por quanto tempo ele conseguiria evitar os arikaras nas margens de um rio tão usado pelos viajantes, como o Grand? *Não faça isso. Não pense em um futuro distante. O objetivo de cada dia é a manhã seguinte.*

Já tendo cozinhado o jantar, não valia mais a pena correr riscos mantendo a fogueira. Cobriu-a com areia e foi dormir.

DEZ

15 DE SETEMBRO DE 1823

MONTES GÊMEOS EMOLDURAVAM o vale à frente de Glass, forçando o rio Grand a se transformar em um estreito canal entre eles. Glass se lembrou dos montes da viagem de subida do rio com o capitão Henry. Enquanto rastejava ao longo do Grand, características distintas ficavam cada vez mais raras. Até os choupos pareciam ter sido engolidos pelo mar de gramíneas da pradaria.

Henry e o grupo de caçadores de peles haviam acampado perto dos montes, e a intenção de Glass era parar no mesmo lugar, na esperança de algo útil ter sido deixado para trás. De qualquer forma, ele se lembrava de que a grande ribanceira perto dos montes fornecia boa proteção. Grandes concentrações de nuvens carregadas se formavam ameaçadoramente no horizonte a oeste. A tempestade chegaria em poucas horas, e Glass queria se abrigar antes que ela o alcançasse.

Rastejou ao longo do rio até o acampamento. Um anel de pedras enegrecidas indicava uma fogueira recente. Ele se lembrava de que seu grupo não acendera fogueira ao acampar e se perguntou quem teria vindo depois. Parou, tirou a bolsa de utensílios e o cobertor das costas e bebeu um longo gole de água do rio. Atrás dele, a margem recortada criava o abrigo de que ele se recordava. Examinou os dois lados do rio, procurando qualquer sinal dos índios, decepcionado por ver a vegetação tão escassa. Sentiu o conhecido ronco da fome e pensou se haveria proteção suficiente para cavar um poço eficaz para capturar roedores. *Será que vale o esforço?* Comparou as vantagens do abrigo contra as vantagens do alimento. Os roedores o vinham sustentando havia duas semanas. Ainda assim, Glass sabia que ele estava em água estagnada — não afundava, mas tampouco progredia para um ponto mais seguro.

Uma brisa suave anunciava as nuvens que se aproximavam, um vento fresco contra o suor de suas costas. Glass se virou e, engatinhando, subiu a margem alta, para ver como estava a tempestade.

O que havia além da borda da margem o deixou sem fôlego. Milhares de

búfalos pastavam no vale embaixo do monte, lançando sobre a planície uma mancha escura por mais de um quilômetro e meio. Um enorme macho se mantinha em guarda em frente a ele, a uma distância não maior do que cinquenta metros. O animal media mais de dois metros do chão até a corcova. O xale felpudo de pelo em tom amarelo queimado no alto de seu corpo preto acentuava a cabeça e os ombros robustos, fazendo com que os chifres parecessem quase redundantes. O animal bufou e farejou o ar, frustrado pelo redemoinho formado pela brisa. Por trás dele, uma fêmea chafurdou as costas no chão, levantando uma nuvem de poeira. Cerca de uma dúzia de outras fêmeas e seus filhotes pastavam absortos ali por perto.

Glass vira um búfalo pela primeira vez nas planícies do Texas. Desde então, ele os havia encontrado novamente, em grandes ou pequenas manadas, em uma centena de ocasiões diferentes. No entanto, a visão daqueles animais nunca deixava de incutir nele uma admiração: admiração por sua quantidade infinita, admiração pela pradaria que os sustentava.

A cem metros de Glass, rio abaixo, uma alcateia de oito lobos também observava o majestoso búfalo e os animais desgarrados que ele protegia. O macho alfa estava sentado perto de uma moita de artemísia. Por toda a tarde, tinha esperado com paciência pelo momento que acabara de chegar, o momento em que surgisse uma brecha entre os animais desgarrados e o restante da manada. Uma brecha. Uma fraqueza fatal. De súbito, o grande lobo se levantou sobre as quatro patas.

O macho alfa era alto, porém magro. Suas pernas pareciam desajeitadas, granulosas e de certa maneira desproporcionais em relação ao corpo preto como carvão. Seus dois filhotes se atracavam, brincando, perto do rio. Alguns dos lobos dormiam placidamente, como cães deitados no quintal perto de um celeiro. Vendo-os juntos, os lobos pareciam mais animais de estimação do que predadores, ainda que todos se empertigassem cheios de vida a um sinal repentino do grande macho.

Foi só quando o grupo de lobos começou a se movimentar que seu poder letal ficou evidente. Sua força não se originava de seus músculos ou de sua elegância. Na verdade, fluía de uma inteligência única que tornava seus movimentos deliberados, implacáveis. Cada animal era uma unidade mortal, formando a força coletiva da alcateia.

O macho alfa trotou rapidamente em direção à brecha entre os búfalos desgarrados e a manada, passando a galopar depois de alguns poucos metros. A alcateia se espalhava por trás dele com extrema precisão e propósito, e seu caráter quase militar surpreendeu Glass. Os lobos avançaram até o espaço formado entre os búfalos. Até os filhotes pareciam perceber a finalidade da empreitada da alcateia. Os búfalos na extremidade da manada principal retrocederam, empurrando os filhotes para a frente deles antes de se virarem para o lado de fora, formando uma fila, ombro a ombro, para rechaçar os lobos. O espaço entre os animais se ampliou com o movimento da manada principal, deixando fora de seu perímetro o grande búfalo macho e mais de dez animais desgarrados.

O grande búfalo atacou, pegando um lobo com o chifre e o jogando, aos gritos, a uns seis metros de distância. Os lobos rosnaram e mostraram os caninos brutais para o grupo. A maioria dos desgarrados disparou para a manada principal, percebendo instintivamente que sua segurança estava na quantidade.

O macho alfa dos lobos mordiscou a anca tenra de um filhote de búfalo. Confuso, o filhote se afastou da manada, em direção à margem íngreme do rio. Coletivamente consciente do erro fatal, a alcateia caiu de imediato sobre a presa. Balindo enquanto corria, o filhote disparou. Tombou na margem do rio, quebrando a pata na queda. O filhote se esforçou para se pôr de pé, mas a pata quebrada balançou de modo estranho e cedeu completamente quando ele tentou se apoiar nela. O pequeno animal caiu no chão e foi atacado pela alcateia. Os lobos cravaram as presas em todas as partes de seu corpo. O macho alfa enfiou os dentes no pescoço macio do filhote e o rasgou.

O último golpe contra o pequeno animal aconteceu a apenas setenta e cinco metros de Glass. Ele observava a cena com um misto de fascinação e medo, agradecido por seu ponto de observação estar a favor do vento. A alcateia mantinha todo o foco no filhote. O macho alfa e sua companheira comeram primeiro, os focinhos ensanguentados enterrados no abdome macio. Eles deixaram seus filhotes comerem, mas não o restante da alcateia. De vez em quando outro lobo se aproximava furtivamente da presa, apenas para ser rechaçado por um rosnado ou uma mordida do grande macho negro.

Glass fitou o filhote de búfalo e os lobos, com a mente trabalhando sem parar. O filhote tinha nascido na primavera. Após um verão engordando na pradaria,

ele pesaria perto de setenta quilos. *Setenta quilos de carne fresca*. Depois de duas semanas caçando seus alimentos aos pequenos bocados, Glass mal podia acreditar naquela fartura. De início, teve a esperança de que a alcateia pudesse deixar carne suficiente para ele. No entanto, à medida que observava, a fartura de carne diminuía em um ritmo alarmante. Saciados, o macho alfa e sua companheira acabaram se afastando da carcaça carregando um pernil para os filhotes. Os outros quatro lobos se debruçaram na carcaça.

Em um desespero crescente, Glass considerou suas opções. Se ele esperasse tempo demais, duvidava que sobrasse alguma carne para ele. Pesou a perspectiva de continuar a sobreviver à base de roedores e raízes. Mesmo que conseguisse obter comida suficiente para se suprir, a tarefa levava muito tempo. Imaginava que não tinha percorrido nem cinquenta quilômetros desde que começara a rastejar. No ritmo atual, precisaria de sorte para chegar ao Forte Kiowa antes de o frio despontar. E, naturalmente, cada dia exposto às margens do rio representava outro dia para os índios o encontrarem.

Ele precisava desesperadamente recuperar uma força que a carne de búfalo poderia lhe fornecer. Não sabia como a Providência tinha colocado o filhote de búfalo em seu caminho. *É minha oportunidade*. Se quisesse sua cota do pequeno animal, teria que lutar por ela. E precisava fazê-lo naquele exato momento.

Ele analisou a área procurando algo que funcionasse como uma arma. Não visualizou nada além de pedras, madeira trazida pelas águas e artemísia. *Um porrete?* Refletiu por um momento se seria capaz de afastar os lobos batendo neles. Improvável. Ele não conseguiria balançar um objeto com força suficiente para dar um golpe. E, como estava de joelhos, perdia qualquer vantagem que sua altura pudesse proporcionar. *Artemísia*. Ele se lembrou das chamas breves mas impressionantes que criou com os ramos secos de artemísia. *Uma tocha?*

Sem vislumbrar outra alternativa, olhou em volta em busca de material para produzir fogo. As enchentes da primavera haviam arremessado o tronco de um grande choupo contra a margem recortada, criando um quebra-vento natural. Com as mãos, Glass cavou um poço de pouca profundidade na areia próximo ao tronco.

Pegou o arco e o fuso, grato por pelo menos ter meios de criar fogo rapidamente. Retirou a última de suas buchas da bolsa de utensílios, assim como uma grande porção de tufos de taboa. Glass olhou rio abaixo, para a alcateia de

lobos ainda ocupada em devorar o filhote de búfalo. *Maldição!*

Olhou em torno à procura de combustível. O rio havia deixado pouco do choupo além do tronco. Ele encontrou uma moita de artemísia já morta e quebrou cinco ramos grandes em pedaços, empilhando-os perto do poço da fogueira.

Armou o arco e o fuso no poço abrigado, colocando o material inflamável com cuidado. Começou a trabalhar com o arco, primeiro lentamente, depois mais rápido, conseguindo encontrar seu ritmo. Em poucos minutos, obteve um fogo baixo ardendo no poço próximo do choupo.

Olhou rio abaixo em direção aos lobos. O macho alfa, sua companheira e seus dois filhotes estavam aconchegados entre si cerca de vinte metros além do animal abatido. Tendo consumido primeiro a carne do búfalo, agora se contentavam em roer despreocupadamente o saboroso tutano do pernil. Glass tinha a esperança de que a família ficasse longe da batalha que estava por ser travada. Assim, restariam quatro lobos com a carcaça.

Os loup pawnees, como o próprio nome revelava, já que loup significa lobo em francês, reverenciavam o lobo por sua força, mas, principalmente, por sua astúcia. Glass tinha participado de caçadas a lobos com grupos de índios pawnees; o pelo dos animais constituía parte importante de muitas cerimônias da tribo. No entanto, ele nunca fizera nada como aquilo que estava preparando no momento: engatinhar até o meio de uma alcateia e desafiar os lobos para obter comida, armado apenas com uma tocha feita de artemísia.

Os cinco ramos de artemísia se entortavam como mãos enormes tomadas por artrite. Galhos menores se estendiam dos principais em espaços regulares, quase todos cobertos por finos filamentos de folhas azul-esverdeadas e granuladas. Ele pegou um dos ramos e o levou até o fogo. O ramo se inflamou imediatamente, logo aparecendo uma chama de cerca de trinta centímetros no alto da tocha. *Está queimando rápido demais.* Glass ficou pensando se a chama duraria pelo tempo necessário para chegar aos lobos, e se funcionaria como arma caso algum tipo de luta fosse necessário. Decidiu minimizar o risco. Em vez de acender todas as tochas de uma vez, ele carregaria os ramos sem colocar fogo, como uma munição de reserva para ser acrescida à tocha quando preciso.

Glass olhou para os lobos novamente. De repente, eles pareceram maiores e ele hesitou por um momento. Nada de voltar atrás agora, decidiu. É minha

oportunidade. Com o ramo de artemísia em chamas em uma das mãos e os quatro ramos de reserva na outra, Glass rastejou margem abaixo até os lobos. A cinquenta metros, o macho alfa e sua companheira levantaram o olhar do pernil que degustavam para encarar esse estranho animal que se aproximava da carcaça. Eles olharam para Glass com curiosidade, mas não como um desafio. Afinal de contas, estavam satisfeitos.

Quando vinte metros os separavam, o vento mudou e os quatro lobos que devoravam a carcaça sentiram o cheiro da fumaça. Todos se viraram. Glass parou, já frente a frente com os quatro. Ao longe, seria fácil ver os lobos como meros cães. A curta distância, porém, eles não pareciam em nada com seus primos domésticos. Um lobo branco mostrou os dentes ensanguentados e deu meio passo em direção a Glass, um rosnado profundo saindo de sua garganta. Baixou o ombro, um movimento que de alguma maneira parecia defensivo e ofensivo ao mesmo tempo.

O lobo branco lutava contra instintos conflitantes — por um lado, queria defender sua presa; por outro, sentia medo do fogo. Um segundo lobo, com uma das orelhas faltando um pedaço enorme, aproximou-se do companheiro. Os outros dois continuaram a rasgar a carcaça, aparentemente apreciando a atenção exclusiva ao alimento. O ramo ardente na mão direita de Glass começou a tremeluzir. O lobo branco deu mais um passo em direção ao homem, que se lembrou repentinamente da nauseante sensação dos dentes do urso rasgando sua carne. *O que foi que eu fiz?*

De súbito, houve um forte clarão, uma pausa breve e então o estrondo intenso de um trovão reverberando sobre o vale. Um pingo de chuva caiu no rosto de Glass e o vento açoitou a chama. Ele sentiu o estômago revirar. *Meu Deus... não agora!* Ele tinha que agir rapidamente. O lobo branco estava pronto para atacar. *Será que eles realmente conseguem farejar o medo?* Ele tinha que tentar o inesperado. Tinha que atacá-los.

Pegou os quatro ramos de artemísia da mão direita e os juntou à tocha que segurava com a esquerda. As chamas se inflamaram, consumindo avidamente o combustível seco. Ele precisava das duas mãos para segurar os ramos, o que significava não mais usar a esquerda para se equilibrar. Sentiu uma dor lancinante ao longo do corpo a partir da coxa direita, que estava muito machucada, à medida que jogava o peso para a perna — e quase caiu. Conseguiu

se levantar enquanto se lançava para a frente, claudicando sobre os joelhos no melhor ataque que lhe seria possível. Soltou o som mais alto que conseguiu produzir, que saiu como uma espécie de gemido lúgubre. Prosseguiu balançando a tocha em chamas como uma espada incandescente.

Glass impeliu a tocha na direção do lobo com uma orelha só. As chamas chamuscaram o rosto do animal, que saltou para trás com um ganido. O lobo branco pulou para abocanhar a lateral de Glass e enfiou os dentes no seu ombro. Glass girou, afastando o pescoço para impedir que o lobo atingisse sua garganta. Apenas alguns centímetros separavam os rostos do lobo e de Glass, que era capaz de sentir o hálito cheirando a sangue do animal. Glass lutou novamente para manter o equilíbrio. Balançou os braços para fazer com que as chamas entrassem em contato com o lobo e atingiu o abdome e a virilha do animal, que soltou o ombro de Glass e recuou um passo.

Glass ouviu um rosnado atrás de si e se abaixou instintivamente. O lobo com uma orelha só veio rolando para cima de sua cabeça, mas atingiu apenas seu pescoço. O homem ferido caiu de lado, soltando um gemido com o impacto da queda, que realimentou as dores nas costas, no pescoço e no ombro. As tochas caíram no chão, espalhando-se sobre o solo arenoso. Glass agarrou os ramos, desesperado para apanhá-los antes que se apagassem. Ao mesmo tempo, lutava para voltar a ficar de joelhos.

Os dois lobos o cercavam lentamente, aguardando o momento propício, agora mais cuidadosos por terem experimentado as chamas. *Não posso deixar que fiquem atrás de mim.* Um relâmpago voltou a brilhar, seguido rapidamente pelo estrondo de um trovão. A tempestade estava quase acima dele. A chuva poderia cair a qualquer minuto. *Não há tempo.* Mesmo sem a chuva, as chamas da tocha queimavam com pouca intensidade.

O lobo branco e o lobo com uma orelha só fecharam o círculo; eles também pareciam sentir que a batalha estava por atingir seu clímax. Glass simulou atacá-los com a tocha. Eles diminuíram o ritmo, mas não retrocederam. Glass tinha se colocado a poucos metros do animal abatido. Os dois lobos que ainda se alimentavam da carcaça rasgaram um pernil e se afastaram da comoção dos lobos e da estranha criatura carregando o fogo. Pela primeira vez, o homem reparou nas moitas de artemísia seca ao redor da carcaça. *Será que pegariam fogo?*

Com os olhos fixos nos dois lobos, Glass levou a tocha para a moita. Não chovia havia semanas e o arbusto, que estava completamente seco, incendiou-se depressa. Em um instante, as chamas se elevaram meio metro acima da artemísia mais próxima à carcaça. Glass incendiou mais duas moitas. Logo a carcaça estava cercada por três arbustos em chamas. Como Moisés, Glass se plantou sobre a carcaça, de joelhos, balançando o que restava da tocha. De novo, houve o clarão de um relâmpago e o estrondo de um trovão. O vento chicoteou as chamas em volta do arbusto. A chuva caiu, ainda que insuficiente para ensopar a artemísia.

O efeito foi impressionante. O lobo branco e o de uma orelha só olharam em volta. O macho alfa, sua companheira e os filhotes saíram trotando pela pradaria. De barriga cheia e percebendo a tempestade iminente, foram se abrigar no covil próximo. Os outros dois lobos que estavam perto da carcaça os seguiram, esforçando-se para carregar o pernil do filhote.

O lobo branco se agachou, aparentemente em posição de ataque. No entanto, de repente o lobo com uma orelha só se virou e correu atrás da alcateia. O lobo branco parou para contemplar a mudança de planos. Ele conhecia bem seu papel na alcateia: outros lideravam, ele seguia. Outros escolhiam o animal a ser abatido, ele ajudava a matá-lo. Outros comiam primeiro, ele se contentava com as sobras. O lobo nunca vira um animal como o que tinha aparecido naquele dia, mas compreendia perfeitamente seu lugar na hierarquia. Outro estrondo de trovão se fez ouvir, e a chuva desabou sobre eles. O lobo branco lançou um último olhar sobre o búfalo, o homem e a artemísia fumegante, em seguida deu meia-volta e saiu trotando no encalço do restante da alcateia.

Glass observou os lobos desaparecerem acima da linha da margem recortada. Ao redor, subia fumaça à medida que a chuva molhava a artemísia. Mais um minuto e ele estaria indefeso. Admirou a própria sorte enquanto olhava para a mordida no ombro. O sangue escorria de duas perfurações, mas elas não eram profundas.

O filhote de búfalo continuava na posição grotesca de seus esforços inúteis para escapar dos lobos. Presas brutalmente eficazes haviam rasgado a carcaça, deixando-a aberta. Uma poça de sangue fresco se formava sob a garganta estraçalhada, um vermelho sinistramente brilhante contra o esmaecido castanho-claro da areia do barranco. Os lobos tinham se concentrado nas ricas entranhas

que o próprio Glass também almejava. Ele girou o animal, virando-o de lado, e notou com certa decepção que não havia sobrado nada do fígado. Também já não havia a vesícula, os pulmões e o coração. Mas uma pequena porção do intestino caía para fora do animal. O homem ferido pegou a navalha de dentro da bolsa de utensílios e, com a mão esquerda, seguiu o sinuoso órgão até a cavidade do corpo, cortando uma extensão de cerca de meio metro na altura do estômago. Quase não conseguindo controlar sua ânsia por comida, colocou a abertura do órgão na boca e sorveu com avidez.

Se, por um lado, os lobos tinham se servido dos órgãos mais nobres, por outro tinham feito um favor a Glass, esfolando o animal quase todo. Glass se voltou para a garganta, de onde, com a ajuda da navalha, conseguiu retirar a pele maleável. O filhote estava bem alimentado, e uma gordura branca e delicada estava grudada ao músculo de seu pescoço roliço. Os caçadores chamavam esta gordura de “velo” e a consideravam uma iguaria. Ele cortou alguns pedaços e encheu a boca, mal mastigando antes de engolir. A cada vez que engolia reavivava o ardor lancinante de sua garganta, mas a fome superava a dor. Ele se fartou, debaixo de chuva, chegando finalmente a um limite mínimo de consciência que o levasse a considerar outros tipos de perigo.

Glass escalou de novo até a borda da margem recortada e analisou o horizonte em todas as direções. Grupos espalhados de búfalos pastavam distraidamente, mas não havia qualquer sinal de lobos ou índios. A chuva e os trovões tinham cessado tão rapidamente quanto surgiram. Raios angulosos da luz vespertina conseguiram se imiscuir no meio das nuvens carregadas, jorrando em feixes iridescentes que se estendiam do céu à terra.

Glass parou por um momento para rever a própria sorte. Os lobos tinham apanhado a cota deles, mas uma imensa fonte de alimento estava ali disponível para ele. Ele não nutria ilusões a respeito de sua situação. Porém, de fome ele não iria morrer.

Glass acampou durante três dias na margem recortada, próximo ao animal abatido. Nas primeiras horas, nem se deu o trabalho de fazer uma fogueira, devorando incontrolavelmente fatias finas da carne fresca. Em determinado

momento, fez uma pausa longa o suficiente para iniciar um fogo baixo para assar e dessecar, ocultando as chamas o máximo possível, armando a fogueira próximo à margem.

Fez espetos com os galhos verdes de salgueiros das redondezas. Hora após hora, trinchou a carcaça com a navalha cega, pendurando a carne nos espetos enquanto alimentava o fogo sem deixar que se apagasse. Em três dias, preparou seis quilos de carne seca, o suficiente para sustentá-lo por duas semanas, se fosse necessário. E por mais tempo, se conseguisse algum suplemento alimentar no caminho.

No fim das contas, os lobos deixaram um corte nobre da carne: a língua. Glass a saboreou como se fosse um rei. Assou as costelas e os ossos das pernas, um a um, quebrando-os para consumir o tutano fresco e saboroso.

Glass retirou o couro com a navalha cega. Uma tarefa que poderia ter levado minutos acabou levando horas, um período em que ele se lembrou amargamente dos dois homens que haviam furtado sua faca. Ele não tinha tempo nem as ferramentas adequadas para cortar o pelo, mas conseguiu talhar uma *parfleche* grosseira antes que a pele ressecasse demais, a ponto de se transformar em couro rígido. Ele precisava da bolsa para transportar a carne-seca.

No terceiro dia, Glass procurou um galho longo que pudesse funcionar como muleta. Na luta contra os lobos, ele se surpreendeu com o peso que sua perna acidentada conseguira suportar. Tinha exercitado a perna nos dois últimos dias, alongando-a e testando os movimentos. Com a ajuda de uma muleta, Glass achava que seria capaz de caminhar ereto, uma possibilidade que lhe agradava muito, depois de três semanas engatinhando como um cão manco. Encontrou um galho de choupo que tinha o formato e o tamanho apropriados. Cortou uma longa faixa do cobertor e a enrolou na extremidade superior da muleta, para proteger o apoio do braço.

O cobertor tinha sido reduzido, faixa por faixa, a um pedaço de tecido de não mais que trinta centímetros de largura por sessenta de comprimento. Com a navalha, Glass cortou uma abertura no meio do tecido, grande o bastante para que pudesse enfiar a cabeça. O resultado não podia ser exatamente chamado de capa, mas pelo menos cobria seus ombros e impedia o atrito da *parfleche* contra a pele.

Novamente, podia-se sentir o frio no ar daquela última noite perto dos montes.

Os últimos pedaços do búfalo abatido estavam dependurados defumando nos espetos acima do carvão fumegante. A fogueira lançava um brilho reconfortante no acampamento, um pequeno oásis de luz no meio das trevas da planície sem luar. Glass sugou o tutano da costela que havia deixado para o final. Quando jogou o osso no fogo, percebeu que não estava com fome. Saboreou o calor envolvente da fogueira, um luxo do qual não mais desfrutaria tão cedo.

Três dias com comida ajudaram a recuperar seu corpo ferido. Ele dobrou a perna direita para testá-la. Os músculos estavam retesados e doloridos, mas se mexiam. O ombro também havia melhorado. Seu braço ainda não recuperara a força, mas retomara alguma flexibilidade. Glass ainda tinha receio de tocar na garganta. Os vestígios dos pontos estavam protuberantes, embora a pele tivesse se recomposto. Ele ficava pensando se deveria cortar os pontos que restavam com a navalha, mas tinha medo de tentar. Exceto pelo esforço de gritar com os lobos, Glass não testava a voz havia dias. Não faria isso agora. Sua voz pouco tinha a ver com sua sobrevivência nas semanas seguintes. Se ela houvesse se modificado, paciência. Na verdade, ele apreciava o fato de agora poder engolir com menos dor.

Glass sabia que o filhote de búfalo tinha transformado seu destino. Ainda assim, era fácil moderar a avaliação de sua posição real. Ele tinha sobrevivido para lutar um dia após o outro. Porém, estava sozinho e sem armas, e mais de quatrocentos e oitenta quilômetros de planícies abertas o separavam do Forte Brazeau. Duas tribos indígenas — uma certamente hostil e a outra possivelmente hostil — seguiam o mesmo rio do qual ele dependia para se orientar. E, é claro, como Glass sabia da forma mais dolorosa possível, os índios não constituíam a única ameaça em seu caminho.

Ele sabia que deveria dormir. Com a nova muleta, esperava percorrer de quinze a vinte e cinco quilômetros no dia seguinte. Ainda assim, algo o forçava a permanecer mais tempo aproveitando aquele transitório momento de satisfação — a sensação de estar bem-alimentado, descansado e aquecido.

Glass pegou a bolsa de utensílios e retirou a garra de urso de seu interior. Ele a revirou lentamente à luz do fogo, mais uma vez fascinado com o sangue pisado na ponta — agora se dava conta de que o sangue era dele. Começou a escavar a parte mais grossa da garra com a navalha, criando um sulco estreito. Trabalhou no sulco com cuidado para deixá-lo mais profundo. Também tirou da bolsa o

colar com o pé de falcão. Amarrou o cordão do colar em volta do sulco que escavara na base da garra do urso e o prendeu com um nó apertado. Finalmente amarrou as duas pontas em volta do pescoço.

Gostou da ideia de que a garra que provocara seus ferimentos agora pendia inanimada de seu pescoço. *Meu amuleto da sorte,* pensou, e logo adormeceu.

ONZE

16 DE SETEMBRO DE 1823

MALDIÇÃO! JOHN FITZGERALD continuava observando o rio — ou, mais precisamente, a curva do rio.

Jim Bridger se aproximou dele.

— Para onde o rio vai agora? Vai virar para o leste?

Sem aviso, Fitzgerald deu um tapa com o dorso da mão na boca do rapaz. Bridger pulou desajeitadamente para trás, caindo de costas com uma expressão atordoada.

— Ei, por que você fez isso?

— Você acha que eu não consigo ver que o rio vira para o leste? Quando eu precisar que você faça o reconhecimento do terreno, eu peço! Enquanto isso, mantenha os olhos abertos e a maldita boca fechada!

Bridger estava certo, é claro. Por mais de cento e cinquenta quilômetros, o rio que eles seguiam corria predominantemente para o norte, a direção que eles desejavam seguir. Fitzgerald nem tinha certeza do nome do rio, mas sabia que qualquer curso de água daquela região em algum momento desaguava no Missouri. Se o rio tivesse continuado em direção ao norte, o experiente caçador acreditava que ele se cruzaria com o outro a um dia de caminhada do Forte Union. Fitzgerald até mantinha alguma esperança de que Bridger e ele estivessem realmente no Yellowstone, embora o rapaz sustentasse que a posição deles estava muito mais ao leste.

Em todo caso, Fitzgerald esperava se manter seguindo aquele rio até chegarem ao Missouri. Na verdade, ele não tinha qualquer intuição sobre a geografia da vasta terra descampada diante dele. A terra apresentara poucas características distintivas desde que eles haviam deixado a nascente do alto Grand, e o horizonte se estendia por quilômetros adiante deles, um mar de gramíneas indistintas e morros altos, cada um exatamente igual ao anterior.

O curso do rio servia para orientá-los a seguir em frente e assegurava

suprimento fácil de água. Ainda assim, Fitzgerald não tinha vontade alguma de virar para o leste — a nova direção do rio, a julgar pela distância que seus olhos conseguiam enxergar. O tempo era um inimigo. Quanto mais caminhassem separados de Henry e do restante do grupo, maiores eram as chances de acontecer uma desgraça.

Ficaram parados por vários minutos enquanto Fitzgerald encarava o rio e se corroía de ansiedade e hesitação.

Afinal, Bridger respirou profundamente e disse:

— Devíamos ir para o noroeste.

Fitzgerald quis repreendê-lo, mas estava completamente perdido sobre o que fazer. Apontou para a grama seca que se estendia no horizonte.

— Imagino que você saiba onde encontrar água por lá.

— Não. Mas não precisamos de tanta água nesse clima. — Bridger percebeu a indecisão de Fitzgerald e sentiu que sua opinião fortalecia proporcionalmente. Ao contrário de Fitzgerald, ele *tinha* uma intuição sobre aquela terra descampada. Sempre tivera esse dom, uma bússola interna que parecia guiá-lo em terras desconhecidas. — Acho que estamos a não mais do que dois dias do Missouri, e talvez a essa mesma distância do Forte.

Fitzgerald lutou contra o desejo de esbofetear Bridger novamente. Na verdade, voltou a pensar em matar o rapaz. Ele o teria feito lá atrás, no Grand, se não se sentisse dependente do rifle extra. Dois atiradores não eram muito, mas era melhor ter dois do que apenas um.

— Ouça, garoto. Você e eu precisamos chegar a um acordo antes de nos juntarmos aos outros.

Bridger imaginara essa conversa desde que eles tinham abandonado Glass. Ele olhou para baixo, já envergonhado pelo que estava por vir.

— Fizemos o melhor possível pelo coitado do Glass, ficamos com ele mais tempo do que a maioria das pessoas ficaria. Setenta dólares não é uma quantia que pague acabar escalpelado pelos rees — disse Fitzgerald, usando o apelido dos arikaras.

Bridger não respondeu, então Fitzgerald continuou:

— Glass estava morto desde o momento em que aquele urso-cinzento o atacou. A única coisa que não fizemos foi enterrá-lo. — Bridger ainda olhava para longe. A ira de Fitzgerald começou a aumentar novamente. — Quer saber?

Não dou a mínima para o que você pensa sobre o que fizemos. Mas vou dizer uma coisa: abra a boca e eu lhe estraçalho o pescoço de orelha a orelha.

DOZE

17 DE SETEMBRO DE 1823

O CAPITÃO ANDREW Henry não parou para apreciar o esplendor bruto do vale que se estendia à sua frente. Do seu ponto privilegiado sobre um barranco alto acima da confluência entre os rios Missouri e Yellowstone, Henry e seus sete companheiros tinham adiante um vasto horizonte demarcado por um planalto deserto. Na frente do planalto, erguiam-se morros baixos isolados, surgindo como ondas amareladas entre o penhasco íngreme e o Missouri. Embora já não restasse quase nenhuma árvore na margem mais próxima, havia ainda grossos choupos na margem mais distante, lutando contra o outono pela posse temporária de sua folhagem.

Henry tampouco parou para contemplar o significado filosófico da confluência de dois rios. Não imaginou as campinas no alto das montanhas onde as águas começavam sua viagem, puras como diamante líquido. Nem mesmo dedicou um tempo para apreciar a importância prática da localização do forte, adequadamente arrecadando o comércio de duas grandes rotas.

Os pensamentos do capitão Henry não eram sobre o que ele via, mas sobre o que não via: não via cavalos. Viu o movimento disperso de homens e a fumaça de uma grande fogueira, mas nem um único cavalo. *Nem uma maldita mula*. Ele atirou com o rifle para o ar, tanto como forma de frustração quanto de saudação. Os homens no acampamento interromperam suas atividades, procurando a origem do tiro. Duas armas responderam. Henry e seus sete homens desceram penosamente o vale em direção ao Forte Union.

Já haviam se passado oito semanas desde que Henry deixara o Forte Union, precipitando-se para socorrer Ashley na aldeia dos arikaras. O capitão deixou duas instruções: colocar armadilhas nos rios vizinhos e vigiar os cavalos a todo custo. Aparentemente, a sorte do capitão Henry nunca mudaria.

Porco levantou o rifle que estava no ombro direito, em cuja carne parecia haver entalhada uma marca permanente. Iniciou o movimento de passar a arma

pesada para o ombro esquerdo, mas as alças da sua bolsa de utensílios já tinham deixado uma esfoladura ali. Finalmente ele se resignou em simplesmente carregar a arma à sua frente, uma decisão que o fez lembrar a dor que sentia nos braços.

Porco pensou no confortável colchão de palha na parte de trás da tanoaria em St. Louis e chegou mais uma vez à conclusão de que se juntar ao capitão Henry fora um erro terrível.

Nos primeiros vinte anos de sua vida, Porco nunca andara mais do que três quilômetros. Nas últimas seis semanas, não havia se passado um dia sem que andasse menos do que trinta quilômetros, e frequentemente os homens percorriam cinquenta ou até mais. Dois dias antes, Porco havia gastado as solas do terceiro par de mocassins. Os buracos deixavam o orvalho gelado entrar de manhã. As pedras tinham feito arranhões incômodos, e, o pior de tudo, ele havia pisado em um cacto cheio de espinhos. Tentou, várias vezes e sem sucesso, tirar os espinhos com a faca de esfolar, e agora um dedo inflamado lhe causava um estremecimento a cada passo.

Sem mencionar o fato de que ele nunca na vida sentira tanta fome.

Ansiava pelo simples prazer de mergulhar um pãozinho no molho ou enfiar os dentes em uma tenra coxa de frango. Ele se lembrava com carinho da pilha de pratos de estanho fornecida três vezes ao dia pela esposa do tanoeiro. Seu café da manhã agora não passava de carne-seca fria — e em pouca quantidade. Eles mal paravam para o almoço, que também era carne-seca. Com o nervosismo do capitão a respeito do barulho de tiros, até os jantares consistiam basicamente de carne-seca fria. E, nas ocasiões em que tinham carne fresca, Porco se esforçava para comê-la, retalhando pedaços da carne de caça ou lutando para quebrar ossos para extrair o tutano. Conseguir comida na região das fronteiras exigia trabalho demais. O esforço necessário para conseguir comer o deixava muito faminto.

Porco questionava sua decisão de ir para o oeste a cada ronco do estômago, a cada passo doloroso. A abundância da região das fronteiras continuava tão ilusória quanto antes. Ele não preparava uma armadilha de castor havia seis meses. Enquanto entravam no acampamento, os cavalos não eram a única coisa ausente. *Onde estão as peles?* Algumas peles de castores estavam penduradas em troncos de salgueiros nos muros de madeira do forte, junto a uma mistura de búfalos, alces e lobos. Mas essa não era exatamente a bonança que eles

esperavam encontrar.

Um homem chamado Stubby Bill deu um passo à frente e esboçou o movimento de estender a mão para cumprimentar o capitão.

Henry ignorou a gentileza.

— Onde estão os cavalos, droga?

A mão de Stubby Bill continuou estendida por um momento, sozinha e desconfortável. Finalmente, ele a abaixou.

— Os índios blackfeet roubaram os cavalos, capitão.

— Você já ouvir falar em montar guarda?

— Montamos guarda, capitão, mas eles apareceram do nada e surpreenderam a tropa.

— Vocês foram atrás deles?

Stubby Bill fez que não com a cabeça.

— Não tivemos muito sucesso contra os blackfeet ultimamente.

Era um lembrete sutil, mas também efetivo. O capitão Henry respirou profundamente.

— Quantos cavalos sobraram?

— Sete... bem, cinco cavalos e duas mulas. Murphy está com todos eles em uma patrulha de caça pelos lados do riacho Beaver.

— Não parece que tem havido muita caça por aqui.

— Estamos tentando, capitão, mas o entorno do Forte está repleto de armadilhas. Sem mais cavalos, não conseguimos cobrir uma área relevante.

———

Jim Bridger estava deitado encolhido sob um cobertor surrado. Haveria um forte orvalho no chão de manhã, e o rapaz sentia como se a umidade gelada penetrasse no fundo de seus ossos. Eles dormiriam novamente sem acender uma fogueira. Seu desconforto foi aos poucos vencido pelo cansaço e ele adormeceu.

Em sonho, ele estava parado perto da beirada de um grande abismo. O céu se tingia de um tom roxo-escuro do fim da noite. A escuridão prevalecia, mas havia luz suficiente para iluminar os objetos com um brilho esmaecido. A assombração surgiu a princípio como um formato vago, ainda distante. Aproximou-se dele aos poucos, inevitavelmente. Os contornos foram tomando forma à medida que se

aproximava, um corpo contorcido e desequilibrado. Bridger queria escapar, mas o abismo atrás dele tornava a fuga impossível.

A dez passos, ele pôde ver o rosto horrível. Não era uma imagem natural, as feições eram distorcidas como as de uma máscara. Cicatrizes cruzavam a face e a testa. O nariz e as orelhas estavam colocados em qualquer lugar, sem equilíbrio ou simetria. O rosto era emoldurado por uma barba e cabelos compridos despenteados, dando a impressão de que o ser diante dele não era mais humano.

O espectro se aproximava com os olhos queimando, fixos em Bridger, um olhar de ódio que ele não conseguia abrandar.

A figura levantou o braço tal qual um anjo da morte e enfiou uma faca, com violência, no peito de Bridger. A faca penetrou no esterno completamente, deixando o rapaz em choque pela força perfurante. Ele cambaleou para trás, teve um último vislumbre dos olhos em chamas e caiu.

Fitou a faca no peito enquanto o abismo o engolia. Reconheceu com pouca surpresa a cobertura prateada no punho da faca. Era a faca de Glass. De certa maneira, era um alívio morrer, ele pensou, ou pelo menos mais fácil do que viver com essa culpa.

Bridger sentiu um golpe brusco nas costelas. Abriu os olhos em um sobressalto para encontrar Fitzgerald em pé por cima dele.

— Hora de seguir em frente, garoto.

TREZE

5 DE OUTUBRO DE 1823

OS RESTOS QUEIMADOS da aldeia arikara faziam Hugh Glass se lembrar de restos mortais. Era sinistro andar por ali. Este lugar, que até tão pouco tempo fervilhava com a vibração da vida de quinhentas famílias, agora parecia um túmulo, um monumento enegrecido no alto barranco sobre o Missouri.

A aldeia se encontrava cerca de vinte quilômetros ao norte da confluência com o Grand, enquanto o Forte Brazeau ficava pouco mais de cem quilômetros ao sul. Glass tinha dois motivos para a excursão Missouri acima. A carne-seca feita com o filhote de búfalo havia acabado, e ele estava novamente sobrevivendo à base de raízes e frutas silvestres. Lembrou-se dos extensos milharais que circundavam a aldeia arikara e tinha esperanças de conseguir algo para se alimentar por ali.

Ele também sabia que na aldeia conseguiria material para montar uma jangada.

Com uma jangada, poderia flutuar sem esforços corrente abaixo até o Forte Brazeau. Atravessando lentamente a aldeia, percebeu que não teria qualquer problema para conseguir o material para construir a jangada. Entre as cabanas e a paliçada, havia milhares de toras que podiam ser úteis.

Glass parou para examinar uma grande choupana perto do centro da aldeia, obviamente algum tipo de instalação de uso comunitário. Viu um lampejo de movimento no interior escuro. Deu um passo hesitante para trás, o coração aos pulos. Depois ficou parado, observando o interior da choupana à medida que seus olhos se acostumavam com a luz. Já não tendo necessidade da muleta, ele havia afiado a ponta do galho de choupo, transformando-o em uma lança grosseira, mantendo-a pronta para ser usada.

Um cão pequenino, um filhote, choramingava no meio da choupana. Aliviado e entusiasmado com a perspectiva de obter carne fresca, Glass deu um passo lento adiante. Girou a lança de modo a trazer para a frente a extremidade mais

grossa. Se conseguisse atrair o cão para mais perto, um golpe rápido e forte esmagaria o crânio do animal. *Não será preciso danificar a carne*. Sentindo o perigo, o cão fugiu em direção aos sombrios recantos dos fundos do cômodo aberto.

Glass seguiu rapidamente em perseguição ao animal, parando em choque quando o cão saltou para os braços de uma índia idosa. A anciã estava aconchegada sobre um catre, enroscada em uma manta esfarrapada. Ela segurava o filhote como se fosse um bebê. Com o rosto enterrado contra o animal, apenas os cabelos brancos eram visíveis nas sombras. Ela gritou e começou a se lamentar de forma histérica. Após alguns momentos, o lamento se tornou regular, um cântico assustador e ominoso. *Seu cântico da morte?*

Os braços e os ombros agarrando o filhotinho não eram mais do que uma pele velha e encarquilhada pendendo frouxamente dos ossos. Quando os olhos de Glass se ajustaram à escuridão, ele reparou o lixo e a sujeira espalhados ao redor da senhora. Um enorme jarro de cerâmica continha água, mas não havia sinal de comida. *Por que ela não colheu um pouco de milho?* Glass havia pegado algumas espigas ao chegar à aldeia. Os sioux e os veados haviam consumido a maior parte da lavoura, mas certamente ainda sobrava algo. *Será que ela tem alguma deficiência?*

Glass tirou uma espiga de milho de sua *parfleche*. Descascou-a e se inclinou para oferecê-la à anciã. Ele ficou com a espiga estendida por um longo tempo enquanto a mulher continuava a entoar seu cântico lamentoso. Depois de um instante, o cãozinho cheirou o milho e logo começou a lambê-lo. Glass se aproximou e tocou a cabeça da mulher, acariciando delicadamente os cabelos brancos. Finalmente, a anciã cessou o cântico e virou o rosto em direção à luz que jorrava da porta.

Glass engoliu em seco. Os olhos da índia eram absolutamente brancos, completamente cegos. Agora ele entendia por que a anciã havia sido deixada para trás quando a tribo arikara fugira no meio da noite.

Glass pegou a mão da mulher e gentilmente a fez envolver a espiga de milho. Ela balbuciou alguma coisa que ele não conseguiu entender e empurrou o milho para a boca. Quando ela pressionou a espiga crua entre as gengivas, Glass percebeu que a anciã não tinha dentes. O sumo adocicado parecia despertar sua fome, e ela roeu a espiga em vão. *Ela precisa de uma sopa.*

Ele olhou ao redor na choupana. Uma chaleira enferrujada se encontrava perto do espaço reservado para uma fogueira no centro do cômodo. Glass verificou a água no grande jarro de cerâmica. Estava salobra e com sedimentos boiando na superfície. Depois, levou o jarro para o lado de fora, jogou o conteúdo fora e o encheu novamente com a água de um pequeno córrego que atravessava a aldeia.

Glass notou outro cão perto do córrego, e esse ele não deixou escapar.

Logo ele tinha uma fogueira acesa no centro da choupana. Assou parte do cão em um espeto sobre o fogo e cozinhou a outra parte na chaleira. Jogou milho no jarro junto com a carne de cachorro e continuou sua busca pela aldeia. O fogo não havia afetado muitas cabanas de barro, e Glass ficou feliz em descobrir vários metros de cordame para construir a jangada. Também achou uma caneca de estanho e uma concha feita de chifre de búfalo.

Quando voltou à grande choupana, encontrou a anciã cega na mesma posição em que a deixara, chupando a espiga de milho. Encheu a caneca de estanho com o caldo que estava na chaleira e colocou perto da mulher, sobre o catre. O filhote, irrequieto com o aroma de seu companheiro que assava no fogo, se aconchegava aos pés da mulher. Ela também sentia o cheiro da carne. Agarrou a caneca e engoliu o caldo de um trago só no instante em que a temperatura permitiu. Glass encheu a caneca mais uma vez, desta vez acrescentando pequeninos pedaços de carne que ele cortara com a navalha. Encheu a caneca mais três vezes até a fome da mulher cessar e ela pegar no sono. Ele ajeitou a manta para cobrir seus ombros ossudos.

Glass se aproximou da fogueira para comer o cão assado. Os pawnees consideravam a carne de cão uma iguaria e abatiam um cachorro de vez em quando, assim como os homens brancos fazem com porcos. Glass sem dúvida preferia a carne de búfalo, mas, na situação em que se encontrava, a carne de cão servia muito bem. Tirou o milho do jarro e comeu também, guardando o caldo e a carne cozida para a anciã.

Cerca de uma hora após haverem comido, a mulher começou a berrar. Glass se aproximou rapidamente da índia, que repetia algo sem parar:

— *Ele tuie ele... Ele tuie ele...*

Dessa vez ela não falava com o tom assustado do seu cântico da morte, mas com uma voz tranquila, uma voz que tencionava comunicar com urgência um pensamento importante. As palavras não faziam sentido algum para Glass. Sem

saber como agir, ele tomou a mão da mulher na sua. Ela a apertou debilmente e a levou até a face. Os dois ficaram sentados assim por um bom tempo. Então, seus olhos cegos se fecharam e ela se encolheu para dormir.

Na manhã seguinte, a anciã estava morta.

Glass passou a maior parte da manhã construindo uma pira grosseira com vista para o Missouri. Quando terminou, voltou à grande choupana e enrolou a mulher na manta. Carregou-a até a pira, sendo seguido pelo cãozinho consternado, em uma estranha procissão. Assim como sua perna ferida, o ombro de Glass também havia se recuperado bem desde a batalha com os lobos, semanas antes. No entanto, ele ainda estremeceu quando levantou o corpo para colocá-lo em cima da pira. Sentiu as fisgadas familiares e desconcertantes ao longo da coluna. Suas costas continuavam a lhe dar motivos para preocupação. Com sorte, estaria no Forte Brazeau em poucos dias e alguém poderia cuidar delas apropriadamente.

Por um instante, ficou parado diante da pira, recordando antigos rituais de um passado distante. Ficou por um tempo pensando em quais palavras tinham sido proferidas no funeral de sua mãe, quais palavras tinham sido proferidas em homenagem a Elizabeth. Imaginou um monte de terra recém-escavada perto de um túmulo aberto. A ideia de enterrar um corpo sempre lhe pareceu fria e sufocante. Gostava mais da tradição indígena, elevando os corpos — como se dessa forma eles atingissem os Céus.

De repente, o cão rosnou e Glass se virou para conferir. Quatro índios montados cavalgavam lentamente na direção dele, vindos da aldeia. Estavam a uma distância de apenas setenta metros. Pelas vestimentas e pelos cabelos, Glass os reconheceu imediatamente como sioux. Por um momento, entrou em pânico e calculou a distância até as árvores grossas do barranco. Mas recordou-se de seu primeiro encontro com os pawnees e decidiu ficar no mesmo lugar.

Pouco mais de um mês antes, os caçadores e os sioux tinham sido aliados no cerco contra os arikaras. Glass se lembrava de que os sioux tinham abandonado a luta aborrecidos com a tática do coronel Leavenworth, um sentimento compartilhado pelos homens da Companhia de Peles Montanhas Rochosas. *Será que ainda restam vestígios daquela aliança?* Então, Glass permaneceu ali, com o máximo de confiança que poderia forjar, e observou os índios se aproximarem.

Eram jovens; três deles mal haviam saído da adolescência. O quarto era um

pouco mais velho, talvez com vinte anos. Os guerreiros mais jovens se aproximaram com cautela, as armas em punho, como se estivessem se acercando de um estranho animal. O índio mais velho cavalgava um pouco adiante dos outros. Trazia um rifle London, mas carregava a arma distraidamente, o cano repousando atravessado no pescoço de um enorme garanhão. O animal estava marcado a ferro na garupa: "E.U." *Um dos animais de Leavenworth.* Em outra situação, Glass teria achado graça na desgraça do coronel.

O sioux mais velho deteve o cavalo a um metro e meio de Glass, examinando-o de alto a baixo. Depois olhou além dele, na direção da pira. Tentava compreender a relação entre o branco sujo e machucado e a anciã arikara morta. Ao longe, eles o haviam visto se esforçar para colocar o corpo da mulher na estrutura da pira. Não fazia sentido.

O índio passou a perna por sobre o grande garanhão e deslizou com facilidade para o solo. Caminhou até Glass, encarando-o intensamente com os olhos escuros. Glass sentiu o estômago embrulhar, embora sustentasse o olhar sem hesitação.

O índio conseguia sem esforço aquilo que Glass se empenhava em simular: um ar confiante. Seu nome era Cavalo Amarelo. Era alto, mais de um metro e oitenta, com ombros fortes e uma postura perfeita, que acentuava o peitoral e o pescoço imponentes. Nos cabelos firmemente trançados, usava três penas de águia, que simbolizavam os inimigos mortos em batalhas. Duas faixas decorativas enfeitavam sua túnica de couro de veado, na altura do peito. Glass notou a complexidade do trabalho, centenas de espinhos de porco-espinho entrelaçados, tingidos com tons fortes de azul-escuro e vermelho.

Quando os dois homens ficaram frente a frente, o índio se aproximou e estendeu a mão lentamente para tocar o colar de Glass. Examinou a enorme garra de urso, girando-a entre os dedos. Soltou a garra, seus olhos se movendo para as cicatrizes em volta do crânio e do pescoço de Glass. O índio cutucou o ombro de Glass para virá-lo e examinou as feridas por baixo da camisa rasgada. Disse algo para os outros três enquanto olhava as costas do caçador. Glass ouviu os outros índios desmontarem e se aproximarem, e depois falarem de maneira entusiasmada à medida que empurravam e analisavam suas costas. *O que está acontecendo?*

A origem do fascínio dos índios eram os ferimentos paralelos e profundos que

se estendiam por todo o comprimento das costas de Glass. Eles já haviam visto muitos ferimentos, mas nunca algo assim. Os cortes estavam vivos: fervilhavam com larvas de moscas.

Um dos índios conseguiu pinçar com os dedos uma larva branca se retorcendo. Mostrou-a para Glass, que gritou aterrorizado, rasgando o restante da camisa, tentando inutilmente tocar as feridas e depois caindo de quatro, com ânsias de vômito diante do pensamento repugnante daquela invasão pavorosa.

O grupo ajudou Glass a subir no cavalo, na garupa de um dos jovens guerreiros, e se afastaram da aldeia arikara. O cãozinho da anciã começou a seguir os cavalos. Um dos índios parou, desmontou e chamou o filhote. Com o cabo de seu machado, golpeou o animal no crânio, apanhou-o pelas patas traseiras e montou novamente para se unir ao grupo.

O acampamento sioux se encontrava logo ao sul do rio Grand. A chegada de quatro guerreiros com um homem branco deixou todos eufóricos e, enquanto os quatro cavalgavam entre as tendas, grupos de índios os seguiram, como se fizessem parte de um cortejo.

Cavalo Amarelo liderou o cortejo até uma tenda baixa que ficava afastada do acampamento. Ilustrações ferozes cobriam a tenda: raios sendo expelidos de nuvens negras, búfalos posicionados geometricamente ao redor de um sol, figuras que lembravam vagamente seres humanos dançando em volta de uma fogueira. Cavalo Amarelo gritou uma saudação, e, após alguns minutos, um índio idoso e encurvado surgiu de uma aba da tenda. Piscou com a luz brilhante do sol, ainda que, mesmo sem piscar, seus olhos ficassem praticamente entreabertos por causas das rugas profundas. Uma tinta preta cobria a metade superior do seu rosto, e ele havia amarrado um corvo morto e ressecado por trás da orelha direita. Estava com o peito nu, apesar do frio do mês de outubro, e usava apenas uma tanga. A pele que pendia do peito encovado estava pintada com faixas pretas e vermelhas.

Cavalo Amarelo desmontou e indicou que Glass fizesse o mesmo. O caçador desceu do cavalo rijo, as feridas ardendo novamente por causa dos movimentos de trote da cavalgada. Cavalo Amarelo contou para o curandeiro sobre o

estranho homem branco que haviam encontrado nas ruínas da aldeia arikara e sobre como eles o tinham visto deixar o espírito da índia anciã fluir. Contou ao curandeiro que o branco não demonstrara medo quando se aproximaram, embora não tivesse outra arma além de uma vara afiada. Contou do colar com a garra de urso e dos ferimentos no pescoço e nas costas do homem.

O curandeiro não disse nada enquanto ouvia o longo relato de Cavalo Amarelo, embora seus olhos perscrutassem intensamente através da máscara enrugada de seu rosto. Os outros índios se amontoavam perto deles para ouvir, murmurando diante da descrição das larvas nos ferimentos das costas.

Quando Cavalo Amarelo terminou, o curandeiro se aproximou de Glass.

A cabeça do homem encurvado mal batia na altura do queixo de Glass, o que colocou o velho sioux em um ângulo perfeito para examinar a garra do urso. Ele cutucou a ponta com o polegar, como se estivesse verificando sua autenticidade. Suas mãos rijas tremiam ligeiramente quando se estenderam para tocar as cicatrizes rosadas que iam do ombro direito de Glass até seu pescoço.

Finalmente, o ancião fez com que Glass desse meia-volta para lhe examinar as costas. Agarrou o colarinho da camisa surrada e a rasgou. O tecido ofereceu pouca resistência. Os índios se empurravam para chegar à frente e ver de perto aquilo que Cavalo Amarelo havia descrito. Imediatamente entabularam um falatório entusiasmado na língua desconhecida. Glass sentiu de novo o estômago embrulhar ao pensar no espetáculo que suscitava tamanho fervor.

Então, o curandeiro disse alguma coisa e os índios imediatamente fizeram silêncio.

Ele se virou e desapareceu por trás da aba de sua tenda. Quando reapareceu, alguns minutos depois, trazia os braços cheios de bolsas de contas e cabaças variadas. Aproximou-se de Glass e fez sinal para que ele se deitasse de bruços no chão. Depois, estendeu uma bela pele branca perto dele e depositou sobre ela uma porção de medicamentos. Glass não fazia ideia do que continham os recipientes. *Não me importo*. Só uma coisa importava. *Tire essas coisas de mim.*

O curandeiro disse algo para um dos jovens guerreiros, que saiu correndo dali para retornar alguns minutos depois com um pote preto cheio d’água. Nesse tempo, o curandeiro cheirou a cabaça maior, acrescentando ingredientes retirados das várias bolsas. Começou a entoar um canto baixo enquanto trabalhava, o único som em meio ao respeitoso silêncio da tribo.

O principal ingrediente da cabaça grande era urina de búfalo, removida da bexiga de um imenso macho em uma caçada no verão anterior. Acrescentou raízes de amieiro e pólvora à urina. O adstringente resultante da mistura era tão poderoso quanto terebintina.

O curandeiro entregou a Glass uma vara curta, de quinze centímetros de comprimento, cujo propósito o caçador levou um instante para entender. Então, inspirou profundamente e colocou a vara entre os dentes.

Glass se retesou, e o curandeiro despejou a mistura.

O adstringente desencadeou a dor mais intensa que Glass já havia sentido, como ferro derretido penetrando a carne humana. No princípio, a dor era específica, à medida que o líquido se infiltrava em cada um dos cinco cortes, dolorosamente, centímetro por centímetro. Logo, porém, a queimação se alastrou para uma onda mais ampla de agonia, pulsando com as batidas aceleradas de seu coração. Glass cravou os dentes na madeira macia da vareta tentando imaginar o efeito catártico do tratamento, mas não conseguiu transcender a dor imediatamente.

O adstringente teve o efeito desejado nas larvas. Dezenas de formas brancas se contorcendo lutaram para chegar à superfície. Depois de alguns minutos, o curandeiro usou uma grande concha de água para lavar as costas de Glass, retirando as larvas e o líquido ardente. Glass ofegou à medida que as dores diminuíam. Quando ele conseguiu recuperar o fôlego, o curandeiro voltou a despejar o líquido da cabaça grande.

Foram aplicadas quatro doses do adstringente. Depois de lavar os últimos vestígios do tratamento, aplicou sobre as feridas um emplastro quente de pinheiro e lariço. Cavalo Amarelo ajudou Glass a entrar na tenda do curandeiro. Uma velha índia trouxe carne de veado recém-cozida. Ele ignorou as fisgadas nas costas por tempo suficiente para se fartar com a comida, depois se deitou sobre uma manta de pelo de búfalo, caindo em um sono profundo.

Glass permaneceu dormindo e acordando por quase dois dias inteiros. Nos momentos em que despertava, encontrava próximo a si um fornecimento constantemente renovado de comida e água. O curandeiro cuidou de suas costas, trocando por duas vezes o emplastro. Depois das dores chocantes do adstringente, o calor úmido do medicamento parecia o toque suave de uma mão materna.

As primeiras luzes do amanhecer iluminaram a tenda com um brilho moderado quando Glass acordou no terceiro dia. O silêncio era quebrado apenas pelo ruído ocasional de cavalos e o arrulhar de pombas selvagens. O curandeiro ainda dormia, uma manta de pelo de búfalo cobrindo seu tórax ossudo. Perto de Glass havia uma pilha de roupas de camurça cuidadosamente dobradas: calças, mocassins enfeitados com contas e uma túnica simples de couro de veado. Ele se levantou lentamente e se vestiu.

Os pawnees consideravam os sioux inimigos mortais. Glass tinha até enfrentado um bando de caçadores sioux em um breve conflito durante sua temporada nas planícies do Kansas. Mas agora sua perspectiva mudara. Que outro sentimento ele poderia ter senão reconhecimento pelos atos dignos de um bom samaritano de Cavalo Amarelo e do curandeiro? O curandeiro se mexeu e sentou quando viu Glass. Disse algo que o caçador não conseguiu entender.

Cavalo Amarelo apareceu alguns minutos depois. Pareceu satisfeito em ver Glass acordado e bem-disposto. Os dois índios examinaram as costas do homem branco e aparentemente trocaram palavras de aprovação sobre o que viram. Quando terminaram, Glass apontou para as próprias costas e levantou as sobrancelhas interrogativamente como se perguntasse: “Parece bom?” Cavalo Amarelo franziu os lábios e confirmou com a cabeça.

Eles se encontraram mais tarde, naquele mesmo dia, na tenda de Cavalo Amarelo. Misturando linguagem de sinais e desenhos na areia, Glass tentou comunicar de onde tinha vindo e para onde queria ir. Cavalo Amarelo pareceu compreender “Forte Brazeau”, e o caçador confirmou quando o índio desenhou um mapa mostrando a exata localização do forte na confluência do Missouri com o rio White. Glass aquiesceu com vigor. Cavalo Amarelo disse algo para os guerreiros reunidos na tenda. Glass não conseguiu entender e foi dormir naquela noite imaginando se deveria simplesmente tomar seu rumo sozinho.

Despertou na manhã seguinte com o som de cavalos fora da tenda do curandeiro. Ao sair, encontrou Cavalo Amarelo e os três jovens guerreiros que conhecera na aldeia arikara. Todos estavam montados e um dos jovens segurava as rédeas de um cavalo sem cavaleiro.

Cavalo Amarelo disse algo e apontou para o cavalo. O sol havia acabado de surgir no horizonte quando começaram a cavalgar em direção sul, rumo ao Forte Brazeau.

QUATORZE

6 DE OUTUBRO DE 1823

O SENSO DE direção de Jim Bridger não o decepcionou. Ele tinha razão quando persuadiu Fitzgerald a continuar por terra e longe da curva a leste do rio Little Missouri. O horizonte ocidental engolia os últimos raios de sol quando os dois homens deram um tiro de rifle para sinalizar que estavam se aproximando do Forte Union. O capitão Henry enviou um cavaleiro para saudá-los.

Os homens da Companhia de Peles Montanhas Rochosas transformaram a entrada de Fitzgerald e Bridger no Forte em uma cerimônia lúgubre. Fitzgerald ostentava o rifle de Glass como uma lembrança orgulhosa do companheiro morto. Jean Poutrine fez o sinal da cruz quando o Anstadt passou, e alguns homens tiraram os chapéus. Ainda que ela parecesse inevitável, confrontar-se com a morte de Glass era algo perturbador para aqueles homens.

Eles se reuniram no alojamento para ouvir a história de Fitzgerald. Bridger ficou admirado com a habilidade, a sutileza e a destreza com que ele mentia.

— Não há muito a contar — disse Fitzgerald. — Todo mundo sabia o que estava por vir. Não vou fingir que era amigo dele, mas respeito um homem que luta da maneira como ele lutou.

“Nós enterramos o corpo bem fundo... Cobrimos com pedras suficientes para mantê-lo protegido. A verdade, capitão, é que eu queria ir embora logo, mas Bridger disse que devíamos fazer uma cruz para o túmulo.”

Bridger olhou para cima, horrorizado com esse floreio acrescido ao relato. Vinte rostos admirados o encararam de volta, alguns aquiescendo com uma aprovação solene. *Ah, Deus... respeito não!* O que ele havia temido estava agora diante dele, e era mais do que podia suportar. Quaisquer que fossem as consequências, ele tinha que se purgar do terrível peso da mentira deles. Da mentira dele.

Bridger sentiu o olhar gelado de Fitzgerald. *Eu não me importo.* Ele abriu a boca para falar, mas, antes que pudesse encontrar as palavras, o capitão Henry

disse:

— Eu sabia que você daria conta, Bridger.

Mais acenos de cabeça em sinal de aprovação dos homens ao redor. *O que foi que eu fiz?* E desviou os olhos para o chão.

QUINZE

9 DE OUTUBRO DE 1823

O TÍTULO “FORTE”, do Forte Brazeau, era, no melhor dos casos, otimista. Talvez a motivação do nome tivesse sido vaidade — um desejo de institucionalizar um nome de família. Ou talvez se esperasse que a força absoluta da nomenclatura fosse capaz de impedir ataques. De uma forma ou de outra, o nome era excessivo.

O Forte Brazeau consistia de uma única pequena cabana de madeira, um deque simples e um poste para atrelar os cavalos. Fendas estreitas nas paredes da cabana, projetadas para atirar, constituíam a única evidência de que se havia dado alguma consideração aos aspectos marciais militares da construção e funcionavam mais para barrar a luz do que propriamente as flechas.

Tendas se espalharam pela clareira ao redor do forte, algumas armadas temporariamente por índios em busca de comércio, outras armadas permanentemente por índios yankton sioux bêbados. Qualquer um que viajasse pelo rio passava a noite lá. Em geral acampavam sob as estrelas, ainda que, por vinte e cinco centavos, os mais prósperos pudessem dividir o espaço coberto em um colchão de palha.

Do lado de dentro, a cabana funcionava em parte como um armazém e em parte como um bar. Com uma iluminação fraca, as principais sensações eram olfativas: o odor de fumaça velha, almíscar gorduroso de couro fresco, barris abertos de bacalhau salgado. Afora as conversas dos bêbados, era possível ouvir um constante zumbir de moscas e um ocasional ronco vindo do palheiro que servia de dormitório entre as vigas.

Aquele que dava nome ao forte, Kiowa Brazeau, observou com atenção, através dos óculos de lentes grossas que faziam seus olhos parecerem extraordinariamente grandes, os cinco cavaleiros que se aproximavam. Foi com um alívio considerável que ele reconheceu o rosto de Cavalo Amarelo. Kiowa estava preocupado com o humor dos sioux.

William Ashley havia acabado de passar quase um mês inteiro no Forte Brazeau, planejando o futuro da Companhia de Peles Montanhas Rochosas em consequência do fiasco nas aldeias dos arikaras. Os sioux tinham sido aliados dos brancos na batalha contra os arikaras. Ou, mais precisamente, os sioux foram aliados até se cansarem das táticas apáticas do coronel Leavenworth. Na metade do caminho do cerco liderado por Leavenworth, os sioux partiram subitamente (embora não sem antes roubar cavalos tanto de Ashley quanto do exército americano). Ashley viu a deserção deles como uma traição. Kiowa nutria uma compreensão silenciosa pela atitude deles, embora não visse necessidade de ofender o fundador da Companhia de Peles Montanhas Rochosas. Afinal, Ashley e seus homens tinham sido os melhores clientes de Kiowa, comprando praticamente todo seu estoque de suprimentos.

No final das contas, porém, a economia escassa do Forte Brazeau dependia do comércio com as tribos locais. Os sioux contribuíam de forma significativa desde a drástica mudança de relações com os arikaras. Kiowa tinha receio de que o desdém dos sioux por Leavenworth pudesse se estender a ele e seu entreposto comercial. A chegada de Cavalo Amarelo e outros três guerreiros sioux era um bom sinal, em especial quando ficou claro que estavam trazendo um homem branco que aparentemente estivera sob os cuidados deles.

Um pequeno grupo de moradores índios e barqueiros em trânsito se juntou para saudar os recém-chegados. Eles encararam principalmente o homem branco com as terríveis cicatrizes no rosto e no couro cabeludo. Brazeau falou com Cavalo Amarelo em sioux fluente, e o índio explicou o que sabia sobre o homem branco. Glass se tornou o foco desconfortável de dezenas de olhares fixos. Os que falavam sioux escutaram o relato de Cavalo Amarelo sobre como ele o havia encontrado, sozinho e desarmado, ferido de forma cruel por um urso. O restante ficou na imaginação, embora fosse óbvio que o homem branco tinha uma história para contar.

Kiowa ouviu a história de Cavalo Amarelo antes de se dirigir ao homem branco.

— Quem é você?

O homem branco parecia lutar com as palavras. Imaginando que ele não tivesse entendido, Brazeau trocou para francês:

— *Qui êtes vous?*

Glass engoliu e suavemente pigarreou. Ele se lembrava de Kiowa da breve pausa da Companhia de Peles Montanhas Rochosas no caminho rio acima. Kiowa obviamente não se lembrava dele. Ocorreu a Glass que sua aparência havia mudado de maneira significativa, embora ele ainda não tivesse dado uma boa olhada no próprio rosto desde o ataque.

— Hugh Glass. — Falar era dolorido, e sua voz saiu como um ganido agudo e digno de pena. — Do grupo de Ashley.

— Você perdeu o monsieur Ashley por pouco. Ele mandou Jed Stuart a oeste com quinze homens e depois voltou para St. Louis para juntar outra brigada.

Kiowa esperou um minuto, pensando que, se fizesse uma pausa, o homem ferido pudesse oferecer mais informações.

Como Glass não demonstrou sinal de que diria algo além daquilo, um escocês caolho deu voz à impaciência do grupo. Com um sotaque arrastado, perguntou:

— O que aconteceu com você?

Glass falou devagar e foi o mais econômico possível.

— Urso-cinzento me atacou no alto Grand. — Ele detestava o patético som agudo da sua voz, mas continuou: — Capitão Henry me deixou com dois homens. — Ele fez outra pausa, colocando a mão na garganta ferida a fim de aliviar a dor. — Eles fugiram e roubaram meu equipamento.

— Os sioux trouxeram você até aqui? — perguntou o escocês.

Vendo a dor na expressão de Glass, Kiowa respondeu por ele:

— Cavalo Amarelo encontrou este homem sozinho na aldeia dos arikaras. Me corrija se eu estiver errado, monsieur Glass, mas aposto que você desceu o Grand por conta própria.

Glass aquiesceu.

O escocês caolho começou a fazer outra pergunta, mas Kiowa o interrompeu.

— Monsieur Glass pode guardar sua história para mais tarde. Eu digo que ele merece uma chance de comer e dormir.

Os óculos davam ao rosto de Kiowa um ar inteligente e amigável. Ele segurou o homem ferido pelo ombro e o guiou para dentro da cabana. Ali, instalou Glass em uma mesa comprida e disse algo em sioux para a esposa. Ela serviu uma grande porção de ensopado de uma panela gigante de ferro fundido. Glass devorou a comida, servindo-se mais duas vezes.

Kiowa se sentou do lado oposto a ele na mesa, observando pacientemente

através da parca luz e espantando os curiosos.

Quando acabou de comer, Glass teve um pensamento e se virou para Kiowa.

— Eu não posso pagar.

— Eu não esperava que você estivesse carregando muito dinheiro. Um homem de Ashley pode comprar fiado no meu forte.

Glass anuiu em agradecimento. Kiowa continuou:

— Posso ceder equipamento para você e colocá-lo no próximo barco para St. Louis.

Glass fez que não com a cabeça violentamente.

— Não vou para St. Louis.

Kiowa ficou surpreso.

— Bem, então para onde planeja ir?

— Para o Forte Union.

— Forte Union! Estamos em outubro! Mesmo se passar pelos rees até as aldeias dos mandans, só vai chegar lá em dezembro. E ainda vai estar a quatrocentos e oitenta quilômetros de distância do Forte Union. Vai caminhar ao longo do Missouri no meio do inverno?

Glass não respondeu. Sua garganta doía. Além disso, não estava pedindo permissão. Bebeu um gole de água de uma grande caneca de estanho, agradeceu a Kiowa pela comida e começou a subir a instável escada que levava ao alojamento. Parou na metade do caminho, desceu e foi para o lado de fora.

Encontrou Cavalo Amarelo acampado afastado do Forte, nas margens do rio White. Ele e os outros sioux haviam prendido os cavalos e feito algumas transações comerciais; partiriam pela manhã. Cavalo Amarelo evitava o forte ao máximo. Kiowa e sua esposa sioux sempre o trataram com honestidade, mas aquele estabelecimento o deprimia. Ele menosprezava e até se envergonhava pelos índios imundos que acampavam em volta do forte, prostituindo suas mulheres e filhas pelo próximo uísque. Havia algo a se temer naquele mal que levava alguns homens a deixarem suas antigas vidas para trás e viverem em tamanha desgraça.

Além do efeito do Forte Brazeau nos índios que lá moravam, outros aspectos do entreposto o deixavam profundamente perturbado. Ele ficava admirado com a complexidade e a qualidade das mercadorias produzidas pelos brancos, desde as armas e os machados até os belos tecidos e as agulhas. Entretanto, sentia uma

ponta de medo de um povo que conseguia fazer tais coisas, aproveitando-se de poderes que ele não compreendia. E as histórias sobre as grandes cidades dos brancos no leste, cidades com tantas pessoas quanto búfalos. Ele duvidava que essas histórias fossem verdadeiras, embora a cada ano aumentasse o número de comerciantes que passava por ali. Agora ainda havia a batalha entre os arikaras e os soldados. Verdade, eram os arikaras que os brancos procuravam punir, uma tribo pela qual ele mesmo não nutria afeição alguma. E verdade, os soldados brancos tinham sido covardes e tolos. Ele se esforçava para compreender seu desconforto. Pensando separadamente em cada um desses pressentimentos, nenhum deles parecia impressionante. Entretanto, Cavalo Amarelo sentia que esses fios soltos se juntavam de alguma maneira, entrelaçando-se em uma advertência que ele não conseguia captar plenamente.

Cavalo Amarelo estava parado quando Glass entrou no acampamento, uma fogueira baixa iluminando seus rostos. O caçador pensara em pagar os sioux pelo cuidado com ele, mas algo lhe dizia que Cavalo Amarelo tomaria como uma ofensa. Pensou em algum presente pequeno — um fumo de rolo ou uma faca, mas tais ninharias pareciam expressões inadequadas da sua gratidão. Em vez disso, caminhou até Cavalo Amarelo, retirou seu colar de garra de urso e o pôs em volta do pescoço do índio.

Cavalo Amarelo o fitou por um instante. Glass encarou de volta, fez um aceno com a cabeça e então se virou e voltou para o abrigo.

Quando subiu de novo para o alojamento, Glass encontrou dois viajantes já dormindo no grande colchão de palha. Em um canto apertado sob as calhas, um couro usado tinha sido esticado. Glass relaxou e dormiu quase imediatamente.

Uma conversa alta em francês o acordou na manhã seguinte, o som subindo para o alojamento do salão aberto. Risadas alegres entremeavam a discussão, e Glass percebeu que estava sozinho no quarto. Ficou deitado por um tempo, aproveitando o luxo de ter abrigo e calor. Estava de bruços e rolou para ficar deitado de costas.

O tratamento brutal do curandeiro havia funcionado. Se suas costas não estavam inteiramente curadas, os ferimentos pelo menos estavam livres das terríveis infecções. Ele alongou os membros um a um, como se examinasse os componentes complexos de uma máquina recém-adquirida. Sua perna podia suportar o peso de seu corpo, embora ele ainda andasse com evidente

dificuldade. E, mesmo que sua força não tivesse retornado, o braço e o ombro funcionavam normalmente. Ele presumiu que o coice de um rifle pudesse causar uma dor aguda, mas estava confiante em sua habilidade no manuseio da arma.

Uma arma. Ele agradecia a boa vontade de Kiowa em equipá-lo. Porém, o que ele queria mesmo era a *sua* arma. Sua arma e um acerto de contas com os homens que a haviam roubado. Chegar ao Forte Brazeau parecia um anticlímax manifesto. Era um marco, é verdade. Entretanto, para Glass, o forte não demarcava uma linha de chegada que devesse ser atravessada com exaltação, mas, antes, uma linha de partida para se cruzar com firmeza. Com novos equipamentos e seu corpo cada vez mais saudável, ele teria vantagens que haviam lhe faltado nas últimas seis semanas. Ainda assim, seu objetivo estava muito distante.

Ao se deitar de costas no alojamento, notou um balde de água em cima da mesa. Uma porta se abriu, e um espelho quebrado na parede refletia a luz da manhã. Glass se levantou do chão e foi lentamente até o espelho.

Ele não ficou exatamente chocado com a imagem que o fitava de volta. Esperava algo diferente. Ainda assim, era estranho enfim ver os machucados que por semanas apenas imaginara. Três linhas paralelas das garras marcavam seu rosto, atravessando a espessa barba. Elas lembravam a Glass uma pintura de guerra. Não era de admirar que os sioux tivessem demonstrado respeito. Uma cicatriz rosada circundava o couro cabeludo, e havia diversos cortes no topo de sua cabeça. Nos locais em que o cabelo crescia, ele percebeu que o grisalho agora se misturava ao conhecido castanho — principalmente na barba. Prestou atenção especial ao pescoço. Novamente, sulcos paralelos indicavam o caminho das garras. E onde antes havia os nós das suturas agora existiam cicatrizes.

Depois, Glass levantou a camisa de pele de veado em um esforço para ver suas costas, mas o espelho escuro mostrava pouco mais do que o contorno das longas feridas. A imagem mental das larvas ainda o assombrava. Então, Glass se afastou do espelho e desceu as escadas para sair do alojamento.

Havia alguns homens reunidos no salão embaixo, amontoados, mal cabendo na mesa comprida a que estavam sentados. A conversa se interrompeu quando Glass desceu a escada.

Kiowa o cumprimentou, logo passando a falar inglês. A facilidade que aquele francês tinha com os idiomas era um recurso vantajoso para um comerciante em

meio à Babel da região das fronteiras.

— Bom dia, monsieur Glass. Estávamos falando sobre você agora mesmo.

Glass anuiu com a cabeça em reconhecimento, mas não disse nada.

— Você está com sorte — continuou Kiowa. — Talvez eu tenha encontrado uma carona rio acima.

O interesse de Glass foi imediato.

— Este é Antoine Langevin. — Um homem baixo com um bigode comprido se levantou da mesa, alcançando a mão de Glass para apertá-la de uma maneira formal. Glass ficou surpreso com a força do pequeno homem. — Langevin chegou ontem à noite vindo do alto do rio. Como o senhor, monsieur Glass, chegou com uma história para contar. Ele veio das aldeias dos mandans e me disse que a tribo errante, os arikaras, estabeleceu uma nova aldeia em uma terra a apenas um quilômetro e meio dos mandans.

Langevin disse alguma coisa em francês que Glass não entendeu.

— Vou chegar lá, Langevin — disse Kiowa, irritado com a interrupção. — Achei que nosso amigo pudesse apreciar um pouco de contexto histórico. — Kiowa continuou com sua explicação: — Como o senhor pode imaginar, nossos amigos, os mandans, estão receosos de que os novos vizinhos possam trazer problemas. Como condição para ocupar território, os mandans exigiram a promessa de que os arikaras cessassem os ataques aos brancos.

Kiowa tirou os óculos, limpando as lentes com a camisa, antes de colocá-los de volta no nariz rosado.

— O que me traz a meu próprio contexto. Meu pequeno forte depende do tráfego do rio. Preciso de caçadores e comerciantes como você, subindo e descendo o rio. Fiquei grato com a visita prolongada de monsieur Ashley e seus homens, mas essa luta contra os arikaras vai me tirar dos negócios.

“Pedi a Langevin que liderasse uma delegação subindo o Missouri. Eles vão levar presentes e reestabelecer os laços com os índios. Se tiverem êxito, mandamos a St. Louis a notícia de que o Missouri está aberto para os negócios. Há espaço para seis homens e suprimentos no bâtard de Langevin. Este aqui é Toussaint Charbonneau.”

Kiowa apontou para outro homem na mesa. Glass conhecia o nome e fitou com interesse o marido de Sacagewea.

— Toussaint foi o tradutor de Lewis e Clark. Ele fala mandan, arikara e

qualquer outra coisa de que você possa precisar no caminho.

— E eu falo inglês — disse Charbonneau, o que soou como *i eu falu inglix*.

O inglês de Kiowa era quase sem sotaque, mas Charbonneau carregava a pesada melodia da sua língua nativa. Glass apertou a mão de Charbonneau.

Kiowa continuou com as apresentações:

— Esse é Andrew MacDonald. — Ele apontou para o escocês caolho do dia anterior. Glass percebeu que, além do olho, faltava-lhe uma porção significativa da ponta do nariz. — Há uma boa chance de ele ser o homem mais estúpido que já conheci — disse Kiowa. — Mas consegue remar o dia inteiro sem parar. Nós o chamamos de "Professeur".

Professeur ergueu a cabeça para colocar Kiowa ao alcance de seu olho bom e deu uma piscadela em reconhecimento à menção de seu nome, embora a ironia claramente lhe escapasse.

— Finalmente... lá está Dominique Cattoire. — Kiowa apontou para um viajante fumando um pequeno cachimbo de cerâmica.

Dominique se levantou, apertou a mão de Glass e disse:

— *Enchanté*.

— O irmão de Dominique é Louis Cattoire, o rei das *putains*. Ele também vai, se nós conseguirmos fazer com que ele e sua *andouille* saiam da tenda da prostituta. Chamamos Louis de "La Vièrge".

Os homens em volta da mesa riram.

— O que me traz a você. Eles vão remar rio acima, então devem viajar com poucos pertences. E precisam de um caçador que forneça comida ao acampamento. Suspeito que você seja bom em encontrar comida. Provavelmente até melhor quando nós lhe dermos um rifle.

Glass aquiesceu em resposta.

— Há outra razão para que nossa delegação precise de um rifle extra — continuou Kiowa. — Dominique ouviu rumores de que um chefe arikara chamado Língua de Alce está afastado da tribo principal. Ele estaria conduzindo um pequeno grupo de guerreiros e suas famílias para algum lugar entre os mandans e o Grand. Não sabemos onde eles estão, mas ele fez um voto de se vingar do ataque à aldeia ree.

Glass pensou nos destroços enegrecidos da aldeia arikara e anuiu em resposta.

— Você está dentro?

Parte de Glass não queria o estorvo de ter companheiros viajantes. O plano era fazer seu próprio caminho subindo o Missouri, a pé. Planejava partir naquele dia e detestava a ideia de ter de esperar. Ainda assim, reconhecia a oportunidade. Quantidade significava segurança, se os homens fossem capazes. Os membros da delegação de Kiowa pareciam razoáveis, e Glass sabia que não existiam melhores remadores do que exploradores agressivos. Ele também tinha consciência de que seu corpo ainda estava se curando e que seu progresso seria lento se fizesse o percurso a pé. Remar o bâtard rio acima também seria um processo vagaroso. Mas ficar no barco enquanto os outros homens remavam lhe daria mais um mês para se recuperar.

Glass colocou a mão no pescoço.

— Estou dentro.

Langevin disse algo em francês para Kiowa. Ele ouviu e então se virou para Glass.

— Langevin disse que precisa do dia de hoje para fazer reparos no bâtard. Partirão amanhã ao amanhecer. Coma alguma coisa e vamos preparar suas provisões.

Kiowa deixava suas mercadorias ao longo de uma parede no final da cabana. Uma tábua sobre dois barris vazios servia de balcão. Glass se concentrou primeiro em uma arma comprida. Havia cinco armas para escolher. Três delas eram antigos mosquetes enferrujados, claramente destinados à troca com os índios. Entre os dois rifles, a escolha a princípio parecia óbvia. O primeiro era um clássico Kentucky longo, lindamente adornado com um acabamento de nogueira polida. O outro era um Modelo 1803 gasto da infantaria americana cuja coronha fora quebrada e consertada com couro cru. Glass pegou os dois rifles e os levou para fora, acompanhado de Kiowa. O caçador tinha uma decisão importante a tomar e queria examinar as armas com luz total.

Kiowa observava com expectativa enquanto Glass examinava o longo rifle Kentucky.

— É uma bela arma — disse Kiowa. — Os alemães não sabem cozinhar, mas fabricam armas como ninguém.

Glass concordou. Ele sempre admirara as linhas elegantes dos rifles Kentucky. Mas havia dois problemas. Primeiro, o caçador notou com decepção o pequeno calibre do rifle, o qual ele corretamente aferiu como .32. Segundo, por ser muito

comprida, a arma era pesada para se transportar e incômoda para carregar de munição. Tratava-se da arma ideal para um fazendeiro caçar esquilos na Virgínia. Mas Glass precisava de algo diferente.

Ele entregou o Kentucky para Kiowa e pegou o Modelo 1803, a mesma arma usada por muitos dos soldados na expedição de Lewis e Clark. Glass primeiro examinou o trabalho de reparo na coronha quebrada. Haviam colado um pedaço de couro cru molhado bem apertado em volta da parte quebrada, e então o deixaram secar. O couro havia endurecido e encolhido ao secar, criando uma massa rígida como rocha. A coronha ficara feia, mas parecia resistente. Em seguida, Glass examinou as engrenagens do fecho e do gatilho. A graxa estava fresca e não havia sinal de ferrugem. Ele correu a mão lentamente pela meia coronha e continuou no comprimento até o cano curto. Colocou o dedo no amplo buraco de saída do cano, notando com aprovação o considerável calibre .53.

— Gosta da arma grande, não é?

Glass aquiesceu.

— É bom ter uma arma grande — disse Kiowa. — Experimente. — Kiowa deu um sorriso torto. — Com uma arma assim, você pode matar um urso!

Kiowa entregou a Glass um polvorinho e um medidor. Glass se serviu de uma carga completa de duzentos grãos e a depositou dentro do cano. Kiowa tirou um projétil .53 e uma bucha oleosa do bolso de seu colete. Glass envolveu o projétil na bucha e a enfiou cano adentro. Puxou a vareta e socou o projétil firme na culatra. Colocou pólvora na caçoleta e puxou o cão ao máximo, procurando um alvo.

A cinquenta metros, um esquilo estava sentado placidamente na bifurcação do tronco de um grande choupo.

Glass mirou no esquilo e puxou o gatilho. O mais breve dos instantes separou o estopim na caçoleta da explosão bem funda no cano. O ar se encheu de fumaça, momentaneamente obscurecendo o alvo da vista. Glass se retraiu com o forte coice contra o seu ombro.

Quando a fumaça se dissipou, Kiowa foi devagar até o pé do choupo. Curvou-se para pegar os restos destroçados do esquilo, que agora consistia em pouco mais que um rabo peludo. Retornou até onde estava Glass e jogou o rabo a seus pés.

— Acho que essa arma não é tão boa para esquilos.

Dessa vez, Glass sorriu de volta.

— Vou ficar com ela.

Eles voltaram à cabana e Glass selecionou o restante dos suprimentos. Escolheu uma pistola .53 para complementar o rifle. Um molde para projéteis, chumbo, pólvora e pederneiras. Um machado pequeno e uma grande faca de esfolar. Um grosso cinto de couro para colocar as armas. Duas camisas vermelhas de algodão para usar sob a túnica de pele de veado. Uma grande capa com capuz. Um gorro de lã e luvas de proteção. Dois quilos e meio de sal e três fumos de rolo. Agulha e linha. Cordame. Para carregar essas novas doações, ele escolheu uma bolsa de utensílios de couro com franjas e um complexo adorno de contas e penas. Percebeu que os barqueiros usavam pequenas sacolas na cintura para o cachimbo e o tabaco. Pegou uma daquelas também, um lugar prático para guardar seu novo conjunto de pederneira e aço.

Quando terminou, Glass se sentiu rico como um rei. Depois de seis semanas portando apenas as roupas do corpo, parecia-lhe estar imensamente preparado para quaisquer batalhas que encontrasse. Kiowa calculou a conta, que totalizou cento e vinte e cinco dólares. Glass escreveu um bilhete a William Ashley:

10 de outubro de 1823

Prezado Sr. Ashley:

Meu equipamento foi roubado por dois homens de nosso grupo com quem vou me acertar por conta própria. O Sr. Brazeau me ofereceu crédito em nome da Companhia de Peles Montanhas Rochosas. Tomei a liberdade de pegar as mercadorias em anexo adiantadas, para deduzir de meu pagamento. Pretendo recuperar meus pertences e prometo saldar minha dívida com o senhor.

Seu mais obediente servo,

Hugh Glass

— Vou mandar sua carta com a fatura — disse Kiowa.

Glass comeu um jantar substancioso com Kiowa e quatro dos seus cinco novos companheiros. O quinto, Louis “La Vièrge” Cattoire, ainda não havia emergido da tenda da prostituta. Seu irmão Dominique relatou que La Vièrge alternava entre surtos de embriaguez e fornicação desde o momento em que chegara ao Forte Brazeau. Exceto quando a conversa envolvia Glass

diretamente, os barqueiros falavam em francês. O caçador reconhecia palavras e expressões esparsas, de seu tempo em Campeche, embora não o suficiente para acompanhar a conversa.

— Certifique-se de que seu irmão esteja pronto de manhã — disse Langevin. — Preciso dele remando.

— Ele vai estar pronto.

— E lembre-se da tarefa — alertou Kiowa. — Não fiquem com os mandans o inverno inteiro. Preciso da confirmação de que os arikaras não vão atacar os comerciantes no rio. Se eu não tiver notícias de vocês até o ano-novo, não posso levar a boa-nova a St. Louis a tempo de afetar o planejamento para a primavera.

— Sei fazer meu trabalho — respondeu Langevin. — Vou trazer a informação de que você precisa.

— Falando em informação — Kiowa passou do francês para o inglês sem perder a fluência. — Nós todos gostaríamos de saber exatamente o que aconteceu com você, monsieur Glass.

Até o olho opaco do Professeur vibrou de interesse após essas palavras.

Glass olhou em volta da mesa.

— Não há muito a se contar. — Kiowa traduzia enquanto Glass falava e os viajantes riram quando ouviram o que o caçador dissera.

Kiowa riu também e emendou:

— Com todo o respeito, *mon ami*, seu rosto por si só conta o que houve... mas nós gostaríamos de ouvir todos os pormenores.

Acomodando-se para o que eles esperavam ser uma história interessante, os viajantes abasteceram de tabaco fresco seus longos cachimbos. Kiowa tirou uma caixa de rapé enfeitada com prata do bolso do colete e pôs uma pitada no nariz.

Glass levou a mão à garganta, ainda constrangido com sua voz esganiçada.

— Um grande urso-cinzento me atacou no Grand. O capitão Henry deixou John Fitzgerald e Jim Bridger para trás para me enterrarem quando eu morresse. Em vez de fazer isso, eles me roubaram. Meu objetivo é recuperar o que é meu e garantir que a justiça seja feita.

Glass terminou. Kiowa traduziu. Um longo silêncio se seguiu, recheado de expectativa.

Finalmente, Professeur perguntou com seu sotaque carregado:

— Ele não vai contar mais nada?

— Sem ofensas, monsieur — disse Toussaint Charbonneau —, mas você não leva jeito para ser um *raconteur*.

Glass olhou de volta, mas não ofereceu informações extras.

Kiowa falou:

— Se quiser guardar os detalhes da sua briga com o urso, isso é uma escolha sua, mas não vou deixar que vá embora sem me contar sobre o Grand.

Kiowa entendera desde o começo de sua carreira que seu entreposto não comercializava somente mercadorias, mas também informações. As pessoas vinham ao entreposto comercial não só pelo que podiam comprar, mas também pelo que podiam aprender. O forte de Kiowa ficava na confluência do Missouri com o rio White; logo, o White ele conhecia bem. E também o rio Cheyenne, a norte. Aprendera o que podia sobre o Grand com diversos índios, mas os detalhes ainda eram escassos.

Kiowa disse algo em sioux para a mulher, que lhe entregou um livro usado que ambos seguraram como se fosse a Bíblia da família. O livro tinha um título longo na capa gasta. Kiowa ajeitou os óculos e leu o título em voz alta: *História da expedição...*

Glass terminou:

— *... sob o comando dos capitães Lewis e Clark.*

Kiowa olhou animado.

— *Ah bon!* Nosso viajante ferido é um homem das letras!

Glass também ficou entusiasmado, esquecendo-se por um momento da dor que sentia ao falar.

— Editado por Paul Allen. Publicado na Filadélfia em 1814.

— Então também está familiarizado com o mapa do capitão Clark?

Glass aquiesceu. Lembrava-se bem da agitação que acompanhou a longa espera pela publicação das memórias e do mapa. Como os mapas que povoavam seus sonhos de garoto, Glass viu a *História da expedição* pela primeira vez nos escritórios da Rawsthorne & Sons na Filadélfia.

Kiowa colocou o livro sobre a lombada e abriu no mapa de Clark, intitulado “Um mapa do caminho de Lewis e Clark, atravessando a porção oeste da América do Norte do Mississippi até o oceano Pacífico”. Para preparar sua expedição, Clark tinha estudado profundamente cartografia e suas ferramentas. Seu mapa era magnífico, superando em detalhes e precisão qualquer outro

produzido antes dele. Mostrava com clareza os maiores afluentes do Missouri de St. Louis até Three Forks.

Embora aquela imagem retratasse com exatidão os rios que desaguavam no Missouri, os detalhes na maioria dos casos acabavam perto do ponto de confluência. Pouco se sabia sobre o curso e a nascente desses rios. Havia algumas exceções: em 1814, o mapa pôde incorporar as descobertas feitas na bacia Yellowstone por Drouillard e Colter. Elas mostravam o caminho de Zebulon Pike pelas Montanhas Rochosas ao sul. Kiowa havia desenhado no Platte, incluindo um esboço de estimativa das confluências ao norte e ao sul. E no Yellowstone, o forte abandonado de Manuel Lisa estava marcado na embocadura do Bighorn.

Glass se debruçou na análise do documento. O que lhe interessava não era o mapa de Clark em si. Ele já o conhecia bem, de suas longas horas na Rawsthorne & Sons e de seus mais recentes estudos em St. Louis. O que lhe interessava eram os detalhes adicionados por Kiowa, os desenhos feitos a lápis, resultado de uma década de crescente conhecimento.

O tema recorrente era a água, e os nomes dados contavam as histórias dos lugares. Algumas batalhas imortalizadas: riacho War, riacho Lance, riacho Bear in the Lodge. Outros descreviam a flora e a fauna locais — riacho Antelope, riacho Beaver, riacho Pine, Rosebud. Alguns detalhavam as características da água — riacho Deep, riacho Rapid, o Platte, riacho Sulphur, Sweet Water. Havia os que se referiam a algo mais místico — riacho Medicine Lodge, riacho Castle, Keya Paha.

Kiowa bombardeou Glass de perguntas. Por quantos dias eles teriam que subir o Grand antes de atingir a confluência acima? Onde os riachos desaguavam no rio? Que pontos de referência distinguiam o caminho? Quais eram os indícios de castores e outras caças? Quanto havia em termos de matas? Qual a distância até Twin Buttes? Quais os sinais de índios? Quais tribos? Kiowa esboçava com um lápis os novos detalhes.

Glass respondeu na mesma medida em que colheu informações para si. Embora o esboço de mapa estivesse gravado em sua memória, os detalhes tomavam importância ampliada à medida que ele considerava fazer a travessia sozinho. Quantos quilômetros da aldeia dos mandans até o Forte Union? Quais eram os principais afluentes acima dos mandans, e quantos quilômetros havia

entre eles? Como era o terreno? Quando o Missouri começava a congelar? Onde ele podia ganhar tempo cortando as curvas do rio? Glass copiou as partes mais importantes do mapa de Clark para sua própria referência no futuro. Ele se concentrou na extensão entre a aldeia dos mandans e o Forte Union, traçando tanto o rio Yellowstone quanto o Missouri por várias centenas de quilômetros acima do forte.

Os outros homens se levantaram da mesa enquanto Kiowa e Glass continuaram noite adentro, a fraca lamparina projetando sombras sinistras nas paredes de madeira. Sedento pela rara oportunidade de estabelecer uma conversa inteligente, Kiowa não deixava Glass se afastar. O dono do forte ficou admirado com a história do caçador caminhando do golfo do México até St. Louis. Ele trouxe papel em branco e fez Glass desenhar um mapa grosseiro das planícies do Texas e do Kansas.

— Um homem como você poderia se dar bem em meu entreposto. Os viajantes estão sedentos pelo tipo de informações que você tem.

Glass acenou negativamente com a cabeça.

— É verdade, *mon ami*. Por que não fica aqui para o inverno? Eu o contrato.

Kiowa pagaria de bom grado, nem que fosse pela companhia.

Glass balançou a cabeça de novo, com mais firmeza dessa vez.

— Tenho meus próprios assuntos a tratar.

— Um risco um pouco tolo, não é? Para um homem com suas habilidades? Passeando pela Louisiana no pior do inverno. Persiga os traidores na primavera, se ainda estiver disposto a isso.

O calor da conversa de mais cedo pareceu escoar da sala, como se uma porta tivesse sido aberta em um dia gelado de inverno. Os olhos de Glass se iluminaram e Kiowa imediatamente se arrependeu de ter opinado.

— Não é um assunto para o qual eu tenha pedido seu conselho.

— Não, monsieur. Não, não é.

Faltavam apenas cerca de duas horas para que o sol nascesse quando Glass, exausto, finalmente subiu a escada para o alojamento. Ainda assim, a ansiedade pelo desembarque lhe permitiu pouco tempo de sono.

———

Glass acordou com uma gritaria permeada por uma mistura de obscenidades. Um dos interlocutores era um homem, berrando em francês. Glass não entedia as palavras separadamente, mas o contexto estava claro.

O interlocutor era “La Vièrge” Cattoire, acordado havia pouco, de maneira rude, das profundezas de um sono embriagado, por seu irmão Dominique. Cansado do comportamento grotesco do irmão e incapaz de acordá-lo com os usuais chutes nas costelas, Dominique usou outra tática: urinou no rosto do homem. Foi esse ato de considerável desrespeito que desencadeou a ira de La Vièrge. As ações de Dominique também enfureceram a índia com a qual La Vièrge tinha passado a noite. Ela tolerava diversas formas de indecência em sua tenda, até encorajava algumas. Mas a urina indiscriminada de Dominique havia manchado seu melhor cobertor, e isso a deixara muito zangada. Ela gritava em um tom tão agudo que parecia uma gralha.

Quando Glass saiu da cabana, o bate-boca já havia se transformado em troca de socos. Como um antigo lutador grego, La Vièrge encarava o irmão sem qualquer peça de roupa. O homem tinha a vantagem de ser maior que seu irmão mais velho, mas tinha como desvantagem três dias consecutivos de bebedeira pesada, sem contar um despertar abrupto e desagradável. Sua visão ainda não era clara e seu equilíbrio não estava bom, embora essas dificuldades não moderassem sua disposição para o combate. Familiarizado com o estilo de luta de La Vièrge, Dominique ficou parado, esperando pelo ataque inevitável. Com um urro gutural, La Vièrge baixou a cabeça e se lançou para a frente.

La Vièrge colocou toda a força do peso ao preparar um golpe contra a cabeça do irmão. Se ele tivesse acertado, poderia ter enterrado o nariz de Dominique na parte de trás de seu cérebro. O que de fato aconteceu foi que Dominique, sem esforço, aparou o golpe para o lado.

Tendo errado completamente o alvo, La Vièrge bamboleou sem equilíbrio. Dominique lhe deu um chute forte atrás dos joelhos, tirando-lhe o apoio dos pés. La Vièrge aterrissou de costas, perdendo o fôlego. Ele se contorceu de forma patética por um momento, recuperando o ar. Assim que conseguiu respirar de novo, retomou os xingamentos e se esforçou para ficar de pé. Dominique o chutou forte no peito, fazendo com que La Vièrge voltasse a ficar sem ar.

— Eu falei para você estar pronto, seu idiota miserável! Partiremos em meia hora.

Para enfatizar sua fala, Dominique deu um chute na boca de La Vièrge, separando seus lábios superiores dos inferiores.

Com o fim da briga, a multidão que havia se reunido se dissipou. Glass caminhou até o rio. O bâtard de Langevin flutuava no deque, a correnteza veloz do Missouri puxando a corda do ancoradouro. Bâtard era uma embarcação média em relação às canoas de carga. Embora fosse menor do que as grandes *canots de mâitre*, o bâtard tinha um tamanho razoável, com quase dez metros de comprimento.

Com a correnteza rio abaixo do Missouri para impulsioná-los, Langevin e o Professeur tinham conseguido pilotar o bâtard eles mesmos, junto com um grande carregamento de peles negociado com os mandans. Completamente carregada, o bâtard necessitaria de dez homens para remar rio acima. A carga de Langevin seria leve — alguns presentes para entregar aos mandans e os arikaras. Ainda assim, com somente quatro homens remando, o progresso seria árduo.

Toussaint Charbonneau estava sentado sobre um barril no deque, comendo uma maçã distraidamente, enquanto o Professeur carregava a canoa sob a supervisão de Langevin. Para distribuir o peso da carga, eles colocaram duas varas no chão da canoa da proa à popa. Nessas varas, o Professeur pôs a carga, cuidadosamente arrumada em quatro pequenos fardos. Ele parecia não falar francês (por vezes, o escocês parecia nem mesmo falar inglês). Langevin compensava a falta de compreensão do Professeur falando mais alto. O volume elevado era de muito pouca ajuda, embora a constante gesticulação de Langevin fornecesse uma profusão de dicas.

O olho cego do Professeur contribuía para sua aparência sombria. Ele perdera o olho em um bar de Montreal, quando um brigão de má reputação chamado Joe Ostra quase o arrancou do crânio do escocês. Professeur até conseguiu colocar o olho de volta no lugar, mas este não funcionou mais. A órbita que não piscava estava fixada permanentemente em um ângulo distorcido, como se vigiasse um ataque pelo flanco. O Professeur nunca se preocupou em usar um tapa-olho.

Não houve muita fanfarra pela partida deles. Dominique e La Vièrge chegaram ao cais, cada qual com um rifle e uma pequena bolsa. O irmão mais novo apertou os olhos por causa do reflexo do sol matinal no rio. A lama endurecia seu cabelo comprido e o sangue dos lábios machucados na briga manchava seu queixo e a frente da camisa. Ainda assim, ele saltou com agilidade

para a posição do proeiro na frente do bâtard, e seus olhos foram tomados por um brilho que nada tinha a ver com o ângulo do sol. Dominique pegou a posição de timoneiro na popa. La Vièrge disse alguma coisa e ambos os irmãos riram.

Langevin e o Professeur se sentaram lado a lado no centro amplo da canoa, cada um remando de uma lateral. Havia um fardo de carga entre eles e outro atrás. Charbonneau e Glass se ajeitaram em volta da carga, com Charbonneau na proa e Glass na popa.

Os quatro barqueiros pegaram seus remos, colocando a proa na forte correnteza. Enfiaram os remos bem fundo e o bâtard se moveu rio acima.

La Vièrge começou a cantar enquanto remava, e os barqueiros o acompanharam:

Le laboureur aime sa charrue,
Le chasseur son fusil, son chien;
Le musicien aime sa musique;
Moi, mon canot — c'est mon bien!

O lavrador ama sua carroça,
O caçador, sua arma, seu cão;
O músico ama sua música;
Para minha canoa, vai meu coração!

— *Bon voyage, mes amis!* — gritou Kiowa. — Não fiquem com os mandans!

Glass se virou para olhar. Ele fitou Kiowa Brazeau por um momento, parado e acenando no cais de seu pequeno forte. Depois voltou a olhar para o rio e não mais para trás.

Era 11 de outubro de 1823. Por mais de um mês, ele tinha se afastado de sua caçada. Um recuo estratégico — mas um recuo, de qualquer forma. A partir daquele dia, Glass resolveu que não recuaria mais.

PARTE
II

DEZESSEIS

29 DE NOVEMBRO DE 1823

QUATRO REMOS ACERTAVAM a água em perfeita sincronia. As pás finas cortavam a superfície, empurradas a uma profundidade de meio metro, abrindo caminho com força. O bâtard navegava arduamente para a frente em cada remada, vencendo a resistência da forte correnteza. Quando o golpe dos remos terminava, estes se levantavam da água. Por um instante, parecia que o rio lhes roubaria o progresso alcançado, mas antes que ele pudesse fazê-lo completamente, os remos atacavam de novo.

Uma camada de gelo fina como papel cobria a água parada quando eles embarcaram ao amanhecer. Algumas horas depois, Glass estava encostado em um banco de remador, aquecendo-se ao sol do meio da manhã e aproveitando a sensação nostálgica e leve de flutuar sobre o rio.

No primeiro dia fora do Forte Brazeau, Glass tentou manusear um remo. Afinal, pensou ele, tinha muita experiência como marinheiro. Os barqueiros riram quando ele pegou o remo, o que aumentou sua determinação. Mas sua tolice logo ficou óbvia. Os barqueiros remavam com a notável velocidade de sessenta remadas por minuto, regulares como um relógio suíço. Glass não conseguiria manter o ritmo nem que seu ombro estivesse completamente bom. Ele açoitou a água por vários minutos até que algo macio e molhado bateu na parte de trás da sua cabeça. Ele se virou para ver Dominique, um sorriso zombeteiro enchendo seu rosto.

— Para você, Sr. Comedor de Porco!

Pelo resto da viagem, Glass teve às mãos não um remo, mas uma enorme esponja que servia para a necessária tarefa de retirar a água que se acumulava no fundo da canoa.

Era um trabalho de tempo integral, já que a água entrava no bâtard constantemente. A canoa lembrava a Glass uma colcha flutuante, seu casco era formado de retalhos de casca de vidoeiro costurados com *wattope*, a raiz fina de

um pinheiro. As costuras eram seladas com alcatrão de pinheiro, reaplicado constantemente à medida que apareciam vazamentos. Como ficou mais difícil encontrar vidoeiro, os barqueiros tinham sido forçados a utilizar outros materiais para remendar e tapar. Havia couro cru em vários pontos, costurado e então grudado com cola. Glass ficava admirado com a fragilidade da embarcação. Um chute forte facilmente perfuraria o casco, e um dos principais trabalhos de La Vièrge como timoneiro era evitar fragmentos flutuantes no rio que pudessem ser fatais. Pelo menos eles se beneficiavam da corrente relativamente tranquila do outono. As enchentes da primavera seriam capazes de mandar árvores inteiras rio abaixo.

Havia um lado bom na fragilidade do bâtard. Se a embarcação era fraca, era igualmente leve, uma característica importante uma vez que eles lutavam contra a correnteza. Glass entendeu depressa a estranha afeição dos barqueiros por suas embarcações. Era como um casamento, uma parceria entre os homens que impulsionavam o barco e o barco que impulsionava os homens. Um confiava no outro. Os barqueiros passavam metade de seu tempo reclamando dos diversos problemas do barco e a outra metade cuidando dele com ternura.

Eles tinham muito orgulho da aparência do bâtard, enfeitando-o com plumas vistosas e pintando-o com cores vivas. Na parte mais alta da proa, haviam pintado uma cabeça de veado, seus chifres virados desafiadoramente contra a correnteza. (Na popa, La Vièrge havia pintado a traseira do animal.)

— Bom ponto de desembarque à frente — disse La Vièrge de seu lugar de observação na proa.

Langevin examinou rio acima, onde a correnteza suave roçava de leve uma margem arenosa; então olhou para cima para julgar a posição do sol.

— Tudo bem, eu digo que é um cachimbo. *Allumez.*

O cachimbo era tão valorizado na cultura dos barqueiros que eles o usavam como medida de distância. Um “cachimbo” representava o espaço de tempo entre seus curtos intervalos para fumar. Em uma viagem rio abaixo, um cachimbo podia representar dezesseis quilômetros; em águas calmas, oito; mas, contra a forte correnteza do Missouri, eles se consideravam sortudos se fizessem três.

Logo se estabeleceu uma rotina. Todos os dias, eles tomavam café da manhã sob o brilho roxo-azulado antes do amanhecer, abastecendo seus corpos com

carne de caça do dia anterior e massa frita, espantando o frio matinal com chá escaldante em canecas de estanho. Eles entravam na água e começavam a remar assim que a luz lhes permitia enxergar, ansiosos para aproveitar todas as horas do dia para o deslocamento. Faziam cinco ou seis cachimbos por dia. Por volta de meio-dia, paravam por tempo suficiente para comer carne-seca e um punhado de maçãs desidratadas, mas não cozinhavam novamente até o jantar. Eles se colocavam em terra firme com o sol se pondo, após doze horas na água. Glass costumava ter uma hora ou menos de luz fraca para caçar. Os homens esperavam ansiosos pelo único tiro que sinalizava seu sucesso. Raramente ele retornava ao acampamento sem carne.

La Vièrge pulou da canoa, afundando até os joelhos na água perto da margem, com cuidado para impedir que o frágil casco do bâtard arranhasse em contato com a areia. Ele foi para a margem com dificuldade e amarrou a corda em um grande pedaço de madeira marcado pelas águas. Langevin, Professeur e Dominique pularam do barco em seguida, rifles nas mãos, esquadrinhando as árvores. Glass e Professeur cobriam os outros da canoa enquanto chegavam com dificuldade à margem e depois os seguiam. No dia anterior, Glass encontrara um acampamento abandonado, incluindo os anéis de pedra de dez tendas. Não tinham como saber se era do bando de Língua de Alce, mas a descoberta os deixara apreensivos.

Os homens tiraram cachimbos e tabaco dos *sacs au feu* das cinturas, passando a chama de um pequeno fogo feito por Dominique. Os dois irmãos se sentaram nos seus montes de areia. Em suas posições como proeiro e timoneiro, Dominique e La Vièrge ficavam de pé para remar. Assim, preferiam se sentar para fumar. Os outros fumavam de pé, felizes pela oportunidade de esticar as pernas.

O clima mais frio atingia as feridas de Glass da mesma maneira que uma tempestade que se arrasta sobre um vale de montanha. Ele acordava todas as manhãs teso e dolorido, sua condição ainda pior pelas longas horas mantendo uma posição apertada no bâtard. Glass tirava total proveito da parada, caminhando pelo banco de areia para ativar a circulação dos membros doloridos.

Ele observava seus companheiros de viagem enquanto voltava até eles. Os barqueiros se vestiam de forma extraordinariamente parecida, quase, pensava Glass, como se fosse um uniforme. Usavam gorros de lã vermelhos com lados

que podiam ser virados para baixo para cobrir as orelhas e uma borla saindo do topo. (La Vièrge adornava seu gorro com uma vistosa pena de avestruz.) Usavam longos blusões de algodão nas cores branca, vermelha ou azul-marinho, enfiados para dentro da calça. Cada barqueiro amarrava uma faixa de várias cores em volta da cintura, as pontas caindo ao longo de uma das pernas. Por cima da faixa, estava pendurado o *sac au feu*, deixando os cachimbos e outros materiais essenciais à mão. Eles usavam calças de pele de veado, maleáveis o suficiente para permitir que dobrassem as pernas confortavelmente na canoa. Abaixo de cada joelho, amarravam uma bandana, adicionando outro toque de elegância ao vestuário. Calçavam mocassins sem meias.

Com exceção de Charbonneau, que era melancólico como chuva de inverno, os barqueiros enfrentavam todas situações com um otimismo inevitavelmente desanuviado. Eles riam de qualquer coisa. Mostravam pouca tolerância ao silêncio, enchendo o dia com discussões contínuas e apaixonadas sobre mulheres, água e índios selvagens. Desferiam insultos a torto e a direito. Sem dúvida, deixar passar a oportunidade de fazer uma piada era visto como uma falha de caráter, um sinal de fraqueza. Glass gostaria de entender francês melhor, no mínimo pelo divertimento em acompanhar as troças que os deixavam tão alegres.

Nos raros momentos em que não conversavam, alguém quebrava o silêncio cantando com entusiasmo, uma deixa para que os outros acompanhassem. O que lhes faltava em habilidade musical, eles compensavam com uma empolgação desenfreada. No geral, pensava Glass, tinham um estilo de vida agradável.

Durante um intervalo, Langevin interrompeu o breve descanso com um raro momento de seriedade.

— Precisamos começar a montar sentinela à noite — disse. — Dois homens a cada noite, meios turnos.

Charbonneau deu uma longa baforada da fumaça de seus pulmões.

— Eu disse no Forte Brazeau, e vou repetir. Eu não monto guarda.

— Bem, não vou fazer turno extra para que ele possa dormir — declarou La Vièrge sem rodeios.

— Nem eu — completou Dominique.

Até o Professeur pareceu aflito.

Todos olharam para Langevin com expectativa, mas ele se recusou a deixar

que a disputa prejudicasse seu prazer com o cachimbo. Quando terminou, ele simplesmente se levantou e disse:

— *Allons-y*. Estamos desperdiçando a luz do dia.

———

Cinco dias depois, chegaram à confluência do rio com um pequeno riacho, cuja água cristalina logo se descoloria ao se misturar à corrente lamacenta do Missouri. Langevin fitou o córrego, pensando no que fazer.

— Vamos acampar, Langevin — disse Charbonneau. — Estou cansado de beber lama.

— Detesto concordar com ele — disse La Vièrge —, mas Charbonneau está certo. Toda essa água ruim está me dando diarreia.

Langevin também gostava da ideia de beber água limpa. O que o preocupava era a localização do riacho — no lado ocidental do Missouri. Ele presumia que o bando de Língua de Alce estivesse na margem oeste do rio. Desde que Glass achara o acampamento indígena, a comitiva havia se mantido com rigor na margem leste, em especial quando escolhiam o local para acampar à noite. Langevin olhou para oeste, onde o horizonte engolia o último fio purpúreo de sol. Então virou a cabeça para leste, mas não havia local para desembarcar antes da próxima curva do rio.

— Tudo bem. Não temos muita escolha.

Eles remaram até a margem. O Professeur e La Vièrge descarregaram os fardos, e, com a canoa vazia, os barqueiros a levaram terra adentro. Lá, colocaram o barco de lado, criando um abrigo grosseiro que se abria em direção ao rio.

Glass subiu na margem com dificuldade, observando, nervoso, o terreno. O banco de areia se estendia por cem metros rio abaixo até um atracadouro natural — seixos acumulados com espessos arbustos e salgueiros. Madeiras flutuantes e outros escombros eram capturados e se juntavam atrás do atracadouro, obstruindo o rio e forçando-o para longe da margem. Além do banco de areia, mais salgueiros levavam a um grupo de choupos, cada vez mais raros à medida que eles remavam em direção ao norte.

— Estou com fome — disse Charbonneau. — Arrume um bom jantar para a

gente, Sr. Caçador.

ARRUmiun bum jinTAR pra genti, siNHERcaiçaDER.

— Não vou caçar hoje à noite — disse Glass. Charbonneau começou a contestar, mas Glass o interrompeu: — Temos muita carne-seca. Você pode ficar uma noite sem carne fresca, Charbonneau.

— Ele está certo — concordou Langevin.

Então eles comeram carne-seca com mingau frito feito em uma caçarola de ferro sobre fogo baixo. A fogueira os aproximava. O vento penetrante havia diminuído quando o sol se pôs, mas era possível ver a respiração um do outro. O céu claro prometia uma noite fria e uma forte geada ao amanhecer.

Langevin, Dominique e La Vièrge acenderam seus cachimbos de cerâmica e se recostaram para saborear o fumo. Glass não fumara desde o ataque do urso-cinzento; a sensação de queimação machucava sua garganta. O Professeur lambia o mingau da caçarola. Charbonneau havia se afastado do acampamento meia hora antes.

Dominique cantou baixinho para si mesmo, como se sonhasse acordado em voz alta:

Eu colhi aquele adorável botão de rosa,
Eu colhi aquele adorável botão de rosa,
Eu colhi pétala por pétala,
Enchi meu avental com seu aroma...

— É bom que você possa cantar sobre isso, irmão — comentou La Vièrge. — Aposto que você não colhe botões de rosa há um ano. Eles deveriam chamar *você* de virgem.

— É melhor ficar com sede do que beber de cada buraco de lama do Missouri.

— Um homem de critérios. Tão crítico — ironizou La Vièrge.

— Não vejo razão em me desculpar por ter critérios. Diferentemente de você, por exemplo, eu gosto muito de mulheres com dentes.

— Eu não estou pedindo que elas mastiguem minha comida.

— Você iria para a cama com um porco, se ele usasse saia de algodão — retrucou Dominique.

— Bem, acho que isso faz de você o orgulho da família Cattoire. Tenho certeza que Mamã ficaria muito feliz se soubesse que você só dorme com as

prostitutas chiques de St. Louis.

— Mamã, não. Papá... talvez.

Os dois riram alto, e depois solenemente fizeram o sinal da cruz.

— Falem baixo — sibilou Langevin. — Vocês sabem como a água leva o som.

— Por que você está tão aflito hoje, Langevin? — perguntou La Vièrge. — Já é ruim o suficiente lidar com o Charbonneau. Eu já me diverti mais em funerais.

— Nós teremos um funeral se vocês dois continuarem gritando.

La Vièrge se recusou a deixar que Langevin estragasse a conversa.

— Você sabia que aquela índia no Forte Kiowa tinha *três* mamilos?

— E qual a vantagem de se ter três mamilos? — perguntou Dominique.

— O seu problema é que você não tem imaginação.

— Imaginação, é? Se você tivesse um pouco menos de imaginação, talvez não doesse tanto quando fosse urinar.

La Vièrge pensou em responder, mas, na verdade, tinha ficado cansado da conversa com o irmão. Langevin claramente não queria papo. Charbonneau estava na floresta. Ele olhou para o Professeur, com quem nunca vira ninguém tendo uma conversa.

Finalmente La Vièrge olhou para Glass. Ocorreu-lhe de repente que eles não haviam de fato conversado com o caçador desde que saíram do Fort Kiowa. Tinham trocado algumas palavras, a maioria a respeito do sucesso de Glass em colocar carne fresca no prato deles. Mas nenhuma conversa de verdade, daquele tipo demorado que La Vièrge gostava de iniciar.

De súbito, La Vièrge se sentiu culpado por sua falta de habilidades sociais. Ele sabia pouco sobre Glass além do fato de que ele havia se saído mal em uma briga com um urso. Mais importante, pensou La Vièrge, o caçador sabia pouco sobre *ele* — e certamente gostaria de saber mais. Além disso, era uma boa oportunidade de praticar o inglês, uma língua na qual La Vièrge se considerava um falante hábil.

— Ei, Comedor de Porco. — Quando Glass olhou para cima, ele perguntou: — De onde você é?

A pergunta e o súbito uso do inglês pegaram Glass de surpresa. Ele pigarreou.

— Filadélfia.

La Vièrge fez um sinal afirmativo com a cabeça, esperando por uma

indagação recíproca de Glass. Nada veio, então La Vièrge disse:

— Meu irmão e eu, nós somos de Contrecoeur.

Glass acenou com a cabeça, mas não disse nada. Claramente, decidiu La Vièrge, este americano precisava de estímulo.

— Você sabe como foi que nos tornamos barqueiros?

Vucisabi como fui qui nus TURRnamusbaRRqueiRUS?

Glass fez que não com a cabeça. Dominique revirou os olhos, reconhecendo o prelúdio para as histórias cansativas do irmão.

— Contrecoeur fica no grande rio St. Lawrence. Houve um tempo, cem anos atrás, quando todos os homens de nossa cidade eram fazendeiros pobres. Todos os dias eles trabalhavam nos campos, mas havia muita sujeira, o clima era muito frio e nunca conseguiam uma boa colheita.

“Um dia, uma linda donzela chamada Isabelle estava trabalhando em um campo perto do rio. De repente, da água surgiu um cavalo garanhão, grande, forte e negro como carvão. Ele ficou parado no rio, encarando a garota. E ela ficou com muito medo. O garanhão percebeu que ela estava prestes a fugir, então deu chutes na água... e uma truta voou em direção à garota. Aterrissou na lama aos pés dela.”

La Vièrge não conseguia achar a palavra que queria, então fez um movimento de reviravolta com as mãos.

— Isabelle vê esse *petit cadeau* e fica muito feliz. Ela pega a truta e leva para a família jantar. Conta ao pai e aos irmãos sobre o cavalo, mas eles acham que ela está fazendo uma piada. Eles riem e dizem para ela pegar mais peixes com seu novo amigo.

“Isabelle volta para o campo e daí em diante, todos os dias ela vê o garanhão negro. Todo dia ele se aproxima um pouco, e todo dia dá um presente à garota. Em um dia uma maçã, em outro, flores. Todos os dias ela conta à família sobre o cavalo que surge do rio. E todos os dias eles riem da história.

“Finalmente, chega um dia em que o garanhão vai até Isabelle. Ela sobe em sua garupa e o garanhão corre para o rio. Eles desaparecem na correnteza... e nunca mais são vistos.”

O fogo fazia com que as sombras dançassem atrás de La Vièrge enquanto ele falava. E o som da correnteza do rio era como uma confirmação sibilante de sua história.

— Nessa noite, como Isabelle não volta para casa, seu pai e seus irmãos vão procurá-la nos campos. Eles encontram os rastros da moça e os rastros do garanhão. Veem que Isabelle montou no cavalo e que o animal correu para dentro do rio. Procuram rio acima e rio abaixo, mas não encontram a garota.

"No dia seguinte, todos os homens da cidade pegam suas canoas e se juntam à busca. E fazem um voto: vão abandonar suas fazendas e ficar no rio até que achem a pobre Isabelle. Mas eles nunca a encontram. E, como você pode ver, monsieur Glass, desde aquele dia, nós somos barqueiros. Até hoje, continuamos nossa busca pela pobre Isabelle."

— Onde está Charbonneau? — perguntou Langevin.

— Onde está Charbonneau?! — respondeu La Vièrge. — Eu conto a história de uma donzela perdida e você está pensando em um velho perdido?

Langevin não respondeu.

— Ele está *malade comme un chien* — disse La Vièrge com um sorriso. — Vou chamá-lo para ter certeza de que está bem. — Colocou a mão em concha na boca e gritou entre os salgueiros: — Não se preocupe, Charbonneau, estamos mandando o Professeur para ajudar você a limpar a bunda!

Toussaint Charbonneau estava agachado, o traseiro nu apontando discretamente para um arbusto. Ele estava naquela posição havia algum tempo. Tempo suficiente, na verdade, para começar a sentir cãibra nas coxas. Ele não estava bem desde o Forte Brazeau. Não havia dúvidas de que tinha pegado uma infecção pela comida horrorosa de Kiowa. Podia ouvir La Vièrge zombando dele no acampamento. Estava começando a odiar aquele maldito. Um galho estalou.

Charbonneau se pôs de pé de um salto. Com uma das mãos, tentou alcançar a pistola; com a outra, tentou puxar a calça de pele de veado. Não conseguiu executar nem uma coisa nem outra. A pistola deslizou para o chão escuro. As calças caíram para os tornozelos. Quando ele se inclinou para procurar a pistola, tropeçou nas próprias calças. Esparramou-se no chão, ralando o joelho em uma grande pedra. Grunhiu de dor enquanto pelo canto do olho via um grande alce trotar em meio às árvores.

— *Merde!* — Charbonneau voltou à atividade anterior, fazendo caretas com a nova dor aguda na perna.

Quando retornou ao acampamento, a irritação normal de Charbonneau tinha aumentado um ponto. Ele encarou o Professeur, que estava sentado reclinado

contra um grande tronco. O grande escocês estava com a barba suja de mingau.

— É nojento o jeito que ele come — disse Charbonneau.

La Vièrge olhou por cima do cachimbo.

— Eu não sei, Charbonneau. O mingau no queixo dele iluminado pelo fogo... me lembra um pouco a Aurora Boreal.

Langevin e Dominique riram, o que irritou Charbonneau ainda mais. O Professeur continuou a mastigar, alheio às piadas feitas à sua custa.

Charbonneau continuou em francês:

— Ei, seu escocês imbecil, você entende alguma palavra do que estou dizendo?

O Professeur continuou seu trabalho com o mingau, plácido como uma vaca ruminando.

Charbonneau sorriu de forma tênue. Apreciou a oportunidade para ser maldoso.

— O que aconteceu mesmo com o olho dele?

Ninguém abraçou a chance de conversar com Charbonneau. Por fim, Langevin respondeu:

— Foi esmurrado em uma briga em Montreal.

— Parece o diabo. Fico nervoso com essa coisa maldita me encarando o dia inteiro.

— Olho cego não consegue encarar — disse La Vièrge.

Ele havia começado a gostar do Professeur, ou pelo menos apreciava a habilidade do escocês com os remos. Independentemente do que pensasse do Professeur, tinha certeza de que não gostava de Charbonneau. Estava cansado dos comentários rabugentos do velho logo depois da primeira curva do rio.

— Bem, com certeza parece encarar — insistiu Charbonneau. — Parece que ele está sempre espiando pelo canto do olho. Nunca pisca, também. Não sei como essa coisa maldita não resseca.

— E se pudesse ver... Você não é algo que valha muito a pena ver, Charbonneau — retrucou La Vièrge.

— Ele podia ao menos colocar um tapa-olho. Estou tentado a pôr eu mesmo um no olho dele.

— E por que não põe? Seja gentil se tiver que fazer alguma coisa.

— Não sou seu maldito *engagé*! — sibilou Charbonneau. — Você vai ficar

feliz se eu estiver junto quando os arikaras vierem atrás do seu escalpo cheio de pulgas! — O tradutor estava espumando, a saliva se formando no canto da boca enquanto falava. — Eu estava cortando trilhas com Lewis e Clark quando você ainda sujava as calças.

— Jesus Cristo, seu velho! Se eu ouvir mais alguma maldita história de Lewis e Clark, juro que enfio uma bala no cérebro! Ou, melhor ainda, no seu cérebro! Todos ficariam contentes com isso.

— *Ça suffit!* — Langevin finalmente interferiu. — Basta! *Eu mesmo* daria um jeito nos dois se não precisasse de vocês!

Charbonneau deu um sorriso de escárnio triunfante.

— Mas escute bem, Charbonneau — disse Langevin. — Nenhum de nós tem uma única responsabilidade. Somos muito poucos. Você vai ter sua vez fazendo o trabalho sujo assim como todos os outros. E pode começar com o segundo turno de sentinela hoje à noite.

Foi a vez de La Vièrge dar um sorriso zombeteiro. Charbonneau saiu indignado de perto da fogueira, murmurando algo enquanto arrumava seu saco de dormir sob o bâtard.

— Quem disse que ele fica com o bâtard hoje? — reclamou La Vièrge.

Langevin começou a dizer alguma coisa, mas Dominique se adiantou:

— Deixe para lá.

DEZESSETE

5 DE DEZEMBRO DE 1823

PROFESSEUR ACORDOU NA manhã seguinte com duas sensações urgentes: estava com frio e precisava urinar. Seu grosso cobertor de lã não cobria os tornozelos, nem mesmo quando ele se encolhia e deitava de lado. Ele levantou a cabeça para que pudesse ver com o olho bom e descobriu que a geada tinha se depositado no cobertor durante a noite.

A primeira alusão a um novo dia era o brilho fraco abaixo do horizonte a leste, mas uma meia-lua ainda se destacava no céu. Todos os homens, exceto Charbonneau, estavam dormindo, aproveitando o calor das últimas brasas da fogueira.

Professeur se levantou devagar, as pernas rijas por causa do frio. Pelo menos não ventava mais. Ele jogou um pedaço de lenha no fogo e foi na direção dos salgueiros. Tinha dado uma dúzia de passos quando quase tropeçou em um corpo. Era Charbonneau.

O primeiro pensamento do Professeur era que Charbonneau estava morto, assassinado em seu turno de vigília. Ele começou a gritar em pânico quando Charbonneau se apressou a ficar de pé, pegando o rifle de maneira atrapalhada, olhos arregalados enquanto tentava se orientar. *Dormindo durante a guarda*, pensou Professeur. *Langevin não vai gostar disso.* A necessidade do Professeur se tornou mais urgente, e ele passou correndo por Charbonneau em direção aos salgueiros.

Como a maioria das coisas com as quais ele se deparava todos os dias, Professeur ficou confuso com o ocorrido em seguida. Ele teve uma sensação estranha, olhou para baixo e percebeu uma flecha saindo de sua barriga. Por um momento, ficou pensando se La Vièrge tinha feito algum tipo de brincadeira. Então uma segunda flecha apareceu, seguida pela terceira. Professeur encarou com uma fascinação horrorizada as penas das flechas. De repente, não conseguiu sentir as pernas e percebeu que estava caindo para trás. Ele ouviu seu corpo tocar

o chão gelado de forma brusca. Nos breves momentos antes de morrer, pensou: *Por que não está doendo?*

Charbonneau se virou ao som do Professeur caindo. O grande escocês jazia imóvel de costas com três flechas no peito. Charbonneau ouviu um som sibilante e sentiu uma queimação quando uma flecha atingiu de raspão seu ombro.

— *Merde!*

Ele se jogou instintivamente no chão e analisou os salgueiros escuros procurando o atirador. O movimento salvou sua vida. A menos de quarenta metros, os clarões das armas estouraram ao lusco-fusco que antecede a alvorada.

Por um instante, os tiros revelaram as posições dos responsáveis pelo ataque. Charbonneau supôs que havia oito armas pelo menos, mais um tanto de índios com arcos. Ele ergueu o rifle, fez mira no alvo mais próximo e atirou. Um vulto escuro caiu bruscamente. Mais flechas voaram para fora dos salgueiros. Ele deu meia-volta e correu para o acampamento, vinte metros atrás de si.

A gritaria de Charbonneau acordou o acampamento. A saraivada de tiros dos arikaras provocou o caos. Balas de mosquetes e flechas choveram nos homens semiadormecidos como se fossem granizo de aço. Langevin berrou quando uma bala raspou sua costela. Dominique sentiu um tiro arranhar o músculo de sua panturrilha. Glass abriu os olhos a tempo de ver uma flecha se enterrar na areia, cerca de dez centímetros à frente de seu rosto.

Os homens se arrastaram para a cobertura da canoa aportada enquanto dois guerreiros arikaras surgiram dos salgueiros. Eles se arremessaram em direção ao acampamento, seus penetrantes gritos de guerra se propagando pelo ar. Glass e La Vièrge fizeram uma pausa longa o suficiente para mirar com os rifles. Os dois atiraram quase ao mesmo tempo a uma distância de não mais do que dez metros. Sem tempo para coordenar ou até para pensar, os dois miraram no mesmo alvo — um arikara grande com um capacete de chifre de búfalo. Ele se estatelou no chão quando ambos os tiros penetraram em seu peito. O outro guerreiro correu a toda em direção a La Vièrge, o cabo de seu machado de batalha descendo em direção à cabeça do barqueiro. La Vièrge levantou o rifle com as duas mãos para bloquear o golpe.

O machado do índio se chocou com o cano do rifle de La Vièrge, o esforço levando ambos para o chão. O arikara conseguiu se levantar antes. De costas para Glass, ele ergueu o machado para atacar La Vièrge novamente. Glass usou

as duas mãos para atingir a parte de trás da cabeça do índio com a coronha do rifle. Ele teve a nauseante sensação de osso quebrado quando o metal acertou o alvo. Em choque, o guerreiro arikara caiu de joelhos em frente a La Vièrge, que a essa altura já conseguira se levantar. La Vièrge balançou o rifle como um porrete, atingindo com toda a força a lateral do crânio do índio. O guerreiro tombou para o lado, e Glass e La Vièrge caíram para trás da canoa.

Dominique se levantou a tempo suficiente de atirar em direção aos salgueiros.

Langevin entregou seu rifle a Glass, a outra mão pressionada contra o buraco de bala que o atingira.

— Você atira. Eu recarrego.

Glass se levantou para atirar, encontrando e atingindo seu alvo com total precisão.

— Você está muito ferido? —perguntou ele a Langevin.

— Não muito. *Où se trouve Professeur?*

— Morto nos salgueiros — disse Charbonneau, impassível enquanto se preparava para atirar.

Os tiros continuaram a explodir dos salgueiros enquanto eles se abaixavam atrás da canoa. Os estampidos das armas se misturavam ao som das balas e das flechas colidindo contra o fino casco do bâtard.

— Seu filho da puta, Charbonneau! — berrou La Vièrge. — Você caiu no sono, não foi?

Charbonneau o ignorou, já que estava concentrado em abastecer de pólvora o cano de seu rifle.

— Isso não importa mais! — disse Dominique. — Vamos colocar a maldita canoa na água e dar o fora daqui!

— Me escutem! — ordenou Langevin. — Charbonneau, La Vièrge, Dominique, vocês três carreguem o barco para a água. Deem um tiro antes, depois recarreguem as armas e as coloquem aqui. — Ele apontou para o espaço no chão entre ele e Glass. — Glass e eu vamos cobri-los com uma última rodada de tiros e então vamos acompanhá-los. Deem cobertura para nós do barco, com as pistolas.

Glass entendeu a maior parte do que Langevin disse pelo contexto. Ele olhou em torno para os rostos tensos. Ninguém tinha uma ideia melhor. Precisavam sair da praia. La Vièrge surgiu por cima da borda da canoa para atirar com seu

rifle, seguido por Dominique e Charbonneau. Glass se levantou para atirar mais enquanto os outros recarregavam. Como eles estavam se expondo, incitaram fogo mais pesado dos arikaras. Balas continuavam esburacando a casca de vidoeiro, mas os barqueiros conseguiram, pelo menos por um momento, deter um ataque maior.

Dominique arremessou dois remos na pilha dos rifles.

— Não se esqueçam de trazer esses remos!

La Vièrge jogou seu rifle entre Glass e Langevin e se posicionou no centro do bâtard.

— Vamos!

Charbonneau deslizou para a frente da canoa, Dominique para a parte de trás.

Langevin gritou:

— Vou contar até três! *Un, deux... trois!*

Eles levantaram o batârd sobre as cabeças em um único movimento e se dirigiram para a água, quase dez metros à frente. Ouviram gritos exaltados, e o tiroteio se intensificou de novo. Os guerreiros arikaras começaram a emergir de seus esconderijos.

Glass e Langevin apontaram suas armas. Sem a canoa para protegê-los, a única maneira de se proteger era ficar rente ao chão. Eles estavam a cerca de cinquenta metros dos salgueiros. Glass podia ver claramente o rosto jovial de um arikara, fechando um dos olhos enquanto puxava o arco curto. Glass atirou, e o garoto cambaleou para trás. O caçador pegou o rifle de Dominique. A arma de Langevin explodiu a seu lado enquanto ele puxava o cão do rifle de Dominique para a posição de tiro. Glass encontrou outro alvo e apertou o gatilho. Houve uma faísca na caçoleta, mas a carga de pólvora principal não se incendiou.

— Maldição!

Langevin apanhou o rifle de Charbonneau enquanto Glass enchia novamente a caçoleta do rifle de Dominique. Langevin ia atirar, mas Glass colocou a mão em seu ombro.

— Guarde um tiro!

Eles pegaram os rifles e os remos e correram para o rio.

À frente de Glass e Langevin, os três homens com o bâtard cobriam a curta distância até o rio. Com pressa para escapar, eles praticamente jogaram a canoa na água. Charbonneau entrou no rio logo atrás e escalou para subir na

embarcação.

— Você vai virar a canoa! — gritou La Vièrge.

O peso de Charbonneau na ponta da embarcação a balançou com violência, mas ela continuou a prumo. Ele jogou as pernas por cima da borda e se deixou cair no chão do barco, já com acúmulo de água por causa dos buracos de balas. O impulso de Charbonneau empurrou o bâtard para longe do contorno da costa. A correnteza pegou a popa e girou o barco, impulsionando a embarcação para longe da margem. A longa corda se arrastou atrás dela como uma serpente. Os irmãos viram os olhos de Charbonneau, olhando por cima do parapeito. Pequenos gêiseres feitos pelas balas estouraram na água ao redor deles.

— Agarre a corda! — gritou Dominique.

Os dois irmãos mergulharam para pegar a linha, desesperados para não deixar a canoa se afastar. La Vièrge segurou a corda, lutando para colocar os pés no fundo do rio, a água cobrindo suas coxas. Ele puxou para trás com toda a força que tinha enquanto a linha se esticava cada vez mais. Dominique passou com grande dificuldade pela água para ir em seu auxílio. Deu uma topada forte com o pé em uma pedra submersa. Ele grunhiu de dor enquanto a correnteza lhe tirava o equilíbrio. Ele se viu completamente submerso. Logo se recuperou e se levantou, a dois metros de La Vièrge.

— Não estou conseguindo segurar! — berrou La Vièrge.

Dominique estava quase alcançando a corda esticada quando de repente La Vièrge a soltou. Dominique observou com medo a corda deslizar pela água, arrastando-se atrás do bâtard flutuante. Ele começou a nadar atrás dela quando percebeu o olhar assombrado no rosto de La Vièrge.

— Dominique... — balbuciou La Vièrge — Acho que me acertaram.

Dominique foi até o irmão espirrando água. Havia sangue se espalhando pelo rio de um buraco no alto de suas costas.

Glass e Langevin alcançaram o rio ao mesmo tempo que a bala atingiu La Vièrge. Eles assistiram aterrorizados quando o homem se contraiu ao impacto do tiro, largando a corda. Por um momento, eles pensaram que Dominique pudesse segurar a linha, mas ele a ignorou, voltando-se para o irmão.

— Pegue o barco! — clamou Langevin.

Dominique não prestou atenção. Frustrado, Langevin gritou:

— Charbonneau!

— Eu não consigo parar a canoa! — gritou Charbonneau.

Em um instante, a embarcação estava a quinze metros da margem. Sem remos, era verdade que Charbonneau não podia fazer nada para diminuir a velocidade do barco. E era verdade que não tinha qualquer intenção de tentar.

Glass se virou para Langevin. Langevin começou a dizer algo quando uma bala de mosquete se enterrou em sua nuca. Ele morreu antes de seu corpo atingir a água. Glass olhou de volta para os salgueiros. Pelo menos uma dúzia de arikaras corria em direção à margem. Com um rifle em cada mão, Glass mergulhou em direção a Dominique e La Vièrge. Eles tinham que fugir nadando.

Dominique apoiava La Vièrge, lutando para manter a cabeça do irmão acima da superfície da água. Olhando para La Vièrge, Glass não tinha certeza se ele estava vivo ou morto. Perturbado e quase histérico, Dominique gritou algo incompreensível em francês.

— Nade! — gritou Glass.

Ele agarrou Dominique pelo colarinho e o puxou para o meio do rio, perdendo um dos rifles no processo. A correnteza pegou os três homens e arrastou-os rio abaixo. Uma chuva de balas chegava à água, e Glass olhou para trás para ver os arikaras enfileirados na margem.

Glass lutou para manter uma mão agarrada em La Vièrge e outra no rifle remanescente, enquanto batia as pernas violentamente para permanecer flutuando. Dominique fazia o mesmo, e eles conseguiram se afastar do atracadouro. O rosto de La Vièrge continuava sacudindo embaixo da água. Os dois homens lutavam para manter o ferido boiando. Dominique começou a gritar algo, que foi abafado quando a correnteza fez seu rosto afundar. A mesma correnteza quase obrigou Glass a soltar seu rifle. Dominique começou a nadar em direção à margem.

— Ainda não! — implorou Glass. — Mais para baixo!

Dominique o ignorou. Seus pés roçaram o leito do rio, com a água na altura de seu peito, e ele bateu os braços indo em direção às partes mais rasas. Glass olhou para trás. As pedras do atracadouro formavam uma barreira significativa na terra. Abaixo dali, a margem era alta e recortada. Ainda assim, os arikaras não levariam mais do que alguns minutos para encontrar uma maneira de contorná-la.

— Estamos muito perto! — gritou Glass.

Mais uma vez, Dominique o ignorou. Glass considerou nadar sozinho, mas ajudou Dominique a carregar La Vièrge para a margem. Eles o deitaram de costas, reclinado contra o barranco da margem. Seus olhos piscaram e se abriram; quando ele tossiu, porém, sangue jorrou da sua boca. Glass o rolou para o lado a fim de examinar a ferida.

A bala havia perfurado as costas de La Vièrge abaixo da omoplata do lado esquerdo.

Glass não acreditava que o coração tivesse sido poupado. Dominique chegou à mesma conclusão sem pronunciar palavra alguma. Glass verificou o rifle. Por ora, a munição molhada o tornava inútil. Ele olhou para o cinto. A machadinha ainda estava pendurada ali, mas a pistola tinha se perdido. Glass olhou para Dominique. *O que você quer fazer?*

Eles ouviram um som suave e se viraram para ver La Vièrge, o sorriso mais fraco no canto da boca. Seus lábios começaram a se mover, e Dominique pegou a mão do irmão, inclinando-se em sua direção para ouvi-lo. Em um fraco suspiro, La Vièrge estava cantando:

Tu es mon compagnon de voyage...

Dominique logo reconheceu a canção familiar, embora nunca antes tivesse soado tão desesperançada. Seus olhos se encheram de lágrimas e ele cantou junto com uma voz suave:

Tu es mon compagnon de voyage
Je veux mourir dans mon canot.
Sur le tombeau, près du rivage,
Vous renverserez mon canot.

Você é meu companheiro de viagem
Eu quero morrer em minha canoa.
E na cova ao lado da passagem
Você vai emborcar minha canoa.

Glass olhou em direção ao atracadouro, setenta e cinco metros rio acima. Dois arikaras apareceram nas pedras. Eles apontaram suas armas e começaram a

gritar.

Glass colocou a mão no ombro de Dominique e começou a falar “eles estão vindo”, mas o som de dois rifles falaram por ele. As balas chegaram à margem do rio.

— Dominique... não podemos ficar aqui.

— Não vou deixar meu irmão — disse ele com seu forte sotaque.

— Então vamos voltar para o rio.

— Não. — Dominique balançou a cabeça enfaticamente. — Não vamos conseguir nadar com ele.

Glass olhou de novo para o atracadouro. Os arikaras agora se aglomeravam. *Não há mais tempo!*

— Dominique. — O tom de Glass era mais enfático agora. — Se ficarmos aqui, nós todos vamos morrer.

Mais tiros foram proferidos.

Por um momento doloroso, Dominique não disse nada, afagando com delicadeza o rosto pálido do irmão. La Vièrge fitava pacificamente a sua frente, uma luz fraca refletindo em seus olhos. Enfim Dominique se virou para Glass.

— Eu não vou deixar meu irmão.

Mais tiros.

Glass não sabia o que fazer. Precisava de tempo, tempo para pensar qual seria sua ação, tempo para corroborá-la, mas não havia mais tempo. Com o rifle na mão, mergulhou no rio.

Dominique ouviu um som lamentoso e sentiu uma bala se alojar em seu ombro. Ele pensou nas horríveis histórias que ouvira de mutilações feitas pelos índios e olhou para baixo em direção a La Vièrge.

— Eu não vou deixar que eles nos cortem. — Agarrou o irmão por baixo dos braços e o arrastou para o rio. Outra bala atingiu suas costas. — Não se preocupe, irmão — sussurrou, deitando-se nos braços acolhedores da correnteza. — A partir daqui é só descer o rio.

DEZOITO

6 DE DEZEMBRO DE 1823

GLASS SE AGACHOU nu próximo à pequena fogueira, o mais perto das chamas que conseguia suportar. Pôs as mãos em concha para capturar o calor. Ele as deixava bem perto do fogo, esperando até o último instante antes de a queimadura provocar bolhas, e então pressionava as mãos quentes contra os ombros ou as coxas. O calor se infiltrava por um momento, mas não conseguia penetrar no frio instilado em seu corpo pelas águas gélidas do Missouri.

Suas roupas estavam penduradas em três estacas brutas ao redor da fogueira. As calças de couro permaneciam ensopadas, mas ele percebeu com alívio que a camisa de algodão já estava quase seca.

Ele havia boiado cerca de um quilômetro e meio rio abaixo antes de subir a margem no grupo de árvores mais compacto que conseguiu encontrar. Ele se escondeu em meio aos arbustos espinhosos de uma trilha aberta por lebres, na esperança de que nenhum animal maior conseguisse segui-lo. Dentro do emaranhado de salgueiros e madeiras trazidas pelas águas, viu-se novamente fazendo um triste inventário de seus ferimentos e pertences.

Comparado ao passado recente, Glass se sentia consideravelmente aliviado. Estava com algumas feridas e escoriações por causa da luta na beira do rio e da descida pelo rio. Até descobriu um ferimento no braço que parecia ser resultado de uma bala passando de raspão. Seus antigos ferimentos doíam no frio, mas, a não ser por isso, não pareciam ter se agravado. Exceto pela possibilidade de ele morrer de frio, uma possibilidade que parecia muito real, conseguira sobreviver ao ataque dos arikaras. Por um momento, reviu a imagem de Dominique e La Vièrge, encolhidos na margem entrecortada. Afastou o pensamento.

Quanto a seus pertences, a perda mais significativa era a da pistola. O rifle estava ensopado, mas daria para aproveitar. Ele ainda tinha a faca e a bolsa de utensílios com a pederneira e o aço. Ainda tinha a machadinha, que usou para cortar gravetos e usá-los como lenha enfiados em um poço raso. Esperava que a

pólvora estivesse seca. Destampou o polvorinho e entornou uma pitada no chão. Ateou fogo nesse pouquinho de pólvora com uma chama da fogueira e ela estourou com um cheiro de ovo estragado.

Perdera a mochila, assim como a camisa reserva, o cobertor e as luvas. Na mochila também guardara seu mapa desenhado à mão, em que havia marcado com cuidado os afluentes e pontos de referência na parte superior do Missouri. Isso importava pouco, já que ele se lembrava de tudo. Em termos relativos, ele se sentia bem equipado.

Embora a camisa de algodão ainda estivesse úmida, ele resolveu vesti-la. Pelo menos o peso do tecido ajudava a afastar o frio do ombro dolorido. Glass alimentou o fogo pelo resto do dia. Preocupava-se com a fumaça que produzia, porém, mais ainda, com a possibilidade de morrer de hipotermia. Cuidou do rifle para se distrair do frio, secando-o completamente e aplicando graxa de um pequeno recipiente da bolsa de utilidades. Quando a noite caiu, as roupas e o rifle estavam prontos.

Ele considerou se deslocar apenas à noite. Em algum lugar próximo, os mesmos arikaras que atacaram o acampamento estariam de tocaia. Ele detestava ficar sentado esperando, ainda que sua posição estivesse bem camuflada. Mas não havia luar para iluminar um caminho ao longo da margem acidentada do Missouri. Ele não tinha escolha a não ser esperar pela manhã.

Quando a luz do dia acabou, Glass pegou as roupas penduradas na estaca de salgueiro e as vestiu. Depois cavou um poço raso e quadrado perto da fogueira. Usou dois gravetos para retirar pedras ainda queimando do entorno das chamas, arrumou-as no poço e depois as cobriu com uma fina camada de terra. Adicionou tanta lenha quanto quis à fogueira e, em seguida, deitou-se em cima das pedras quentes. Entre calças de couro quase secas, as pedras, a fogueira e a exaustão absoluta, ele cruzou um limiar mínimo de calor que permitiu que seu corpo adormecesse.

Por dois dias Glass se deslocou de maneira furtiva subindo o Missouri. Por um tempo ainda se questionou se teria herdado a responsabilidade da missão de Langevin com os arikaras. Por fim, decidiu que não. O compromisso de Glass

com Brazeau tinha sido de fornecer alimentos para a delegação, uma tarefa que realizara com eficiência. Ele não fazia ideia se o bando de Língua de Alce representava as intenções dos outros arikaras. Pouco importava. A emboscada ressaltou a vulnerabilidade de subir o rio de barco. Mesmo que recebesse garantias de parte dos arikaras, não tinha intenção de retornar ao Forte Brazeau. Seu assunto pessoal era mais urgente.

Glass supôs, com razão, que a aldeia dos mandans estivesse próxima. Embora os mandans fossem conhecidos como pacíficos, ele se preocupava com os efeitos da nova aliança deles com os arikaras. *Os arikaras estariam na aldeia dos mandans? Como o ataque aos barqueiros tinha sido retratado?* Glass não via razão para descobrir. Ele sabia que um pequeno entreposto comercial chamado Forte Talbot estava a mais de quinze quilômetros acima no Missouri, depois da aldeia dos mandans. Decidiu, então, contornar inteiramente os mandans, tendo como objetivo o Forte Talbot. Poderia encontrar no forte os poucos suprimentos que queria: um cobertor e um par de luvas.

Na noite do segundo dia após o ataque, Glass decidiu que não era mais possível evitar o risco de caçar. Estava faminto, e uma pele de animal também lhe forneceria algo como objeto de troca. Encontrou pegadas recentes de alces perto do rio e as seguiu por um bosque de choupos até uma grande clareira, contornando o rio por oitocentos metros. Um pequeno córrego dividia a clareira em duas. Pastando perto do córrego, Glass podia ver um grande alce macho junto a duas fêmeas e três filhotes gordos. O caçador andou devagar pela clareira. Ele estava quase alcançando os animais, quando algo os assustou. Todos os seis olharam na direção de Glass, que começou a atirar. De repente, percebeu que os alces não estavam olhando para ele: estavam fitando algo atrás dele.

Glass olhou por cima do ombro e viu três índios a cavalo emergindo dos choupos, quatrocentos metros atrás de si. Mesmo àquela distância, Glass podia distinguir o penteado com os cabelos espetados usado pelos guerreiros arikaras. Ele viu os índios apontando enquanto incitavam os cavalos com os pés e galopavam em sua direção.

Procurou desesperadamente em volta por qualquer tipo de cobertura. As árvores mais próximas estavam quase duzentos metros à frente. Ele nunca conseguiria chegar lá a tempo. Tampouco conseguiria alcançar o rio — estava liquidado. Podia se levantar e atirar — mas, mesmo que atingisse o alvo, nunca

conseguiria recarregar a tempo de acertar todos os três cavaleiros, provavelmente nem mesmo dois. Em desespero, correu para as árvores distantes, ignorando a dor que crescia em sua perna.

Glass mal tinha percorrido trinta metros quando paralisou de pavor: outro índio montado surgiu da proteção dos salgueiros na *frente* dele. Ele olhou para trás e viu que os arikaras já haviam coberto metade da distância entre eles. Olhou de novo em direção ao novo cavaleiro, que agora apontava para baixo o cano de sua arma. O novo cavaleiro atirou. Glass se encolheu, antecipando a entrada da bala, mas ela voou muita acima de sua cabeça. Ele se virou para trás na direção dos arikaras. Um dos cavalos estava caído! O índio à sua frente havia atirado nos outros três! O atirador galopava na direção dele, quando Glass percebeu que era um mandan.

Glass não fazia ideia do motivo, mas o mandan parecia estar indo em seu auxílio. Glass se virou para encarar quem o atacava. Os dois arikaras remanescentes tinham se aproximado cerca de cento e cinquenta metros. Glass levantou o rifle e mirou. Primeiro, tentou alinhar sua mira em um dos cavaleiros, mas ambos os arikaras se curvaram atrás das cabeças dos cavalos. Ele mudou a mira para um dos animais, escolhendo o ponto côncavo logo abaixo do pescoço.

Apertou o gatilho e o rifle cuspiu a bala. O cavalo gritou e suas patas pareceram se dobrar na frente dele. A poeira voou quando ele sulcou a terra com a freada brusca, o cavaleiro voando por cima da cabeça do animal morto.

Glass ouviu o barulho de cascos galopando e levantou o olhar para o mandan, que fez um gesto para que ele subisse no cavalo. Ele saltou olhando para trás para ver o cavaleiro arikara puxando a rédea da montaria, dando um tiro e errando o alvo. O mandan esporeou o cavalo e eles foram a galope na direção das árvores. O índio parou o cavalo quando alcançaram os choupos. Os dois homens desmontaram para recarregar os rifles.

— Rees — disse o índio, usando o apelido dos arikaras e apontando na direção deles. — Nada bom.

Glass anuiu enquanto enfiava outra carga até o fundo.

— Mandan — disse o índio, apontando para si mesmo. — Bom amigo.

Glass mirou no arikara, mas o último cavaleiro tinha batido em retirada e estava fora de alcance. Os dois índios desmontados o seguiam cada um de um lado. A perda de dois cavalos lhes havia roubado o apetite pela perseguição.

O mandan se chamava Mandeh-Pahchu. Estava no rastro do alce quando topou com Glass e os arikaras. Tinha uma boa ideia de onde viera o homem branco cheio de cicatrizes. Apenas um dia antes, o tradutor Charbonneau chegara à aldeia. Bem conhecido dos mandans do tempo em que viajara com Lewis e Clark, Charbonneau relatou a história do ataque dos arikaras aos barqueiros. Mato-Tope, um líder mandan, tinha ficado furioso com Língua de Alce e seu bando de renegados. Assim como o comerciante Kiowa Brazeau, Mato-Tope queria o Missouri aberto para o comércio. Embora compreendesse a raiva de Língua de Alce, os barqueiros claramente não ofereciam perigo. Na verdade, de acordo com Charbonneau, eles estavam carregando presentes e uma oferta de paz.

Mato-Tope temera exatamente esse tipo de incidente quando os arikaras foram procurar um novo local para se estabelecerem. Os mandans dependiam cada vez mais do comércio com os homens brancos. Não houvera tráfego vindo do sul desde o ataque de Leavenworth aos arikaras. Agora a divulgação do incidente mais recente manteria o rio fechado.

A notícia sobre a ira do líder Mato-Tope se espalhou rapidamente pela aldeia dos mandans. O jovem Mandeh-Pahchu vislumbrou o resgate de Glass como uma oportunidade de ganhar as graças de Mato-Tope, que tinha uma linda filha por quem o índio se interessava e cuja afeição disputava. Ele se imaginava desfilando pela aldeia com seu troféu, entregando o homem branco a Mato-Tope, a aldeia inteira olhando enquanto ele contava sua história. O homem branco, entretanto, parecia suspeitar do desvio de rota. Ele repetia obstinadamente duas palavras: “Forte Talbot.”

De seu ponto privilegiado na garupa do cavalo, Glass observava Mandeh-Pahchu com bastante interesse. Embora tivesse ouvido muitas histórias, nunca havia visto um mandan. O jovem guerreiro usava o cabelo como uma coroa — uma juba enfeitada à qual ele obviamente dedicava uma atenção considerável. Um longo rabo de cavalo entrelaçado com tiras de pele de coelho descia pelas costas. No topo da cabeça, seu cabelo caía solto, fluindo como água pelos lados, lambuzado para baixo com gordura e cortado reto na linha da mandíbula. No meio da testa, um topete também havia sido untado e penteado. O índio trazia outros enfeites espalhafatosos. Grandes brincos de estanho enfiados em três largos orifícios na orelha direita. Uma gargantilha de contas brancas fazia um

contraste acentuado com a pele acobreada de seu pescoço.

Relutantemente, Mandeh-Pahchu decidiu levar o homem branco ao Forte Talbot. Estava perto, menos de três horas a cavalo. Além disso, talvez ele aprendesse alguma coisa no forte. Havia rumores de um incidente com os arikaras no Forte Talbot. Talvez o forte quisesse mandar uma mensagem a Mato-Tope. Levar mensagens era uma grande responsabilidade. O líder ficaria satisfeito com a história sobre o homem branco e a importante mensagem que ele sem dúvida carregaria. Seria impossível sua filha não ficar impressionada.

Era quase meia-noite quando o contorno de ônix do Forte Talbot se agigantou subitamente contra a noite que não tinha qualquer traço marcante. O forte não lançava luz alguma sobre a planície, e Glass ficou surpreso de se encontrar a apenas noventa metros das fortificações de madeira.

Eles viram um clarão de fogo e no mesmo instante ouviram o som agudo de um rifle vindo do forte. Uma bala de mosquete zuniu centímetros acima de suas cabeças.

O cavalo deu um salto e Mandeh-Pahchu se esforçou para controlá-lo. Glass juntou forças para soltar a voz e gritou zangado:

— Parem de atirar! Somos amigos!

Uma voz desconfiada respondeu do ponto de observação do forte.

— Quem são vocês?

Glass viu um lampejo de luz saindo do cano de um rifle e a silhueta escura da cabeça e do ombro de um homem.

— Sou Hugh Glass, da Companhia de Peles Montanhas Rochosas.

Ele gostaria que ainda pudesse projetar sua voz. Como estava agora, mal conseguia se fazer ouvir mesmo a uma curta distância.

— Quem é o selvagem?

— É um mandan. Acabou de me salvar de três guerreiros arikaras.

O homem na torre gritou algo e Glass ouviu fragmentos de uma conversa. Outros três homens com rifles apareceram. Glass ouviu um barulho atrás do portão pesado. Uma pequena portinhola se abriu e eles se sentiram novamente sendo avaliados. Da portinhola uma nova voz áspera ordenou:

— Cheguem mais perto para que possamos vê-los melhor.

Mandeh-Pahchu empurrou o cavalo para a frente, colocando-o em frente ao portão. Glass desmontou e disse:

— Algum motivo particular para vocês saírem atirando?

A voz áspera respondeu:

— Meu parceiro foi assassinado pelos rees diante deste portão na semana passada.

— Bem, nenhum de nós dois é arikara.

— Eu não teria como saber isso, com vocês dois chegando de maneira furtiva no escuro.

Em contraste com o Forte Brazeau, o Forte Talbot parecia um lugar sitiado. Os muros de madeira de cerca de três metros e meio de altura contornavam um perímetro retangular que devia ter trinta metros nas laterais maiores e não menos do que vinte nas menores. Duas torres de observação toscas se localizavam em diagonais opostas, construídas para que seu canto mais interno tocasse o canto mais externo do forte. Dessa posição contígua ao forte, elas permitiam a visão dos quatro muros. Uma das torres — a que estava sobre eles — tinha um telhado grosseiro, evidentemente construído para evitar que um canhão de boca larga ficasse exposto. A outra tinha o esqueleto de um telhado que nunca fora concluído. Havia um curral improvisado em um dos lados do forte, embora não houvesse gado.

Glass esperou enquanto os olhos por trás da portinhola continuavam o interrogatório.

— O que você quer? — perguntou a voz áspera.

— Estou a caminho do Forte Union. Preciso de algumas provisões.

— Bem, não temos muito a fornecer.

— Não preciso de comida ou pólvora. Apenas um cobertor e luvas, e então sigo meu caminho.

— Não parece que você tenha muito para oferecer em troca.

— Posso fazer uma ordem de pagamento por um preço generoso em nome de William Ashley. A Companhia de Peles Montanhas Rochosas vai mandar um grupo rio abaixo na primavera. Eles pagarão a fatura. — Seguiu-se um longo silêncio. Glass acrescentou: — E eles vão considerar com bons olhos um entreposto que dá auxílio a um de seus homens.

Outra pausa e a portinhola se fechou. Eles ouviram o movimento de uma madeira pesada e as dobradiças do portão se abriram. A voz áspera era de um homem baixinho que parecia estar no comando. Ele ficou lá parado com um rifle

e duas pistolas no cinto.

— Só você. Sem peles-vermelhas em meu forte.

Glass olhou para Mandeh-Pahchu, imaginando até que ponto o mandan tinha entendido. O caçador ia dizer alguma coisa, mas parou e entrou. O portão bateu, fechando-se atrás dele.

Havia duas estruturas caindo aos pedaços dentro dos muros. De uma delas, o fraco brilho da luz se infiltrava através das peles engorduradas que serviam de janelas. A outra construção estava escura, e Glass supôs que a usassem como depósito. As paredes dos fundos dos prédios funcionavam como o muro posterior do forte. As fachadas davam para um quintal pequeno, dominado pelo fedor de estrume. A fonte do odor estava atada a um poste — duas mulas sarnentas, presumivelmente os únicos animais que os arikaras não haviam conseguido roubar. Além das mulas, o pátio continha uma grande máquina de prensa de couro, uma bigorna em um toco de choupo e uma pilha mal equilibrada de lenha. Aos cinco homens que estavam no interior do forte, logo se juntou o sujeito da torre. A luz fraca iluminava o rosto cicatrizado de Glass, que sentiu seus olhares curiosos.

— Entre, se quiser.

Glass seguiu os homens rumo à estrutura iluminada, avançando para um cômodo apertado, configurado como um alojamento. Uma fogueira com muita fumaça ardia em uma lareira simples de cerâmica na parede posterior. A única qualidade positiva daquele cômodo com odor azedo era o calor, gerado tanto pela proximidade dos outros homens quanto pelo fogo.

O homem baixinho começou a dizer algo quando seu corpo se contorceu em uma tosse profunda e molhada. Uma tosse similar parecia afligir a maioria dos homens, e Glass temeu a causa daquilo. Quando o sujeito finalmente parou de tossir, disse novamente:

— Não temos comida para dividir com você.

— Eu falei que não preciso de sua comida — disse Glass. — Vamos estabelecer o preço do cobertor e das luvas e eu vou embora. — Apontou para uma mesa no canto. — Coloque também aquela faca de esfolar.

O homem baixinho bateu no peito como se estivesse ofendido.

— Não pretendemos ser mesquinhos, senhor. Mas os rees nos entocaram aqui. Roubaram todo o estoque que tínhamos. Na semana passada, cinco guerreiros

vieram cavalgando até aqui como se quisessem fazer comércio. Abrimos o portão e eles começaram a atirar. Mataram meu sócio a sangue-frio.

Glass não disse nada, então o homem continuou:

— Não conseguimos sair para caçar ou cortar lenha. Então você vai entender se formos cautelosos com nossos suprimentos.

Ele continuou olhando à procura de um sinal de concordância, mas o caçador não ofereceu nenhum.

Então, Glass disse:

— Atirar em um homem branco e em um mandan não vai resolver seus problemas com os rees.

O atirador, um homem imundo sem os dentes da frente, falou:

— Tudo o que vi foi um índio rondando no meio da noite. Como eu podia pensar que vocês estavam cavalgando em dupla?

— Você devia criar o hábito de ver seu alvo antes de atirar.

O homem baixinho falou novamente:

— Eu digo a meus homens quando atirar, senhor. Nunca consegui distinguir os rees dos mandans. Além disso, eles estão juntos agora. Uma grande tribo ladra. Prefiro atirar do que confiar na pessoa errada.

As palavras começaram a ser despejadas da boca do homem baixinho como a água de uma represa rachada, e ele apontou um dedo ossudo enquanto falava.

— Construí este forte com minhas próprias mãos. E obtive a licença do governador do Missouri para fazer comércio aqui. Não vamos embora e atiraremos em qualquer pele-vermelha que apareça na nossa frente. Não me importo se tivermos que matar todos aqueles assassinos e ladrões malditos.

— Com quem exatamente você pretende fazer comércio? — perguntou Glass.

— Vamos fazer à nossa maneira, senhor. Esse é o princípio. O exército vai chegar aqui em breve e colocar esses selvagens na linha. Muitos homens brancos estarão fazendo negócios rio acima e abaixo... como você mesmo disse.

Glass saiu do forte e o portão bateu atrás dele. Ele expirou profundamente, observando sua respiração se condensar no ar frio da noite. Depois, distanciou-se com o vento gelado. Viu Mandeh-Pahchu em seu cavalo perto do rio. O índio se virou ao som do portão e cavalgou na direção dele.

Glass pegou a nova faca de esfolar e cortou uma abertura no cobertor, enfiando a cabeça e usando como uma capa. Vestiu as luvas de pele e fitou o

mandan, imaginando o que falar. O que havia para se dizer, na verdade? *Tenho meus próprios problemas para resolver*. Ele não podia corrigir toda injustiça que aparecesse em seu caminho.

Finalmente, entregou a faca de esfolar para Mandeh-Pahchu.

— Obrigado — disse Glass.

O mandan olhou para a faca e depois para Glass, procurando seus olhos. Então ele observou Glass dar meia-volta e se afastar, Missouri acima e noite adentro.

DEZENOVE

8 DE DEZEMBRO DE 1823

JOHN FITZGERALD FOI do Forte Union até seu posto de sentinela logo abaixo no rio. Porco estava lá parado, sua respiração ofegante produzindo grandes nuvens de fumaça no ar gelado da noite.

— Minha vez — disse Fitzgerald, em um tom de voz quase amigável.

— Desde quando você fica tão contente em fazer a guarda? — perguntou Porco e depois se dirigiu lentamente ao acampamento, ansioso para as quatro horas de sono antes do café da manhã.

Fitzgerald cortou um grande naco de fumo. O agradável sabor encheu sua boca e acalmou seus nervos. Esperou um longo tempo antes de cuspir. O ar da noite lhe feria os pulmões ao respirar, mas ele não se importava com o frio. O frio era consequência de um céu perfeitamente limpo, e Fitzgerald precisava de um céu limpo. A lua quase cheia lançava seu brilho no rio. Luz suficiente, ele esperava, para navegar em um canal desobstruído.

Meia hora após a mudança da guarda, Fitzgerald foi até os salgueiros grossos onde havia escondido sua pilhagem: um pacote de peles de castores para trocar rio abaixo, nove quilos de carne-seca em um saco de juta, três polvorinhos, cem balas de chumbo, uma pequena caçarola, dois cobertores de lã e, claro, o Anstadt. Empilhou os suprimentos próximo à beira da água e se dirigiu à canoa.

Enquanto se locomovia rastejando pela margem, pensou se o capitão Henry se daria o trabalho de mandar alguém atrás dele. *Desgraçado*. Fitzgerald nunca conhecera um homem mais propenso a ter as estrelas conspirando contra ele. Sob a liderança azarada de Henry, os homens da Companhia de Peles Montanhas Rochosas estavam sempre a um pequeno passo de alguma tragédia. *É incrível não estarmos todos mortos.* Só restavam três cavalos, o que restringia o alcance das excursões para montar armadilhas em algumas bacias próximas, áreas há muito exauridas. Os numerosos esforços de Henry para fazer comércio com as tribos locais por novas montarias (ou, em muitos casos, comprar de volta seus

cavalos roubados) fracassaram sistematicamente. Conseguir comida todos os dias para trinta homens se tornara um problema. Os grupos de caça não avistavam um búfalo havia semanas, e sua subsistência primária agora consistia em antílopes fibrosos.

A gota d'água veio na semana anterior, quando Fitzgerald ouviu um rumor sussurrado por Stubby Bill:

— O capitão está pensando em nos deslocar para o Yellowstone... para ocupar o que restou do antigo forte de Lisa no Big Horn.

Em 1807, um astuto comerciante chamado Manuel Lisa estabeleceu um entreposto comercial na junção dos rios Yellowstone e Big Horn. Lisa denominou o local de Forte Manuel, que serviu como base para o comércio e a exploração de ambos os rios. Ele manteve relações particularmente boas com os crows e os flatheads, que usaram as armas adquiridas de Lisa na guerra travada contra os blackfeet. Estes, por sua vez, tornaram-se inimigos implacáveis dos homens brancos.

Encorajado pelo modesto sucesso comercial, em 1809, Lisa fundou a Companhia de Peles St. Louis Missouri. Um dos investidores do empreendimento foi Andrew Henry, que liderava um grupo de cem caçadores em uma malfadada aventura até o Three Forks. A caminho do rio Yellowstone, Henry se deparou com o Forte Manuel. Lembrou-se de sua localização estratégica, da abundância de caça e de madeira. O capitão sabia que o Forte Manuel tinha sido abandonado por mais de uma década, mas esperava ganhar algo com o começo de um novo entreposto.

Fitzgerald não sabia qual era a distância até Big Horn, mas sabia que ficava na direção oposta do lugar para onde queria ir. Ainda que a vida na região das fronteiras tivesse sido mais agradável do que ele esperava quando fugiu de St. Louis, havia muito se cansara da comida ruim, do frio e do desconforto geral de ficar fortificado com homens fedorentos. Sem mencionar a chance considerável de acabar morto. Ele sentia falta do gosto de uísque barato e do cheiro de perfume barato. E, com setenta dólares em moedas de ouro — a recompensa por cuidar de Glass —, ele pensava constantemente em jogos de aposta. Depois de um ano e meio, as coisas deviam ter se acalmado para ele em St. Louis... talvez até mais ao sul. Ele queria descobrir.

Duas canoas escavadas em um tronco repousavam emborcados no longo

litoral abaixo do forte.

Fitzgerald lhes havia feito um exame minucioso alguns dias antes, concluindo que a menor era mais bem-feita. Além disso, embora a correnteza rio abaixo fosse carregá-lo, precisava de uma embarcação pequena o suficiente para que ele pudesse guiar sozinho. Ele virou a canoa silenciosamente, colocou os dois remos do lado de dentro e a puxou pelo banco de areia até a beira da água.

Agora a outra. Em seu plano de fuga, Fitzgerald tinha se preocupado em uma forma de inutilizar a segunda canoa. Considerara fazer um buraco no casco de madeira antes de chegar a uma solução mais direta. Voltou para se ocupar da segunda canoa: estirou-se por baixo dela a fim de pegar os seus remos. *Uma canoa não serve de nada sem um remo.*

Fitzgerald empurrou sua canoa para a água, pulou a bordo e remou duas vezes para colocá-la na correnteza. O rio envolveu o barco e o impulsionou. Ele parou após alguns minutos para pegar suas provisões roubadas; em seguida, encaminhou a embarcação para a correnteza novamente. Em questão de minutos, o Forte Union havia desaparecido atrás de si.

O capitão Henry estava sentado sozinho no espaço mofado de seu alojamento, o único cômodo privado no Forte Union. Além da privacidade, um conforto raro no forte, havia pouco a destacar favoravelmente a respeito do local. A única fonte de calor e luz vinha de uma porta aberta para o cômodo adjacente. Henry estava no escuro e no frio, pensando sobre o que fazer.

A ausência de Fitzgerald em si não representava uma grande perda. Henry desconfiara do homem desde o primeiro dia em St. Louis. Eles também poderiam passar sem a canoa — seria pior se tivessem perdido os cavalos restantes. O desfalque de um pacote de peles era de enlouquecer, mas não chegava a ser fatal.

A perda não era em relação ao homem que fugira, mas ao efeito do ocorrido sobre os homens que ficaram. A deserção de Fitzgerald era uma declaração, em alto e bom som, dos pensamentos ocultos dos outros homens: a Companhia de Peles Montanhas Rochosas era um fracasso. *Ele* era um fracasso. *E agora?*

Henry ouviu o ferrolho da porta se abrir. Passos curtos e pesados se arrastaram

pelo chão sujo em direção a seu alojamento, e Stubby Bill surgiu na soleira da porta.

— Murphy e o grupo de caçadores acabaram de chegar — relatou.

— Eles conseguiram alguma pele?

— Não, capitão.

— Nada?

— Não, capitão. E, bem, capitão... as notícias são um pouco piores do que isso.

— Então?

— Eles estão sem os cavalos, também.

O capitão Henry parou por um momento para assimilar a notícia.

— Algo mais?

Stubby pensou por um minuto e depois completou:

— Sim, capitão. Anderson está morto.

O capitão não disse mais nada. Stubby esperou, até que se sentiu desconfortável com o silêncio e saiu.

O capitão Henry continuou sentado ali por mais alguns minutos, na escuridão fria, antes de tomar uma decisão. Eles iriam abandonar o Forte Union.

VINTE

15 DE DEZEMBRO DE 1823

A REGIÃO FORMAVA uma bacia perfeita no chão das planícies. Em três lados, morros baixos se erguiam para proteger a depressão dos ventos implacáveis que vinham de um espaço mais aberto. O vale afunilava a umidade em direção ao centro, onde um grupo de árvores espinheiras se mantinha em vigília. A combinação dos morros e das árvores criava uma proteção considerável.

A pequena depressão mal ficava a cinquenta metros de distância do Missouri. Hugh Glass se sentou de pernas cruzadas ao lado de uma pequena fogueira, as chamas tintilando na carcaça fina de um coelho suspenso em um espeto de salgueiro.

Enquanto esperava o animal assar, Glass tomou consciência do som do rio. Era algo estranho para se notar, pensou. Estivera grudado ao rio por semanas. Entretanto, de repente ouvia as águas com a sensibilidade aguçada de uma nova descoberta. Desviou o olhar do fogo para o rio. Ocorreu-lhe como era estranho que o curso suave da água pudesse criar algum som. Ou, ainda, que o vento o fizesse. Passou-lhe pela cabeça que não era tanto a água ou o vento que contavam no barulho, mas os objetos em seu caminho. Ele se virou para o fogo.

Glass sentiu a dor habitual na perna e mudou de posição. Seus ferimentos eram recordações constantes de que, enquanto se recuperava, ainda não estava de todo curado. O frio acentuava a dor tanto na perna quanto no ombro. Agora ele presumia que sua voz nunca voltaria ao normal e, claro, seu rosto era uma lembrança de seu encontro no Grand. Porém, nem tudo era ruim. Suas costas não doíam mais. Nem lhe doía comer, algo que ele apreciava enquanto inalava o aroma da carne assando.

O caçador havia atirado no coelho alguns minutos antes, quando a luz do dia começou a enfraquecer. Ele não via sinal dos índios havia uma semana e, quando o coelhinho robusto cruzou seu caminho, a perspectiva de um jantar tão saboroso fora tentadora demais para deixar passar.

Quatrocentos metros rio acima do ponto onde Glass estava, John Fitzgerald estivera procurando um local para atracar quando ouviu a explosão de um tiro de rifle por perto. *Merda!* Remou com velocidade em direção à beira do rio para diminuir seu curso para a frente. Girou a embarcação enquanto observava, sob a luz fraca, tentando identificar a origem do tiro.

Muito ao norte para serem os arikaras. Serão assiniboines? Fitzgerald desejava enxergar melhor. As centelhas de uma fogueira apareceram alguns minutos depois. Ele podia distinguir a forma de um homem vestido de pele, mas não conseguia ver os detalhes. Presumiu se tratar de um índio. Certamente nenhum homem branco viria tão longe ao norte, ao menos não em dezembro. *Será que há mais de um?* A luz do dia desvaneceu rapidamente.

Fitzgerald avaliou suas opções. Certamente não podia ficar onde estava. Se atracasse para passar a noite, talvez o homem armado o descobrisse de manhã. Ele pensou em se aproximar de forma sorrateira e o matar, mas ainda não estava certo se encontraria um ou mais homens. Finalmente, decidiu se esgueirar. Aguardaria pela proteção da noite, na esperança de que o fogo distraísse e mantivesse os olhos do atirador — e de qualquer outro — longe da água. Enquanto isso, a lua cheia forneceria luz suficiente para guiá-lo.

O desertor esperou quase uma hora, puxando em silêncio a proa da canoa para cima do macio banco de areia. O horizonte ocidental engolia os últimos resquícios da luz do dia, acentuando o brilho da fogueira. A silhueta do homem estava curvada por cima do fogo e Fitzgerald presumiu que ele estava muito ocupado cuidando do jantar. *Agora.* Fitzgerald checou o Anstadt e suas duas pistolas, deixando-os numa posição de fácil alcance. Então puxou a canoa para fora do banco de areia e pulou a bordo. Remou duas vezes para conduzir o barco para a correnteza. Depois, usou o remo como um leme, delicadamente colocando-o de um lado e do outro. Esforçou-se em apenas deixar o barco ser levado.

Hugh Glass puxou as patas do coelho. As articulações estavam soltas e, com uma torção, ele o desmembrou. Depois, enterrou os dentes na carne suculenta da coxa.

Fitzgerald tentou ficar o mais afastado possível da margem, mas a correnteza era mais forte. O fogo se aproximava agora com uma rapidez vertiginosa. Ele tentou observar o rio enquanto examinava ali as costas do homem perto da

fogueira. Conseguia distinguir uma capa feita de cobertor e o que parecia ser um chapéu de lã. *Um chapéu de lã? Um homem branco?* Fitzgerald olhou novamente em direção à água. Uma rocha gigante surgiu de repente na água escura do rio — apenas três metros à sua frente!

Fitzgerald impulsionou o remo no fundo do rio, puxando o mais forte que conseguia. Levantou o remo ao final do golpe e o empurrou novamente contra a rocha. A canoa desviou, mas não o suficiente. Sua lateral raspou na pedra, provocando um ruído estridente. Fitzgerald remou com toda a força. *Não faz sentido parar agora*.

Glass ouviu o som de água salpicando seguido do ruído de algo raspando em uma superfície. Instintivamente pegou o rifle e se virou para o rio, afastando-se d da luz a fogueira. Ele se arrastou com rapidez em direção ao rio, os olhos se ajustando ao escuro depois do brilho da luz do fogo.

Analisou a área procurando a origem do barulho. Ouviu o som de um remo entrando na água e viu a silhueta de uma canoa a cerca de cem metros. Levantou o rifle, puxando o cão e mirando na figura escura do homem com o remo. Seu dedo se moveu dentro da guarda do gatilho e... ele parou.

Glass não viu muita razão em atirar. O barqueiro pareceu ter intenção de evitar contato. De qualquer modo, estava sendo conduzido rapidamente para a direção oposta e, qualquer que fosse sua intenção, aparentemente representava pouca ameaça a Glass.

A bordo da canoa, Fitzgerald remou forte até virar em uma curva no rio, a quatrocentos metros do acampamento. Ele deixou a canoa ser levada por pouco mais de um quilômetro e meio antes de guiar o barco à margem oposta e procurar um local apropriado para atracar.

Então, puxou a canoa da água e a emborcou, desenrolando seu saco de dormir sob ela. Mastigou um pedaço de carne-seca enquanto lembrava da figura perto do fogo. *Droga de lugar estranho para um homem branco estar em dezembro*.

Fitzgerald cuidadosamente colocou o rifle e as pistolas a seu lado antes de se encolher sob o cobertor. A lua brilhante inundava o acampamento com uma luz clara. O Anstadt capturava a luz e a refletia, os acessórios de prata brilhando como espelhos ao sol.

O capitão Henry finalmente teve um pouco de sorte. Tantas coisas boas aconteceram em uma sequência tão rápida que ele nem sabia o que fazer com elas.

Para começar, o céu azul brilhou por duas semanas consecutivas. Com o bom tempo, a brigada percorreu os mais de trezentos quilômetros entre o Forte Union e o rio Big Horn em seis dias.

Quando chegaram, o forte abandonado estava praticamente como Henry se lembrava. As condições do entreposto superaram suas expectativas. Os anos de abandono haviam danificado a estrutura, mas a maior parte da madeira se mantinha sólida. O achado lhes pouparia semanas de trabalho pesado, cortando e arrastando a madeira.

A experiência de Henry com as tribos locais (pelo menos no início) representava outro contraste significativo em relação à má sorte no Forte Union. Ele enviou um grupo liderado por Allistair Murphy e cobriu seus novos vizinhos de presentes, principalmente bandos de flatheads e crows. Em seu contato com os índios locais, Henry descobriu ser o beneficiário da diplomacia do seu predecessor. Ambas as tribos pareciam comparativamente felizes com o reestabelecimento do posto. Pelo menos, estavam inclinadas a fazer comércio.

Os crows, em especial, estavam cheios de cavalos. Murphy negociou setenta e dois animais. Diversos riachos corriam das montanhas vizinhas, as Big Horn, e o capitão Henry traçou um plano para organizar uma empreitada agressiva de seus caçadores, que agora podiam se locomover.

Por duas semanas, Henry continuou checando atrás de si, como se um imprevisto estivesse o perseguindo. Ele se permitiu um mínimo de otimismo. *Talvez minha sorte tenha mudado.* Não tinha.

Hugh Glass estava em pé diante dos resquícios do Forte Union. O próprio portão estava jogado no chão, as dobradiças removidas depois que o capitão Henry abandonara o lugar. O estrago deixado pela empreitada fracassada continuava a dar mostras no lado de dentro. Todas as dobradiças de metal haviam sido removidas, guardadas, Glass presumiu, para serem usadas em seu próximo destino. As toras de madeira tinham sido despregadas das paliçadas,

aparentemente utilizadas como lenha pelos visitantes rudes que se seguiram à partida de Henry. Um dos alojamentos tinha uma parede escurecida pelo que parecia ser uma tentativa frustrada de incendiar o forte. Dezenas de trilhas deixadas por cavalos haviam encrespado a neve no pátio.

Estou perseguindo uma miragem. Quantos dias ele havia andado, ou se arrastado, até esse momento? Seus pensamentos se voltaram para a clareira na primavera no rio Grand. *Quando foi aquilo? Agosto? Em que mês estamos agora? Dezembro?*

Glass subiu a escada para a torre, analisando todo o vale de cima. A quatrocentos metros de distância, ele viu um borrão avermelhado de uma dúzia de antílopes se deslocando com dificuldade na neve para mordiscar a artemísia. Um bando de gansos, as asas voltadas para o chão, pousou no rio. Além dos animais, não havia outros sinais de vida. *Onde eles estão?*

Ele acampou por duas noites no forte, incapaz de simplesmente abandonar do destino que tanto perseguira. Porém, sabia que seu alvo verdadeiro não era o lugar, mas duas pessoas — duas pessoas e dois atos finais de vingança.

———

Glass seguiu o Yellowstone a partir do Forte Union. Ele só podia tentar adivinhar o caminho de Henry, mas duvidava que o capitão fosse se arriscar a repetir o fracasso no alto Missouri. De forma que só restava o Yellowstone.

Ele já tinha seguido o Yellowstone por cinco dias quando alcançou um banco alto sobre o rio. Parou, intimidado com o que viu.

Fundindo céu e terra, as montanhas Big Horn surgiam diante dele. Algumas nuvens faziam redemoinhos em torno dos picos mais altos, ampliando a ilusão de uma parede subindo até o topo do mundo. Seus olhos começaram a lacrimejar por causa do brilho do sol contra a neve, mas ele não conseguia desviar o olhar. Nada nos vinte anos de Glass nas planícies o havia preparado para montanhas como aquelas.

O capitão Henry falara com frequência da enormidade das Montanhas Rochosas, mas Glass achava que suas histórias continham altas doses de exagero típicas dos relatos nos acampamentos. Na verdade, Glass pensou que aquilo que Henry descrevera estava deploravelmente inadequado. Henry era um homem

pragmático, e sua descrição se concentrava nas montanhas como obstáculos, barreiras a serem ultrapassadas no caminho para unir um fluxo de comércio entre o leste e o oeste. Faltara totalmente, em sua descrição, qualquer indício da força divina que inundou Glass à visão dos picos maciços.

Claro que ele compreendia a reação mais pragmática de Henry. O terreno dos vales com rios já era penoso o suficiente. Glass dificilmente podia imaginar o esforço requerido para transportar peles por cima de montanhas como aquelas que estavam então diante dele.

Sua veneração às montanhas cresceu nos dias que se seguiram, conforme o rio Yellowstone o conduzia para cada vez mais perto delas. Sua grande massa era um marco, uma referência fixa contra o tempo. Outras pessoas talvez se sentissem inquietas ao se deparar com algo tão maior do que elas mesmas. Mas, para Glass, havia algo de sagrado que fluía das montanhas como uma fonte, uma sensação de imortalidade que fazia suas dores cotidianas parecerem insignificantes.

E então ele andou, dia após dia, em direção às montanhas no fim da planície.

Fitzgerald estava parado do lado de fora da paliçada simples, suportando as interrogativas do homem baixinho que tossia na muralha sobre o portão.

Fitzgerald havia treinado seu discurso mentiroso durante os longos dias na canoa.

— Estou levando para St. Louis uma mensagem do capitão Henry, da Companhia de Peles Montanhas Rochosas.

— Companhia de Peles Montanhas Rochosas? — O homem baixinho bufou. — Acabamos de ver um dos seus indo na outra direção; um sujeito de maneiras rudes cavalgando com um pele-vermelha. Na verdade, se você é da mesma companhia que ele, pode cobrir a ordem de pagamento dele.

Fitzgerald sentiu o estômago se contrair e sua respiração ficou curta de imediato. *O homem branco no rio!* Ele lutou para manter a voz calma, despreocupada.

— Devo ter cruzado com ele no rio sem notar. Qual era o nome dele?

— Não me lembro. Demos algumas coisas e ele foi embora.

— Como ele era?

— Bem, disso eu me lembro. Tinha cicatrizes por todo o rosto, como se tivesse sido mastigado por um animal selvagem.

Glass! Vivo! Maldito!

Fitzgerald trocou duas peles de castor, a unidade padrão de valor no mercado de trocas de pele, por carne-seca, ansioso para voltar à água.

Não mais satisfeito em ser levado pela correnteza, ele remou para impulsionar a canoa para a frente. Para a frente e para longe. Glass deve estar na direção oposta, pensou Fitzgerald, mas ele não tinha nenhuma dúvida sobre a intenção daquele desgraçado.

VINTE E UM

31 DE DEZEMBRO DE 1823

A NEVE COMEÇOU a cair no meio do dia. As nuvens de tempestade se aproximaram aos poucos, escurecendo o céu de forma tão gradual que Henry e seus homens quase nem notaram.

Eles não tinham motivo para se preocupar. O forte, renovado, estava completo, pronto para resistir a quaisquer desafios climáticos que pudessem se apresentar. Além disso, o capitão Henry havia declarado que aquele era um dia de festa. Então, tinha preparado uma surpresa que resultou em uma animação delirante entre os seus comandados: álcool.

Henry era um fracasso em muitas coisas, mas conhecia o poder dos incentivos. Sua bebida era feita de levedo e frutas vermelhas, mantida em um barril por um mês para que fermentasse. O preparado resultante tinha um sabor ácido. Nenhum dos homens podia beber aquilo sem se contorcer de dor — e nenhum deles deixava a oportunidade passar. O líquido resultava em um profundo e quase imediato estado de embriaguez.

Henry tinha um segundo bônus para seus homens. Ele tocava violino relativamente bem e, pela primeira vez em meses, seu humor se elevou o suficiente para pegar no instrumento gasto. O violino agudo combinava com as risadas dos bêbados, criando a estrutura de um caos jovial no alojamento abarrotado.

Boa parte da folia se centrava em Porco, cujo corpo obeso jazia esparramado diante da fogueira. Pelo que ficou provado, a resistência de Porco para o álcool não era proporcional à sua circunferência.

— Parece que ele está morto — disse Black Harris, chutando-o direto na barriga.

O pé de Harris desapareceu momentaneamente na gordura flácida em volta da zona abdominal de Porco, mas, fora isso, o chute não provocou qualquer reação.

— Bom, se ele estiver morto... — atalhou Patrick Robinson, um homem

quieto cuja voz a maioria dos caçadores nunca tinha ouvido antes da distribuição da bebida de Henry — ...nós lhe devemos um enterro decente.

— Está muito frio — observou outro caçador. — Mas poderíamos fazer uma mortalha apropriada para ele!

A ideia evocou grande entusiasmo entre os caçadores. Logo apareceram dois cobertores, assim como uma agulha e linha grossa. Robinson, um competente alfaiate, começou a tarefa de costurar firme a coberta em volta da grande massa corporal de Porco. Black Harris fez um sermão emocionante, e um por um os homens se revezaram nos elogios fúnebres.

— Ele foi um homem bom e temente a Deus — disse um orador. — Nós devolvemos este homem ao Senhor, oh, Deus, em seu estado virginal... Nunca tendo sido tocado por um sabonete.

— Se o Senhor conseguir erguer seu corpo — completou outro —, suplicamos que leve nosso companheiro para o outro mundo.

Uma discussão barulhenta desviou a atenção do funeral do Porco. Allistair Murphy e Stubby Bill divergiam sobre qual dos dois era o melhor atirador com pistola. Murphy desafiou Stubby Bill a um duelo, uma ideia que o capitão Henry logo vetou. Ele autorizou, no entanto, uma disputa de tiros.

Primeiro, Stubby Bill sugeriu que cada um deles atirasse em uma caneca de estanho apoiada na cabeça do outro. Mesmo em seu estado de embriaguez, porém, ocorreu-lhe que tal competição poderia criar uma perigosa mistura de motivações. Como consenso, por fim decidiram atirar em uma caneca de estanho apoiada na cabeça de *Porco*. Tanto Murphy quanto Stubby Bill consideravam Porco um amigo; então ambos teriam o incentivo apropriado para mostrar perícia em acertar o alvo. Eles apoiaram o corpo de Porco, envolvido pelos cobertores, sentado contra a parede, e depois colocaram uma caneca sobre sua cabeça.

Os homens abriram uma passagem no centro do longo alojamento, com os atiradores em uma extremidade e Porco na outra. O capitão Henry escondeu uma bala de mosquete em uma das mãos e as estendeu; Murphy escolheu a que tinha a bala e optou por atirar em segundo lugar. Stubby Bill retirou a pistola do cinto, checando com cuidado a pólvora na caçoleta. Ajustou seu peso de um pé para o outro, posicionando-se de lado em relação ao alvo, e dobrou o braço com o qual atirava para formar um ângulo reto perfeito com a pistola apontando para o

telhado. Esticou o polegar para cima e engatilhou a pistola com um estalido dramático, o único som na cabana dominada pela tensão. Depois de diversos momentos oscilando nessa posição, baixou a pistola para a posição de atirar, vagarosa e elegantemente fazendo um arco.

Então ele hesitou. O impacto de um tiro errado se tornou repentinamente claro assim que identificou, pelo visor da pistola, a massa protuberante de Porco. Stubby Bill gostava dele. Bastante, na verdade. *Essa é uma má ideia*. Ele sentiu uma gota de suor percorrer suas costas, fazendo cócegas. Com sua visão periférica, percebeu os homens amontoados em cada um de seus lados. Sua respiração se tornou arfante, obrigando o braço que usava para atirar a se mover para cima e para baixo. De repente, a pistola lhe pareceu pesada. Ele prendeu a respiração para que a mão não se mexesse, mas a falta de ar o deixou tonto e com sensação de desmaio. *Não atire abaixo do alvo.*

Finalmente, esperou pelo melhor e apertou o gatilho, fechando os olhos com a faísca da pólvora. A bala colidiu na parede de madeira atrás de Porco, trinta centímetros acima da caneca na cabeça coberta do homem gordo. Os espectadores explodiram em gargalhadas.

— Belo tiro, Stubby!

Murphy deu um passo à frente.

— Você pensa demais.

Em um único e fluente movimento, ele engatilhou, mirou e atirou. O tiro explodiu e a bala rompeu na base da caneca de estanho sobre a cabeça de Porco. A caneca voou na parede antes de cair no chão, produzindo muito barulho.

Se nenhum dos dois tiros matou Porco, o segundo conseguiu despertá-lo.

A figura coberta e cheia de protuberâncias começou com uma série de movimentos bruscos de contorção. Os homens brindaram ao tiro e depois duplicaram a alegria desenfreada à vista da mortalha se contorcendo. A longa lâmina de uma faca saiu de repente do cobertor, cortando uma fenda estreita. Duas mãos apareceram, rasgando a coberta, então surgiu o rosto carnudo de Porco, piscando contra a luz. Houve mais risadas e zombarias.

— É como assistir a um bezerro nascendo!

Os tiros haviam temperado a comemoração com uma ênfase própria, e logo todos começaram a atirar para o alto. Uma fumaça negra de pólvora encheu o cômodo junto a gritos vigorosos de “Feliz ano-novo!”.

— Ei, capitão — disse Murphy. — Nós devíamos dar um tiro com o canhão!

Henry não fez objeção, por nenhuma outra razão além de ser uma maneira de tirar os caçadores do alojamento antes que o destruíssem. Com altos clamores, os homens da Companhia de Peles Montanhas Rochosas abriram a porta, embrenharam-se na noite escura e saíram, em massa, tropeçando, em direção ao bloqueio.

Todos ficaram surpresos com a intensidade da tempestade. O leve chuvisco da tarde havia se transformado em uma nevasca intensa, com ventos em redemoinho carregando a neve pesada. Cerca de vinte e cinco centímetros de neve haviam se acumulado, com ainda mais profundidade nos locais que formavam montes. Se estivessem raciocinando bem, os homens teriam agradecido a sorte que mantinha a tempestade longe enquanto eles construíam um abrigo. No entanto, todo o foco deles estava voltado ao canhão.

O morteiro de quase dois quilos estava mais para uma espingarda gigante do que um canhão, projetado não para as muralhas de um forte, mas para a proa de um barco de transporte. Estava montado em um suporte giratório do ponto de observação, o que permitia que ele vigiasse duas das muralhas do forte. O cano de ferro media quase um metro, com três dobradiças para reforço (insuficientes, como ficaria claro).

Um homem corpulento chamado Paul Hawker sonhava em ser designado o atirador de canhão. Ele até alegava ter sido um homem da artilharia da Guerra de 1812. A maioria dos homens duvidava dessa afirmação, embora admitissem que Hawker parecesse dominar o assunto enquanto vociferava as instruções para carregar o canhão. Ele e dois outros caçadores subiram com dificuldade a escada que dava para o ponto de observação. O restante da brigada permaneceu embaixo, todos satisfeitos em assistirem à atividade do lugar relativamente protegido que era o chão.

— Artilheiros, a seus postos! — gritou Hawker.

Talvez ele conhecesse as manobras, mas seus subordinados, claramente, não as conheciam. Eles o fitaram com olhares inexpressivos, esperando por uma explicação compreensível sobre suas responsabilidades. Em um sussurro, Hawker apontou para um e indicou:

— Você, pegue a pólvora e algum material para bucha.

Apontando para o outro, pediu:

— E você, vá acender a corda na fogueira.

Retornando à sua postura de militar, ele então gritou:

— Iniciar o aquecimento... Carregar!

Sob a direção de Hawker, o homem com a pólvora despejou 30 dracmas, uma unidade de peso de metais que equivale a 1,70g, em um medidor, mantido no blocausse para esse fim. Hawker apontou o cano de latão em direção ao céu e eles o encheram com a pólvora. Depois, inseriram uma bucha de tecido velho do tamanho de um punho e usaram um bastão para assentar a munição firmemente na culatra da arma.

Enquanto esperavam o retorno da corda para fazer o disparo, Hawker desembrulhou um oleado que continha os detonadores, peças de oito centímetros feitas da extremidade da pena de um ganso, preenchidas com pólvora e seladas dos dois lados com um pouco de cera. Ele colocou um dos detonadores na pequena abertura na parte de trás do canhão. Quando a corda quente era fixada ao detonador, derretia a cera e incendiava a pólvora, o que, por sua vez, fazia detonar a carga principal na culatra.

O homem com a corda queimando chegou e subiu a escada.

A corda de disparo era constituída de uma vara comprida com um orifício na ponta. Desse orifício saía uma corda grossa, tratada com salitre para entrar em combustão. Hawker soprou a brasa da ponta da corda, o brilho flamejante lançando um tom vermelho nefasto a seu rosto. Com a pompa de um cadete da Academia Militar, ele gritou:

— PREPARAR!

Os homens embaixo fitavam a torre com ansiedade, esperando uma explosão colossal. Embora ele próprio segurasse a corda para pôr fogo, Hawker gritou:

— FOGO!

Em seguida, colocou a centelha junto ao detonador do canhão.

A brasa da corda se derreteu rapidamente na cera. O detonador soltou uma faísca com um chiado e, então, “puf”. Em comparação com a explosão espetacular que os homens aguardavam, o ruído do canhão pareceu pouco mais alto do que um bater de palmas.

— Que diabo foi isso? — veio um grito do pátio, junto com assobios de vaias e risos de zombaria. — Por que você simplesmente não bate em uma panela?

Hawker ficou encarando seu canhão, horrorizado com o fato de seu momento

de exibicionismo másculo ter murchado tanto. O erro tinha que ser retificado.

— Foi só um aquecimento! — berrou ele para baixo. E depois, com insistência, gritou novamente: — Artilheiros, a seus postos!

Os dois artilheiros olharam para Hawker imersos em dúvida, repentinamente preocupados com as próprias reputações.

— Mexam-se, seus idiotas! — sibilou Hawker. — Tripliquem a carga!

Mais pólvora poderia ajudar. Por outro lado, talvez o problema tivesse sido pouca quantidade de bucha. Hawker pensou que mais bucha criaria mais resistência... e uma explosão mais alta. *Vou fazer um estrondo para eles.*

Eles despejaram o triplo de carga no cano. *O que devo usar como bucha?* Hawker rasgou a própria túnica de couro e a enfiou no canhão. *Mais*. Ele olhou para os assistentes.

— Deem-me suas túnicas.

Os homens o encararam, com visível apreensão.

— Está frio, Hawker.

— Me deem as merdas das suas túnicas.

Os homens obedeceram com relutância e ele acrescentou as duas vestes como bucha. A zombaria continuava enquanto Hawker trabalhava furiosamente para recarregar o grande canhão. No momento em que terminou, o cano havia sido preenchido, em toda a sua extensão, com peças de couro, apertadas bem firme.

— Preparar! — berrou Hawker, pegando novamente a corda de disparo. — FOGO!

Ele encostou a brasa no detonador e o canhão explodiu. Literalmente. As peças de couro de fato criaram mais resistência, tanta que a arma explodiu em milhares de gloriosos pedaços.

Por um instante incrível, as chamas iluminaram o céu noturno; depois, uma enorme nuvem de fumaça acre ocultou a torre da vista de todos. Os homens se abaixaram quando estilhaços da explosão começaram a irromper contra as paredes de madeira do forte e afundar sibilando na neve. A explosão arremessou os dois ajudantes de Hawker da extremidade da torre até o pátio, no térreo. Um fraturou o braço na queda; o outro, duas costelas. Ambos poderiam ter morrido se não tivessem caído em um monte alto de neve.

Assim que o vento forte diminuiu a fumaça, todos os olhos se voltaram para cima, procurando pelo corajoso artilheiro. Ninguém proferiu uma palavra por um

instante, até que o capitão gritou:

— Hawker!

Outro longo momento se passou. Os ventos em redemoinho afastaram a fumaça da torre. Eles viram uma mão aparecer por cima do parapeito. Uma segunda mão surgiu e depois... a cabeça de Hawker. Seu rosto estava negro como carvão por causa da explosão. O chapéu havia voado de sua cabeça e sangue escorria de ambos os ouvidos. Mesmo com as duas mãos apoiadas, ele bamboleava de um lado para outro. A maioria grupo achava que ele iria tombar para a frente e morrer. No entanto, ele gritou:

— Feliz ano-novo, seus filhos da puta imundos!

Uma estrepitosa gargalhada de aprovação encheu a noite.

Hugh Glass tropeçou nos montes de neve, surpreso de que ela pudesse já estar tão funda. A mão que ele usava para atirar estava sem luva; por isso, sua pele nua foi de encontro à neve quando ele caiu. A pontada provocada pelo frio foi tão aguda que ele se contorceu, e depois escondeu a mão por baixo da capa para secá-la. A neve tinha começado como flocos grossos e espalhados, forte o suficiente para justificar a procura de um abrigo. Glass percebeu o erro que cometera.

Ele olhou ao redor, tentando avaliar o que restava da luz do dia. A tempestade fazia parecer que o horizonte estava próximo, à medida que as altas montanhas do fundo desapareciam completamente. Ele conseguia distinguir uma fina linha de cordilheira de arenito e um ou outro pinheiro de pé. Afora isso, mesmo os contrafortes das montanhas pareciam se fundir às disformes nuvens branco-acinzentadas do céu. Glass estava contente pelo caminho certo do rio Yellowstone. *Uma hora antes do pôr do sol?* Ele tirou a luva da bolsa de utensílios e a colocou na mão molhada e rija. *Afinal, não vou encontrar nada em que possa atirar com este tempo.*

Já fazia cinco dias que Glass partira de Forte Union. Ele sabia agora que Henry e seus homens tinham vindo por este caminho; a trilha de trinta homens não era difícil de seguir. A partir dos mapas que estudara, Glass se lembrava do posto de comércio abandonado de Manuel Lisa no Big Horn. *Certamente Henry*

não iria além disso... não nesta estação. Ele tinha uma vaga ideia das distâncias. Mas o quanto ele já tinha percorrido? Glass só podia estimar.

A temperatura caiu de forma drástica com a chegada da tempestade, mas era o vento que o preocupava. O vento parecia intensificar o frio, dotando-o de uma capacidade de penetrar em cada costura de suas roupas. Ele o sentia primeiro como se fosse uma ferroada na carne exposta do nariz e das orelhas. Fazia com que seus olhos lacrimejassem, e o nariz escorrendo criava uma umidade que aumentava a sensação de frio. À medida que ele se movia penosamente pela neve cada vez mais funda, a ferroada se esvanecia aos poucos para um estado de dolorosa dormência, transformando os dedos de Glass, antes tão ágeis, em pedaços de carne disfuncionais. Ele necessitava procurar um abrigo enquanto ainda conseguisse encontrar combustível — e enquanto seus dedos ainda fossem capazes de manusear a pederneira e o aço.

A margem oposta se elevava do rio de forma íngreme. Poderia fornecer algum tipo de cobertura, mas não havia um local raso para atravessar o rio. O terreno ao seu lado era plano e não criava obstáculo algum ao vento cortante. Ele viu uma dezena de choupos a uma distância de cerca de um quilômetro e meio, quase imperceptíveis por causa da neve que caía e da escuridão que aumentava. *Por que esperei tanto?*

Glass levou vinte minutos para percorrer a distância até as árvores. Em certos locais, o vento fustigante havia aberto espaços no chão até que se pudesse ver a terra, mas em outros os montes de neve lhe chegavam até os joelhos. A neve enchia seus mocassins, e ele se culpou por não ter pensado em perneiras. Suas calças de pele de veado ficaram molhadas e depois se congelaram, como cascas encobrindo suas pernas. Quando chegou ao arvoredo, ele não conseguia mais sentir os dedos dos pés.

A tempestade se intensificou enquanto ele procurava a árvore que oferecesse o melhor abrigo. O vento parecia soprar de todas as direções ao mesmo tempo, tornando difícil escolher um lugar ideal, então ele optou por um choupo caído. As raízes viradas para cima se espalhavam em um arco a partir da grossa base do tronco, criando um quebra-vento em duas direções. *Se pelo menos o vento parasse de soprar de todas as direções...*

Ele deixou o rifle no chão e logo começou a catar material que servisse como combustível. Encontrou madeira para lenha em quantidade. O problema era

encontrar material para iniciar o fogo. Muitos centímetros de neve cobriam o solo. Quando ele cavava, as folhas abaixo da camada de neve estavam úmidas e inutilizáveis. Tentou quebrar alguns pequenos galhos do choupo, mas ainda estavam verdes. Vasculhou a clareira. A luz do dia parecia estar se esvaindo, e ele, cada vez mais preocupado, percebeu que era mais tarde do que imaginava. Quando afinal conseguiu juntar tudo o que precisava, estava trabalhando quase na escuridão total.

Glass amontoou a lenha perto da árvore caída e cavou com força para criar uma depressão protegida para a fogueira. Tirou as luvas para manusear o material inflamável, mas mal controlava seus dedos congelados. Levou as mãos em concha até os lábios e soprou. Sua respiração criou uma breve sensação de calor que sumiu instantaneamente diante do ar gélido. O caçador sentiu uma nova rajada de vento cortante nas costas e no pescoço, penetrando sua pele e depois, aparentemente, mais fundo. *Será que o vento está mudando?* Fez uma pausa, pensando se deveria ir para o outro lado do choupo. O vento diminuiu, e ele decidiu ficar onde estava.

Espalhou o material inflamável para iniciar o fogo na cavidade rasa e apanhou o conjunto de pederneira e aço de seu *sac au feu*. Em sua primeira tentativa de riscar o metal, a pederneira arranhou a junta de seu polegar. A pontada se estendeu pelo braço, como a vibração um diapasão. Ele tentou ignorar a dor e bateu novamente no aço. Finalmente surgiu uma centelha que pousou no material inflamável e começou a se incendiar. Depois, ele se curvou sobre a tímida chama, protegendo-a com o próprio corpo enquanto soprava, desesperado para exalar a própria vida naquele fogo. De repente, sentiu uma lufada forte de vento rodopiando e enchendo seu rosto de areia e fumaça. Glass tossiu e esfregou os olhos; quando conseguiu abri-los, viu que a chama se apagara. *Merda!*

Ele bateu a pederneira mais uma vez contra o aço. Surgiram centelhas, mas grande parte do material inflamável já tinha sido queimado. As costas de suas mãos doíam por estarem expostas ao frio, e seus dedos haviam perdido todo o tato. *Use a pólvora*.

Ele arrumou o que sobrara de material combustível da melhor maneira possível, dessa vez adicionando pedaços maiores de lenha. Então entornou um pouco de pólvora, lamentando quando ela transbordou na cavidade. Ele

posicionou o corpo para bloquear o máximo de vento que conseguisse e bateu no aço com a pederneira.

Uma centelha se acendeu na cavidade, queimando suas mãos e chamuscando seu rosto. Ele mal notou a dor, de tão desesperado que estava para alimentar as chamas que agora oscilavam com o vento. Ele se agachou acima da fogueira, abrindo sua capa para criar uma barreira ampliada. A maior parte do material inflamável já havia desaparecido, mas ele percebeu aliviado que alguns dos pedaços maiores estavam em chamas. Adicionou mais lenha e, em poucos minutos, ficou confiante de que o fogo iria se manter por si mesmo.

Ele tinha acabado de se acomodar na árvore caída quando outra lufada de vento quase apagou o fogo. Mais uma vez ele se jogou por cima das chamas, estendendo a capa para impedir a passagem do vento ao mesmo tempo que soprava sobre as brasas incandescentes. Novamente protegidas, as chamas voltaram a dar sinal de vida.

Glass permaneceu nessa posição, curvado sobre a fogueira com os braços estendidos para segurar a capa, por quase meia hora. A neve se acumulara ao seu redor, crescendo muitos centímetros no pouco tempo em que ele se ocupava das chamas. Ele podia sentir o peso da neve que se acumulava no local em que sua capa se arrastava no chão. Ele percebeu algo mais, e sentiu um frio na espinha. *O vento mudou*. O vento batia contra suas costas, não mais em redemoinho, mas com uma pressão constante e implacável. O choupo não fornecia um abrigo adequado. Ainda pior, captava o vento e o fazia girar... de volta contra o próprio Glass e direto para a fogueira.

Glass lutou para não se deixar tomar por um sentimento crescente de pânico, um círculo vicioso de temores conflitantes. O ponto de partida era claro: sem uma fogueira, ele morreria de frio. Ao mesmo tempo, não poderia manter a posição atual, debruçado sobre as chamas, os braços bem abertos, a neve batendo contra suas costas. Estava exausto, e a tempestade poderia muito bem durar horas ou até mesmo dias. Glass precisava de um abrigo, por mais tosco que fosse. A direção do vento parecia indicar que a melhor opção seria o outro lado da árvore. A situação não poderia ficar pior do que já estava, mas Glass duvidava que pudesse se mover sem perder as chamas da fogueira. Será que conseguiria acender outra fogueira? No escuro? Sem material para inflamar o fogo? Ele não via alternativa senão tentar.

Arquitetou um plano. Correria para o outro lado da árvore caída, escavaria uma nova cavidade para a fogueira e depois tentaria transferir as chamas.

Não fazia sentido esperar. Pegou o rifle e o máximo de lenha que conseguiu carregar. O vento parecia pressentir a presença de um novo alvo, açoitando-o com força renovada. Ele baixou a cabeça e se moveu com dificuldade entre as raízes gigantescas, esbravejando à medida que sentia mais neve entrando em seus mocassins.

O lado oposto de fato parecia mais protegido do vento, embora a neve também tivesse se acumulado com a mesma profundidade. Ele deixou no solo o rifle e a lenha e começou a cavar, levando cinco minutos para raspar uma área grande o suficiente para a fogueira. Retornou logo para o outro lado, refazendo as pegadas que deixara na neve. As nuvens deixavam o ambiente quase em total escuridão, e ele esperava ver o brilho de sua fogueira quando virasse para o outro lado da base da árvore. *Não há luz... não* há fogo.

O único indício de sua fogueira era uma ligeira cavidade sobre um monte de neve acumulada. Glass cavou embaixo, em uma esperança ingênua de que, de alguma forma, uma brasa pudesse ter se mantido acesa. Não encontrou nada, ainda que o calor do fogo tivesse transformado a neve em uma mistura lamacenta. Ele encharcou as luvas de lã. Sentiu o frio congelante da umidade nas mãos e depois foi tomado por uma sensação estranha, uma mescla de dores que parecia tanto queimar quanto congelar, tudo ao mesmo tempo.

Retornou rapidamente à parte mais protegida da árvore. O vento parecia ter permanecido na mesma direção, mas também se intensificara. O rosto de Glass doía e as mãos mais uma vez perderam toda a habilidade. Ele ignorou os pés, o que era fácil, já que não conseguia sentir qualquer coisa abaixo dos tornozelos. Como o vento mantinha uma direção constante, pelo menos o choupo criava um bloqueio. No entanto, a temperatura continuava a cair e, sem uma fogueira, Glass pensou de novo que poderia morrer.

Não havia tempo para catar material para acender o fogo, mesmo que houvesse luz suficiente para guiá-lo. Ele decidiu cortar gravetos com seu machado e esperar que outro bocado de pólvora pudesse ser suficiente para iniciar a chama. Por um instante, ficou preocupado em resguardar sua pólvora. *O menor dos meus problemas.* Ele cravou o machadinho na ponta de um pedaço curto de lenha para alinhar a lâmina e começou a bater para cima e para baixo

para lascar a madeira.

O som de sua tarefa quase ocultou outro: um barulho seco, como um trovão distante. Ele ficou paralisado e esticou o pescoço à procura da origem do barulho. *Um tiro de espingarda? Não... alto demais*. Glass já ouvira trovões em tempestades de neve antes, mas nunca com uma temperatura tão baixa.

Esperou alguns minutos com a atenção redobrada. Não ouviu qualquer som além do uivo dos ventos e tomou consciência novamente da dor lancinante nas mãos. Vagar na tempestade em busca de um som estranho parecia loucura. *Acenda a droga da fogueira.* Ele cravou a lâmina do machadinho no alto de outro pedaço de madeira.

Quando já havia cortado uma quantidade suficiente, Glass juntou as aparas em uma pilha e pegou a pólvora. Ficou preocupado em ver que sobrava tão pouco. Quando a despejou, pensou se deveria guardar algum tanto de pólvora para uma segunda tentativa. Ele se atrapalhou um pouco, mal conseguindo controlar os movimentos de suas mãos congeladas. *Não... é agora.* Esvaziou o chifre porta-pólvora e apanhou novamente a pederneira e o aço.

Levantou a pederneira para bater no metal, mas, antes que pudesse completar o movimento, um estrondo colossal ecoou pelo vale do Yellowstone. Dessa vez, ele percebeu o que era. A inconfundível explosão de um canhão. *Henry!*

Glass se levantou e alcançou o rifle. Os ventos de novo encontraram um alvo e o açoitaram com um vigor que quase o fez cair. Ele começou a atravessar a neve funda com dificuldade, em direção ao Yellowstone. *Espero estar na margem certa.*

———

O capitão Henry ficou indignado com a perda do canhão. Embora a arma fosse de pouca utilidade em um combate real, seu valor era significativo em termos de intimidação. Além do mais, um forte de verdade precisava ter um canhão, e Henry queria um para o seu.

Com a perceptível exceção do capitão, a perda do canhão não refreou a moral da comemoração de ano-novo. Ao contrário, a grande explosão pareceu impulsionar o nível de folia. A nevasca fez com que os homens voltassem para o interior do forte, mas o alojamento apertado pulsava com uma cacofonia

ininterrupta de caos generalizado.

Então, com um golpe forte, a porta da cabana se abriu — completamente — de súbito, como se uma poderosa força externa tivesse se acumulado do lado de fora antes de irromper portal adentro. Os rigores do clima entraram pela porta aberta, como dedos frígidos apertando os homens amontoados no interior, arrancando-os do conforto adequado do abrigo e do calor do fogo.

— Feche a porta, seu imbecil! — berrou Stubby Bill sem olhar para lá.

Então, todos se viraram para a porta. O vento chiava do lado de fora. A neve caía em espiral em volta da presença que surgiu, fazendo com que o vulto parecesse uma parte da tempestade, desembocando no meio deles como uma representação malévola da própria natureza selvagem.

Jim Bridger fitou o espectro com olhos apavorados. A neve havia se fixado em toda a superfície da figura, encapsulando-a em um tom branco de gelo. No rosto, o gelo estava grudado em uma barba desgrenhada e pendia como adagas de cristal da borda dobrada de um gorro de lã. A aparição poderia ter sido entalhada totalmente no gelo, se não tivesse estrias vermelhas de cicatrizes picotadas dominando seu rosto, se não tivesse os olhos queimando, incandescentes como chumbo derretido. Bridger observava enquanto os olhos do recém-chegado analisavam o interior da cabana, deliberadamente procurando.

Um silêncio estarrecedor encheu o cômodo à medida que os homens se esforçavam para compreender a visão diante deles. Diferente dos outros, Bridger entendeu na hora. Ele tinha visto essa figura em sua mente antes. Seu sentimento de culpa se avolumou, revirando seu estômago como uma roda de pás. Ele queria desesperadamente fugir dali. *Como se escapa de algo que vem de dentro?* Aquele que regressava — ele sabia — vinha procurá-lo.

Alguns minutos se passaram até que Black Harris finalmente disse:

— Meu Deus. É Hugh Glass.

Glass examinou os rostos atônitos que o encaravam. Deixou transparecer brevemente sua decepção por não conseguir localizar Fitzgerald entre os homens — mas encontrou Bridger. Seus olhos teriam se cruzado; no entanto, Bridger se virou. *Exatamente como antes*. Ele reconheceu a faca que Bridger agora usava no cinto. Glass levantou o rifle e o armou.

O desejo de matar Bridger quase o dominava. Tendo rastejado por cem dias para chegar a este momento, a perspectiva de vingança agora era imediata, o

poder de consumá-la não exigia mais do que apertar o gatilho suavemente. No entanto, uma mera bala parecia muito intangível para expressar sua cólera, uma abstração em um momento que pedia ansiosamente pela satisfação de sentir carne contra carne. Como um homem esfomeado diante de um banquete, ele podia fazer uma breve pausa para desfrutar do último momento de uma fome que doía e que logo seria saciada. Glass baixou o rifle e o apoiou na parede.

Ele andou devagar em direção a Bridger, os outros homens abrindo caminho à medida que se aproximava.

— Onde está minha faca, Bridger?

Glass parou exatamente à frente dele. Bridger olhou para Glass. Sentiu a conhecida falta de conexão entre a vontade de explicar e sua incapacidade de fazê-la.

— Levante-se — disse Glass.

Bridger obedeceu.

O primeiro soco de Glass o atingiu no rosto com toda a força. Bridger não ofereceu qualquer resistência. Viu o soco se aproximando, mas não virou o rosto, nem mesmo piscou. O homem mais velho sentiu estalar a cartilagem do nariz do rapaz e viu o jorro de sangue. Ele havia imaginado a satisfação daquele momento mil vezes, e agora finalmente tinha chegado. Estava feliz de não ter abatido Bridger com um tiro, de não ter se privado do prazer total e carnal da vingança.

O segundo soco de Glass atingiu Bridger sob o queixo, arremessando-o para trás, contra a parede de madeira. Mais uma vez Glass se deliciou com a completa satisfação do contato físico. A parede evitou que Bridger caísse, mantendo-o de pé.

Glass fechou o cerco, iniciando um ataque desenfreado de golpes contra o rosto de Bridger. O sangue em determinado momento se tornou tão espesso que seus socos começaram a deslizar e se tornaram ineficazes, então ele passou a golpear a barriga do homem, que se curvou quando perdeu a consciência e, finalmente, tombou no chão. Glass começou a chutá-lo, e Bridger não conseguia, ou não queria, revidar. O garoto também sentira que este dia chegaria. Era um ajuste de contas, e ele não acreditava ter direito de resistir.

Então, Porco avançou até eles. Mesmo em meio à tontura do álcool, ele havia juntado as peças que elucidavam todas as implicações do violento evento que se

desdobrava diante de si. Era óbvio que Bridger e Fitzgerald tinham mentido acerca do tempo que haviam passado com Glass. Ainda assim, parecia errado deixar Glass entrar ali e matar o amigo e companheiro. Porco se aproximou para agarrar Glass por trás.

No entanto, alguém o impediu. Porco se voltou e encarou o capitão Henry.

— O senhor vai deixar que ele mate Bridger? — perguntou Porco.

— Não vou fazer nada — disse o capitão. Porco começou a protestar, mas Henry o interrompeu: — Cabe a Glass decidir.

O homem mais velho desferiu outro chute brutal. Embora tentasse reprimi-lo, Bridger deixou escapar um gemido com o impacto do golpe. Glass estava de pé, por cima do vulto disforme a seus pés, ofegante com o esforço da surra que havia proferido. Sentia a pulsação nas têmporas quando seus olhos pousaram na faca no cinto de Bridger. Em sua mente, ele via Bridger, na extremidade da clareira naquele dia, agarrando a faca que Fitzgerald tinha jogado para ele. *Minha faca*. Ele se abaixou e puxou a longa lâmina da bainha. Segurar o cabo esculpido era como apertar a mão de um conhecido. Ele pensou nos momentos em que tinha precisado daquela faca e foi novamente fisgado pelo ódio. *Chegou a hora.*

Por quanto tempo tinha se fortalecido com a ideia de que aquele momento chegaria?

E agora tinha chegado, uma vingança mais do que perfeita, mais até do que sua imaginação havia criado. Ele revirou a faca na mão, sentiu seu peso, preparado para levá-la para casa.

Olhou para Bridger e algo inesperado teve início. Aquele momento perfeito começou a se evaporar. Bridger o encarou de volta, e, nos olhos dele, não havia malícia, mas medo; não havia resistência, mas resignação. *Revide, filho da puta!* Um movimento rápido de oposição que justificasse o golpe final.

O movimento nunca aconteceu. Glass continuou a segurar a faca, encarando o rapaz. *Um menino!* De repente, quando Glass olhou para baixo, novas imagens começaram a competir com a memória da faca roubada. Ele se lembrou do rapaz cuidando de suas feridas, discutindo com Fitzgerald; havia outras imagens também, como o pálido rosto de La Vièrge na margem recortada do Missouri.

A respiração de Glass começou a desacelerar. Suas têmporas cessaram de pulsar em sincronia com o coração. Olhou em torno da sala, como se

subitamente percebesse o círculo de homens ao redor. Por um longo tempo, fitou a faca em sua mão e depois a enfiou no cinto. Afastando-se do rapaz, Glass percebeu que estava com frio e caminhou em direção à fogueira, estendendo as mãos ensanguentadas para o calor das chamas crepitantes.

VINTE E DOIS

27 DE FEVEREIRO DE 1824

UM BARCO A vapor chamado *Dolly Madison* havia chegado a St. Louis na semana anterior. Ele trazia uma carga de mercadorias de Cuba, incluindo açúcar, rum e charutos. William H. Ashley adorava charutos e se perguntou brevemente por que o grosso charuto cubano pendurado em seus lábios não estava lhe dando o prazer habitual. Obviamente ele sabia o motivo. Todos os dias, quando se dirigia à beira do rio, não ia em busca de barcos a vapor trazendo ninharias do Caribe. Não, ele ia para lá com a ávida expectativa de ver uma canoa carregada de peles vinda do oeste longínquo. *Onde eles estão?* Ele não tinha notícias de Andrew Henry ou Jedediah Smith havia cinco meses. *Cinco meses!*

Ashley andava ao longo de seu vasto escritório na Companhia de Peles Montanhas Rochosas. Não tinha conseguido se sentar o dia inteiro. Parou mais uma vez em frente ao enorme mapa na parede. O mapa era ornamentado, ou pelo menos tinha sido um dia. Ashley o havia perfurado com mais alfinetes do que a prova de um alfaiate e usara um lápis grosso para rabiscar a localização de rios, cursos de água, postos de comércio e outros pontos de referência dos mais variados tipos.

Os olhos de Ashley percorreram o caminho Missouri acima, e ele tentou novamente combater a sensação de fracasso iminente. Parou, encarando o ponto do rio logo a oeste de St. Louis, onde uma de suas embarcações havia afundado com mercadorias no valor de dez mil dólares. Parou, encarando o alfinete que assinalava as aldeias dos arikaras, onde dezesseis de seus homens haviam sido assassinados e roubados, e onde mesmo o poderio do Exército dos Estados Unidos tinha sido incapaz de abrir caminho para o seu empreendimento. Parou, encarando a curva no Missouri acima das aldeias dos mandans, onde dois anos antes Henry havia perdido uma tropa de setenta cavalos para os assiniboines. Ele seguiu o Missouri para além do Forte Union, até as Great Falls, onde um posterior ataque dos blackfeet o tinha obrigado a recuar rio abaixo.

Olhou para baixo, para a carta que tinha nas mãos, o mais recente pedido de informações de um de seus investidores. A carta exigia novas informações a respeito da “situação do empreendimento no Missouri”. *Não faço a menor ideia.* E, é claro, cada tostão da fortuna de Ashley estava viajando nas mãos de Andrew Henry e Jedediah Smith.

Ashley sentiu um incontrolável desejo de agir, de prosseguir, de fazer alguma coisa, *qualquer coisa*... no entanto, não havia nada mais que pudesse fazer. Já havia conseguido garantir um empréstimo para um novo barco de transporte e suprimentos. O barco estava atracado a um embarcadouro no rio e seus suprimentos estavam empilhados em um depósito. O recrutamento que fizera para uma nova tropa de caçadores de pele havia se excedido. Ele passara semanas selecionando quarenta homens a partir dos cem que haviam se candidatado. Em abril, iria pessoalmente liderá-los Missouri acima. *Ainda falta mais de um mês!*

E para onde Ashley iria? Quando enviou Henry e Smith no mês de agosto, ficou subentendido que eles iriam se encontrar no caminho... em algum lugar a ser determinado por meio de mensageiros. *Mensageiros!*

Seus olhos se voltaram para o mapa. Ashley usou o dedo para traçar a linha irregular que representava o rio Grand. Ele se lembrava de ter desenhado aquela linha, e como imaginara o curso do rio. *Será que estava certo?* Será que o Grand seguia em linha direta até o Forte Union? Ou será que se virava abruptamente em outra direção? De quanto tempo Henry e seus homens teriam precisado para chegar ao Forte? Tanto tempo — parecia — que eles não tinham sido capazes de levar adiante uma caçada no outono. *Será que ainda estão vivos?*

———

O capitão Andrew Henry, Hugh Glass e Black Harris repousavam perto das brasas fracas do fogo do alojamento do forte em Big Horn. Henry se levantou e saiu da cabana, retornando com uma braçada de lenha. Colocou uma tora na brasa e os três homens observaram enquanto as chamas procuravam avidamente o combustível fresco.

— Preciso de um mensageiro para ir a St. Louis — disse Henry. — Eu deveria ter mandado antes, mas quis esperar até atingir o Big Horn.

Glass aproveitou imediatamente a oportunidade:

— Eu vou, capitão.

Fitzgerald e o Anstadt estavam em algum lugar Missouri abaixo. Além disso, um mês na companhia de Henry fora mais do que suficiente para relembrar a Glass do clima sombrio que acompanhava perpetuamente o capitão.

— Ótimo. Vou lhe dar três homens e cavalos. Suponho que você também ache que devemos permanecer longe do Missouri.

Glass concordou.

— Acho que devemos tentar descer o Powder até o Platte. Depois é um caminho direto até o Forte Atkinson.

— Por que não o Grand?

— É mais provável que os rees estejam pelo Grand. Além do mais, se tivermos sorte, podemos nos deparar com Jed Smith no Powder.

No dia seguinte, Porco ouviu de um caçador chamado Red Archibald que Hugh Glass iria voltar para St. Louis, levando uma mensagem do capitão para William H. Ashley. Imediatamente, Porco procurou o capitão e se apresentou como voluntário para acompanhar Glass. Por mais que tivesse medo de uma viagem longe do relativo conforto do forte, a perspectiva de permanecer ali era ainda pior. Ele não levava jeito para a rotina de caçador e sabia disso. Pensou em sua vida anterior como aprendiz de tanoeiro. Sentia falta dela e de seus confortos rudimentares, mais do que imaginava que seria possível.

Red também iria. E um amigo dele, um inglês de pernas arqueadas chamado William Chapman. Red e Chapman estavam planejando desertar quando apareceu o rumor sobre os mensageiros para St. Louis. O capitão Henry até pagaria uma recompensa para os voluntários. Acompanhar Glass os livraria do transtorno que seria a fuga. Eles podiam partir logo e ainda receberiam dinheiro por esse privilégio. Chapman e Red mal podiam acreditar em sua boa sorte.

— Você se lembra do bar no Forte Atkinson? — perguntou Red.

Chapman riu. Ele se lembrava bem do último gosto de uísque decente em seu caminho Missouri acima.

John Fitzgerald nada escutava da balbúrdia indecente no bar do Forte Atkinson. Ele estava concentrado demais em suas cartas, apanhando-as da cobertura de feltro manchado da mesa, uma a uma, enquanto eram distribuídas: Ás... *Talvez minha sorte esteja mudando*... Cinco... Sete... Quatro... e então... Ás.

Isso! Olhou em volta da mesa. O tenente presunçoso com a grande pilha de moedas jogou três cartas em cima da mesa e disse:

— Quero três cartas e aposto cinco dólares.

O vivandeiro baixou todas as suas cartas.

— Estou fora.

Um robusto barqueiro descartou uma única carta e empurrou cinco dólares para o centro da mesa.

Fitzgerald jogou três cartas enquanto estudava os concorrentes.

O barqueiro era um idiota, possivelmente tentando um *straight* ou um *flush*. O tenente talvez estivesse segurando um par, mas não um que pudesse ganhar de seus ases.

— Pago os seus cinco e lhe dou mais cinco.

— Paga os meus cinco e me dá mais cinco com o quê? — perguntou o tenente.

Fitzgerald sentiu o sangue subir à cabeça, o conhecido pulsar nas têmporas. Estava devendo cem dólares, cada centavo das peles que havia vendido para o vivandeiro naquela tarde. Ele se voltou para o adversário.

— Tudo bem, meu velho... Vou vender para você a outra metade do pacote de peles de castores. Mesmo preço: cinco dólares a unidade.

Ainda que fosse um jogador de cartas medíocre, o vivandeiro era um comerciante astuto.

— O preço baixou desde hoje à tarde — disse ele. — Dou três dólares por unidade.

— Seu filho da puta! — sibilou Fitzgerald.

— Pode me chamar do que quiser — replicou o vivandeiro. — Mas é o meu preço.

Fitzgerald lançou outro olhar para o tenente pomposo. Em seguida, fez um gesto de concordância para o vivandeiro, que tirou o dinheiro de uma carteira de couro, contou sessenta dólares e empilhou as moedas na frente de Fitzgerald. O desertor empurrou dez dólares para o centro da mesa.

O crupiê distribuiu uma carta para o barqueiro e três para Fitzgerald, assim como para o tenente. Fitzgerald as pegou... Sete... Valete... Três. *Merda!* Lutou para manter a fisionomia impassível. Levantou os olhos para ver o tenente o encarando, com o mais tênue sorriso no canto da boca.

Seu desgraçado. Fitzgerald empurrou o restante do dinheiro para o centro da mesa.

— Aumento a aposta em cinquenta dólares.

O barqueiro assobiou e jogou as cartas sobre a mesa.

Os olhos do tenente atravessaram o monte de dinheiro na mesa e pararam em Fitzgerald.

— É um bocado de dinheiro, senhor... como é? Fitzpatrick?

Fitzgerald lutou para se controlar:

— Fitz*gerald*.

— Fitz*gerald*... sim, me desculpe.

Fitzgerald avaliou o tenente. *Ele vai desistir... Ele não tem tanta coragem.*

O tenente segurava as cartas com uma das mãos e tamborilava com os dedos da outra. Apertou os lábios, fazendo seu longo bigode se curvar ainda mais. Isso irritou Fitzgerald, principalmente a maneira como ele o encarava.

— Pago para ver — disse o tenente.

Fitzgerald sentiu o estômago se contorcer. Seu maxilar estava retesado quando ele virou e mostrou o par de ases.

— Um par de ases — comentou o tenente. — Bom, isso teria batido meu par. — Ele baixou um par de três. — Só que eu tenho mais um. — Jogou outro três na mesa. — Acredito que chega por hoje, Sr. Fitz-qualquer-coisa... a não ser que o bom vivandeiro compre sua pequena canoa.

O tenente esticou a mão para apanhar o monte de dinheiro que estava no centro da mesa.

Fitzgerald puxou a faca de esfolar do cinto e a enfiou com toda força no dorso da mão do tenente. O homem gritou quando a faca prendeu sua mão à mesa. O caçador pegou uma garrafa de uísque e a espatifou na cabeça do tenente indefeso. Estava pronto para enterrar o gargalo quebrado na garganta do homem quando dois soldados o agarraram por trás, jogando-o ao chão.

Fitzgerald passou a noite na cadeia. Na manhã seguinte, viu-se algemado diante de um major em um refeitório arrumado para parecer um tribunal.

O major versou por um longo tempo com uma cadência e um estilo pomposos que não fizeram quase nenhum sentido para Fitzgerald. O tenente estava presente, a mão envolta em uma atadura ensanguentada. O major interrogou a vítima por meia hora e depois fez o mesmo com o vivandeiro, o barqueiro e mais

três testemunhas do bar. Fitzgerald achou todo o procedimento curioso, já que não tinha a intenção de negar que havia esfaqueado o adversário da mesa de cartas.

Depois de uma hora, o major disse a Fitzgerald para se aproximar do “banco dos réus”, que ele presumiu ser a escrivaninha atrás da qual o major se acomodava.

O major disse:

— Esta corte marcial considera o senhor culpado de agressão. O senhor pode escolher entre duas sentenças: cinco anos de prisão ou três anos de alistamento no Exército dos Estados Unidos.

Um quarto dos homens do Forte Atkinson tinha desertado naquele ano. O major aproveitava ao máximo que podia as oportunidades para reabastecer suas tropas.

Para Fitzgerald, a decisão era simples. Ela conhecia a cadeia. Sem dúvida poderia acabar fugindo, mas o alistamento se apresentava como um caminho muito mais fácil.

Mais tarde, naquele mesmo dia, John Fitzgerald ergueu a mão direita e fez um juramento de obediência à Constituição dos Estados Unidos da América como o novo soldado raso do Sexto Regimento do Exército dos Estados Unidos. Até o momento em que pudesse desertar, o Forte Atkinson seria seu lar.

Hugh Glass estava amarrando um fardo em um cavalo quando viu Jim Bridger atravessar o pátio, vindo em sua direção. Até aquele momento, o rapaz o evitara a todo custo. Desta vez, tanto o modo como caminhava quanto seu olhar eram firmes. Glass interrompeu o que estava fazendo e observou o rapaz se aproximar.

Bridger chegou perto de Glass e parou.

— Quero que saiba que sinto muito pelo que fiz. — Ele fez uma breve pausa e acrescentou: — Queria que você soubesse disso antes de partir.

Glass fez menção de responder, mas não o fez. Ele ficara imaginando se o rapaz se aproximaria dele. Tinha até pensado no que diria, tinha ensaiado na cabeça um longo sermão. Entretanto, no momento em que olhou Bridger, os pormenores do seu discurso ensaiado escaparam de sua mente. Sentiu algo

inesperado, uma estranha mistura de piedade e respeito.

Finalmente, Glass disse apenas:

— Siga seu próprio caminho, Bridger. — Depois, ele se virou em direção ao cavalo.

Uma hora mais tarde, Hugh Glass e seus três companheiros se afastavam do forte em Big Horn, cavalgando em direção ao Powder e ao Platte.

VINTE E TRÊS

6 DE MARÇO DE 1824

APENAS OS CUMES dos morros mais altos conseguiam manter os poucos raios da luz do sol. Enquanto Glass os observava, até estes se apagaram. Era um intervalo que ele considerava tão sagrado quanto o dia de descanso religioso, a breve transição entre a luz do dia e as trevas da noite. O sol que se punha levou consigo a severidade da planície. Os ventos uivantes se abrandaram, substituídos por um silêncio completo que parecia impossível para uma vista tão grandiosa. As cores também se transformavam. As nuances da luz do dia se misturavam e se manchavam, esmaecidas por uma pincelada suave de roxos e anis cada vez mais escuros.

Um momento de reflexão em um espaço tão vasto assim só poderia ser divino.

E, se Glass acreditava em um deus, certamente ele habitava esta grande extensão de terra ao oeste. Não uma presença física, mas uma ideia, algo além da capacidade humana de compreender; algo maior.

A escuridão se intensificou, e Glass observava as estrelas surgirem, no início suaves, depois brilhantes como o holofote de um farol. Já fazia muito tempo que não estudava as estrelas, embora as lições do velho capitão holandês ainda estivessem fixas em sua mente: “Conheça as estrelas e você sempre vai ter uma bússola.” Glass reconheceu a Ursa Maior e seguiu sua orientação para a Estrela Polar. Procurou por Órion, que dominava o céu ao leste. Órion, o caçador, com sua espada vingativa pronta para atacar.

Red interrompeu o silêncio:

— Você fica com a última vigília, Porco. — Red mantinha um cuidadoso registro da distribuição das tarefas.

Mas Porco não precisava de lembretes. Ele puxou o cobertor bem apertado sobre cabeça e fechou os olhos.

Naquela noite, eles estavam acampados em uma ravina seca que cortava a planície como uma ferida gigantesca. Uma ravina formada pela água, mas não a

delicada e nutritiva das chuvas de outros locais. A água viera para a alta planície nas inundações torrenciais do degelo da primavera, ou como a violenta consequência de uma tempestade de verão. Desacostumado à umidade, o solo não conseguia absorver a água, cujo efeito não era irrigar, mas destruir.

Porco estava certo de que acabara de adormecer quando sentiu o cutucão persistente do pé de Red.

— Sua hora — disse Red.

Porco grunhiu, erguendo o corpo até se sentar, antes de se colocar de pé. A mancha da Via Láctea parecia um rio branco cortando o céu da meia-noite. Porco olhou para cima de maneira rápida, com o único pensamento de que o céu claro tornava tudo mais frio. Enrolou o cobertor em volta dos ombros, pegou o rifle e caminhou pela ravina.

Dois shoshones observavam a mudança de guarda por trás de uma moita de artemísia. Eram garotos, Pequeno Urso e Coelho, ambos com doze anos e em busca de carne, não de glória. Porém, agora tinham a glória diante deles na forma de cinco cavalos. Os garotos se imaginaram entrando a galope em sua aldeia. Imaginaram as fogueiras e a festa que celebraria a chegada deles. Imaginaram as histórias que contariam sobre sua astúcia e coragem. Mal podiam acreditar em sua enorme sorte enquanto fitavam a ravina, ainda que a proximidade lhes incutisse tanto medo quanto empolgação.

Eles aguardaram até a última hora antes do amanhecer, esperando que a atenção da sentinela se desvanecesse à proporção que a noite terminava. E desvaneceu. Eles podiam ouvir o homem roncando quando rastejaram para fora da moita. Deixaram os cavalos vê-los e cheirá-los enquanto se moviam com discrição pela ravina. Os animais ficaram tensos, mas quietos, os ouvidos atentos ao observarem a aproximação.

Por fim, quando os garotos chegaram perto dos cavalos, Pequeno Urso lentamente estendeu os braços, acariciando o pescoço longo do animal mais próximo e sussurrando palavras tranquilizadoras. Coelho seguiu os passos do amigo. Eles fizeram afagos nos cavalos durante alguns minutos, ganhando a confiança deles antes que Pequeno Urso pegasse sua faca para talhar as maneias que prendiam as patas dianteiras de cada animal.

Os garotos já tinham cortado as maneias de quatro dos cinco cavalos quando ouviram a sentinela se mexer. Eles ficaram paralisados, ambos preparados para

montar nos cavalos e galopar. Miraram a silhueta grande e escura do guarda, e ele parecia ter se acomodado de novo. Coelho fez um sinal de urgência para Pequeno Urso: *Vamos embora!* Pequeno Urso balançou a cabeça anuindo, apontando para o quinto cavalo. Ele caminhou até o animal e se inclinou para cortar a maneia. A faca tinha ficado cega, e ele levou um tempo agonizante para serrar devagar o couro retorcido. Sentindo-se cada vez mais frustrado e nervoso, Pequeno Urso deu um puxão forte com a faca. O couro estalou e seu braço fez um movimento brusco para trás. Seu cotovelo bateu na canela do cavalo, que relinchou alto em protesto.

O som fez Porco acordar em um sobressalto. Depois de fazer um grande esforço para se colocar de pé, ele correu com olhos arregalados e rifle engatilhado para onde estavam os cavalos. Parou de repente quando uma silhueta escura apareceu logo à sua frente. Ele escorregou ao frear, surpreso por se confrontar com um garoto. O menino — Coelho — parecia tão ameaçador quanto o animal que lhe dava nome, olhos grandes e membros magros. No entanto, um de seus membros magros segurava uma faca e o outro, um pedaço de corda. Porco ponderou sobre o que deveria fazer. Seu trabalho era proteger os cavalos; porém, mesmo com a faca, aquele menino diante dele parecia, em certo sentido, pouco ameaçador. Afinal, Porco simplesmente apontou o rifle e gritou:

— Pare!

Pequeno Urso encarou com medo a cena diante de seus olhos. Nunca havia visto um homem branco antes daquela noite, e este nem mesmo lembrava um humano. Era imenso, com um peito que parecia o de um urso e um rosto coberto de cabelos volumosos. O gigante se aproximou de Coelho, berrando de forma agressiva e apontando a arma. Sem pensar, Pequeno Urso correu até o monstro e cravou a faca em seu peito.

Porco viu uma mancha no lado do seu corpo antes de sentir a faca. Ele ficou parado, atônito. Pequeno Urso e Coelho também ficaram paralisados, ainda aterrorizados com a criatura na frente deles. De súbito, as pernas de Porco ficaram fracas, e ele caiu de joelhos. O instinto lhe mandou apertar o gatilho da arma. Ela explodiu, a bala sendo arremessada inofensivamente em direção às estrelas.

Coelho conseguiu segurar um cavalo pela crina e se jogou nas costas do animal. Ele gritou para Pequeno Urso, que olhou pela última vez para o monstro

moribundo antes de saltar na garupa do amigo. Eles não tinham o controle do cavalo, que corcoveou e quase os jogou ao solo antes que todos os cinco animais descessem a ravina galopando.

Glass e os outros chegaram bem a tempo de observar os cavalos desaparecendo na noite. Porco ainda estava de joelhos, as mãos apertadas contra o peito. Ele caiu de lado.

Glass se inclinou sobre Porco, afastando as mãos dele para longe do ferimento e puxando sua camisa. Os três homens lançaram um olhar melancólico para o corte escuro bem acima do coração.

Porco levantou os olhos para Glass, e eles transmitiam uma terrível mistura de medo e súplica.

— Me salve, Glass.

Glass segurou a pesada mão de Porco e a apertou.

— Acho que não consigo, Porco.

Porco tossiu. Seu corpo estremeceu com força, como o momento opressivo logo antes de uma grande árvore tombar. Glass sentiu a mão dele perder a energia.

O enorme homem deu um último suspiro e morreu ali, sob as brilhantes estrelas da planície.

VINTE E QUATRO

7 DE MARÇO DE 1824

HUGH GLASS ESFAQUEOU o chão. A faca penetrou dois centímetros no máximo; por baixo, a terra congelada permanecia inviolada pela lâmina. Glass continuou tirando lascas por quase uma hora até que Red fizesse uma observação:

— Você não vai conseguir abrir uma cova em um terreno como este.

Glass estava sentado sobre as pernas, ofegante com o esforço de cavar.

— Eu conseguiria progredir mais se você viesse me ajudar.

— Eu vou colaborar... mas não vejo muito sentido em tirar lascas de gelo.

Chapman levantou os olhos de uma costela de antílope apenas o suficiente para acrescentar:

— Porco vai precisar de um buraco grande.

— Nós podíamos construir um daqueles estrados como os que são usados para enterrar os índios — sugeriu Red.

— E você vai construí-lo com o quê? Artemísia? — bufou Chapman. Red olhou ao redor, como se só agora notasse que estavam em uma planície sem árvores. — Além disso — continuou Chapman —, Porco é grande demais para levantarmos o corpo e colocarmos sobre um estrado.

— E se a gente cobrisse o corpo com um monte de pedras?

Essa ideia parecia ter seu fundamento, e eles passaram meia hora vasculhando o terreno à procura das pedras. No final, porém, só conseguiram encontrar pouco mais de uma dúzia. A maioria delas tinha que ser desprendida do mesmo solo congelado que representava um obstáculo para abrir a cova.

— Essas aqui mal dão para cobrir a cabeça dele — disse Chapman.

— Bom, se cobrirmos a cabeça, pelo menos os corvos não vão bicar seu rosto — sugeriu Red.

Red e Chapman se surpreenderam quando Glass subitamente deu meia-volta e se afastou do acampamento.

— E agora, aonde ele vai? — perguntou Red. — Ei! — gritou para as costas de Glass. — Aonde você está indo?

Glass os ignorou ao caminhar na direção de um pequeno planalto íngreme, a quatrocentos metros de distância.

— Espero que aqueles shoshones não resolvam retornar enquanto Glass estiver longe.

Chapman assentiu.

— Vamos preparar uma fogueira e cozinhar um pouco mais do antílope — disse ele.

Glass voltou cerca de uma hora mais tarde.

— Encontrei um afloramento na base daquele planalto — disse ele. — É grande o suficiente para acomodar Porco.

— Em uma caverna? — indagou Red.

Chapman pensou por cerca de um minuto.

— Bom, acho que é mais como uma cripta.

Glass olhou para os dois homens e disse:

— É o melhor que podemos fazer. Apaguem a fogueira e vamos acabar logo com isso.

Não havia uma maneira digna de movimentar Porco. Não havia qualquer material com que pudessem construir uma padiola e o corpo era pesado demais para carregar. No final, eles o viraram de bruços em cima de um cobertor e o arrastaram até o planalto. Em turnos, dois homens se ocupavam de Porco enquanto o terceiro carregava os quatro rifles. Fizeram o melhor que puderam, com resultados variados, para evitar os cactos e as iúcas que se espalhavam pelo chão. Por duas vezes, o corpo rígido de Porco rolou pelo solo e virou um amontoado triste e desajeitado.

Eles levaram mais de meia hora para chegarem ao planalto íngreme. Giraram Porco para que ficasse de costas e o cobriram com o cobertor enquanto juntavam as pedras, agora abundantes, de forma a lacrar a cripta improvisada. O afloramento era formado por arenito. Pendia sobre um espaço de um metro e meio de comprimento e cerca de sessenta centímetros de altura. Glass usou a soleira do rifle de Porco para desobstruir o espaço interior. Algum animal havia feito um ninho ali, embora não houvesse sinais de uma ocupação recente.

Eles empilharam em um grande monte as pedras de arenito soltas, mais do que

precisavam, hesitantes, talvez, em passarem ao último estágio. Por fim, Glass jogou uma pedra sobre o monte e disse:

— Agora chega.

Ele caminhou até o corpo de Porco e os outros homens o ajudaram a puxar o cadáver para a abertura da cripta. Colocaram o defunto lá, todos com olhares fixos.

A tarefa de dizer algo coube a Glass. Ele tirou o chapéu, e os outros dois rapidamente fizeram o mesmo, como se estivessem envergonhados de precisarem de um lembrete. Glass tentou limpar a garganta. Procurou se recordar do verso sobre o "vale da morte", mas não conseguiu trazer à memória o suficiente para poder recitá-lo. No final, o máximo que lhe veio à mente foi o pai-nosso. Ele o recitou com a voz mais forte que lhe foi possível. Já fazia muito tempo que Red e Chapman tinham orado pela última vez, mas ambos murmuraram uma ou outra palavra sempre que um trecho evocava alguma recordação longínqua.

Quando acabaram, Glass disse:

— Vamos nos revezar para carregar o rifle dele. — Em seguida, ele se abaixou e pegou a faca do cinto de Porco. — Red, a faca dele pode lhe ser útil. Chapman, você fica com o polvorinho.

Chapman aceitou o polvorinho com ar solene. Red revirou a faca na mão. Com um tênue sorriso e um breve lampejo de entusiasmo, ele comentou:

— Tem uma lâmina bem afiada.

Glass se abaixou novamente, retirou a pequena algibeira que Porco usava em volta do pescoço e despejou o conteúdo sobre o chão. Da pequena bolsa caíram uma pederneira com aço, diversas balas de mosquete, buchas... e uma delicada pulseira de estanho. Glass ficou surpreso por considerar um bem estranho para o companheiro gigante. *Que história ligaria aquele adorno delicado a Porco? Uma mãe falecida? Uma namorada deixada para trás?* Eles nunca saberiam, e o caráter final do mistério encheu Glass de pensamentos melancólicos em relação a seus próprios objetos de recordação.

Ele pegou a pederneira, o metal, as balas e as buchas, e colocou-os na sua bolsa de utensílios.

A luz do sol fez a pulseira reluzir. Red fez menção de apanhá-la, mas Glass o segurou pelo pulso e o impediu.

— Ele não vai precisar disso. — Os olhos de Red piscaram defensivamente.

— Nem você.

Glass devolveu a pulseira para a algibeira de Porco e levantou a enorme cabeça do cadáver para recolocá-la em volta de seu pescoço.

Eles ainda levaram mais uma hora para terminar a tarefa. Tiveram que dobrar as pernas de Porco para que ele coubesse ali. Quase não havia espaço entre Porco e as paredes do afloramento para empurrar o cobertor sobre o corpo. Glass fez o possível para enfiar o tecido bem apertado sobre o rosto do homem morto. Eles empilharam as pedras para lacrar a cripta da melhor maneira possível. Glass depositou a última pedra, apanhou seu rifle e se afastou. Red e Chapman fitaram por um momento a parede de pedras que haviam construído e depois saíram correndo atrás de Glass.

———

Eles caminharam descendo o rio Powder, margeando as montanhas, por mais dois dias, até que o rio fez uma curva acentuada em direção a oeste. Encontraram um riacho que ia para o sul e o seguiram até que ele desaparecesse, engolido pelo terreno árido na terra mais inóspita que eles tinham atravessado. Mantiveram seu trajeto para o sul em direção a um morro baixo e chato no topo, como se fosse uma mesa. Na frente do morro, corriam as águas amplas e rasas do rio Platte Norte.

No dia seguinte ao que atingiram o Platte, um vento forte começou a soprar, o que fez a temperatura cair acentuadamente. No final da manhã, nuvens fechadas encheram o ar com flocos grandes e grossos. A nevasca no Yellowstone ainda estava viva na memória de Glass, e desta vez ele prometeu não se arriscar. Os três pararam assim que encontraram uma mata de choupos. Red e Chapman construíram uma cobertura temporária, tosca mas sólida, enquanto Glass caçou e preparou um veado.

No final da tarde, uma verdadeira nevasca devastou o vale do Platte Norte. Os grandes choupos assobiaram com a força dos ventos uivantes, e a neve molhada rapidamente se avolumou ao redor deles. Seu abrigo, porém, resistiu. Eles se enrolaram em cobertores e mantiveram uma enorme fogueira crepitando na frente da cobertura. O calor vazava do grande monte de borralho vermelho que

se acumulava à medida que a noite progredia. Eles assaram a carne no fogo e a comida os aqueceu por dentro. O vento começou a abrandar cerca de uma hora antes da aurora e, quando o sol se levantou, a tempestade havia cessado. O sol nasceu sobre uma paisagem tão clara que os fazia fechar os olhos por causa do reflexo brilhante.

Enquanto Red e Chapman levantavam o acampamento, Glass foi fazer o reconhecimento do terreno rio abaixo. Ele se esforçava para caminhar pela neve. Uma fina crosta na superfície suportava cada passo apenas por um instante; depois, seu pé quebrava o gelo e afundava no solo por baixo. Alguns dos montes mediam quase um metro de altura. Ele imaginou que o sol de março iria derreter tudo em um ou dois dias, mas, enquanto isso, a neve atrapalharia seu progresso a pé. Mais uma vez, Glass lamentou a perda dos cavalos. Ele ficou pensando onde eles poderiam aguardar e usar aquele tempo para preparar um estoque de carne-seca. Um bom estoque de carne iria desobrigá-los da necessidade de procurar alimentos todos os dias. E, é claro, quanto mais rápido seguissem, melhor. Várias tribos consideravam o Platte seu campo de caça: os shoshones, os cheyennes, os pawnees, os arapahos, os sioux. Alguns desses índios poderiam ser amigáveis, ainda que a morte de Porco de fato salientasse os perigos que corriam.

O caçador em busca de vingança subiu até o topo de um monte e parou de repente. Cerca de cem metros à sua frente, uma pequena manada de uns cinquenta búfalos se aglomerava, mantendo uma formação circular para se proteger em sua batalha contra a tempestade. O macho líder percebeu imediatamente a presença de Glass. O animal girou para o centro da manada e a grande massa de animais começou a se movimentar. *Eles vão debandar.*

Ele caiu de joelhos e levou o rifle ao ombro. Mirou uma fêmea robusta e atirou. Viu a fêmea cambalear com o tiro, mas ela se manteve de pé. *Pouca pólvora para essa distância.* Ele dobrou a carga, recarregando em dez segundos. Mirou novamente e puxou o gatilho. A fêmea, então, tombou na neve.

Ao avaliar o horizonte, Glass empurrava a vareta cano abaixo na arma.

Quando fitou o rebanho novamente, ficou surpreso de ver que os búfalos não haviam debandado para fora de seu alcance. Entretanto, cada um deles parecia estar movimentando as patas. Observou um macho na frente da manada se esforçando para se mover. O animal se impulsionava para a frente, afundando o

peito na neve molhada e profunda. *Eles quase não conseguem se mexer.*

Glass refletiu se deveria abater outra fêmea ou um filhote, mas logo decidiu que já tinham carne mais do que suficiente. *Que pena*, pensou. *Eu poderia abater uma dúzia, se quisesse.*

Então, teve uma ideia e se perguntou por que não pensara naquilo antes. Aproximou-se até uns quarenta metros do rebanho, mirou no maior macho que encontrou e atirou. Recarregou e logo abateu outro macho. De repente, dois tiros repercutiram atrás dele. Um filhote caiu sobre a neve e Glass deu meia-volta para ver Chapman e Red.

— Irrá! — berrou Red.

— Apenas os machos! — gritou Glass.

Red e Chapman se aproximaram dele, recarregando com velocidade.

— Por quê? — perguntou Chapman. — Os filhotes são melhores para comer.

— O que quero deles é o couro — respondeu Glass. — Vamos construir um barco de pele de búfalo.

Cinco minutos depois, onze búfalos jaziam mortos no pequeno vale. Era mais do que precisavam, mas Red e Chapman entraram em um estado frenético assim que o tiroteio começou. Glass empurrou a vareta com força para recarregar. A rajada de tiros havia entupido o cano de sua arma. Só quando a carga tinha se assentado e a caçoleta estava preparada ele de fato chegou perto do animal mais próximo.

— Chapman, suba até o cume e dê uma olhada em volta. Nós acabamos de fazer muito barulho. Red, comece a trabalhar com a sua faca.

Glass se aproximou do búfalo. Em seus olhos embaçados brilhava o último lampejo de vitalidade, enquanto seu sangue formava uma poça na neve ao seu redor. O caçador caminhou do macho até a fêmea abatida. Pegou a faca e cortou a garganta dela. Esse era o animal que eles comeriam, então ele queria ter certeza de que não haveria mais sangue algum.

— Chegue até aqui, Red. É mais fácil se cortarmos juntos.

Eles giraram o animal de lado e Glass fez um corte profundo ao longo da barriga. Red usou as mãos para puxar o couro para trás enquanto Glass o separava da carcaça com uma faca. Eles espalharam o couro com o pelo para baixo, enquanto retalhavam os melhores cortes: a língua, o fígado, a corcova e o lombo. Jogaram a carne no couro e depois foram se ocupar dos machos.

Chapman retornou, e Glass o colocou para trabalhar também.

— Precisamos cortar o maior quadrado possível de cada pele, então não saiam picotando tudo.

Com os braços já vermelhos até os ombros, Red olhou por cima da grande carcaça abaixo dele. Atirar nos búfalos tinha sido divertido; tirar o couro estava sendo um grande problema.

— Por que nós simplesmente não construímos uma jangada? — reclamou ele. — Vi muitas árvores ao longo do rio.

— O Platte é raso demais, principalmente nesta época do ano.

Além da abundância de material para construí-lo, a grande vantagem de um barco de pele de búfalo era o seu calado — cerca de vinte e três centímetros. As águas que desceriam do degelo nas montanhas e inundariam as margens ainda levariam meses para chegar. No início da primavera, o Platter mal gotejava.

Por volta do meio-dia, Glass mandou Red de volta ao acampamento a fim de acender o fogo para dessecar a carne.

Atrás dele, Red arrastou o couro da fêmea pela neve. Havia uma pilha com os melhores cortes da carne. Tiraram as línguas dos machos, mas, de resto, só se preocuparam com o couro.

— Asse o fígado e algumas línguas para hoje à noite — berrou Chapman.

Tirar o couro dos búfalos era o primeiro de muitos passos. Em cada unidade de couro, Glass e Chapman se esmeraram para cortar o maior quadrado possível — precisavam de extremidades uniformes. Suas facas logo ficaram cegas por causa do pelo enrijecido pelo inverno, o que os obrigava a interromperem o trabalho com frequência para afiarem as lâminas. Quando terminaram, precisaram de três viagens para levar os couros para o acampamento. Na hora em que depositaram o último pedaço de couro em uma clareira perto do acampamento, uma lua nova dançava feliz no Platte Norte.

Justiça seja feita, Red havia trabalhado com esmero. Três fogueiras baixas queimavam em cavidades retangulares. Toda a carne havia sido cortada em tiras finas e estava pendurada sobre os espetos de salgueiros. Red estivera se deleitando com a comida a tarde toda, e o cheiro da carne assada era impressionante. Glass e Chapman se empanturraram. De bocado em bocado, comeram durante horas, satisfeitos não apenas pela abundância de alimento, mas também pela ausência de vento e frio. Parecia inacreditável que, apenas uma

noite antes, uma nevasca os tivesse obrigado a se amontoarem em busca de abrigo.

— Você já construiu um barco desse tipo? — perguntou Red em dado momento.

Glass assentiu.

— Os pawnees usam esse tipo de canoa no Arkansas. Leva um tempo, mas não tem muito segredo. É uma estrutura de galhos envolta em peles, como uma tigela gigante.

— Não consigo entender como ele flutua.

— O couro estica bastante quando seca, como nos tambores. Você só tem que calafetar as emendas toda manhã.

Levou uma semana para que construíssem a canoa de couro. Glass optou por duas embarcações pequenas em vez de uma maior. Os três caberiam em uma só, em caso de emergência. Uma embarcação menor também era mais leve e podia flutuar com mais facilidade em qualquer água que tivesse uma profundidade maior do que trinta centímetros.

Passaram o primeiro dia cortando os tendões das carcaças dos animais e construindo as estruturas. Utilizaram grandes galhos de choupo para as extremidades superiores, dobrados em forma de anel. A partir daí, trabalharam de cima para baixo, com anéis progressivamente menores. Entre os anéis, entrelaçaram suportes verticais com galhos de salgueiro firmes, amarrando as junções com tendões.

O trabalho com os pedaços de couro levou muito tempo. Usaram seis por barco. Era cansativa a tarefa de juntar os pedaços. Usavam as pontas das facas para escavar orifícios e depois costuravam os pedaços de couro bem justos com os tendões. Ao terminarem, tinham fabricado dois quadrados gigantes, cada um consistindo de quatro pedaços de couro dispostos dois a dois.

No meio de cada retângulo colocaram as estruturas de madeira. Puxaram os pedaços de couro sobre as extremidades superiores com a parte do pelo virada para dentro do barco. Apararam o excesso e depois usaram os tendões para costurar em volta do topo. Quando terminaram, deixaram os barcos de cabeça para baixo para secagem.

Para o selante, precisaram fazer outra viagem até os búfalos abatidos no vale.

— Meu Deus, como fede — disse Red.

O clima ensolarado desde a nevasca havia derretido a neve e deixado as carcaças apodrecendo. Corvos se juntavam em volta da carne em abundância, e Glass tinha receio de que o círculo de animais necrófagos sinalizasse a presença deles. Não podiam fazer muito a respeito, a não ser concluírem os barcos e partirem.

Cortaram sebo dos búfalos e usaram as machadinhas para retirar fatias dos cascos. Quando voltaram ao acampamento, juntaram a mistura fétida com água e cinzas, derretendo tudo de forma lenta sobre a brasa, até obterem uma massa líquida e pegajosa. A panela que usavam era pequena, por isso levaram dois dias para preparar as doze porções necessárias.

Aplicaram a mistura selante nas emendas, espalhando-a uniformemente. Glass verificou as canoas enquanto secavam ao sol de março. Um vento seco e rigoroso ajudou no processo. O experiente caçador ficou satisfeito com o resultado.

Partiram na manhã seguinte; Glass em um barco com os suprimentos, Red e Chapman no outro. Levaram alguns quilômetros para se acostumarem às embarcações desajeitadas, impulsionando com varas de choupo ao longo das margens do Platte, mas as canoas eram resistentes.

Passara-se uma semana desde a nevasca, um tempo longo demais para ficarem parados em um local só. Porém, o Forte Atkinson estava a uma linha reta agora — oitocentos quilômetros descendo o rio Platte. Eles mais do que compensariam o tempo perdido usando as canoas, flutuando até lá. *Quarenta quilômetros por dia?* Poderiam chegar ao destino em três semanas, se o tempo se mantivesse bom.

Fitzgerald deve ter passado pelo Forte Atkinson, pensou Glass.

Ele imaginou a cena: Fitzgerald passeando pelo forte e carregando o Anstadt. Que mentiras teria inventado para explicar sua presença? Uma coisa era certa: Fitzgerald não passaria despercebido. Não havia muitos homens brancos descendo o Missouri no inverno. Glass imaginou a cicatriz em forma de gancho de Fitzgerald. Um homem como ele se destaca. Com a confiança de um predador implacável, Glass sabia que sua presa se encontrava logo adiante dele, mais perto a cada hora que se passava. Encontraria Fitzgerald, porque não descansaria enquanto não o fizesse.

Glass imergiu sua longa vara de choupo no fundo do Platte e deu um impulso.

VINTE E CINCO

28 DE MARÇO DE 1824

O PLATTE CARREGOU Glass e seus companheiros correnteza abaixo em um ritmo regular. Durante dois dias, o rio seguiu para o leste ao longo de contrafortes amarelados de montanhas baixas. No terceiro dia, o rio deu uma guinada acentuada para o sul. O pico coberto de neve de uma montanha se sobressaía em relação aos outros como uma cabeça acima de ombros amplos. Durante algum tempo, parecia que eles estavam sendo levados diretamente para o cume, até que o Platte voltou a mudar drasticamente de direção, enfim se posicionando no curso para sudeste.

Eles estavam progredindo com um bom ritmo. Ocasionais ventos contrários retardavam o progresso, mas o mais comum era uma forte brisa para o oeste na popa. O estoque de carne-seca de búfalo eliminava a necessidade de caçar. Quando acampavam, as canoas de couro emborcadas forneciam um bom abrigo. Todas as manhãs levavam uma hora para recalafetar as emendas das embarcações com o selante que haviam trazido, mas, fora isso, podiam aproveitar quase toda a luz do dia na água, flutuando em direção ao Forte Atkinson com o mínimo esforço. Glass estava grato por deixar que o rio fizesse o trabalho deles.

Era a manhã do quinto dia nos barcos. Glass estava espalhando o selante quando Red chegou ao acampamento tropeçando.

— Vi um índio além da colina! Um guerreiro a cavalo!

— Ele te viu?

— Acho que não. — Red balançou a cabeça vigorosamente. — Tem um riacho lá... Parece que ele estava checando umas armadilhas.

— Identificou a tribo? — indagou Glass.

— Parecia um ree.

— Merda! — exclamou Chapman. — O que os rees estão fazendo no Platte?

Glass questionou a veracidade do relato de Red. Ele duvidava que os arikaras

se afastassem tanto do Missouri. Era mais provável que Red tivesse avistado um cheyenne ou um pawnee.

— Vamos dar uma olhada. — E acrescentou: — Não atirem, caso eu não o faça.

Eles se aproximaram do topo do morro engatinhando, os rifles na dobra do braço. A neve já havia derretido fazia muito tempo; por isso, eles escolheram o caminho pelas moitas de artemísia e talos secos de gramíneas.

Do alto do morro eles viram o cavaleiro, ou melhor, suas costas, enquanto ele cavalgava Platte abaixo a uns oitocentos metros. Eles mal conseguiam identificar o tipo de cavalo, um malhado preto e branco. Não havia como reconhecer a tribo, mas estava claro que havia índios por perto.

— E agora, o que vamos fazer? — perguntou Red. — Ele não está sozinho. E eles devem estar acampados perto do rio.

Glass lançou um olhar irritado para Red, que tinha uma estranha aptidão para perceber os problemas e uma completa incapacidade de imaginar soluções. Dito isso, ele provavelmente tinha razão. Os poucos riachos pelos quais haviam passado eram pequenos. Quaisquer índios das redondezas teriam se fixado no Platte, bem no caminho que seguiam. *Mas que alternativa nós temos?*

— Não podemos fazer muita coisa — disse Glass. — Vamos colocar alguém na margem para rastrear a área quando chegarmos a uma extensão aberta.

Red começou a balbuciar algo, mas Glass o interrompeu:

— Posso empurrar meu barco. Vocês dois estão livres para irem aonde quiserem... Mas continuo com o intuito de descer este rio.

Ele deu meia-volta e se encaminhou para onde estavam os barcos de couro. Chapman e Red olharam demoradamente o rio que diminuía e depois se viraram para seguir Glass.

Após mais dois dias navegando, Glass imaginava que eles haviam coberto mais de duzentos e quarenta quilômetros. Já estava quase anoitecendo quando se aproximaram de uma curva traiçoeira no Platte. Glass pensou em parar com o objetivo de passarem a noite, esperando para navegar aquele trecho com mais luz, mas não via local adequado para atracar.

Morros forçavam o rio a se estreitar, o que deixava as águas mais profundas e a correnteza mais ligeira. Na margem norte, um choupo havia caído atravessado sobre parte do rio, represando uma massa confusa de entulhos. O barco de Glass

estava cerca de dez metros à frente do outro. A correnteza o levava diretamente para a árvore caída. Ele afundou a vara para forçar o desvio. *Não consegui atingir o fundo do rio.*

A corrente se acelerava, e os galhos da árvore se projetavam para fora, assumindo subitamente uma aparência de lanças. Caso encostasse com um pouco mais de força, o barco afundaria. Glass se levantou sobre um joelho e apoiou o outro pé contra a estrutura da embarcação. Levantou a vara e procurou um lugar para fincá-la. Viu uma superfície plana no tronco e empurrou a vara para a frente. Ela alcançou o tronco. Glass usou toda a sua força para deslocar a desajeitada embarcação contra a correnteza. Ele ouviu o barulho das águas contra o barco à medida que a corrente elevava a parte de trás, girando a embarcação em torno da árvore.

Glass olhou para trás e teve uma visão desimpedida de Red e Chapman. Ambos se preparavam para o impacto, balançando o barco precariamente. Quando Red levantou a vara, quase esmagou o rosto de Chapman.

— Preste atenção, seu idiota!

Chapman empurrou a vara que empunhava contra o choupo enquanto a correnteza fazia pressão na embarcação. Red finalmente libertou sua vara e a cravou de maneira frouxa sobre o entulho.

Ambos os homens se ergueram ao balanço das águas e depois baixaram à medida que a correnteza os empurrava sobre o topo da árvore semissubmersa. A camisa de Red ficou presa em um galho, curvando-o para trás. O tecido rasgou e o galho voltou com força, atingindo Chapman no olho. Ele gritou de dor e deixou cair sua vara ao levar as mãos ao rosto.

Glass continuava a olhar para trás enquanto a correnteza empurrava os dois barcos ao redor do morro e na direção da margem sul. Chapman estava de joelhos no fundo de sua embarcação, com o rosto abaixado e a palma ainda pressionando o olho. Red olhava rio abaixo, além de Glass e sua canoa. Glass percebeu quando um olhar apavorado surgiu no rosto do companheiro. Red deixou cair a vara, tentando desesperadamente alcançar o rifle. Glass deu meia-volta.

Duas dúzias de tendas de índios estavam instaladas na margem sul do Platte, a menos de cinquenta metros deles. Um grupo de crianças brincava perto da água. Elas avistaram os barcos e começaram a gritar. Glass viu quando dois guerreiros

próximos de uma fogueira se colocaram de pé de um pulo. Red estava certo, mas ele percebeu isso tarde demais. *Arikaras!* A correnteza levava os dois barcos diretamente para o acampamento. Glass ouviu um tiro enquanto observava os homens do acampamento pegarem suas armas e correrem para a margem alta ao longo do rio. Glass deu um último empurrão com a vara e agarrou a arma.

Red atirou e um índio tombou da margem.

— O que está acontecendo? — berrou Chapman, se esforçando para enxergar com o olho bom.

Red começou a dizer algo quando sentiu uma queimação no abdome. Olhou para baixo e viu o sangue escorrendo de um buraco em sua camisa.

— Ah, merda, Chapman, levei um tiro!

Levantou-se em pânico, rasgando a camisa para inspecionar o ferimento. Mais dois tiros o atingiram simultaneamente, jogando-o para trás. As pernas de Red se engancharam na amurada do barco quando ele caiu, inclinando a ponta da embarcação até encontrar a veloz correnteza do rio. A água entrou no barco, que virou.

Meio cego, Chapman se viu subitamente submerso. Sentiu o frio impactante da água. Por um momento, a corrida desenfreada pareceu desacelerar, e Chapman se esforçou para processar os eventos letais a seu redor. Com o olho bom, viu o corpo de Red boiando corrente abaixo, o sangue se espalhando no rio como uma tinta negra. Ouviu o eco de pernas correndo na direção dele vindo da margem do rio. *Eles vêm me pegar!* Ele precisava desesperadamente respirar; porém, sabia com uma certeza horripilante o que o esperava na superfície.

Enfim, não aguentou mais. Sua cabeça irrompeu e ele inspirou para encher os pulmões. Nunca mais voltaria a respirar. Seus olhos ainda não haviam clareado; por isso, Chapman não chegou a ver o golpe do machado.

Glass mirou o rifle no arikara mais próximo e atirou. Observou horrorizado quando diversos índios entraram na água, atacando Chapman quando sua cabeça emergiu. O corpo de Red boiava tristemente rio abaixo. Glass pegou o rifle de Porco quando ouviu um grito selvagem. Um índio enorme arremessava uma lança da margem. Glass se abaixou instintivamente. A lança penetrou incólume na lateral do barco, enterrando sua ponta na estrutura do lado oposto. Glass se ergueu por cima da amurada e atirou, matando o índio enorme na beira do rio.

Vislumbrou um movimento e olhou para a margem. Três arikaras estavam de

pé, prontos para atacar, a uma distância de apenas vinte metros. *Eles não têm como errar.* Ele se jogou de costas dentro do Platte no momento em que o trio de tiros explodiu.

Durante um instante, ele quis agarrar o rifle. Quase instantaneamente, o largou.

Desistiu da ideia de tentar escapar nadando rio abaixo. Já estava ficando dormente por causa da água congelante. Além disso, os arikaras iriam apanhar suas montarias em poucos minutos — talvez até já o tivessem feito. Um cavalo galopando facilmente ultrapassaria a velocidade das águas do sinuoso Platte. Sua única chance era permanecer submerso a maior quantidade de tempo possível e chegar até a margem oposta. Colocar o rio entre ele e os índios... depois torcer para encontrar proteção. Ele bateu os pés furiosamente e usou os braços para se impulsionar.

O leito do rio era profundo no centro, mais fundo do que um homem em pé. Um raio repentino cortou a água na frente de Glass, e ele percebeu que era uma flecha. As balas também trespassavam a água, como minitorpedos, tentando acertá-lo. *Eles podem me ver!* Glass se esforçou para ir mais para o fundo, mas seu peito já estava contraído com a falta de ar. *O que será que tem na margem oposta?* Ele não tinha conseguido olhar antes de o caos irromper. *Tenho que respirar!* Ele foi para a superfície.

Sua cabeça veio à tona e ele ouviu o acelerado *staccato* dos tiros. Fez uma careta ao inspirar profundamente, esperando que uma bala se rompesse contra seu crânio. Balas de mosquete e flechas espirravam em volta dele... mas nenhuma o atingiu. Ele esquadrinhou a margem norte antes de mergulhar novamente. O que viu deu-lhe esperança. O rio corria por aproximadamente quarenta metros ao longo de um banco de areia. Ali não havia proteção; se ele emergisse, os índios atirariam nele. No final do banco de areia, porém, a água se unia a uma margem baixa e relvada. Era sua única chance.

Glass mergulhou mais fundo e deu um impulso forte contra as águas, a corrente auxiliando seu esforço. Pensou que poderia ultrapassar a extremidade do banco de areia através da água escura. *Trinta metros*. As balas de mosquete e as flechas perfuravam a água. *Vinte metros*. Ele mudou de direção, indo ao encontro da margem enquanto seus pulmões gritavam por ar. *Dez metros*. Os pés de Glass sentiram as pedras do leito do rio, mas ele permaneceu submerso, seu

desespero em respirar ainda menor do que o medo das armas dos arikaras. Quando a água ficou rasa demais para que permanecesse submerso, ele se levantou, buscando o ar enquanto se arremessava para a grama alta da margem. Sentiu uma picada aguda na parte de trás da perna, mas a ignorou e continuou a se arrastar rumo a um grupo fechado de salgueiros.

Da proteção temporária dos salgueiros, ele olhou para trás. Quatro cavaleiros incitavam os animais para que descessem a margem íngreme do outro lado do rio. Meia dúzia de índios estava à beira da água, apontando para os salgueiros. Os olhos de Glass captaram algo mais além, rio acima. Dois arikaras arrastavam o corpo de Chapman para a margem. Glass se virou para fugir, uma dor aguda subindo por sua perna. Olhou para baixo e viu uma flecha cravada na panturrilha. Não havia atingido o osso. Ele se abaixou, estremecendo ao puxar a flecha com um único movimento rápido. Jogou-a longe e se arrastou mais para dentro do arvoredo.

O primeiro golpe de sorte de Glass veio na forma de uma potranca voluntariosa, o primeiro dos quatro animais a alcançar a água do Platte. Chicotadas agressivas instigavam-na a adentrar a parte rasa do rio, mas ela empacou quando o fundo desapareceu, obrigando-a a nadar. Ela relinchou e agitou a cabeça violentamente, ignorando as rédeas curtas do cavaleiro, e então virou-se teimosamente para voltar à terra firme. Os outros três cavalos também tinham suas reservas quanto à água fria e ficaram felizes em seguir o exemplo da potranca. Ao retrocederem, os animais se chocaram, encrespando as águas do Platte e jogando dois índios no rio.

No momento em que eles recuperaram o controle e instigaram as montarias de volta ao rio, alguns segundos preciosos já tinham se passado.

Glass se lançou através dos salgueiros, emergindo de súbito em um aterro de areia. Subiu com dificuldade até o topo e olhou para baixo, para um canal estreito. Ao abrigo da luz do sol durante a maior parte do dia, a água parada do canal ficava congelada, uma fina camada de neve na superfície de gelo. Além do canal, outro aterro íngreme levava a uma espessa massa de salgueiros e outras árvores. *Ali*.

Glass deslizou pelo barranco e pulou para a superfície congelada do canal. Era possível ver o gelo abaixo da fina camada de neve. Os mocassins derrapavam e ele escorregou para trás, aterrissando estatelado de costas. Por um instante ficou

deitado, atordoado, fitando a luz esmaecida do céu noturno. Rolou para o lado, balançando a cabeça para clarear a mente. Ouviu o relinchar de um cavalo e se forçou a ficar de pé. Com mais cautela desta vez, escolheu o caminho pelo canal estreito e escalou até a margem oposta. Ouviu o trotar dos animais atrás de si quando entrou com dificuldade no arvoredo.

Os quatro cavaleiros arikaras subiram no banco de areia e olharam para baixo. Mesmo na penumbra, eram evidentes as pegadas na superfície do canal. O cavaleiro da frente incitou seu pônei. O animal atingiu o gelo e não teve mais sorte do que Glass. Foi ainda pior — na verdade, os cascos lisos não encontraram nada em que se apoiar. Suas quatro patas se agitaram em espasmos e o cavalo caiu para o lado, esmagando a perna do cavaleiro durante a queda. O índio soltou um grito de dor. Com a lição, os três outros cavaleiros desmontaram imediatamente e continuaram a perseguição a pé.

A trilha de Glass se desvaneceu rapidamente no arvoredo do outro lado do canal.

À luz do dia seria evidente. Em sua fuga desesperada, Glass não prestara atenção nos galhos que quebrava ou mesmo nas pegadas que ficavam nítidas à sua passagem. No entanto, agora não havia mais do que um brilho pálido do dia. Até as sombras tinham desaparecido, se dissolvendo em uma escuridão uniforme.

Glass ouviu o grito do cavaleiro caído atrás de si e parou. *Eles estão atravessando o gelo*. Calculou que havia uns cinquenta metros de mata entre eles. Na escuridão cada vez maior, percebeu que o perigo não estava em ser visto, mas em ser ouvido. Um grande choupo assomava-se a seu lado. Ele agarrou um galho baixo e escalou a árvore.

Os principais galhos da árvore formavam uma ampla bifurcação a cerca de dois metros e meio. Glass se acocorou ali, esforçando-se para acalmar o peito ofegante. Levou a mão ao cinto, aliviado por poder tocar o cabo da faca, ainda segura na bainha. Seu *sac au feu* também estava lá. Dentro, a pederneira e o aço. Embora seu rifle estivesse perdido no fundo do Platte, o polvorinho ainda pendia de seu pescoço. Pelo menos ele não teria problemas para iniciar uma fogueira. Pensar em fogo de repente fez com que ele se desse conta das roupas ensopadas e do frio de cortar os ossos por causa da água do rio. Seu corpo começou a tremer descontroladamente, e ele lutou para permanecer imóvel.

Um graveto estalou. Glass perscrutou a clareira embaixo dele. Um guerreiro alto e magro estava no meio da mata. Seus olhos esquadrinhavam a clareira, procurando sinais do fugitivo. Ele segurava um longo mosquete tradicional e tinha uma machadinha presa na cintura. Glass prendeu a respiração à medida que o arikara adentrava a clareira. O índio mantinha-se preparado para atirar ao ir vagarosamente em direção aos choupos. Mesmo na escuridão, Glass conseguia ver nitidamente o brilho branco de um colar de dentes de alce no pescoço do índio e o metal reluzente de duas pulseiras iguais em seu punho. *Meu Deus, não permita que ele olhe para cima.* O coração de Glass martelava com tal força que parecia que seu peito não conseguiria conter as batidas.

O índio chegou até a base do choupo e parou. Sua cabeça não estava mais do que três metros abaixo de Glass. O guerreiro examinou o terreno de novo e depois o mato ao redor. O primeiro instinto de Glass era se manter absolutamente imóvel e esperar que o guerreiro fosse embora. Porém, ao olhar para baixo, começou a calcular as possibilidades de outra estratégia: matar o índio e tomar o rifle dele. Com gestos lentos, Glass baixou a mão para pegar a faca. Sentiu certo conforto em tocá-la e começou a puxá-la vagarosamente da bainha.

Glass se concentrou no pescoço do índio. Um corte rápido, atravessando a jugular, não apenas o mataria, como também o impediria de gritar alto. Com uma lentidão torturante, ele ergueu o corpo, se contraindo para o ataque.

Glass ouviu um sussurro insistente vindo da extremidade da clareira. Olhou para lá e viu um segundo guerreiro sair do mato, empunhando uma lança pesada. Glass paralisou. Ele havia saído do esconderijo relativo da bifurcação dos galhos, colocando-se em posição de salto. De onde estava empoleirado, apenas a escuridão o ocultava dos dois guerreiros que o perseguiam.

O índio que estava bem embaixo dele se virou, balançando a cabeça, apontando para o solo e depois indo na direção do grupo compacto de árvores. Ele sussurrou algo em resposta. O índio que trazia a lança se aproximou do choupo. O tempo pareceu parar enquanto Glass lutava para se manter imóvel. *Aguente firme.* Finalmente, os índios bateram em disparada, cada qual desaparecendo por uma abertura diferente da mata.

Glass não arredou pé do choupo por mais de duas horas. Escutou os sons das idas e vindas de seus perseguidores enquanto planejava seu próximo movimento.

Após uma hora, um dos arikaras atravessou a clareira, aparentemente dirigindo-se para o rio.

Quando Glass enfim desceu da árvore, suas juntas pareciam ter ficado paralisadas. Os pés estavam dormentes e ele precisou de alguns minutos para conseguir caminhar normalmente.

Ele iria sobreviver à noite, embora Glass soubesse que os arikaras retornariam ao amanhecer. Também sabia que as árvores não ocultariam nem a ele nem a suas pegadas, na radiosa luz do dia. Ele caminhava com cautela, desviando-se dos obstáculos escuros, tomando cuidado para se manter paralelo ao Platte. As nuvens bloqueavam a luz da lua, embora também mantivessem a temperatura acima do congelamento. Ele não conseguia evitar o frio por conta de sua roupa molhada, mas, pelo menos, o movimento constante fazia com que seu sangue bombeasse com força.

Depois de três horas, ele atingiu uma pequena nascente. Era perfeita. Entrou na água, tendo o cuidado de deixar algumas pegadas reveladoras indo corrente acima — e longe do Platte. Subiu mais de cem metros pelo riacho até encontrar o terreno certo, uma beirada do rio formada de pedras que esconderiam suas pegadas. Escolheu um caminho para sair da água pelas pedras e se dirigiu para um bosque de árvores atarracadas.

Eram piltireiros, cujos espinhos eram os locais preferidos dos passarinhos para montar ninhos. Glass parou e pegou a faca. Cortou um retalho pequeno e rasgado de sua camisa vermelha de algodão e o enfiou em um dos espinhos. *Eles vão reparar nisso.* Deu meia-volta, retornando pelas pedras até o riacho, tomando cuidado para não deixar qualquer vestígio. Foi até o meio do riacho e fez o caminho de volta.

O pequeno riacho serpenteava preguiçosamente, atravessando a planície antes de se juntar ao Platte. Glass tropeçou várias vezes nas pedras escorregadias do leito do riacho escuro. Estava todo molhado e tentava não pensar no frio. Quando alcançou o Platte, não conseguia mais sentir os pés. A água ia até a altura dos joelhos, e ele tremia e odiava o que teria que fazer em seguida.

Examinou o outro lado do rio, tentando perceber os contornos da margem oposta. Havia salgueiros e alguns choupos. *Não deixe nenhum vestígio ao se arrastar para fora.* Ele caminhou pela água, a respiração ficando cada vez mais entrecortada à medida que a altura subia até a cintura. A escuridão escondia um

banco de areia submerso. De repente Glass pisou fora dele e se viu mergulhado até o pescoço. Ofegante com o choque da água gelada contra o peito, nadou com esforço até a margem oposta. Quando conseguiu se levantar, continuou no rio, caminhando ao longo da beira da água até encontrar um local adequado para sair: um embarcadouro de pedras que levava até os salgueiros.

Glass caminhou cautelosamente entre os salgueiros e os choupos atrás deles, prestando atenção a cada passo. Ele tinha esperança de que os arikaras fossem enganados por seu ardil na nascente; eles certamente não iriam esperar que ele voltasse atravessando o Platte. Ainda assim, não poderia deixar nada ao sabor da sorte. Glass estaria indefeso se por acaso eles percebessem algum vestígio seu; por isso, iria fazer tudo o que estava a seu alcance para não deixar qualquer traço de sua passagem.

Um brilho esmaecido surgiu no céu a leste quando ele saiu do grupo de choupos. Na luz que antecede o amanhecer, Glass viu o perfil escuro de um amplo planalto, a dois ou três quilômetros. O planalto era paralelo ao rio, pelo que ele conseguia ver. Ele poderia se desviar até lá, procurar uma caverna ou uma depressão para se esconder, acender uma fogueira... secar-se e aquecer-se. Quando as coisas se acalmassem, poderia voltar ao Platte e continuar seu caminho em direção ao Forte Atkinson.

Glass caminhou para o planalto à luz do brilho crescente do dia que nascia. Pensou em Chapman e Red e sentiu uma repentina pontada de culpa. Afastou-a da mente. *Não tenho tempo para isso agora*.

VINTE E SEIS

14 DE ABRIL DE 1824

O TENENTE JONATHON Jacobs levantou o braço e gritou uma ordem. Atrás dele, uma coluna de vinte homens e suas montarias fez uma parada levantando poeira. O tenente deu tapinhas no flanco suado de seu cavalo e pegou o cantil. Tentou demonstrar indiferença enquanto tomava um grande gole. Na verdade, odiava qualquer momento longe da relativa segurança do Forte Atkinson.

Detestava particularmente esse momento em que o retorno galopante de seu batedor podia anunciar uma enorme variedade de desgraças. Os pawnees e um bando renegado dos arikaras estavam invadindo o Platte desde que a neve começara a derreter. O tenente tentou reprimir sua imaginação enquanto esperava pelo relatório da sentinela.

Higgins, o batedor, um sujeito grisalho que habitava as planícies, esperou até estar praticamente na frente da coluna antes de parar a própria montaria. As franjas de sua jaqueta de couro balançaram quando o grande cavalo amarelo deslizou ao parar de lado.

— Há um homem vindo nessa direção. Subindo a serra.

— Você quer dizer um índio?

— Acho que sim, tenente. Não cheguei perto o suficiente para descobrir.

O primeiro instinto do tenente Jacobs foi mandar Higgins de volta com o sargento e dois homens. Com relutância, chegou à conclusão de que ele mesmo deveria ir.

Quando se aproximaram da linha da serra, deixaram um homem para cuidar dos cavalos enquanto o restante rastejava. O amplo vale do Platte se estendia à frente deles por um quilômetro e meio. Oitocentos metros adiante, uma figura solitária descia para a margem de rio mais próxima. O tenente Jacobs puxou um monóculo do bolso peitoral da túnica. Estendeu o instrumento de metal ao máximo e examinou através dele.

A visão ampliada se movia para cima e para baixo na margem do rio enquanto

Jacob ajustava o foco. Ele encontrou seu alvo, detendo-se no homem vestido de pelo de veado.

— Minha nossa! — disse o Tenente Jacobs demonstrando surpresa. — É um homem branco. Mas o que é que ele está fazendo lá?

— Não é um dos nossos — disse Higgins. — Todos os desertores foram direto para St. Louis.

Talvez porque o homem não parecesse estar em perigo imediato, o tenente sentiu-se repentinamente preso a um ato de cavalheirismo.

— Vamos buscá-lo.

O major Robert Constable representava, ainda que não por escolha própria, a quarta geração de homens Constable a seguir carreira militar. Seu bisavô lutara contra os franceses e os índios como oficial do Décimo Segundo Regimento de Infantaria de Sua Majestade. Seu avô se mantivera fiel à tradição da família, ainda que não exatamente ao rei, lutando contra os ingleses como oficial do Exército Continental de Washington.

O pai de Constable tivera pouca sorte no que dizia respeito à glória militar — demasiado jovem para a Revolução e demasiado velho para a Guerra de 1812. Sem qualquer oportunidade de ganhar uma honraria por si só, ele sentiu que o mínimo que podia fazer era oferecer seu único filho. O jovem Robert aspirava à carreira no direito e sonhava em usar a toga de um juiz. Seu pai se recusou a manchar a linhagem da família com a posição inferior de um advogado e usou a amizade com um senador para assegurar um lugar para seu filho na Academia Militar West Point. Então, por vinte anos pouco notáveis, o major Robert Constable galgou os degraus das patentes militares. Sua esposa havia parado de acompanhá-lo uma década antes e agora residia em Boston (bem perto de seu amante, um reputado juiz). Quando o general Atkinson e o coronel Leavenworth retornaram a leste para o inverno, o major Constable herdou o comando temporário do Forte.

E sobre o que era seu reinado supremo? Trezentos homens da infantaria (igualmente divididos entre imigrantes recentes e condenados recentes), cem homens da cavalaria (em uma assimetria desafortunada, com apenas cinquenta

cavalos) e uma dúzia de canhões enferrujados. Ainda assim, ele iria reinar supremo, passando a parte mais amarga de sua carreira para os súditos de seu diminuto reinado.

O major Constable estava sentado atrás de uma mesa grande ladeado por um assistente, quando o tenente Jacobs apresentou o homem da planície arrasado pelo tempo que ele resgatara.

— Encontramos este homem no Platte, senhor — reportou Jacobs, sem fôlego. — Ele sobreviveu a um ataque dos arikaras na confluência norte dos rios.

O tenente Jacobs permaneceu radiante na luz brilhante de seu heroísmo, aguardando os garantidos louvores por seu ato de bravura. O major Constable mal levantou o olhar antes de dizer:

— Pode se retirar.

— Retirar-me, senhor?

— Pode se retirar.

O tenente Jacobs continuou parado, um tanto perplexo pela recepção brusca. Constable deu o comando de maneira mais direta:

— Saia daqui.

Então levantou a mão no ar e a sacudiu, como se estivesse espantando um inseto. Virando-se para Glass, perguntou:

— Quem é você?

— Hugh Glass. — Sua voz estava tão rasgada quanto seu rosto.

— E o que aconteceu para estar vagando assim pelo rio Platte?

— Sou um mensageiro da Companhia de Peles Montanhas Rochosas.

Se a chegada de um homem branco muito machucado não atraíra de pronto o interesse saturado do major, mencionar a Companhia de Peles Montanhas Rochosas certamente tivera esse efeito. O futuro do Forte Atkinson, sem mencionar a habilidade do major para salvar a própria carreira, dependia da viabilidade comercial da venda de peles. Que outro sentido poderia haver em uma terra perdida de desertos inabitáveis e picos intransponíveis?

— Do Forte Union?

— O Forte Union está abandonado. O capitão Henry se mudou para o antigo posto de Lisa no Big Horn.

O major se inclinou para a frente em sua cadeira. Durante todo o inverno ele havia obedientemente preenchido despachos para St. Louis. Nenhum deles

continha algo mais atraente do que relatórios sombrios sobre crises disenteria entre os homens ou o número reduzido de cavaleiros que efetivamente possuíam um cavalo. Agora ele tinha algo! O resgate de um homem da Companhia de Peles Montanhas Rochosas! O abandono do Forte Union! Um novo forte no Big Horn!

— Diga ao refeitório para mandar comida quente para o Sr. Glass.

Por uma hora, o major bombardeou Glass com perguntas sobre o Forte Union, o novo forte no Big Horn, a viabilidade comercial do empreendimento deles.

Glass cuidadosamente evitou uma conversa sobre a própria motivação para retornar da região das fronteiras. Por fim, entretanto, Glass fez uma pergunta:

— Por acaso passou por aqui um homem com uma cicatriz em forma de gancho... descendo o Missouri? — Ele usou o dedo para tracejar um gancho começando no canto da boca.

O major Constable procurou o rosto de Glass. Finalmente, disse:

— Passar, não passou...

Glass sentiu a aguda angústia de desapontamento.

— Ele ficou aqui — continuou Constable. — Escolheu o alistamento em vez do encarceramento depois de uma briga no bar local.

Ele está aqui! Glass lutou para se acalmar, para apagar qualquer emoção de seu rosto.

— Deduzo que você o conhece.

— Conheço.

— Ele é um desertor da Companhia de Peles Montanhas Rochosas?

— Ele é um desertor de muitas coisas. E também é um ladrão.

— Bem, trata-se de uma acusação muito séria.

Constable sentiu a agitação latente de suas ambições judiciais.

— Acusação? Não estou aqui para registrar uma reclamação, major. Estou aqui para acertar contas com o homem que me roubou.

Constable inspirou profundamente, o queixo se levantando devagar em cada respiração.

— Aqui não é uma região de *selvageria*, Sr. Glass, e eu aconselharia você a manter um tom respeitoso. Sou um major do Exército dos Estados Unidos e o oficial no comando deste forte. Vou levar suas queixas a sério. Vou assegurar que elas sejam investigadas apropriadamente. E, claro, você vai ter uma

oportunidade de apresentar suas provas...

— Minhas provas! Ele está com meu rifle!

— Sr. Glass! — A irritação estava crescendo. — Se o soldado Fitzgerald roubou algo que lhe pertence, vou puni-lo de acordo com a lei militar.

— Isso não é muito complicado, major.

Glass não conseguia esconder o menosprezo no tom de sua voz.

— Sr. Glass. — Constable cuspiu as palavras. Sua carreira sem sentido em um lugar no fim do mundo testava diariamente sua habilidade de racionalizar. Ele não toleraria qualquer desrespeito à sua autoridade. — Esta é a última vez que vou avisar. É *meu* trabalho administrar a justiça neste posto!

O major Constable se virou para um assistente.

— Você sabe onde está o soldado Fitzgerald?

— Ele está com a Companhia E, senhor. Eles estão fora fazendo um serviço na mata; voltam à noite.

— Prenda Fitzgerald assim que ele chegar ao forte. Faça uma busca em seu alojamento; estamos à procura do rifle. Se estiver com ele, apreenda. Traga o soldado para o tribunal amanhã de manhã às oito. Sr. Glass, espero sua presença. E limpe-se antes de aparecer.

Um refeitório arrumado como um júri servia de tribunal ao major Constable. Vários soldados carregaram a mesa do escritório de Constable e a colocaram em uma plataforma provisória. O assento elevado permitia que Constable vistoriasse os procedimentos legais a partir de uma altura apropriada a um juiz. A fim de que não houvesse qualquer questão acerca do caráter oficial de seu tribunal, Constable hasteou duas bandeiras atrás da mesa.

Se a sala carecia de pompa como um tribunal verdadeiro, pelo menos era espaçosa. Cem espectadores podiam encher o cômodo quando as mesas eram retiradas. Para assegurar uma plateia apropriada, o major Constable em geral cancelava as tarefas de todos, com exceção de alguns habitantes do forte. Com pouca competição no que dizia respeito a entretenimento, as performances oficiais do major sempre tinham casa cheia. O interesse no processo em curso era particularmente alto. A notícia sobre o homem da região das fronteiras cheio

de cicatrizes e suas acusações insanas havia se espalhado rapidamente pelo forte.

De um banco perto da mesa do major, Hugh Glass observava quando a porta do refeitório se abriu com violência.

— A-ten-ÇÃUM!

Os espectadores se levantaram em consideração enquanto o major Constable irrompia pela sala andando a passos largos. Constable estava acompanhado de um tenente chamado Neville K. Askitzen, apelidado “tenente Puxa-Saco” pelos soldados.

Constable parou e observou o público antes de percorrer seu caminho regiamente, Askitzen deslizando atrás dele. Uma vez sentado, o major fez um sinal com a cabeça para Askitzen, que deu uma ordem permitindo que os espectadores se acomodassem.

— Apresentem o acusado — ordenou o major Constable.

As portas se abriram novamente e Fitzgerald apareceu, as mãos algemadas e um guarda de cada lado. O público se contorcia para dar uma olhadela enquanto os guardas guiavam Fitzgerald para a frente, onde uma espécie de cercado havia sido construído perpendicular e à direita da mesa do major. A posição o colocava diante de Glass, que se sentava à esquerda do major.

Os olhos de Glass atravessaram Fitzgerald como uma broca em madeira macia. Fitzgerald havia cortado o cabelo e feito a barba. O couro de suas roupas tinha sido substituído por lã azul-marinho. Glass sentiu repulsa à visão de Fitzgerald — coberto da respeitabilidade que uma farda propicia.

Parecia irreal de repente estar na presença dele. Ele lutou contra a ânsia de correr até Fitzgerald, apertar seu pescoço e sufocá-lo até sentir sua vida se esvair. *Eu não posso fazer isso. Não aqui.* Os olhos de ambos se encontraram por um breve instante. Fitzgerald fez um gesto de anuência com a cabeça — como se o cumprimentasse educadamente!

O major Constable pigarreou e disse:

— Declaro aberta esta corte marcial. Soldado Fitzgerald, é seu direito legal ser confrontado pelo acusador e ouvir formalmente as acusações feitas contra você. Tenente, leia as acusações.

O tenente Askitzen desdobrou um pedaço de papel e leu para a audiência com uma voz imponente:

— Ouvimos hoje a acusação do Sr. Hugh Glass, da Companhia de Peles

Montanhas Rochosas, contra o soldado John Fitzgerald, do Exército dos Estados Unidos, Sexto Regimento, Companhia E. O Sr. Glass alega que o soldado Fitzgerald, enquanto empregado na Companhia de Peles Montanhas Rochosas, roubou um rifle do Sr. Glass, uma faca e outros objetos pessoais. Se for considerado culpado, o Sr. Fitzgerald enfrentará a corte marcial e aprisionamento por dez anos.

Um burburinho se propagou pela multidão. O major Constable bateu um martelo na mesa, e a sala ficou em silêncio.

— Queira o reclamante se aproximar do juiz.

Confuso, Glass olhou para o major, que lhe lançou um olhar irritado antes de fazer um movimento em direção à mesa.

O tenente Askitzen o esperava segurando uma Bíblia.

— Levante sua mão direita — disse ele a Glass. — Jura dizer a verdade, nada mais que a verdade, em nome de Deus?

Glass confirmou com a cabeça e disse que sim no timbre fraco que ele detestava, mas não conseguia mudar.

— Sr. Glass... ouviu a leitura das acusações? — perguntou Constable.

— Sim.

— E elas estão corretas?

— Sim.

— Gostaria de fazer alguma declaração?

Glass hesitou. A formalidade do processo o tinha apanhado completamente de surpresa. Com certeza não esperava cem espectadores. Compreendia que Constable comandava o forte. Mas aquele era um assunto entre ele e Fitzgerald — não um espetáculo para a diversão de um oficial arrogante e cem militares entediados.

— Sr. Glass... deseja se dirigir à corte?

— Eu relatei ontem o que aconteceu. Fitzgerald e um garoto chamado Bridger foram deixados para cuidar de mim após um urso-cinzento ter me atacado no rio Grand. Em vez disso, eles me abandonaram. Eu não os culpo por isso. Mas eles me roubaram antes de fugir. Levaram meu rifle, minha faca, até minha pederneira e meu aço. Eles me tiraram as coisas de que eu precisava para ter uma chance de sobreviver sozinho.

— É esse o rifle que alega ser seu? — O major retirou o Anstadt de detrás da

mesa.

— Esse é meu rifle.

— Pode identificá-lo por alguma marca característica?

Glass sentiu o rosto enrubescer com o desafio. *Por que eu sou o único sendo interrogado?* Ele respirou profundamente.

— Está gravado no cano o nome do fabricante — J. Anstadt, Kutztown, Penn.

O major puxou um par de óculos do bolso e examinou o cano. Ele leu alto:

— J. Anstadt, Kutztown, Penn.

Outro burburinho encheu a sala.

— Tem algo mais a dizer, Sr. Glass?

Glass fez que não com a cabeça.

— Está dispensado.

Glass retornou a seu lugar, à frente de Fitzgerald, enquanto o major continuava.

— Tenente Askitzen, faça o juramento do réu.

Askitzen andou até o cercado de Fitzgerald. As algemas nas mãos do acusado retiniram quando ele as ergueu sobre a Bíblia. A voz forte de Fitzgerald encheu o refeitório quando ele solenemente fez o juramento.

O major Constable se recostou na cadeira.

— Soldado Fitzgerald... ouviu as acusações do Sr. Glass. Como se declara?

— Obrigado pela oportunidade de me defender, Excelê..., quero dizer, major Constable. — O major sorriu com o deslize enquanto Fitzgerald continuava: — O senhor provavelmente espera que eu diga que Hugh Glass é um mentiroso, mas não farei isso, senhor.

Constable se inclinou para a frente, curioso. Glass estreitou os olhos enquanto imaginava o que Fitzgerald estava tramando.

— Na verdade, reconheço que Hugh Glass é um homem bom, respeitado por seus pares na Companhia de Peles Montanhas Rochosas.

“Creio que ele acredita que cada palavra que disse é a pura verdade perante Deus. O problema, senhor, é que ele acredita em uma infinidade de coisas que nunca aconteceram.

“A verdade é que ele teve delírios por dois dias antes de irmos embora. A febre aumentou muito, principalmente naquele último dia. Suores da morte, foi o que pensamos. Ele gemia e gritava, nós podíamos ver que ele tinha sido

acometido por muitas dores. Me senti mal por não podermos fazer nada.”

— O que você *fez* por ele?

— Bem, não sou médico, senhor, mas fiz o melhor que pude. Fiz um cataplasma para o pescoço e para as costas dele. Fiz um caldo para tentar alimentá-lo. Claro que o pescoço estava tão machucado que ele não conseguia engolir ou falar.

Isso foi demais para Glass. Na voz mais firme que conseguiu reunir, ele disse:

— Mentir é fácil para você, Fitzgerald.

— Sr. Glass! — urrou Constable, o rosto contorcido repentinamente, tenso de indignação. — Este processo é *meu*. *Eu* é que vou acarear as testemunhas. E *você* vai manter sua boca fechada ou vai ser preso por desacato!

Constable deixou o peso do pronunciamento baixar antes de se virar para Fitzgerald.

— Continue, soldado.

— Eu não o culpo por ele não saber, senhor. — Fitzgerald lançou um olhar de pena para Glass. — Ele estava fora de si, ou ardendo em febre, na maior parte do tempo em que cuidamos dele.

— Bom, está tudo muito bem, mas você nega ter abandonado o reclamante? Ou roubado?

— Deixe-me contar o que aconteceu naquela manhã, senhor. Estávamos acampados havia quatro dias em um riacho de uma fonte perto do Grand. Deixei Bridger com Hugh e fui até o rio principal para caçar. Estive fora quase a manhã toda. A cerca de um quilômetro e meio do acampamento, dei de cara com um bando de guerreiros arikaras.

Outra onda de agitação passou pelos espectadores, a maioria deles veteranos da dúbia batalha na aldeia dos arikaras.

— Os rees não me viram a princípio, então voltei para o acampamento o mais rápido que pude. Eles me avistaram logo que cheguei ao riacho. Vieram atirando, enquanto eu corria para o acampamento.

“Quando cheguei lá, disse a Bridger que os rees estavam atrás de mim. Pedi a ele que me ajudasse a preparar o acampamento para uma resistência. Foi quando Bridger me disse que Glass estava morto.”

— Seu desgraçado! — Glass cuspiu as palavras enquanto se levantava e partia na direção de Fitzgerald.

Dois soldados com rifles e baionetas bloquearam a passagem.

— Sr. Glass! — gritou Constable, batendo o martelo na mesa. — Fique sentado e controle sua língua ou vai para a cadeia!

Levou um minuto para o major recuperar a compostura. Ele fez uma pausa para ajustar o colarinho de sua jaqueta com botões de bronze antes de retornar ao interrogatório de Fitzgerald.

— Obviamente o Sr. Glass não estava morto. Você examinou o ferido?

— Eu entendo por que Hugh está zangado, senhor. Eu não devia ter confiado na palavra de Bridger. Mas quando olhei para Glass naquele dia, ele estava pálido como um fantasma. Não fazia um movimento sequer. Era possível ouvir os rees chegando pelo riacho. Bridger começou a gritar que precisávamos sair de lá. Eu tinha certeza de que Glass estava morto; então corremos para procurar um refúgio.

— Mas não sem antes pegar o rifle dele.

— Foi Bridger quem o pegou. Ele disse que era estupidez deixar um rifle e uma faca para trás, para os rees. Não havia tempo para discutir sobre isso.

— Mas o rifle está com você agora.

— Sim, senhor, está. Quando voltamos para o Forte Union, o capitão Henry não tinha dinheiro para nos pagar por termos ficado para trás com Glass. Henry me pediu para ficar com o rifle como pagamento. É claro, major, que estou feliz com a oportunidade de devolver a arma para Hugh.

— E a pederneira e o aço?

— Nós não pegamos, senhor. Devem estar com os rees.

— Por que então eles não mataram o Sr. Glass e não cortaram o seu escalpo como costumam fazer?

— Imagino que tenham pensado que estava morto, como nós pensamos. Sem ofensas a Hugh, mas não havia muito escalpo para se levantar. O urso retalhou tanto seu couro cabeludo... Os rees provavelmente acharam que não havia mais espaço para mutilações.

— O senhor está neste posto há seis semanas, soldado. Por que não nos contou esta história até hoje?

Fitzgerald se permitiu uma pausa cuidadosamente calculada, mordeu o lábio e baixou a cabeça. Finalmente, ergueu os olhos e depois a cabeça. Com voz baixa, disse:

— Bem, senhor... acho que eu tinha vergonha.

Glass o fitou com absoluta incredulidade. Não tanto por Fitzgerald, já que nenhuma deslealdade da parte do sujeito o impressionava. Porém, pelo major, que tinha começado a anuir enquanto Fitzgerald contava a história, como um rato com a melodia do flautista. *Ele está acreditando no tratante!*

Fitzgerald continuou:

— Eu não sabia até ontem que Hugh Glass estava vivo. Mas achei que havia abandonado um homem sem lhe fazer um funeral decente. Um homem merece isso, mesmo na região das front...

Glass não conseguiu mais se conter. Procurou embaixo da capa a pistola escondida no cinto. Puxou a arma e atirou. A bala desviou consideravelmente do alvo, se alojando no ombro de Fitzgerald. Glass ouviu o grito do homem e ao mesmo tempo sentiu braços fortes agarrando-o dos dois lados. Ele lutou para se soltar. Um pandemônio irrompeu no tribunal. Ele ouviu Askitzen gritar algo, captou um vislumbre do major e de suas ombreiras douradas. Sentiu uma dor aguda na parte de trás do crânio e sua visão escureceu.

VINTE E SETE

28 DE ABRIL DE 1824

GLASS ACORDOU EM um lugar escuro e mofado com uma dor de cabeça latejante. Estava deitado de bruços no chão áspero. Ele girou o corpo devagar até ficar de lado, batendo em uma parede. Acima da cabeça, avistou uma luz, que vazava de uma fresta estreita na porta pesada. A cadeia do Forte Atkinson consistia de um grande cercado, para bêbados e outros vagabundos comuns, e duas celas de madeira. Pelo que Glass podia ouvir, três ou quatro homens ocupavam o cercado do lado de fora de sua cela.

O espaço parecia encolher, se fechando sobre Glass como as laterais de um caixão enquanto ele estava lá deitado. Lembrou-se repentinamente do confinamento úmido de um navio, da vida sufocante no mar que ele acabara por detestar. Em sua testa formavam-se gotas de suor, e sua respiração vinha em golfadas curtas e esporádicas. Ele lutou para se controlar, para substituir a imagem do aprisionamento pela da planície aberta, um mar ondulante de grama contínua a não ser por uma montanha em um horizonte distante.

Ele calculava o passar dos dias pela rotina da cadeia: troca da guarda ao amanhecer; entrega de pão e água por volta de meio-dia; troca de guarda ao final da tarde; então noite. Duas semanas haviam se passado quando ele ouviu o ranger da porta de fora se abrindo e sentiu a sucção do ar fresco.

— Não se aproximem, seus idiotas fedorentos, ou vou esmagar seus crânios — disse uma voz rouca que andou deliberadamente em direção à cela dele.

Glass ouviu o tilintar das chaves e em seguida o barulho de uma chave na fechadura. O ferrolho virou e a porta de sua cela se abriu.

Ele estreitou os olhos por causa da luz. Um sargento com detalhes amarelos na manga e longas costeletas grisalhas parou na porta.

— O major Constable emitiu uma ordem. Você pode ir. Na verdade, tem que ir. Saia do posto até o meio-dia de amanhã ou será acusado de roubar uma pistola e usá-la para fazer um buraco no soldado Fitzgerald.

Após duas semanas na cela escura, a luz do lado de fora parecia cegar. Então alguém disse:

— Bonjour, monsieur Glass.

Glass levou um minuto para focalizar o rosto gordo e ornado com óculos de Kiowa Brazeau.

— O que você está fazendo aqui, Kiowa?

— Estou voltando de St. Louis com um barco de suprimentos.

— Foi você que me soltou?

— Sim. Tenho boas relações com o major Constable. Você, por outro lado, parece estar com alguns problemas.

— O único problema é que minha pistola não acertou o tiro.

— Pelo que entendi, a pistola não era sua. Isto, entretanto, acho que pertence a você.

Kiowa entregou o rifle a Glass, quando ele finalmente conseguiu enxergar.

O Anstadt. Ele agarrou a arma pelo punho e pelo cano, relembrando o peso robusto. Examinou o gatilho, que precisava de graxa fresca. Várias novas escoriações marcavam a coronha escura e Glass notou um pequeno entalhe perto da soleira: JF.

O ódio o inundou.

— O que aconteceu com Fitzgerald?

— O major Constable mandou que retornasse às suas tarefas.

— Nenhuma punição?

— Vão confiscar dois meses de seu pagamento.

— Dois meses de pagamento!

— Bem, ele também está com um buraco no ombro onde antes não havia um. E você pegou seu rifle de volta.

Kiowa encarou Glass, compreendendo sua expressão.

— Se você por acaso estiver tendo qualquer ideia, eu evitaria usar o Anstadt no forte. O major Constable é obcecado por suas responsabilidades judiciais e está ávido por julgá-lo por tentativa de assassinato. Cedeu apenas porque eu o convenci de que você é um *protégé* do monsieur Ashley.

Eles atravessaram juntos o pátio de revista das tropas. Havia um mastro ali, suas cordas de suporte lutando para permanecerem firmes contra o forte vento da primavera. A bandeira tremulava contra o vento, as pontas rasgadas por causa

das batidas constantes.

Kiowa se virou para Glass.

— Você está tendo pensamentos estúpidos, meu amigo.

Glass parou e encarou o francês. Kiowa continuou:

— Sinto muito que nunca tenha tido um encontro apropriado com Fitzgerald. Mas você já deve ter descoberto que as coisas nem sempre saem como o planejado.

Eles ficaram ali, imóveis, por um tempo, nenhum som além da agitação da bandeira.

— Não é tão simples, Kiowa.

— Claro que não. Quem disse que é? Mas quer saber? Muitas pontas soltas nunca se amarram. Jogue com as cartas que recebeu. Siga em frente. — Kiowa pressionou mais: — Venha comigo para o Forte Brazeau. Se der certo, faço de você um sócio.

Glass balançou a cabeça devagar.

— É uma oferta generosa, Kiowa, mas acho que não consigo ficar preso a um só lugar.

— E agora, então? Qual é seu plano?

— Tenho uma mensagem para entregar a Ashley em St. Louis. De lá, ainda não sei. — Glass parou por um minuto antes de adicionar: — E ainda tenho negócios aqui.

Glass não disse mais nada. Kiowa também ficou em silêncio por um longo tempo. Finalmente, sussurrou:

— *Il n'est pire sourd que celui qui ne veut pas entendre.* Você sabe o que isso significa?

Glass fez que não com a cabeça.

— Significa: *não há surdo pior do que aquele que não quer ouvir.* Por que você veio para a região das fronteiras? — perguntou Kiowa. — Atrás de um ladrão comum? Para se deleitar com uma vingança momentânea? Eu pensei que houvesse algo mais para você do que isso.

Glass continuou em silêncio. Finalmente, Kiowa disse:

— Se você quiser morrer na prisão, a decisão é sua.

O francês se virou e atravessou o pátio. Glass hesitou por um instante e depois o seguiu.

— Vamos tomar um uísque — gritou Kiowa por cima do ombro. — Quero saber sobre o Powder e o Platte.

———

Kiowa emprestou a Glass o dinheiro para alguns suprimentos e uma noite na hospedaria do Forte Atkinson — uma fileira de catres no sótão dos vivandeiros. O uísque normalmente o deixava sonolento, mas não nesta noite. Mas também não esclareceu a confusão de pensamentos em sua cabeça. Ele lutou para clarear a mente. Qual era a resposta para a pergunta de Kiowa?

Glass pegou o Anstadt e saiu no ar fresco do pátio. A noite estava perfeitamente clara, sem lua, reservando o céu para um bilhão de estrelas, pequenos alfinetes de luz. Ele subiu os degraus simples que davam na estreita paliçada que circundava o muro do forte. A vista de cima era imponente.

Glass olhou para trás, para os limites do forte. Do outro lado do pátio estavam os alojamentos. *Ele está lá.* Quantas centenas de quilômetros havia percorrido para encontrar Fitzgerald? E agora sua caça estava dormindo, a meia dúzia de passos. Ele sentiu o metal frio do Anstadt na mão. *Como eu posso ir embora agora?*

Ele se virou, olhando além das muralhas de defesa do forte em direção ao rio Missouri.

As estrelas dançavam na água escura, seus reflexos eram como uma marca dos céus contra a terra. Glass procurou no firmamento por seus pontos de referência. Encontrou as caudas curvas da Ursa Maior e da Ursa Menor, o conforto sereno da Estrela Polar. *Onde está Órion? Onde está o caçador com sua espada vingativa?*

A cintilação brilhante da grande estrela Vega pareceu repentinamente se empenhar para ganhar a atenção de Glass. Próximo a Vega, ele percebeu Cygnus, o Cisne.

Glass fitou Cygnus e, quanto mais olhava, mais suas linhas perpendiculares pareciam formar uma cruz. *O Cruzeiro do Norte*. Esse era o nome popular de Cygnus, ele se lembrou. Parecia mais adequado.

Ele ficou parado lá nas altas muralhas por um longo tempo naquela noite, escutando o Missouri e olhando as estrelas. Pensou na fonte das águas, das

poderosas montanhas de Big Horn, cujos cumes ele vira, mas nunca tocara. Pensou nas estrelas e nos céus, confortado por sua vastidão em oposição a seu diminuto lugar no mundo. Finalmente, desceu da muralha e entrou, logo encontrando o sono que havia lhe escapado.

VINTE E OITO

7 DE MAIO DE 1824

JIM BRIDGER COMEÇOU a bater na porta do capitão Henry, mas parou. Tinham se passado sete dias desde a última vez em que alguém vira o capitão do lado de fora de seu alojamento. Sete dias antes foi quando os crows pegaram os cavalos de volta. Nem mesmo o retorno triunfal de Murphy de uma caçada conseguiu tirar Henry de seu isolamento.

Bridger respirou profundamente e bateu. Ele ouviu um farfalhar vindo de dentro, e depois o silêncio.

— Capitão?

Mais silêncio. Bridger ficou um tempo parado; então empurrou a porta e a abriu.

Henry estava sentado curvado atrás de uma mesa feita com uma tábua sobre dois barris.

Um cobertor de lã envolvia seus ombros de uma maneira que lembrava a Bridger um homem velho encolhido sobre o fogão em um armazém. O capitão segurava uma pena em uma das mãos e um pedaço de papel na outra. Bridger deu uma olhada no papel. Longas colunas de números enchiam a página da esquerda para a direita, de cima para baixo. Manchas de tinta estavam espalhadas pelo texto, como se a pena tivesse encontrado obstáculos frequentes e parado, se derramando como sangue na página. Chumaços de papel estavam jogados pela mesa e no chão.

Bridger esperou o capitão dizer algo ou pelo menos olhar para cima.

Por um longo período, ele não fez nem uma coisa nem outra. Finalmente, o capitão levantou a cabeça. Parecia que não dormia havia dias, os olhos vermelhos observando sobre olheiras cinzentas na pele flácida. Bridger imaginou se era verdade o que alguns homens estavam dizendo, que o capitão Henry tinha perdido o controle.

— Você sabe alguma coisa sobre números, Bridger?

— Não, senhor.

— Nem eu. Pelo menos não muito. Na verdade, continuo na esperança de ter sido muito burro ao fazer toda essa conta. — O capitão olhou o papel novamente. — O problema é que fico refazendo e continua dando o mesmo resultado. Acho que a questão não é meu conhecimento de matemática: é que o resultado não é o que eu gostaria.

— Eu não sei o que o senhor quer dizer, capitão.

— O que estou dizendo é estamos no buraco. Estamos com uma dívida de trinta mil dólares. Sem cavalos, não podemos manter homens suficientes no campo para resgatar essa quantia. E não nos restou nada para trocar por cavalos.

— Murphy acabou de chegar com dois pacotes das Big Horns.

O capitão assimilou lentamente a novidade através do grosso filtro do próprio passado.

— Isso não é nada, Jim. Dois pacotes de pele não vão nos estabilizar. Vinte pacotes não vão nos estabilizar.

A conversa não estava indo na direção que Jim esperava. Ele havia levado duas semanas para tomar coragem de ir ver o capitão. Agora tudo estava fora dos eixos. Ele lutou contra o instinto de se retirar. *Não. Não desta vez*.

— Murphy disse que o senhor está mandando alguns homens para as montanhas para procurar Jed Smith.

O capitão não confirmou, mas Bridger continuou de qualquer maneira:

— Quero que o senhor me mande com eles.

Henry fitou o rapaz. Os olhos encarando-o de volta brilhavam tão esperançosos quanto a alvorada de um dia de primavera. Quanto tempo tinha se passado desde que ele sentira um grama daquele otimismo juvenil? *Muito tempo — e que bons ventos o levem!*

— Eu posso poupá-lo de encrenca, Jim. Já estive naquelas montanhas. Elas são como a falsa fachada de um prostíbulo. Eu sei o que você está procurando... e não está lá.

Jim não tinha ideia do que responder. Ele não conseguia imaginar por que o capitão estava agindo de maneira tão estranha. Talvez ele realmente tivesse ficado louco. Bridger não sabia, mas o que sabia, o que acreditava com fé inabalável, era que o capitão Henry estava errado.

Eles caíram em outro longo período de silêncio. A sensação de desconforto

cresceu, mas Jim não foi embora. Finalmente, o capitão olhou para ele e disse:

— A escolha é sua, Jim. Eu mando você, se quiser ir.

Bridger saiu para o pátio, estreitando os olhos à luz brilhante do sol da manhã. Ele mal notou o ar frio que cortou seu rosto, o vestígio de uma estação quase no fim. Haveria mais neve antes de o inverno finalmente ir embora, mas a primavera tinha se fixado nas planícies.

Jim subiu uma escada baixa até a paliçada. Apoiou os cotovelos no topo do muro, olhando fixamente as montanhas Big Horn. Com o olhar, acompanhou o rastro novamente de um grande desfiladeiro que parecia penetrar no coração da montanha. *Será que penetrava?* Ele sorriu diante da perspectiva infinita do que poderia haver no desfiladeiro, do que poderia haver no topo das montanhas, do que poderia haver além.

Bridger levantou os olhos para um horizonte entalhado de picos nevados, o branco virgem contra o frígido céu azul. Ele podia subir lá se quisesse. Subir aquelas montanhas, tocar o horizonte, pular para o outro lado e descobrir o que mais houvesse.

NOTAS HISTÓRICAS

OS LEITORES TALVEZ se perguntem sobre a exatidão dos acontecimentos neste romance. O período do comércio de peles contém uma mistura obscura de história e lendas, e algumas lendas certamente invadiram a história de Hugh Glass. *O regresso* é uma obra de ficção. Dito isto, empenhei-me em ser fiel à história nos grandes eventos da trama.

O que certamente é verdade é que Hugh Glass foi atacado por um urso-cinzento enquanto fazia o reconhecimento da região para a companhia de peles no outono de 1823; que ele ficou terrivelmente ferido; que foi abandonado por seus companheiros, incluindo dois homens que ficaram para trás com o objetivo de cuidar dele; e que sobreviveu para dar início a uma busca épica por vingança. O trabalho histórico mais abrangente sobre Glass foi realizado por John Myers Myers em sua interessante biografia *The Saga of Hugh Glass*. Myers apresenta fortes argumentos para alguns dos aspectos mais extraordinários da vida de Glass, incluindo o aprisionamento pelo pirata Jean Lafite e, mais tarde, pelos índios pawnees.

Há divergências entre os historiadores sobre se Jim Bridger foi um dos homens deixados para cuidar de Glass, embora a maioria acredite que sim. (O historiador Cecil Alter, em uma biografia de Bridger de 1925, faz uma defesa apaixonada do contrário.) Há provas consideráveis de que Glass confrontou e depois perdoou Bridger no forte no Big Horn.

Tomei liberdades literárias e históricas em alguns pontos que gostaria de destacar. Há provas convincentes de que Glass finalmente tenha alcançado Fitzgerald no Forte Atkinson, encontrando seu traidor com o uniforme do Exército dos Estados Unidos. Entretanto, os relatos desse encontro são superficiais. Não há provas de um processo formal como retratei. O personagem do major Constable é fictício, assim como o incidente no qual Glass atira no ombro de Fitzgerald. Também não há provas de que Hugh Glass tenha se separado do grupo de Antoine Langevin antes do ataque dos arikaras aos barqueiros. (Parece que Toussaint Charbonneau realmente esteve com Langevin

e sobreviveu ao ataque, embora as circunstâncias não estejam claras.) Os personagens do Professeur, de Dominique Cattoire e de La Vièrge Cattoire são fictícios.

O Forte Talbot e seus habitantes foram inventados. Por outro lado, os pontos de referência geográficos são o mais exatos possíveis. De fato aconteceu um ataque, na primavera de 1824, contra Glass e seus companheiros, pelos índios arikaras, supostamente na confluência dos rios Platte Norte e Laramie (que recebeu esse nome depois). Onze anos mais tarde, o Forte William — o predecessor do Forte Laramie — se estabeleceria naquele local.

Os leitores interessados no período do comércio de peles podem apreciar obras históricas como o clássico de Hiram Chittenden, *The American Fur Trade of the Far West*, e o mais recente trabalho de Robert M. Utley, *A Life Wild and Perilous.*

Nos anos que se seguiram aos acontecimentos retratados neste romance, muitos dos personagens centrais continuaram suas aventuras, tragédias e glórias. Os seguintes são dignos de nota:

Capitão Andrew Henry: no verão de 1824, Henry e um grupo de seus homens encontraram-se com a tropa de Jed Smith no que hoje é chamado de Wyoming. Henry havia coletado um número significativo de peles, embora não o suficiente para cobrir as dívidas da companhia. Smith permaneceu no campo, de forma que Henry ficou responsável por retornar a St. Louis com o produto do trabalho deles. Ainda que, na melhor das hipóteses, modesta, Ashley acreditava que a quantidade de peles justificava um retorno imediato ao campo. Ele obteve financiamento para outra expedição, que deixou St. Louis sob o comando de Henry em 21 de outubro de 1824. Por motivos não relatados na história, Henry parece ter se retirado da região das fronteiras não muito tempo depois.

Se tivesse mantido sua posição na companhia de peles por mais um ano, ele — como os outros dirigentes da corporação — poderia ter se aposentado como um homem rico. No entanto, mais uma vez, Henry demonstrou sua propensão particular para a má sorte. Vendeu sua parte da companhia por uma quantia modesta. Mesmo isso poderia ter lhe proporcionado uma vida confortável, mas Henry entrou no negócio de fianças. Quando diversos dos seus devedores ficaram inadimplentes, ele perdeu tudo. Andrew Henry morreu na miséria em 1832.

William H. Ashley: é extraordinário como dois sócios da mesma empresa possam ter tido finais tão diferentes. Mesmo com dívidas crescentes, Ashley permaneceu firme na crença de que era possível fazer fortuna com peles. Após perder uma concorrência para o governo do Missouri em 1824, Ashley liderou um grupo de caçadores rio abaixo na confluência sul do Platte. Ele se tornou o primeiro homem branco a tentar navegar no rio Green, um esforço que quase terminou em desastre perto da desembocadura do que hoje é chamado de rio Ashley.

Com poucas peles para mostrar em sua aventura, Ashley e seus homens se reuniram com um grupo desanimado de caçadores da Companhia Hudson Bay. Por meio de uma misteriosa negociação, Ashley se apossou de cem pacotes de castores. Alguns alegam que os americanos saquearam o esconderijo das provisões da CHB. Relatos mais confiáveis dizem que Ashley não fez nada mais ilegítimo do que travar uma forte negociação. De qualquer modo, ele vendeu as peles em St. Louis no outono de 1825 por mais de duzentos mil dólares — assegurando uma fortuna para toda a vida.

No encontro de 1826, Ashley vendeu sua parte da companhia de peles para Jedediah Smith, David Jackson e William Sublette. Tendo criado o sistema de encontros, encaminhado a carreira de diversas lendas do período do comércio de peles e assegurado seu lugar na história como um magnata de peles bem-sucedido, Ashley se aposentou desse comércio.

Em 1831, o povo do Missouri elegeu Ashley para substituir o congressista Spencer Pottis, que perdera a vida em um duelo. Ashley se reelegeu duas vezes, aposentando-se da política em 1837. William H. Ashley morreu em 1838.

Jim Bridger: no outono de 1824, Jim Bridger atravessou as Montanhas Rochosas e se tornou o primeiro homem branco a tocar as águas do lago Great Salt. Em 1830, Bridger já havia se tornado sócio da companhia de peles, depois seguiu o período do comércio de peles até o seu declínio, em 1840. Quando o comércio de peles decaiu, Bridger seguiu a próxima onda da expansão em direção ao oeste. Em 1838, construiu um forte onde hoje é o estado de Wyoming. O “Forte Bridger” se tornou um importante entreposto comercial na Trilha de Oregon, um itinerário com cerca de três mil e duzentos quilômetros ligando o rio Missouri aos vales do Oregon, mais tarde servindo como posto militar e uma estação da Pony Express, um serviço de correio e entrega de

mensagens e mercadorias na região central dos Estados Unidos. Nas décadas de 1850 e 1860, Bridger serviu frequentemente como guia para colonizadores, grupos exploradores e o Exército dos Estados Unidos.

Morreu em 17 de julho de 1878, perto de Westport, Missouri. Por sua vida de realizações como caçador, explorador e guia, Bridger é frequentemente chamado de “Rei dos Homens da Montanha”. Atualmente, montanhas, cursos de água e pequenas cidades do oeste levam seu nome.

John Fitzgerald: pouco se sabe sobre John Fitzgerald. Ele existiu de fato, e em geral é considerado um dos dois homens que abandonaram Hugh Glass. Também se acredita que tenha desertado da companhia de peles e se alistado no Exército dos Estados Unidos no Forte Atkinson. As outras partes de sua vida incluídas neste romance são inventadas.

Hugh Glass: a partir do Forte Atkinson, Glass parece ter viajado rio abaixo até St. Louis, entregando a mensagem de Henry para Ashley. Em St. Louis, encontrou um grupo de comerciantes de peles a caminho de Santa Fe. Juntou-se a eles e passou um ano caçando no rio Helo. Por volta de 1825, Glass estava em Taos, um centro de comércio de peles do sudoeste.

Os áridos fluxos de água do sudoeste rapidamente secaram, e Glass voltou para o norte. Subiu, caçando, o Colorado, o Green e o Snake, finalmente se encontrando na cabeceira do rio Missouri. Em 1828, os chamados “caçadores livres” elegeram Glass como representante de seus interesses em negociações a fim de quebrar o monopólio da Companhia de Peles Montanhas Rochosas. Depois de caçar a oeste, em regiões tão longínquas quanto o rio Columbia, Glass voltou a maior parte de sua atenção para a face leste das Rochosas.

Passou o inverno de 1833 em um posto avançado chamado “Forte Cass”, próximo ao antigo forte de Henry, na confluência dos rios Yellowstone e Big Horn. Certa manhã de fevereiro, Glass e dois companheiros estavam atravessando o Yellowstone congelado no início de uma empreitada de caça. Eles sofreram uma emboscada feita por trinta arikaras e foram assassinados.

AGRADECIMENTOS

MUITOS DE MEUS amigos e familiares (e alguns desconhecidos gentis) me ofereceram generosamente seu tempo, lendo rascunhos deste livro e melhorando-o por meio de suas críticas e de seu incentivo. Agradeço a Sean Darragh, Liz e John Feldman, Timothy e Lori Otto Punke, Peter Scher, Kim Tilley, Brent e Cheryl Garrett, Marilyn e Butch Punke, Randy e Julie Miller, Kelly MacManus, Marc Glick, Bill e Mary Strong, Mickey Kantor, Andre Solomita, Ev Ehrlich, Jen Kaplan, Mildred Hoecker, Monte Silk, Carol e Ted Kinney, Ian Davis, David Kurapka, David Marchick, Jay Ziegler, Aubrey Moss, Mike Bridge, Nancy Goodman, Jennifer Egan, Amy e Mike McManamen, Linda Stillman e Jacqueline Cundiff.

Agradeço a um grupo de professores extraordinários de Torrington, Wyoming: Ethel James, Betty Sportsman, Edie Smith, Rodger Clark, Craig Sodaro, Randy Adams e Bob Latta. Se por acaso algum dia vocês chegarem a se questionar se um professor faz diferença, por favor, saibam que vocês fizeram para mim.

Agradeço especialmente à fantástica Tina Bennett, da William Morris Endeavor. Embora eu assuma todas as responsabilidades pelas falhas deste livro, Tina certamente ajudou a torná-lo melhor. Agradeço à talentosa assistente de Tina, Svetlana Katz, que (entre outras coisas) deu o título original ao livro. Agradeço também a Philip Turner pelos conselhos editoriais e a Stephen Morrison, da Picador, com assistência de P. J. Horozko, que ajudou a trazer *O regresso* de volta à vida.

Em 2002, Keith Redmon vislumbrou o potencial cinematográfico do livro e trabalhou desde então, junto com seus colegas da Anonymous Content, Steve Golun e David Kanter, para tornar o filme uma realidade.

E, o mais importante, um agradecimento especial a minha família. Obrigado, Sophie, por me ajudar a experimentar armadilhas mortais. Obrigada a Bo, por sua imitação sinistra de urso-cinzento. E obrigado, Traci, por seu apoio constante e sua paciente atenção em uma centena de trabalhosas leituras.

PRINCIPAIS FONTES DE CONSULTA

Alter, Cecil J.: *Jim Bridger*, 1925.

Ambrose, Stephen E.: *Undaunted Courage*, 1996.

Biblioteca do Congresso, *The North American Indian Portfolios*, 1993.

Brown, Tom: *Tom Brown's Field Guide to Wilderness Survival*, 1983.

Chittenden, Hiram Martin: *The American Fur Trade of the Far West*, volumes I e II, 1902.

DeVoto, Bernard: *Across the Wide Missouri*, 1947.

Garcia, Andrew: *Montana 1878, Tough Trip through Paradise*, 1967.

Knight, Dennis H.: *Mountains and Plains: The Ecology of Wyoming Landscapes*, 1994.

Lavender, David: *The Great West*, 1965.

McMillion, Scott: *Mark of the Grizzly*, 1998.

Milner, Clyde A., et al.: *The Oxford History of the American West*, 1994.

Morgan, Ted: *A Shovel of Stars*, 1995.

Morgan, Ted: *Wilderness at Dawn: The Settling of the North American Continent*, 1993.

Myers, John Myers: *The Saga of Hugh Glass: Pirate, Pawnee, and Mountain Man*, 1963.

Nute, Grace Lee: *The Voyageur*, 1931.

Russell, Carl P.: *Firearms, Traps,*& *Tools of the Mountain Men*, 1967.

Utley, Robert M.: *A Life Wild and Perilous: Mountain Men and the Paths to the Pacific*, 1997.

Vestal, Stanley: *Jim Bridger, Mountain Man*, 1946.

Willard, Terry: *Edible and Medicinal Plants of the Rocky Mountains and Neighbouring Territories*, 1992.

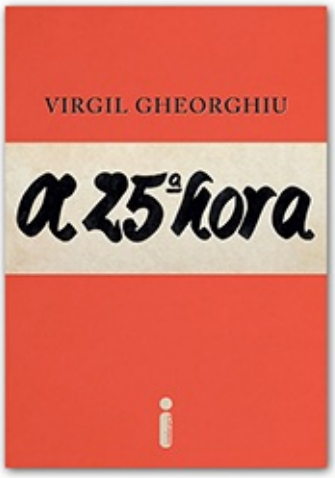
SOBRE O AUTOR



© Sophia Silk Punke

MICHAEL PUNKE é embaixador dos Estados Unidos na Organização Mundial do Comércio, em Genebra, na Suíça. Antes trabalhou no Conselho de Segurança Nacional, foi correspondente da revista *Montana Quarterly* e professor adjunto na Universidade de Montana. É autor de *Fire and Brimstone: The North Butte Mining Disaster of 1917* e *Last Stand: George Bird Grinnell, the Battle to Save the Buffalo, and the Birth of the New West*. Mora com a família em Montana.

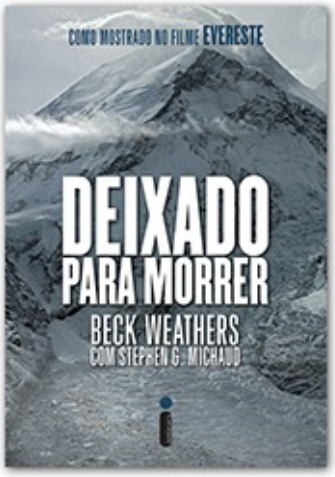
LEIA TAMBÉM



A 25ª hora
Virgil Gheorghiu



Serena
Ron Rash



Deixado para morrer
Beck Weathers